

CARLOS TORRES PASTORINO

Diplomado em Filosofia e Teologia pelo Colégio Internacional S. A. M. Zacarias, em Roma – Professor
Catedrático no Colégio Militar do Rio de Janeiro e Docente no Colégio Pedro II do R. de Janeiro

SABEDORIA DO EVANGELHO



3.º Volume

Publicação da revista mensa1.

SABEDORIA

RIO DE JANEIRO, 1964



Figura "JESUS O CRISTO"

CURA DO SERVO DO CENTURIÃO

Mat. 8:5-13

Luc. 7:2-10

5. Tendo Jesus entrado em Cafarnaum, chegou-se a ele um centurião e, dirigindo-se a ele, disse:
6. "Senhor, meu criado jaz em casa paralítico padecendo horrivelmente".
7. Disse-lhe Jesus; "eu irei curá-lo".
8. Mas o centurião respondeu: "Senhor, não sou digno de que entres em minha casa: mas fala somente ao Verbo e meu criado há de sarar;
9. porque também sou homem sujeito à autoridade e tenho soldados às minhas ordens. E digo a este: vai lá, e ele vai; e a outro: vem cá, e ele vem; e a meu servo: fazei isto, e ele faz".
10. Ouvindo isto, Jesus admirou-se e disse aos que o acompanhavam: "Em verdade vos afirmo, que nem mesmo em Israel encontrei tão grande fé;
11. e digo-vos que muitos virão do oriente e do ocidente e se sentarão com Abraão, Isaac e Jacó no reino dos céus;
12. mas os filhos do reino serão lançados nas trevas exteriores; ali haverá choro e ranger de dentes".
13. Então disse Jesus ao centurião: "vai e, como creste, assim te seja feito". E naquela mesma hora sarou o criado.
2. Um servo de um centurião, a quem este muito estimava, estava doente, quase à morte.
3. Tendo ouvido falar a respeito de Jesus, o centurião enviou-lhe alguns dos anciãos dos judeus, pedindo-lhe que viesse curar seu servo.
4. E estes, chegando-se a Jesus, suplicaram-lhe com insistência: "ele é digno de que lhe faças isso,
5. pois ele ama nosso povo, e ele mesmo edificou a sinagoga para nós".
6. Jesus foi com eles. E quando já estava a pequena distância da casa, o centurião enviou-lhe amigos para dizer-lhe: "Senhor, não te incomodes, porque não sou digno de que entres em minha casa,
7. por isso, eu mesmo não me julguei digno de vir a ti; mas fala ao Verbo e meu criado ficará são;
8. pois também sou homem sujeito à autoridade e tenho soldados às minhas ordens, e digo a este: vai lá, e ele vai; a outro: vem cá, e ele vem; e a meu servo: fazei isso, e ele faz".
9. Ouvindo isso, Jesus admirou-se e, virando-se para a multidão que o acompanhava, disse: "Eu vos afirmo que nem mesmo em Israel encontrei tão grande fé".
10. Regressando a casa, os que haviam sido enviados encontraram o servo de perfeita saúde.

Logo após o "Sermão do Monte", reentra Jesus em Cafarnaum, onde estabelecera sua residência há algum tempo (veja vol. 2.^o), talvez como hóspede de Pedro e sua esposa. Na casa morava ainda a sogra e a filha (ou os filhos) de Pedro (cfr. Clemente de Alexandria, Strom. III, 6, tomo 7, col. 1156).

Aparece em cena um centurião romano (*exatontarchos*). Lembramos que o exército romano era dividido a essa época em legiões de 6000 infantes e 300 cavaleiros, comandadas por seis *tribunos militares*.

Cada legião constava de dez coortes de 600 homens, e cada coorte tinha três manípulos de 200 homens. O manípulo constituía-se de duas *centúrias*, à frente de cada uma se achava um *centurião*. Por conseguinte, o centurião era o mais subalterno dos oficiais.

Sendo Cafarnaum importante entroncamento de estradas, naturalmente requeria a presença de uma centúria para garantir a ordem política e vigiar os movimentos das caravanas.

As narrativas de Mateus e Lucas divergem. Diz-nos o primeiro que o servo estava apenas paralisado, enquanto o segundo, sem precisar a enfermidade, anota que se achava "em perigo de vida".

Mateus usa o termo *pais*, que pode ser filho ou servo (geralmente jovem), enquanto Lucas esclarece tratar-se de "servo" (*doulos*).

Em Mateus o centurião vai pessoalmente a Jesus; em Lucas ele se serve de uma embaixada de anciãos judeus.

Dadas as características da história, parece-nos que os pormenores de Lucas contribuem para atestar maior fidelidade, acrescentando que, pelo movimento psicológico da humildade do centurião, há também mais lógica no andamento narrativo de Lucas.

O centurião, filiado à religião oficial romana, cujo Sumo Pontífice era o próprio Imperador Augusto, apreciava no entanto o mosaísmo - o que vem provar, de imediato, sua evolução espiritual, já que compreendia que o Espírito está acima de qualquer divisão de religiões humanas - e por isso havia feito construir uma sinagoga para a cidade de Cafarnaum. Isso grangeara-lhe a simpatia dos judeus, sobretudo dos mais idosos que, nesse gesto deviam ter visto a realização de velhas aspirações sempre insatisfeitas.

No momento de aflição, os anciãos judeus prontificam-se a atender ao desejo manifestado pelo centurião, de recorrer aos préstimos do novo taumaturgo, cuja fama crescia cada vez mais. Não desejando apresentar-se pessoalmente (ignorava como o novo profeta, julgado talvez rigoroso ortodoxo, reagiria diante de um pagão romano), solicita a interferência dos anciãos, que teriam oportunidade de explicar ao jovem galileu a simpatia do centurião pelos judeus, como um penhor de garantia para obter o favor impetrado. Eles sabem interceder com insistência, servindo de testemunhas do mérito do romano.

Jesus acede ao pedido, encaminhando-se para a residência do centurião, acompanhado pela pequena multidão de discípulos e anciãos. Quando o romano se certifica de que foi atendido - talvez por vê-lo aproximar-se numa esquina próxima ("já estava a *pequena* distância") - envia outros emissários para fazê-lo deter-se: sendo pagão em longo contato com judeus, sabia que nenhum israelita podia entrar em sua casa, nem mesmo falar com ele, sem incidir nas impurezas legais, que requeriam vários ritos cerimoniais de limpeza posterior. Daí dirigir-se a Jesus por intermediários: "ele mesmo não se julgava digno de vir a ti".

Côncio, entretanto, do poder taumatúrgico do Nazareno, o centurião expressa-Lhe, ainda por emissários (em Mateus, pessoalmente), o conhecimento iniciático profundo da GNOSE e das doutrinas de Alexandria, numa frase que - ele o sabia - seria compreendida por Jesus: "fala somente ao Verbo (ao Lagos) e meu servo ficará curado".

As traduções vulgares (porque os tradutores, de modo geral, desconhecem essas doutrinas ou não aceitam sua veracidade) estão falseadas neste ponto, exceção feita da do Prof. Humberto Rohden (cfr. "Novo Testamento". 4.^a edição, pag. 11 e 119). Traduzem, pois, como acusativo (objeto direto): *dize uma palavra*; mas em grego está em dativo (objeto indireto): *eipè lógoi*. Note-se que a Vulgata reproduziu bem o original, conservando o dativo: *dic Verbo*, isto é, "dize AO Verbo" o nosso desejo, e seremos satisfeitos: o servo ficará curado.

Com essas palavras, demonstrava o centurião o conhecimento que possuía dos segredos da Vida Espiritual, difundida, àquela época, entre os gnósticos. E para confirmá-lo, traz o exemplo de sua própria pessoa, sujeita à autoridade superior (e portanto obrigada a obedecer), mas ao mesmo tempo com autoridade sobre seus subordinados (e portanto sendo imediatamente obedecido). Ora - depreende-se de seu raciocínio - sendo Jesus sujeito à Divindade, tinha poder, todavia, por sua evolução elevadíssima,

sobre o Logos, a quem já se unira permanentemente no contato com o Eu Interno ou Consciência Cósmica. Bastava-lhe, então, expressar seu desejo para vê-lo satisfeito.

Jesus admira-se profundamente, pois nem entre seus compatriotas jamais encontrara um conhecimento (*pistis*, fé) tão exato e vasto. Dentre seus apóstolos, com efeito, só João, o Evangelista, revelaria mais tarde ter adquirido esses conhecimentos gnósticos, sobretudo quando escreve o prólogo de seu Evangelho. Mas este, ele o escreve cerca de cinquenta anos depois deste episódio. Nessa época nada nos diz que já o conhecesse. Nem pode saber-se se o aprendeu do próprio Jesus (o que é bem provável) ou se mais tarde e encontrou pela meditação ou em livros publicados pelos alexandrinos.

Desse fato aproveita-se Jesus para afirmar que não é a raça e a religião que influem na conquista do "reino dos céus", mas o conhecimento da Verdade adquirido pela elevação pessoal de cada um. E di-lo com palavras acessíveis a todos: "*muitos* virão do oriente e do ocidente para sentar-se com Abraão, Isaac e Jacó no reino dos céus". Não apenas alguns privilegiados de outras religiões, mas MUITOS. Enquanto isso, os filhos do reino (os israelitas), embora convictos de que são os únicos que possuem a verdadeira religião, ficarão de fora, sem conseguir a herança de um reino de que se dizem filhos.

Recordemos que a expressão "filhos" significava, entre os israelitas, os participantes da qualidade expressa pelo genitivo que lhe está ao lado: "filho da paz" (Luc. 10:6), "*pacíficos*"; filhos da perdição" (João, 17:12), perdidos; "filhos da geena" (Mat. 23:15), condenados; "filhos do trovão" (Marc. 3:17), *zangados*; "filhos deste século e filhos da luz" (Luc. 16:8), *mundanos* e *iluminados* ou *materialistas* e *espiritualistas*. Esse modo de expressar-se é também muito encontrado no Talmud.

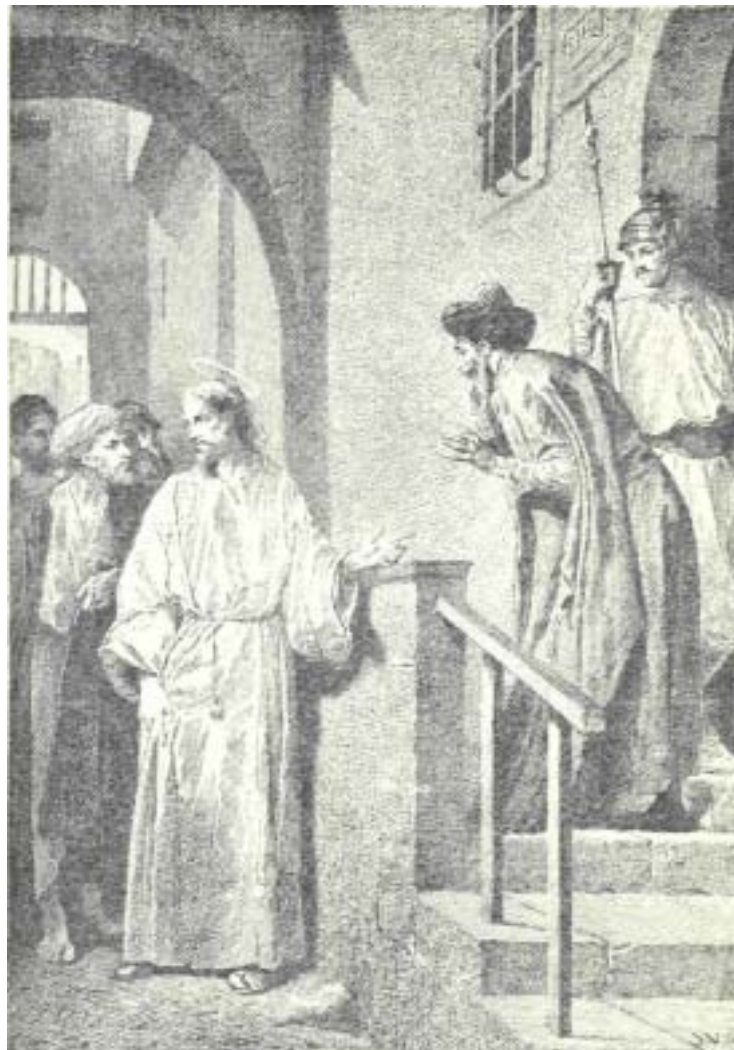


Figura "JESUS E O CENTURIÃO"

Vem a seguir a conclusão: o servo do centurião é curado na mesma hora. Jesus, portanto, confirma a convicção do centurião, e realiza a *cura a distância*, fazendo a ligação através do Logos ou Cristo Cósmico.

Admirável centurião! Conhecedor profundo e sempre seguro da iniciação da Verdade, revela-se homem de grande evolução, pois vivia as duas qualidades máximas do evoluído: o AMOR e a HUMILDADE. Diz-nos Lucas que ele AMAVA o empregado; seu amor era tão grande, que ele o estendia não apenas aos parentes, mas até aos humildes servos. E sua humildade era tão sincera, que acredita não ser sua casa digna de receber um profeta; e nem ele mesmo se julga digno de entrevistar-se com ele!

...

Com essas amostras, compreendemos bem que Espírito de escol ali se achava encarnado, oculto sob as modestas roupagens de um centurião, o oficial mais subalterno do exército romano.

Côncio de sua situação intermediária, reconhecendo haver seres mais evoluídos a quem devia obediência, e outros seres menos evoluídos sobre quem exercia autoridade, o centurião se colocava na posição exata da HUMILDADE, que é o reconhecimento natural e sincero de nossa verdadeira situação perante as demais criaturas. O ser humilde sabe obedecer aos maiores, mas também sabe comandar aos menores. Quem não sabe obedecer jamais saberá mandar. Mas o não saber mandar aos inferiores é sinal de fraqueza, e não de humildade. No máximo, seria falsa-humildade.

Compreende-se bem a interpretação mística do fato.

Quando a criatura atinge o grau evolutivo intelectual de saber comportar-se equilibradamente, compreendendo o valor e a necessidade do Encontro Supremo com o Cristo Interno, a Ele se dirige com humildade, confessando-se indigno de recebê-Lo em sua personalidade; mas como já sabe comandar com autoridade a seus veículos inferiores (a seu servos), dominando suas paixões e desvios, reconhece que um desses seus "servos", a quem ele amava porque o servia e muito bem, está grave e perigosamente enfermo. Recorre, então, à individualidade para que esta, falando ao Verbo ou Cristo Interno, o ajude a curar as fraquezas desse seu servo, desse veículo ainda sofredor em sua animalidade, pois se acha "paralisado" pela inação.

Não requisita de imediato o Encontro porque, em seu conhecimento seguro, reconhece não haver chegado ainda o momento oportuno; indispensável, antes, que a saúde seja perfeita em todos os planos.

A individualidade (Jesus) tece elogios a essa personalidade lúcida, equilibrada e humilde, declarando que "nem em Israel", isto é, nem entre os religiosos, encontrou tão preciso e consciente conhecimento da Verdade.

Não bastam a religiosidade e a devoção (representada pelos judeus: lembremo-nos de que Judéia quer dizer "louvor a Deus" nos textos evangélicos). E por isso acrescenta que "muitos virão do oriente e do ocidente", ou seja, muitos chegarão de outros setores de atividade humana e permanecerão no Contato da Unificação com o Cristo Interno, enquanto os religiosos profissionais (os "filhos do reino") continuarão nas trevas exteriores (na ignorância) onde há dores e sofrimentos cármicos inevitáveis.

A citação tão frequente no Antigo Testamento e na boca de Jesus, dos três primeiros patriarcas Abraão, Isaac e Jacó, tem sua razão de ser. Os três expoentes máximos e primeiros do povo israelita representam o ternário superior ou individualidade, primeiro e principal princípio da criatura humana no atual estágio evolutivo. A individualidade, portanto, pode ser representada por uma só personagem. JESUS, que engloba as três facetas; ou pode ser simbolizada pelas três separadamente, figurada pelos três patriarcas.

Com efeito, ARRAÃO exprime a Centelha Divina, que dá origem a tudo (tal Como ele deu origem ao "povo escolhido") e daí seu nome: AB (pai) RAM (luz), ou seja, LUZ PAI; o segundo, ISAAC, significa "que ri", à primeira vista sem nenhum sentido especial; no entanto, se refletirmos que só o ser racional que tem raciocínio abstrato é capaz de rir, podemos entender que Isaac é a Mente no seu estado

de perfeição, que é alegria; o terceiro, JACÓ, significa "o que vence", no sentido de "o que suplanta os adversários"; representa, pois, o Espírito, que suplantarão todos os obstáculos e vencerá na linha evolutiva.

Observemos, então, que isso constitui a Trindade, a qual, apesar da trina, é una, pois constitui uma única individualidade. Assim o Ser Absoluto, sem perder sua unidade, também se manifesta sob triplíce aspecto: o ESPÍRITO, (o Amor); o PAI, Verbo ou Logos (o Amante), e o FILHO (O Amado). Assim também a individualidade única de cada um pode ser considerada sob três aspectos: a Centelha Divina (o Eu Verdadeiro, partícula do Cristo cósmico, que é o Amor; sua Mente Criadora pela Palavra ou Som (Pai, Logos, Verbo que é a palavra que ama) e o Espírito individualizado, que é o resultado da criação dos dois primeiros, que são o PAI-MÃE (Centelha Divina-Mente), e que constitui o Filho, o Amado.

O FILHO DA VIÚVA

Luc. 7:11-18

11. E aconteceu que, no dia seguinte, Jesus se dirigia para uma cidade chamada Naim, e iam com ele seus discípulos e grande multidão.
12. Aproximou-se ele da porta da cidade e levavam para fora um defunto, filho único de sua mãe que era viúva: e com ela ia muito gente da cidade.
13. Logo que o Senhor a viu, compadeceu-se dela e disse-lhe: "não chores".
14. Aproximando-se, tocou o esquife e pararam os que o conduziam. E disse: "Moço, eu te digo, levanta-te"!
15. E o que estava morto sentou-se e começou a falar, e Jesus o entregou à mãe dele.
16. Todos se atemorizaram e glorificaram a Deus, dizendo: "Grande profeta surgiu entre nós e Deus visitou seu povo".
17. Esta Palavra espalhou-se por toda a Judéia e por toda a circunvizinhança.
18. Os discípulos de João contaram-lhe a respeito de todas essas coisas.

A vila de Naim (ainda hoje existente, quase em ruínas, com o mesmo nome), fica a sudeste de Nazaré, a sete horas de Cafarnaum, perto do *djebel Dahl*. Esse local é quase o mesmo de Sunem, onde Eliseu ressuscitou o filho de sua hospedeira (cfr. 2.º Reis, 4:8, 17-37). Loisy atribui ao fato o sentido alegórico: Jerusalém, ameaçada de perder seu filho único Israel, reencontra-o por obra de Jesus.

Aqui, pela primeira vez Lucas atribui a Jesus o epíteto de *Senhor* (cfr. ainda 7:19; 10:1; 11:39; 12:42; 13:15; 17:6; 18:6 e 19:8).

Era costume no Oriente carregar o cadáver numa padiola, coberto com um lençol. Jesus toca o esquife, fazendo deter-se o féretro. Com simples ordem, desperta o jovem e, num gesto de suprema bondade "entrega-o à mãe".

Há muitas discussões exegéticas a respeito da "ressurreição", ou seja, de fazer reviver o "cadáver".

Nada vemos de extraordinário nesse fato, conseguido em certas circunstâncias até por meios mecânicos pela medicina hodierna. Desde que a alma se não tenha desprendido do corpo (ou seja, desde que não tenha sido rompido o "cordão prateado") há possibilidade de fazer que o espírito retome o comando do grupo celular que constitui o corpo.

Para a criatura evoluída, com clara e segura visão dos diversos planos físico, etérico, astral, etc.) não é difícil VER que o "espírito" ainda está ligado ao soma. Portanto, se o corpo está em condições hígidas e seus órgãos com funcionamento razoável, ele pode conseguir que a psiquê retome a direção do conjunto de células que ainda não está descontrolado, despertando o corpo, embora este já esteja "cadaverizado" em estado letárgico ou cataléptico.

Compreendemos bem que o corpo é constituído de um conjunto de Órgãos e tecidos, formados por grupos de células especializadas, que permanecem todas reunidas pela unidade de sua "alma-grupo", que é a psiquê (ou *ánima*) humana. Enquanto, pois, a alma-grupo mantém sob seu domínio o grupo celular somático, há possibilidade de fazer reviver o cadáver. Caso, todavia, tenha havido o rompimento do "cordão de prata", cada grupo de células especializadas assume sua própria função biológica independente, transformando-se as células em "vermes" uni ou pluri-celulares. Dizemos, então, o corpo "entrou em putrefação". Já nesse estágio *supomos* impossível uma ressurreição. Entretanto, não

estamos em condições de categoricamente afirmar que é impossível: apenas supomos que o seja. Que sabemos nós das Leis da Natureza, para fazer afirmações definitivas?

Há ocasiões em que o Eu Real vê a individualidade triste, a lamentar-se, porque seu filho único (o "espírito" encarnado) está anquilosado na indiferença ou cadaverizado na descrença, e já sendo conduzido ao sepulcro, fora de tudo o que é belo e agradável (Naim significa exatamente "belo") .

Diante dessa situação desesperadora, o Eu Interno resolve intervir para "ressuscitar" o "espírito" morto em vida, desanimado de tudo e de todos. Nessas ocasiões, ocorre que o Cristo Interno, comovido, toca, por meio dos dedos da consciência atual, o cadáver, e detém o cortejo dos vícios que arrastam o morto para a sepultura definitiva. Vem então a ordem imperiosa e curta: "Levanta-te"!

A essa voz de comando, irresistível e amorosa, dá-se a "conversão" do "espírito" que, aturdido ao verificar o perigo que o estava ameaçando, ergue-se de um salto e começa a falar. Então o Eu Interno, recolhendo-se novamente ao seu anonimato, entrega-o à individualidade, sua mãe, para que o dirija.

Diante do ocorrido todos se maravilham: operou-se um prodígio, e o "pecador" sai da morte para a vida, ressuscitando para o espiritualismo. Todos os veículos, todas as células, sentem que "Deus visitou seu povo", isto é, que o Eu Interno se manifestou sensivelmente. Acontece, então, que o Logos (a Palavra) se espalha por toda a Judéia (incentivando o espírito religioso) e por todas as circunvizinhanças (atingindo todos os demais setores).

O final, com toda a característica histórica (os discípulos de João foram contar-lhe, no cárcere de Maquéus onde se achava, todos esses feitos) tem, como cada palavra evangélica, o seu sentido mais profundo: os veículos (Somático, etérico e astral - discípulos de João, isto é, da personalidade) vão notificar o intelecto já iluminado (João), embora prisioneiro da matéria, a transformação fabulosa que se operou naquele "espírito": isto significa que a criatura que foi beneficiada, toma conhecimento e consciência de tudo o que com ela ocorreu.

A FAMÍLIA DE JESUS

Mat. 12:46-50

Marc.: 3:20-21 e 31-35

Luc. 8:19-21

46. Enquanto ele ainda falava à multidão, a mãe e os irmãos dele estavam de fora, procurando falar-lhe.
47. E alguém disse-lhe: "olha, tua mãe e teus irmãos estão lá fora e procuram falar-te".
48. Mas ele respondeu ao que lhe falava: "quem é minha mãe e quem são meus irmãos"?
49. E estendendo a mão para seus discípulos, disse: "Eis minha mãe e meus irmãos;
50. porque aquele que fizer a vontade de meu Pai que está nos céus, esse é meu irmão, irmã e mãe'!
20. E entrou em casa; e mais uma vez a multidão afluiu de tal modo que nem sequer podiam comer pão.
21. Quando seus parentes souberam disso, saíram para segurá-lo, porque, diziam, "está fora de si"
-
31. Chegaram sua mãe e seus irmãos; e ficando do lado de fora, mandaram chamá-lo.
32. E muita gente estava sentada ao redor dele e disseram-lhe: "Olha, tua mãe e teus irmãos [e tuas irmãs] estão lá fora e te procuram".
33. Ele perguntou-lhes dizendo: "quem é minha mãe ou meus irmãos"?
34. E olhando em torno para os que estavam sentados em roda, disse: "eis minha mãe e meus irmãos;
35. pois quem fizer a vontade de Deus, esse é irmão, irmã e mãe".
19. Vieram ter com ele sua mãe e seus irmãos, e não podiam aproximar-se dele por causa da multidão.
20. E foi-lhe dito: "Tua mãe e teus irmãos estão lá fora querendo ver-te".
21. Ele, porém, respondendo, disse-lhes: "minha mãe e meus irmãos são aqueles que ouvem a Palavra de Deus e a praticam".

Aqui são-nos apresentados os familiares de Jesus, numa cena curta e objetivas. Jesus achava-se em casa, e a multidão o comprimia de tal forma que ninguém podia chegar até ele (cfr. Marc. 2:1-2; vol. 2.º pág. 81). E quando se apresentam Sua Mãe e Seus irmãos e querem falar-Lhe.

Em Mateus, o vers. 47 parece apócrifo, pois falta nos códices *aleph* e B, em quatro manuscritos, nas versões siríacas (sinaítica e curetoniana) e na saídica. Por isso não é aceito por Hort, Soden, Tischendorf, Lagrange e Pirot. Com efeito é redundante, com um pormenor desnecessário, podendo passar-se do 46 ao 48.

Em Marcos, que apesar de mais sucinto é o que traz mais minúcias, a cena é descrita em dois lances. No primeiro dá-nos ciência de que seus parentes (*hoi par'autou*) vieram a saber, em Nazaré (que distava de Cafarnaum cerca de 30 km) do que se passava com Jesus. As notícias chegam sempre aumentadas, mormente após caminharem trinta quilômetros! Tão exageradas, que seus "parentes" o julgaram "fora de si" e foram depressa "para segurá-lo", a fim de impedir que Seu entusiasmo e Sua exaltação mística Lhe prejudicassem a saúde. A expressão "fora de si" é usada por Paulo (2 Cor. 5:13) para exprimir exatamente o êxtase místico, e não (como traduziu a Vulgata) a loucura.

Entre a notícia recebida e a chegada a Cafarnaum, Jesus tem tempo de discutir com os escribas de Jerusalém.

Quando seus "parentes" chegam, é que ficamos sabendo de quem se tratava: "sua mãe, seus irmãos e suas irmãs".

A expressão "suas irmãs" está nos códices A, D, E, F, H, M, S, U, V, Gama, e na maior parte das antigas versões latinas; é aceita por Soden e Merck; Vogel e Nestle a colocam entre colchetes. Não aparece nos códices *Aleph*, E, C, G, K, *Delta*, Pi, 1, 13, 33 e 69 e na Vulgata, sendo recusada por Westcott-Hort, Souter, Swete, Lagrange e Pirot.

A pergunta, aparentemente desrespeitosa para com Sua mãe, vem demonstrar que Jesus. Em Sua missão, não está preso pelos laços sanguíneos, tão frágeis que só vigoram numa dada encarnação. A família espiritual é muito mais sólida, pois os vínculos são espirituais (sintônicos) e não materiais (sangue e células perecíveis). Jesus não pode subordinar-se às exigências do parentesco terreno, mesmo em se tratando de Sua mãe. Com o olhar benévolo sobre os que O rodeavam, Jesus lança Sua doutrina nítida: o ideal é superior aos laços de sangue; a família espiritual é mais importante que a natural e sobreleva a ela. Nem se diga que há mais obrigação de cuidar dos "próximos" consanguíneos, mais do que dos estranhos, já que aqueles constituem uma "obrigação" (e por isso os romanos os designavam com a palavra "necessários"), e os outros "apenas" amizade. Não vale isso: pois se os parentes consanguíneos realmente *amam* o idealista e querem sua presença e assistência constante, por que também não se tornam seus discípulos espirituais e o acompanham por toda parte como os demais adeptos?

Para o que se dedica ao ministério espiritual contam apenas, como "parentes" aqueles que lhes bebem os ensinamentos e dele se aproveitam para evoluir. Se os consanguíneos quiserem, podem agregar-se aos discípulos (como o fizeram os irmãos de Jesus Tiago e Judas Tadeu, que até se tornaram Seus emissários (apóstolos).

Quanto aos quatro irmãos de Jesus (Tiago, Judas Tadeu, Simão e José) e às duas irmãs (Maria e Salomé), já apresentamos o problema do parentesco no vol. 2.º, pág- 111-112.

A lição de Jesus (individualidade) quanto ao modo de serem tratados os parentes consanguíneos, vale hoje e sempre. Não é o fato, repetamos, de haver um laço de parentesco, que pode desviar o curso evolutivo de um espírito. O parentesco espiritual de fraternidade REAL com todas as criaturas (porque filhos do mesmo PAI celestial), é muito mais forte; e Jesus ensina (categoricamente: "a ninguém na Terra chameis vosso Pai, porque só um é vosso Pai: aquele que está nos céus" (Mat. 23:9), ou seja, no ímo do coração: a Centelha Divina, o Cristo Interno.

Os parentes - inclusive pai, mãe, irmãos e irmãs - são acidentes temporários que se desfazem ao terminar essa encarnação, renovando-se a cada novo nascimento (salvo exceções em que se verifica uma repetição que, por vezes, dura duas ou três vidas).

Mas os sintonicamente afins, esses seguem em grupos homogêneos que, mesmo sem parentesco físico algum, se reencontram seguidamente durante milênios.

*

* *

Outra lição que depreendemos do texto, é que os parentes representam os veículos do espírito (físico, etérico, astral e intelecto), que são os "parentes" terrenos mais próximos e chegados ao espírito encarnado. E a descrição do modo de tratá-los mereceu um tratado especial, o Bhagavad-Gita.

A cena evangélica, neste passo, mostra-nos como a individualidade deve tratar seus veículos. Muitas vezes o Espírito se retira ou trabalha, na meditação ou no estudo; e os veículos físicos vêm chamá-lo, porque o acham "fora de si", desequilibrado. Mas o Espírito, de acordo com a lição de Jesus, precisa colocá-los em seu devido lugar. Eles têm que ser veículos que façam a vontade do Pai (Centelha Divina) e conduzam à espiritualização. Se quiserem atrapalhar, conclamando o Espírito para satisfação dos apelos do físico, das sensações do etérico; das emoções desequilibradas do astral e dos prazeres puramente intelectuais, não devem ser atendidos, mas rejeitados, enquanto o Espírito busca seus pares, os que estão na mesma faixa vibratória.

As exigências fisiológicas tendem sempre a afastar o Espírito de sua ascensão evolutiva, e por isso a personalidade é, realmente, um "satanás" ou "diabo", que tenta desviar todos os impulsos que levam ao Sistema, ao pólo positivo - que é árduo de conquistar - para arrastá-lo para o pólo negativo, onde tudo é mais fácil, agradável e satisfatório. Mas o Espírito, prevenido pelo ensino do Mestre, recusa ouvir-lhe essas exigências, e lhe responde autoritariamente que, se quiserem algo dele, o acompanhem em sua evolução, como servos dóceis e eficientes.

JOÃO - REENCARNAÇÃO DE ELIAS

Mat. 11:2-19

Luc.: 7: 19-35

2. Como João, no cárcere, tivesse ouvido falar das obras de cristo, mandou dois de seus discípulos perguntar-lhe:
3. "És tu o que vem, ou devemos esperar outro"?
4. Respondeu-lhes Jesus: "Ide contar a João o que estais ouvindo e observando:
5. os cegos vêem de novo; os coxos andam; os leprosos ficam limpos; os surdos estão ouvindo; os mortos se levantam e aos mendigos é dirigida a boa-nova;
6. e feliz aquele que não tropeça em mim".
7. Ao partirem eles, começou Jesus a falar ao povo a respeito de João: "Que saístes a ver no deserto? Uma cana sacudida pelo vento?
8. Mas que saístes a ver? Um homem vestido de roupas finas? Os que vestem roupas finas residem nos palácios dos reis.
9. Mas que saístes a ver? Um profeta? Sim, digo-vos, e muito mais que um profeta.
10. É dele que está escrito: 'Eis que envio ante tua face meu mensageiro, que preparará teu caminho diante de ti'.
11. Em verdade vos digo que não apareceu entre os nascidos de mulher outro maior que João, o Batista (o que mergulha); mas o reino dos céus é maior que ele.
12. Desde os dias de João, o Batista, até agora, o reino dos céus é assaltado, e os assaltantes o conquistam,
13. porque todos os profetas e a lei profetizaram até João.
14. E se quereis aceitar (isto), ele mesmo é Elias que estava destinado a vir.
15. O que tem ouvidos, ouça.
16. Mas a que hei de comparar esta geração? É semelhante a meninos sentados nas praças,
19. Chamando dois deles (de seus discípulos), João enviou-os a Jesus, para perguntar: "És tu o que deve vir, ou esperamos outro"?
20. Quando esses homens chegaram a ele, disseram: "João, o Batista, enviou-nos para te perguntar: 'és tu o que vem, ou esperamos outro'?"
21. Na mesma hora curou Jesus a muitos de moléstias, de flagelos, e de obsessores, e concedeu vista a muitos cegos.
22. Então respondeu-lhes: "Indo embora, relatai a João o que vistes e ouvistes: os cegos vêem de novo, os coxos andam, os leprosos ficam limpos, os surdos estão ouvindo, os mortos se levantam, e aos mendigos é dirigida a boa-nova.
23. E feliz é o que não tropeça em mim".
24. Tendo ido os mensageiros de João, começou a falar ao povo a respeito de João: "Que saístes a ver no deserto? Uma cana sacudida pelo vento?
25. Mas que saístes a ver? Um homem vestido com roupas finas? Os que se vestem ricamente e vivem no luxo, estão nos palácios dos reis.
26. Mas que saístes a ver? Um profeta? Sim, digo-vos, e muito mais que profeta.
27. É dele que está escrito: 'eis que envio ante tua face meu mensageiro, que preparará teu caminho diante de ti'.
28. Eu vos digo: entre os nascidos de mulher, não há nenhum maior que João; mas o menor no reino de Deus, é maior que ele".
29. Ao ouvir isto, todo o povo e até os cobradores de impostos reconheceram a justiça de Deus, sendo mergulhados com o mergulho de João;
30. mas os fariseus e os doutores da lei despre-

que gritam aos companheiros:

17. 'nós vos tocamos flauta, e não dançastes; entoamos lamentações e não chorastes'.
18. Porque veio João não comendo nem bebendo, e dizem: 'ele recebeu um espírito desencarnado'.
19. Veio o filho do homem comendo e bebendo, e dizem: 'eis um homem glutão e bebedor de vinho, amigo de cobradores de impostos e pecadores!' E contudo, a sabedoria é justificada por seus filhos".

zaram a vontade de Deus quanto a eles, não tendo sido mergulhados por ele.

31. "A que, pois, compararei os homens desta geração, e a que são eles semelhantes?
32. São semelhantes a meninos que se sentam na praça e gritam uns para os outros: 'nós tocamos flauta e não dançastes; entoamos lamentações e não chorastes'.
33. Pois veio João, o Batista, não comendo pão nem bebendo vinho e dizeis: "ele recebeu um espírito desencarnado".
34. Veio o filho do homem comendo e bebendo, e dizeis: "eis um homem glutão e bebedor de vinho, amigo de cobradores de impostos e pecadores!"
35. Entretanto, a sabedoria é justificada por todos os seus filhos.

João estava na prisão de Maquéus (veja vol. 2). Daí acompanhava com grande interesse todo o desenvolvimento do ministério de Jesus, sobre o qual é constantemente informado por seus discípulos, que o visitam com frequência. O que mais lhe contam são os prodígios operados pelo novo taumaturgo de Nazaré. João jamais perdeu de vista sua tarefa de precursor e todos os seus atos destinam-se a "preparar o caminho diante dele" (vol. 1).

Que Jesus era o Messias, não havia dúvida para João, que O reconheceu desde o ventre materno (Luc. 1:41. vol. 1); era consciente de ser ele o precursor (Mat. 3:1-6; vol. 1); declarou mesmo que não era digno de desatar-lhe as correias das sandálias (Mat. 3: 11-12; vol 1); declarou até peremptoriamente ser o precursor predito (João, 1:19-28; vol. 1); não queria ,mergulhar Jesus, porque se julgava indigno (Mat. 3:13-15; vol. 1); durante o ato do mergulho viu o sinal do Espírito (Mat. 3:16-17; vol 1); designou Jesus como o "cordeiro que resgata o carma do mundo" (João 1: 29-33) e taxativamente declara "eu vi e testifiquei que Ele é o escolhido de Deus" (João, 1:34; vol. 1); além de tudo isso, influi nos discípulos que sigam Jesus, declarando-o "o messias" (João, 1:35-37; vol. 1); e quando seus discípulos se queixam de que Jesus está atraindo multidões, João lhes dá a entender que Jesus é o Messias e acrescenta "é necessário que ele cresça e que EU diminua" (João 3:25-30; vol. 2).

No entanto, apesar de tudo isso, os discípulos de João não viam Jesus com bons olhos e, por ciúmes, "escandalizavam-se dele". Observe-se que o verbo grego *skandalizô en* significa literalmente "tropeçar em". Assim o substantivo *skándalon* era, na armadilha, a peça-chave (o alçapão ou trava), que a fazia detonar. Então, escandalizar era tropeçar na trava, ficando preso na armadilha.

Mas, dizíamos, os discípulos de João tinham ciúmes do êxito crescente de Jesus (coisa tão comum entre espiritualistas!), especialmente quando viram seu próprio mestre na prisão. Observamos que eles criticaram Jesus na questão do jejum (Mat. 9:14) unindo-se aos piores inimigos de Jesus; vimos que eles foram queixar-se de Jesus ao próprio João, quando então o Batista se limita a recordar-lhes o que lhes havia afirmado a respeito de Jesus (vol. 2).

Na prisão, João percebia que seu fim estava próximo e preocupava-se, em primeiro lugar, em conseguir mais uma oportunidade de exercer oficialmente sua tarefa de precursor; mas além disso, queria aproximar de Jesus seus discípulos, a fim de que estes não prosseguissem, após seu desencarne, no culto de um precursor, ao invés de seguir o verdadeiro Mestre. Para isso, era indispensável uma definição pública de Jesus. E João resolve provocá-la, mas com delicadeza, deixando-lhe o caminho aberto para que Jesus respondesse como julgasse mais oportuno.

Daí a pergunta confiada aos dois mensageiros : "és tu *o que vem (ho erchómenos*, no particípio presente) ou deverá ser esperado *outro*"?

Anote-se, para fixar o sentido em que era usada a palavra "anjo" naquela época, que Lucas dá, aos dois discípulos de João que foram mandados a Jesus, o título de "anjos", isto é, mensageiros.

Jesus responde-lhes *com fatos*, e, na presença deles, realiza as obras preditas pelos antigos profetas de Israel como típicas "daquele que viria"; e depois de fazer, passa a citar as realizações por eles antevistas: quanto aos mortos, Isaías, 26: 19; quanto aos surdos e mendigos, Isaías, 29: 18; quanto aos cegos e surdos, Isaías, 35:5 e quanto aos infelizes, Isaías, 61:1.

Após as obras e citações, Jesus conclui "feliz o que não tropeça em mim" (*makários hoi èàn mé skandalisthêi*), ou seja, o que não se recusar a aceitá-lo, por não compreender Sua missão. A advertência dirige-se abertamente aos discípulos de João que criticavam Jesus. Eles, de mentalidade estreita, fazendo questão fechada de ser vegetarianos e abstêmios de vinho e sexo, "tropeçaram" num Missionário verdadeiro (Jesus), e não no quiseram aceitar, por ser Ele "comilão e bebedor de vinho" (cfr. Mat. 11:18-19 e Luc. 7 :33-34).

Quanto a Jesus, sempre preferiu confirmar Sua missão por meio de Suas obras e de Seus exemplos.

Jesus espera que os discípulos de João se retirem, e então tece o panegírico do precursor, talvez para que os apóstolos e outros seguidores Seus não viessem a pensar que a pergunta de João fora provocada por alguma dúvida real do precursor. Tanto que a primeira pergunta se refere à falta de fé, à vacilação nas atitudes: a cana sacudida pelo vento. João não é um homem qualquer sem convicções, não é um "grande do mundo", rico e poderoso; e nessa série de perguntas repetidas, a eloquência se exalta: um profeta? sim, diz Jesus, e muito mais do que profeta: o precursor do Messias. Isso é afirmado através da citação de Malaquias (3:11).

Subindo mais ainda, Jesus chega ao clímax, afirmando categoricamente com solenidade: "em verdade vos digo, entre os nascidos de mulher ninguém é maior que João". Já explicamos (vol. 1) o sentido da expressão "filho do homem". Recordemos.

Os gnósticos distinguiam dois graus de evolução: os "nascidos de mulher" ou "filhos de mulher" e os "filhos do homem".

Os "filhos de mulher" são os que ainda estão sujeitos à reencarnação cármica, obrigados a renascer através da mulher, sejam eles involuídos ou evoluídos. Neste passo declara Jesus que dentre todos os que estão ainda sujeitos inevitavelmente ao *kyklos anánke* (ciclo fatal) da reencarnação, o Batista é o maior de todos.

Já os "filhos do homem" (dos quais Jesus se cita como exemplo logo abaixo, versículo 19) são os que não estão mais sujeitos à reencarnação, só reencarnando quando o querem para determinada missão; e são assim chamados como significando aqueles que já superaram o estágio hominal, sendo, o resultado ou "filho" da evolução humana. Na realidade, Jesus era um dos "filhos do homem", como também outros avatares que vieram à Terra espontaneamente para ajudar à humanidade (tais Krishna, Buda, etc.).

João, o Batista, cujo Espírito animara, na encarnação anterior a personalidade de Elias o Tesbita, estava sujeito à reencarnação para resgatar o assassinato dos sacerdotes de Baal, junto à torrente de Kishon (cfr. 1 Reis, 18:40 e 19: 1), mortos à espada por ordem dele; e por isso a personalidade de João também teve a cabeça decepada à espada (cfr. Mat. 14:10-11). A Lei de Causa e Efeito é inapelável.

João, portanto, ainda pertencia ao grau evolutivo dos "nascidos de mulher", embora fosse o maior de todos naquela época.

Entretanto, todos aqueles que tenham conquistado o "reino dos céus", isto é, que hajam obtido a união hipostática com o Cristo Interno, são maiores do que ele, no sentido de terem superado essa fase do ciclo reencarnatório: e portanto de haverem atingido o grau de "filhos do homem". Tão importante se revela essa união definitiva com a Divindade!

Surgem depois dois versículos que os comentadores ansiosamente buscam penetrar quanto ao sentido profundo, mas, de modo geral, permanecem na periferia, dizendo que "só os que se esforçam violentemente

tamente conseguem o reino dos céus"; e, na segunda parte, que Jesus colocou aqui João como "marco divisório a encerrar o Antigo Testamento ("toda a Lei e os Profetas até João", como diz Agostinho: *videtur Joannes interjectus quidam limes Testamentorum duorum*, Patrol. Lat. vol. 38, col. 1328).

E finalmente a grande revelação, irrecusável sob qualquer aspecto: "se quereis aceitar isso (se fordes capazes de compreendê-lo) ele mesmo é Elias, o que devia vir ... quem tem ouvidos, ouça (quem puder, compreenda!).

A tradução do vers. 14 não coincide com as comuns. Mas o grego é bem claro: *kai (e) ei (se) thélete (quereis) decsásthai (aceitar, inf. pres.) autós (ele mesmo) estin (é) Hêlías (Elias) ho méllôn (part. presente de mellô, destinado)*, "o que estava destinado" *érchesthai (inf. pres.: a vir)*.

A Vulgata traduziu: "*et si vultis recipere, ipse est Elias qui venturus est*", em que o particípio futuro na conjunção perifrástica dá o sentido de *obrigação* ou destino do presente do particípio *méllôn*; acontece que o latim ligou num só tempo de verbo (*venturus est*) o sentido dos dois verbos gregos (*ho méllôn érchesthai*). Com essa tradução, porém, o sentido preciso do original ficou algo "arranhado". Se a tradução fora literal, deveríamos ler, na Vulgata (embora com um latim menos ortodoxo): "*ipse est Elias debens venire*", o que corresponde exatamente à nossa tradução: "ele mesmo é Elias que devia (estava destinado) a vir". Levados pela tradução da Vulgata, os tradutores colocam o futuro do presente (que *deverá vir*), quando a ação é nitidamente construída no futuro do pretérito.

A previsão do regresso de Elias à Terra (cfr. Mat. 3:23-24) "eis que vos envio Elias, o profeta, antes que chegue o dia de YHWH grande e terrível: ele reconduzirá o coração dos pais para os filhos e dos filhos para os pais" ... é confirmada no Eclesiástico (48:10) ao elogiar Elias "tu, que foste designado para os tempos futuros como apaziguador da cólera, antes que ela se inflame, conduzindo o coração do pai para o filho".

Alguns pensam tratar-se "do último dia do juízo final", mas Jesus mesmo dá a interpretação autêntica, quando diz: "eu vos declaro que Elias já veio mas não foi reconhecido" ... "e os discípulos entenderam que Ele lhes falava de João Batista" (Mat. 17:12-13).

Então, não pode restar a mínima dúvida de que Jesus confirma, autoritária e inapelavelmente, que João Batista é a reencarnação de Elias. Embora sejam duas personalidades diferentes, o Espírito (ou individualidade) é o mesmo. Gregório Magno compreendeu bem o mecanismo quando, ao comentar o passo em que João nega ser Elias (João, 1:21) escreveu: "em outro passo o Senhor, interrogado pelos discípulos sobre a vinda de Elias, respondeu: Elias já veio (Mat. 17:12) e, se quereis aceitá-lo, é João que é Elias (Mat.11:14). João, interrogado, diz o contrário: eu não sou Elias ... É que João era Elias pelo Espírito (individualidade) que o animava, mas não era Elias em pessoa (na personalidade). O que o Senhor diz do Espírito de Elias, João o nega da pessoa" (Greg. Magno, Hom. 7 in Evang., Patrol. Lat. vol. 76, col. 1100).

Jesus não precisava entrar em pormenores sobre a reencarnação, pois era essa uma crença aceita normalmente entre os israelitas dessa época, sobretudo pelos fariseus, só sendo recusada pelos saduceus.

Em Lucas há dois versículos próprios a ele, distinguindo amassa e os publicanos, que aceitaram o mergulho de João, e os fariseus e doutores da lei, que não aceitaram a oportunidade da mudança de vida, que Deus lhes oferecia por intermédio de João.

E Jesus prossegue propondo uma parábola, na qual ilustra a contradição de Seus contemporâneos ("desta geração"), que não aceitam a austeridade da pregação de João nem a bondade alegre dos ensinamentos de Jesus. Ao verem a penitência e abstinência do Batista, disseram que "estava obsidiado", que "tinha espírito desencarnado"; e ao observarem a leveza de atitudes do Nazareno, taxaram-no de comilão e bebedor.

Cabe notar *en passant* que a obsessão é sempre atribuída em o Novo Testamento a um *daímon* (espírito desencarnado), em hebraico *dibbuck*, e jamais ao *diábolos* (cfr. vol. 1).

Definida a posição de dúvidas e hesitações da humanidade daquela época, (da qual pouco difere a atual) o Mestre conclui com um aforismo: a sabedoria é justificada por seus filhos, ou seja, por seus resultados. Com efeito, o que é produzido pelo sábio é que lhe justifica a sabedoria.

Há fatos que trazem lições preciosas. Aqui temos um.

O intelecto (João) no "cárcere" da carne, ouve as teorias a respeito da individualidade (Jesus) mas, como é de seu feitio raciocinador, quer provas. Não se contenta em ouvir afirmativas de outrem: exige confirmação do próprio. E o meio mais rápido é pedir à própria individualidade que se defina, que apareça, que se declare de origem divina.

Evidentemente, de nada adiantaria mais uma assertiva, embora proveniente da própria individualidade: o intelecto continuaria na dúvida. Inteligentemente a individualidade não responde com palavras, mas com fatos. O intelecto manda dois de seus discípulos, (faculdades de percepção e de observação) para apurar. E a resposta consiste em fatos: "veja, diz a individualidade, como se te modificam as coisas: a cegueira intelectual se abriu para a luz; os ouvidos da compreensão, antes surdos, estão atentos à voz interior; os passos incertos na caminhada evolutiva se tornaram firmes; os resgates cármicos que enfeavam a personalidade vão sendo limpos; a morte da indiferença às coisas espirituais se torna vida entusiástica e, apesar de toda a pobreza dos veículos físicos e do "espírito" é a ele que se dirige a ótima notícia do "reino" ... mas, coitado daquele que, apesar de todas as evidências, não crê e tropeça no conhecimento da individualidade ... feliz, porém, aquele que compreende e aceita".

O intelecto recebe as lições e os testemunhos, que lhe comprovam a realidade dos fatos, e retira-se para meditação.

Entretanto, além da lição extraída dos fatos, temos outra, surgida com a Palavra: o Verbo de Deus que se manifesta dentro de nós (Jo. 1:14).

Em primeiro lugar, com as perguntas insistentes, temos avisos repetidos do que procura o Espírito: nem coisas fúteis (uma cana sacudida pelo vento), nem luxo (homem vestido de roupa, finas) nem mesmo um profeta (médiuns e videntes), mas algo maior que isso: o Espírito quer descobrir o caminho para encontrar seu único Mestre, o Cristo Interno. Para isso, está sempre alerta, a fim de entrar em contato com o "mensageiro" (pequeno mestre) que vem mostrar o caminho e aplainá-lo, para facilitar a busca e o Encontro. A tarefa desse "precursor" e mestre humano (intelecto = João) é "aplainar as veredas", abaixar os outeiros e elevar os vales e levar o coração dos pais aos filhos e vice-versa (ou seja, harmonizar a mente com todos os veículos que a carregam na jornada evolutiva). O intelecto, portanto, PREPARA o caminho da personalidade, para que ela possa encontrar o Cristo Interno. Então, o intelecto iluminado é o precursor do Cristo Interno, seja esse intelecto o da própria criatura, seja o de criaturas outras que se disponham a "servir" à humanidade. E esses precursores tem vindo várias vezes à Terra, sendo alguns reconhecidos como avatares de lídima estirpe.

Ocorre, entretanto, que muitos dos discípulos desses precursores do Cristo Interno tomam a si, também, a tarefa de indicar a senda, quer falando, quer escrevendo, quer sobretudo exemplificando.

E aqui temos o exemplo que Jesus dá, de João, o intelecto que preparou realmente o caminho para o Cristo, e que, por isso, foi destacado como "o maior" dentre os que vivem ainda na personalidade. Não obstante, aquele que tiver dado o Mergulho em profundidade na Consciência Cósmica, dentro de si mesmo, esse será, em sua individualidade, como "filho do homem", maior que qualquer das maiores personalidades. E por isso João é apresentado como "o mergulhador" (o Batista), "o que mergulha", isto é, "o que prepara, através" do mergulho que ele ensina, o caminho para o Encontro com o Cristo Interno".

Jesus, a individualidade, não podia deixar de elogiar esse intelecto iluminado, a fim de chamar nossa atenção a respeito de como processar a aproximação da meta gloriosa. E o evangelista, que aprende o mergulho de João e por isso encontrara Jesus (a individualidade), comenta que os humildes (povo e publicanos) haviam correspondido ao ensino de João e haviam mergulhado, descobrindo o

Cristo em si, mas os orgulhosos (fariseus e doutores) haviam rejeitado esse ensino, desprezando a oportunidade que a Vida (Deus) lhes oferecera, e não tinham aceito o mergulho.

Jesus confirma ainda que a representação do intelecto iluminado (Buddha) em o Novo Testamento é a mesma que fora apresentada, como protótipo no Antigo: Elias.

Depois, numa parábola, avisa a quem possa compreender, que jamais haja decepção, porque a geração que está na Terra ainda não sabe o que quer, por imaturidade mental. Se um dirigente vem com penitências, é rejeitado; e se vem com alegria, também o é. Desde que não concordem com seus pontos-de-vista terrenos, os "profetas" ou "precursores" são recusados e levados ao ridículo por qualquer das facções já existentes.

Todavia, são os resultados obtidos que justificam a sabedoria, e não as palavras proferidas, nem as aparências, nem o êxito entre as criaturas, nem o poder, nem a força, nem a santificação externa, proveniente dos outros. O que vale é o resultado íntimo, ou seja, o Encontro Místico, oculto, que se dá no "quarto a portas fechadas", atuando assim "nos céus que estão no secreto, onde habita o Pai".

O AMOR SALVA

Luc. 7:36-50

36. Um dos fariseus convidou-o para jantar com ele. Entrando na casa do fariseu, reclinou-se à mesa.
37. Havia na cidade uma mulher que era pecadora, e esta, sabendo que ele estava jantando na casa do fariseu, trouxe um vaso de alabastro com perfume
38. e, pondo-se-lhe por trás, aos pés, a chorar, começou a regá-los com lágrimas e os enxugava com os cabelos de sua cabeça, e beijava-lhes os pés e ungiu-os com o perfume.
39. Ao ver isso, o fariseu que o convidara pensava consigo: 'Se esse homem fosse profeta (médium), saberia quem é, e de que classe, a mulher que o toca, pois é uma pecadora'.
40. E respondendo-lhe, disse Jesus: "Simão, tenho algo a dizer-te". Ele disse: "Fala, Mestre".
41. 'Certo agiota tinha dois devedores; um lhe devia quinhentos denários e o outro cinquenta.
42. Não tendo nenhum dos dois com que pagar, perdoou a dívida a ambos. Qual deles, portanto, o amará mais"?
43. Respondeu Simão: "Suponho que aquele a quem mais perdoou". Replicou lhe: "Julgaste bem".
44. E, virando-se para a mulher disse a Simão: "Vês esta mulher? Entrei em tua casa, e não me deste água para os pés; mas esta mos regou com lágrimas e os enxugou com seus cabelos.
45. Não me deste ósculo; ela, porém, desde que entrei, não cessou de beijar-me os pés.
46. Não ungiste minha cabeça com óleo, mas esta, com perfume ungiu meus pés.
47. Por isso te digo: foram resgatados seus muitos erros, porque ela amou muito; mas aquele a quem pouco se resgata, pouco ama".
48. E disse à mulher: "Foram resgatados teus erros".
49. Os que estavam com ele à mesa começaram a dizer consigo mesmo: "Quem é esse que até resgata erros"?
50. Mas Jesus disse à mulher. "Tua fé te salvou; vai em paz".

Trata-se aqui de um episódio particular a Lucas, que não deve ser confundido com outra cena semelhante, ocorrido mais tarde (em abril do ano seguinte) na casa de Simão, ex-leproso, em Betânia (cfr. Mat. 26:6-13, Marc. 14:3-9 e João, 12:1-8), quando Maria de Betânia, irmã de Marta, executou o mesmo gesto. Não é possível identificar-se Maria de Betânia com a "pecadora" deste passo. Nem pode confundir-se com Maria de Mágdala (Luc. 8:2), pois aí é ela apresentada como nova personagem em cena. E o fato de ter sido libertada de sete obsessores não significa que fosse "pecadora".

O fariseu, também chamado Simão (nome comuníssimo entre os israelitas da época), convida Jesus para um jantar em sua casa. Jesus costuma aceitar esses convites (cfr. Mat. 11:37 e 14:1).



Figura “A PECADORA E JESUS”

A expressão "mulher pecadora na cidade" é usada por Amós (7:17) para designar as meretrizes. Mas o argumento é fraco para atribuir esse procedimento a esta criatura em particular. Dizem os comentadores que, se fora meretriz, não na teriam deixado entrar na casa de Simão; mas isso dependeria do nível social em que ela agisse. Todavia, a desenvoltura de seu modo de proceder e de seu gesto, sem acanhamento nem peias sociais, e mais ainda a intensidade de seu amor, parecem revelar uma criatura ardorosa e livre de preconceitos, coisas típicas dessas pessoas. Inclusive o fato viria confirmar a afirmativa categórica de Jesus: "Em verdade vos digo que as meretrizes e os cobradores de impostos conseguirão o reino dos céus antes de vós" fariseus e doutores da lei (Mat. 21:31).

Anota o evangelista que ela trazia um vaso de alabastro com perfume. Eram realmente acondicionados em vasilhames desse material os perfumes caros (cfr. Mat. 26:7 e Marc. 14:3).

Recordemos que o sistema de mesa nessa época, era em forma de U, ficando os convivas reclinados (ou deitados) em divãs, em redor do U, apoiados no braço esquerdo, tendo a mão direita livre para comer. Pelo centro andavam os empregados a servir a refeição. Dessa forma, os pés dos convivas ficavam "por trás", voltados para as paredes. Nesse espaço entrou a "pecadora", prostrou-se ao chão a chorar, agarrada aos pés de Jesus. Como os visse molhados por suas lágrimas, os enxugava carinhosamente com seus cabelos, ao mesmo tempo que os beijava (*katephílei*) com ardor. A seguir ungiu-os com o perfume que trouxera.

A cena era patética, além de profundamente romântica, e chocou o fariseu puritano, que tirou logo suas deduções desfavoráveis à sensibilidade mediúnica de Jesus. Talvez ele se recordasse de que os antigos profetas percebiam o grau de moralidade das pessoas pela simples aproximação (cfr. 1 Reis. 14:6; 2.º Reis 1:3; 5:24, etc). Mas Jesus prova-lhe que o julgamento foi precipitado e propõe-lhe a parábola dos dois devedores insolventes, a quem o credor perdoa, a um 500, a outro 50.

Anotemos, com cuidado, que o verbo usado aqui é *echarísato* (de *charizomai*) que literalmente significa "fazer benevolência" ou "dar com amor" (que é exatamente o sentido etimológico de "perdoar", ou seja, *per* - prefixo de superlativo - e *doar*: que é dar de presente; fica então o sentido: *doar totalmente*).

Indaga, então, o Mestre qual dos dois amará mais o antigo credor. Simão não quer comprometer-se e introduz sua resposta com um "suponho". Jesus aprova plenamente a interpretação da parábola. E, quebrando sua anterior impassibilidade, aponta a mulher e salienta a diferença entre o tratamento que dele recebeu, com austeridade e frieza, e o amor esfusiante e desinibido da mulher que publicamente lhe manifesta seu sentimento apaixonado.

No vers. 45 todos os textos trazem *eiselthon* "desde que eu entrei", só se encontrando *eiselthen* (desde que ela entrou) na *Peschitta* e na Vulgata; é evidente correção, para não parecer exagero. Como explicar que a mulher já se encontrasse na sala de refeições, a esperar que Jesus entrasse e se reclinasse à mesa.

Depois vem a declaração: "seus muitos erros foram resgatados (*aphéontai*, perfeito de *aphiêmi*) porque (*hóti*) ela amou muito".

As traduções comuns transladam *aphéontai* como "são perdoados", no presente, e com o mesmo sentido de "Perdão" do versículo 42. Mas aqui o verbo grego é outro: exprime *resgatar*, que é totalmente diferente de perdoar. A dívida de dinheiro foi *perdoada* pelo credor isto é, foi anulada, declarada nula, sem que nada tivesse sido feito pelo devedor para merecer esse perdão: foi uma consideração benevolente do credor, por seu estado de insolvência. Já o verbo *aphiêmi* exprime o "resgate", ou seja uma *ação realizada em contraposição ao erro*, de tal forma que esse ação do devedor é que anula o erro, porque o apaga. Digamos, por exemplo, que o devedor de 500 denários houvesse prestado um favor tão grande ao credor, que este, por isso lhe perdoasse a dívida: aqui teríamos *tò aphiêmi*, isto é: o favor prestado fez que a dívida fosse resgatada (cfr. vol. 2.º pág. 84).

Exatamente nesse sentido é que Jesus declara enfaticamente que o AMOR é uma das maneiras (e talvez a melhor) de conseguir o resgate dos erros do passado, anulando todos os carmas. E quanto mais amor, maior o resgate; mas quando o resgate é pequeno, o amor também o é.

Daí passa à sentença absolutória; e é quando, pela primeira vez, se dirige diretamente à mulher, ratificando suas ações de amor com a declaração "teu, erros foram resgatados". E, sem dar importância ao murmúrio que se levanta da parte dos convivas, mais uma vez se dirige a ela: "tua fé te salvou", acrescentando a fórmula de despedida comum *le shalom* ",vai em paz" (cfr. Luc 5:48 e 1 Sam. 1:17).

Temos, neste episódio, que pode perfeitamente ter ocorrido no mundo material, um símbolo de grande beleza e profundidade. Trata-se do encontro da emotividade com a individualidade.

Já não é mais, aqui, o intelecto iluminado que obtém o contato com o Eu Interno,. mas é o astral que descobre a individualidade e a ela se submete integralmente.

Os observemos os pormenores.

Os fariseus eram religiosos rigoristas com bastante espiritualidade, embora muito apegados ainda à letra e às exterioridades rituais. Representam, pois, a personalidade com tendências místicas, se bem que não no rumo certo.

Tendo um deles ouvido falar na individualidade (Jesus) convida-O "a jantar" isto é, a chegar até ele para um contato no banquete eucarístico. Algo desconfiado, porém, para agir fora dos preconceitos de sua própria seita religiosa recebe-O com certa secura, sem muita intimidade, não lhe "dando o ósculo" nem atendendo-O com as mesuras habituais.

Mas o contato com a individualidade desperta-lhe emoções profundas em seu corpo astral, embora seu intelecto permaneça arredio. Surge, então, a luta dele consigo mesmo: o intelecto a condenar as emoções que se manifestam com desusado calor. A "pecadora" (são as emoções que arrastam a criatura ao erro) todavia, não conhece peias que a impeçam de expressar-se com entusiasmo: entra em

cena, levando seu coração ardoroso de profundo amor (o vaso de alabastro) e lança-se aos pés da individualidade, dando expansão a todo o seu amor com ardentes beijos. E sobre os pés descarrega os fluidos emocionais, transformados em lágrimas.

O intelecto começa a descrever da individualidade: como pode ela - de quem tanto falaram com elogios, a respeito de sua superioridade e elevação - como pode deixar de perceber que as emoções são erradas e, não obstante, permitir ser por elas acariciada e amada desordenadamente sem um protesto?

A individualidade, no entanto, toma partido em favor da emoção e contra o intelecto vaidoso. Faz-lhe ver que, apesar de seus muitos erros, essa manifestação imensa e vívida de amor conseguiu resgatá-los, por causa das vibrações fortíssimas de união sintônica e isso lhe aumentava reciprocamente o amor, por causa da gratidão; ao passo que o intelecto frio, que não sabe amar, e que encara seus erros, realmente menores, como leves desvios, não consegue resgatá-los a não ser se entregar à tônica da humildade, passo difícilimo para ele.

Os exemplos comparativos esclarecem o intelecto, mostrando a diferença profunda no seu agir, em confronto com a emoção. Enquanto esta se purifica dos fluidos pesados emotivos com as lágrimas, vertidas com humildade (aos pés), aquele nem com água faz sua catarse; ele não lhe deu um ósculo de boas-vindas, enquanto ela não deixa de beijar-lhe os pés, desde que a individualidade se manifestou. Aqui se explica o que parece contradição no texto, entre o vers. 37 (a mulher, ao saber que Jesus fora jantar, vai, depois dele, e manifesta seu amor) e o vers. 42 (desde que entrei, dando a impressão de que a mulher já lá estava a esperá-lo). Como, porém, o fato apresenta um símbolo, o verbo do vers. 42, na primeira pessoa, está certo: desde que a individualidade se manifestou, a emoção expressou seu amor.

E mais ainda, para que o leitor verifique que cada palavra traz realmente um ensinamento: a oliveira é o símbolo da paz, donde o óleo (azeite), produto da oliveira, é o símbolo da pacificação, resultado da paz. Diz a individualidade que, ao manifestar-se ao intelecto perquiridor curioso, este "não ungiu sua cabeça com o óleo", isto é, não pacificou suas lutas íntimas, mas prosseguiu perturbando a mente da individualidade com suas dúvidas e críticas; ao passo que a emoção "quebrou o vaso de alabastro" de seu coração e "derramou o perfume" de seu amor, humildemente (aos pés) da individualidade.

A conclusão é óbvia: o corpo de emoções. o que vibra no mundo astral sujeito à Lei da Justiça, obtém, através de seu amor intenso e profundo, o resgate de seus carmas. E isso é conseguido através da fé, da convicção inabalável que manifestou, ao acreditar imediatamente na individualidade, amando-a e tendo a coragem de expressar-lhe seu amor, sem qualquer movimento de dúvida.

AS MULHERES

(Julho a setembro de 29 A.D. - 782 A.U.C.)

Luc. 8:1-3

- 1. Logo após perambulava Jesus pelas cidades e aldeias, pregando e anunciando as boas-novas do reino de Deus, e iam com ele os doze**
- 2. e algumas mulheres que haviam sido curadas de obsessores e de enfermidades: Maria, chamada Madalena, da qual tinham saído sete espíritos desencarnados,**
- 3. Joana, mulher de Cuza, procurador de Herodes, Susana e muitas outras, as quais o serviam com seus bens.**

Lucas anuncia nova peregrinação de Jesus pelas cidades e aldeias da Galiléia. Cada vez menos pousando em Carfanaurn, Jesus sai a pregar as boas-notícias do "reino", a curar a população humilde e sofredora.

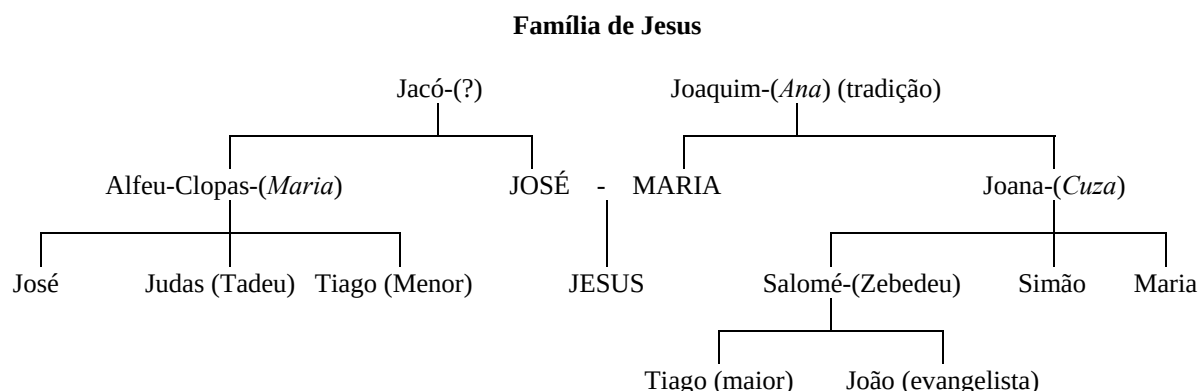
Desde que foram escolhidos como emissários (cfr. Mat. 10:1-4; Marco 3:13-19 e Luc. 6:12-16. vol. 2.º pág. 108), os doze sempre ficaram ao lado do Mestre, acompanhando-O *pari passu*, preparando-se, assim, para o futuro apostolado.

A comitiva, pois, era grande, e não podia mais pedir pousada e alimentos gratuitos por onde andava. Daí a necessidade de quem cuidasse dessas coisas. Para isso estavam a postos várias mulheres, das quais Lucas cita aqui alguns nomes das que foram curadas de enfermidades e liberadas de obsessores (*pneuma ponerón*) e Marcos (15:10) acrescenta outros.

1. A primeira é Maria Madalena, cujo cognome provém de sua aldeia natal (ou de permanência), que é Mágdala (hoje *el-Medjdel*), na margem ocidental do lago, perto de Tiberíades. Dessa, o evangelista esclarece que havia sido libertada de sete espíritos desencarnados (*daímôn*). Este simples fato não significa que ela fosse mulher de vida pública: pode ter sido apenas uma perseguida pelos inimigos do astral.
2. Outra é “Joana, mulher de Cuza, procurador de Herodes”. O cargo atribuído a Cuza (em hebraico *Hózai*) é *epítropos*, ou seja, intendente, procurador. Temos a impressão de que se trata do mesmo *basilikós* (palaciano) de que nos fala João (4:46-54; vol. 2.º pág. 31-32) e que Joana, sua esposa era uma das irmãs de Maria (vol. 2.º pág. 112). Daí sua intimidade com Jesus, e portanto com os doze escolhidos, dois dos quais pelo menos (Judas Tadeu e Tiago) mas talvez três (Simão Zelotes) também eram “irmãos” de Jesus, e portanto sobrinhos de Joana; estava tudo, pois, em família.
3. De *Suzana*, a terceira citada (cujo nome significa “lírio”) nada sabemos. Seria outra das irmãs de Jesus ?
Acrescenta o evangelista: “e muitas outras”. Dessas muitas, conhecemos mais algumas pela informação de Marcos (15:40), quando fala das “mulheres que O acompanhavam”, citando na enumeração, em primeiro lugar, a mesma Maria Madalena; segue-se a ela:
4. *Maria, mãe de Tiago o menor e de José*, que também são chamados “irmãos” de Jesus (Mat. 13:55; cfr. Mat. 25:56), juntamente com Judas Tadeu e Simão. Portanto, tem-se a impressão de que essa Maria era casada com Alfeu-Clopas (vol. 2.º pág. 111) que, segundo Hegesipo (Euséb., Hist. Ecles. 3, 11, in *Patrol.* Graeca, vol. 20, col. 248) e segundo Epifânio (*Patrol.* Graeca vol. 42, col. 708) era irmão de José, o pai de Jesus.
5. Salomé, sem outra indicação, como sendo pessoa conhecida. Realmente, pensamos, tratava-se de uma das “irmãs” de Jesus, casada com Zebedeu, e mãe de Tiago o maior e de João o evangelista, os

quais, portanto seriam sobrinhos de Jesus. Salomé, pois, era "irmã" de Jesus por ser filha de um dos casais acima: Maria-Alfeu ou Joana-Cuza, e por isso foi enumerada como "irmã" de Jesus (v. vol. 2.º).

Teríamos, então (uma simples hipótese):



Esse grupo de mulheres atendia às necessidades de Jesus e dos demais discípulos, com seus bens (*tà hupárchonta*, bens, riquezas; cfr. Plut., Them. 5; Aemil. 4, etc.).

Não podemos qualificar esse modo de agir de "abuso", já que se tratava de gente com posses materiais e, na maioria, parentes próximos de Jesus.

Analisando rapidamente a situação possível (ou provável) teremos:

- I. *Pedro e André*, irmãos e sócios da firma de pesca, juntamente com Zebedeu e seus filhos *Tiago maior* e *João Evangelista*, todos representados por *Salomé* mãe dos dois últimos; portanto, grupo financeiramente bem provido.
- II. *Tiago o menor* e *Judas Tadeu*, filhos de Alfeu (Klopas), representados por sua mãe *Maria*.
- III. *Simão* (Zelotes?) representado por sua mãe Joana, esposa de Cuza, que sendo intendente de Herodes, percebia bons honorários, e por suas irmãs *Salomé* (Zebedeu) e *Maria*.
- IV. *Mateus*, ex-cobrador de impostos, que recebia proventos largos de seu escritório (telônio).
- V. De *Filipe*, *Natanael* (Bartolomeu), *Tomé* e *Judas* nenhuma notícia temos.
- VI. Duas das mulheres citadas (*Maria Madalena* e *Suzana*) parece terem sido criaturas independentes (não são citadas em conexão com nenhum nome masculino) e também favorecidas de bens (hipótese que se deduz do texto de Lucas sob exame).

Tratava-se, pois, de uma comitiva coesa, na qual cada um se dispunha a ajudar os outros, com a mais espontânea alegria e boa-vontade. Então, Amor e União entre aparentados, e nada de exploração.

A individualidade, para qualquer ação material neste planeta, depende da personalidade, seu único veículo de expressão. Não lhe é possível cuidar fisicamente do sustento, do vestuário e da moradia de seu corpo denso.

Mas, tendo que viver mergulhado na matéria, necessita de quem faça todas essas coisas para permitir-lhe chegar aos objetivos prefixados em sua tarefa. É pois servido, juntamente com suas faculdades, por uma série de amigos e amigas, que jamais a abandonam mas, ao contrário, põem todas as suas potencialidades e capacidades a serviço da individualidade. São seus veículos físicos e astrais, seus "corpos" densos mais ou menos, suas emoções, seus órgãos, suas células, etc.

Não há, portanto, condenação para aqueles que, tendo de ocupar todos os seus minutos no serviço do próximo, não dispõem de tempo para adquirir recursos materiais com que prover à subsistência.

A orientação de Jesus a esse respeito é bem clara: "dar de graça o que de graça se recebe", referindo-se exatamente à pregação, à cura de enfermos, a ressurreição de mortos, à limpeza de leprosos, à expulsão de obsessores; e acrescenta que nem sequer se deve carregar "ouro, nem prata, nem cobre, nem bolsas, nem viveres para o caminho, nem duas túnicas, nem calçado, nem bordão". Mas logo a seguir acrescenta: "o trabalhador é digno de seu alimento". Então, esclarece, ao chegar a uma cidade, indague-se quem é digno, e fique-se hospedado nessa casa (cfr. Mat. 10:7-11).

Portanto, nada de receber dinheiro pelos trabalhos espirituais executados. Mas, deve receber-se moradia e alimentos. Nada de mal, por conseguinte, que o trabalhador seja assistido em suas necessidades prementes por criaturas de posses, embora jamais deva receber pagamento.

O ensino é sábio e prudente e é comentado por Paulo na 1.^a Cor. 9:4 a 15 (cfr. ainda 1.^a Tim. 5:17-18). Se essa maneira de agir dá aso a muitos abusos, nem por isso deixa de ser uma orientação segura, a fim de permitir que a palavra do ensino possa propagar-se. Assim não fora, e os pregadores, sempre baldos de recursos, se veriam confinados a pequeno círculo de ouvintes no ambiente natal. Não há erro, evidentemente, se um grupo de interessados, ao desejar orientação de qualquer pregador, lhe pague as passagens e lhe forneça estada gratuita no local para onde se transfere. Errado estaria se, além disso, lhe "pagassem" o trabalho espiritual.

Aí temos, então, um ensinamento claro da individualidade (Jesus), através de seu próprio exemplo e de esclarecimentos prestados pela palavra, em outro local.

A PÁRABOLA DO SEMEADOR

Mat. 13:1-9

Marc. 4:1-9

Luc. 8:4-8

- | | | |
|---|--|--|
| <ol style="list-style-type: none">1. Naquele dia, saindo Jesus de casa, sentou-se junto ao mar;2. e chegaram-se a ele grandes multidões, de modo que entrou num barco e sentou-se; e o povo todo ficou de pé na praia.3. E muitas coisas lhes falou em parábolas, dizendo: 'O semeador saiu a semear.4. E quando semeava, parte da semente caiu à beira do caminho, e vieram as aves e a comeram.5. Outra parte caiu em lugares pedregosos, onde não havia muita terra; e logo nasceu, porque a terra não era profunda,6. e tendo saído o sol, queimou-se e, como não tinha raiz, secou.7. Outra caiu entre os espinhos e os espinhos cresceram e a sufocaram.8. E caiu outra na boa terra, havendo grãos que rendiam cem, outros sessenta, outros trinta por um.9. Quem tem ouvidos, ouça. | <ol style="list-style-type: none">1. De novo começou Jesus a ensinar à beira mar. E reuniu-se a ele grande multidão, de maneira que entrou num barco e sentou-se nele, no mar; e todo o povo estava na praia2. Ensinava-lhes, pois, muitas coisas por parábolas, e disse-lhes este seu ensinamento:3. Ouvi: o semeador saiu a semear.4. E aconteceu que ao semear, parte da semente caiu à beira do caminho, e vieram as aves e a comeram.5. Outra parte caiu em lugares pedregosos, onde não havia muita terra; e logo nasceu porque a terra não era profunda;6. E tendo saído o sol, queimou-se, e porque não tinha raiz, secou.7. Outra parte caiu entre os espinhos; e os espinhos cresceram e a sufocaram, e não deu fruto algum.8. Mas outras caíram na boa terra e, brotando, cresceram e deram fruto, e um grão produzia trinta, outra sessenta, e outro cem9. E disse: quem tem ouvidos para ouvir, ouça. | <ol style="list-style-type: none">4. Afluindo grande multidão e vindo ter com ele gente de todas as cidades, disse Jesus esta parábola:5. Saiu o semeador para semear sua semente. E quando semeava, parte da semente caiu à beira do caminho: foi pisada e as aves do céu a comeram.6. Outra parte caiu sobre a pedra; e tendo crescido, secou, porque não havia umidade7. Outra parte caiu entre os espinhos, e com ela cresceram os espinhos e a sufocaram.8. E a outra caiu na boa terra e, tendo crescido, deu fruto a cento por um. Dizendo isso, gritou dizendo: "Quem tem ouvidos para ouvir, ouça"! |
|---|--|--|



Figura “JESUS PREGA NA BARCA” - Desenho de Bida, gravura de Léopold Flameng

Novamente em Cafarnaum, após a "tourné" apostólica, Jesus volta à beira do lago, para novas instruções. As massas O comprimem e, mais uma vez (cfr. Luc. 5:3, vol. 2.º), toma o barco, onde se senta para falar ao povo.

Sendo grande a multidão e multiforme em sua capacidade, Jesus fala por meio de parábolas, esclarecendo, mais adiante, a razão de assim agir.

As parábolas são calcadas, de modo, geral, em fatos e situações conhecidas pelos ouvintes, colhidos da vida diária; dado que a maioria dos circunstantes era constituída de lavradores e pescadores, donas de casa e pequenos comerciantes, é dessas profissões que são tirados os exemplos.

Em Marcos, que guardou a narrativa mais pitoresca, a parábola começou com um convite à atenção: ouvi!

Vem o exemplo do semeador que espalha suas sementes pelo campo. Este é dividido em quatro partes: três que não dão resultados, e a Quarta produzindo muito fruto.

Os terrenos montanhosos e pedregosos do norte da Galiléia, com atalhos batidos a atravessar os campos, com espinheiros e cardos vigorosos a brotar quase espontaneamente, sem que eles dispusessem de meios para total erradicação; com trechos em que a crosta de pedra é rasa, recoberta apenas por delgada camada de terra, oferecia ampla margem de experiência pessoal aos ouvintes, para compreensão da historieta.

Como em todas as parábolas, os dados apresentados não precisam ser rigorosamente exatos, de acordo com a realidade: podem ser exagerados ou diminuídos, de forma a dar maior ênfase a este ou aquele aspecto do ensino. Assim, a modo de exemplo, nenhum campo da Palestina (e nem talvez de outras terras) produz a cem por um (apesar da afirmativa de Gên.26: 12 de que Isaac colhia "cem por um" em Gerase, no sul de Sefela). O rendimento normal das sementes vai de quatro a dez por um e mais raramente chega a um resultado ótimo de dez a vinte por um.

Também o fato de três quartas partes serem lançadas em terrenos sáfaros, demonstraria incapacidade do semeador, que não saberia escolher a terra boa para aí lançar suas sementes. Ora, isso não corresponde ao espírito do ensinamento, onde se quer salientar a incapacidade de quem recebe, supondo-se perfeita a capacidade de quem semeia.

Volta ao final "quem tem ouvidos, ouça", no sentido de "quem é capaz que entenda". Realmente, através dos ouvidos é que se capta a lição, que vai fixar-se no coração, onde será meditada e assimilada. Mormente naquela época, em que todo aprendizado era feito "de ouvido".

O comentário a este trecho cabe melhor no capítulo em que se trata da interpretação da parábola, algumas páginas adiante.

O REINO DOS CÉUS

MAT. 13:44-53

44. "O reino dos céus é semelhante a um tesouro que, oculto no campo, foi achado por um homem, que o escondeu; e levado por sua alegria, foi vender tudo o que possuía e comprou aquele campo.
45. O reino dos céus é também semelhante a um negociante que buscava boas pérolas;
46. e tendo achado uma de grande valor, foi vender tudo o que possuía e a comprou.
47. Finalmente o reino dos céus é semelhante a uma rede, que foi lançada ao mar, e apanhou peixes de toda a espécie;
48. e depois de cheia, os pescadores a puxaram para a praia; e, sentados, colocaram os bons nas vasilhas, mas jogaram fora os ruins.
49. Assim será no fim do ciclo: sairão os mensageiros e separarão os maus do meio dos justos,
50. e os lançarão na fornalha de fogo; ali haverá choro e ranger de dentes.
51. Entendestes todas estas coisas"? Responderam-lhe: "Entendemos".
52. Então acrescentou: "Por isso todo escriba, experimentado no reino dos céus, é semelhante a um pai de família que do seu tesouro tira coisas novas e velhas".
53. Tendo Jesus concluído estas parábolas, partiu dali.

Seguem-se mais três parábolas rápidas, próprias de Mateus, em que Jesus tenta fazer compreender o que é o "reino dos céus", sem defini-lo (por ser indefinível de natureza). Procede, pois, por meio de comparações de exemplos, de *símbolos*, para que possa ser bem percebido por quem tenha evolução capaz de compreendê-lo e para que sirva de tema de meditação para o povo que o não consegue.

1.º símbolo - Um homem descobre um tesouro num campo que lhe não pertence. Era comum esconderem-se os tesouros em moedas de ouro, prata ou bronze, a fim de evitar furtos. E quando ocorria o falecimento do dono, ali ficava enterrado até que um acaso feliz o fazia passar a outras mãos. Diz Flávio Josefo (Bell. Jud. 1, 7, 5. 2) que Tito descobriu numerosos desses tesouros, após a tomada de Jerusalém. E naquela época muitos tinham a "mania" de procurar tesouros enterrados.

O homem que descobre o tesouro tem, inicialmente, uma alegria irreprimível, que o faz sair apressado para vender tudo o que possui: móveis, alfaías, roupas, pratos, etc. e, com o apurado, vai comprar o terreno. Uma vez proprietário (a lei israelita reconhecia ao dono do campo a propriedade do solo e do sub-solo) pode apanhar legalmente o tesouro para si.

Discutem os exegetas a moralidade do ato, que não chega a ser um roubo ao antigo dono do terreno mas, de qualquer forma, não parece muito honesto. Todavia, não é esse aspecto que interessa à lição da parábola. A lição situa-se no fato de haver alguém descoberto algo tão precioso, que compensa o desfazer-se de tudo o que possui, para adquirir com qualquer sacrifício, o tesouro descoberto.

A interpretação comum é de que o tesouro representa o conhecimento à doutrina cristã, e o "reino dos céus" é o "céu" do "outro mundo", aquele "céu" em que as almas ficam o resto da eternidade a tocar harpa em cima das nuvens.

2.º *ímile* - Trata-se de um comerciante de pérolas que procura, viajando, belos espécimes. Encontrando um de alto valor, vende tudo o que possui para adquiri-la.

3.º *ímile* - A rede de pescar. A palavra grega é *sagênê*, que corresponde ao que denominamos "rede de arrastão". Consiste numa faixa, cujo comprimento varia de 4 a 50 metros, e a largura tem 2 a 3 metros, tendo chumbo de um lado e cortiça do outro. Uma ponta fica presa na praia, e sai um barco até o final da corda, e aí começa a lançar a rede em semi-círculo. Terminado o lançamento, a rede fica vertical, pelo jogo da cortiça e do chumbo, e o barco volta à praia com a outra ponta da corda. Aí os pescadores começam, em grupo, a puxar lenta e seguramente as cordas, sem solavancos, trazendo a rede, nesse arrastão, todas as espécies de peixe, bons e maus, grandes e pequenos. Ao chegar a rede à praia, trazendo, naturalmente, grande quantidade de peixes, os pescadores sentam-se na areia, colocando os bons no *ággê*, que é um vaso com água, de modo que o peixe permanece vivo. Os maus são restituídos ao mar.

Vem a seguir a comparação com o fim de ciclo (*en têi sunteleíai tou aiônos*) quando os mensageiros (anjos) separarão os maus dos justos, aqueles para a fornalha de fogo purificador do sofrimento, e estes ... não é dito para onde irão.

Pergunta Jesus se os discípulos entenderam, e recebe resposta afirmativa. Então conclui: "por isso todo estudioso experimentado no reino dos céus" (*pās grammateús matheteutheís têi basileíai tôn ouranôn*) ou seja, aquele estudante (sábio) que conquistou pelo estudo (meditação) a *experiência pessoal* do reino dos céus (como era o caso de Jesus em grau exponencial), "é semelhante a um pai de família que tira de seu tesouro coisas novas e velhas".

O termo *grammateús* exprime a idéia de "sábio", de "douto", de estudioso (cfr. A. Bailly, "Dictionnaire Grec-Français, Hachette, *ad verbum*).

Este trecho é de suma importância para compreensão do pensamento de Jesus a respeito do "reino dos céus"; por ele torna-se evidente que "reino dos céus" não é um lugar geográfico, só conquistado após o desencarne. Longe disso: é um estado d'alma, diríamos quase que uma situação teológica e teofânica, daqueles que conquistaram o Encontro Místico com a Consciência Cósmica, ou melhor, a unificação com o Cristo Interno ou Eu Profundo.

Jesus jamais definiu nem descreveu essa realização, porque, na realidade, ela é por si mesma indefinível e indescritível. Limitou-se a estabelecer comparações, mediante as quais os homens pudessem ter uma idéia aproximada do que Ele ensinava.

Que o "reino dos céus" é a unificação com a Centelha Divina, o Pai, que está DENTRO DE NÓS (cfr. Luc. 17:21), como Cristo Cósmico, provam-no as expressões usadas por Jesus. Por exemplo, quando diz entrar no reino dos céus. Com efeito, é indispensável que a criatura entre, penetre, mergulhe (batismo!) dentro de si mesmo, para conseguir a unificação. Então, para entrar no reino dos céus, é necessário que o homem entre em si mesmo (porque "o reino dos céus está dentro de vós"), e aí dentro tenha o Sublime Encontro ("o Pai que habita dentro de vós, no secreto") e se unifique ao Cristo Cósmico.

A descoberta dessa verdade, ou melhor, a experiência dessa realidade, é o MAIOR TESOURO que o encarnado pode conquistar na Terra. Dai a precisão da comparação parabólica dos dois primeiros símiles apresentados. Tanta é a segurança do ensino que, tanto o tesouro se acha enterrado no coração do solo, quanto a pérola se encontra mergulhada no âmago do oceano.

O movimento do homem para descobrir o tesouro e para pescar a pérola é o mesmo: é a penetração em profundidade; só que esse movimento deverá verificar-se para dentro de si mesmo. Mas uma vez encontrada a "riqueza" que se buscava, logo se reconhece o valor incomparável dessa descoberta. Tomado então de grande alegria, vai vender tudo o que possui, para entrar na posse definitiva do tesouro ou da pérola. Não mais lhe interessam bens materiais (corpo físico), nem prazeres da mesa (sensações), nem gozos e amores terrenos transitórios (emoções), nem cultura livresca (intelecto): o único interesse reside na REALIDADE SUBSTANCIAL DO SER.

Entretanto, pode ocorrer o perigo de "tomar-se a nuvem por Juno", e de julgar-se que se encontrou a Verdade, quando apenas se trata de mais uma ilusão. Daí a necessidade de mais uma parábola, a fim de esclarecer que é indispensável uma triagem e uma escolha criteriosa, guardando-se o que é bom e lançando fora o que não presta.

Assim o terceiro símile compara o reino dos céus a uma rede que apanha toda espécie de peixes. De fato, o homem que busca a verdade, lança seus tentáculos para tudo o que lhe parece dourado. Mas "nem tudo o que reluz é ouro"; então há necessidade de discernir o bom do mau, o pior do melhor.

Cremos que isto diga respeito aos caminhos que os homens pregam como infalíveis para conseguir a "felicidade espiritual" ou, mais exatamente, um "reino dos céus" que é externo, que será agregado a nós de fora, como o verniz que torna o móvel mais belo. Esse erro básico tão comum pretende que o homem terá que "fazer" ações exteriores para "revestir-se da imortalidade". E os conceitos parecem tão sólidos e os raciocínios tão lógicos, que muitos de inteligência e cultura se deixam embevecer e arrastar a experiências que amanhã os deixarão frustrados. Daí a imperiosa necessidade de a criatura "sentar-se" em meditação, para escolher o que há de bom na rede que ele passou pelos autores espirituais, e recolher no vaso para si; mas o que não for bom nos ensinamentos religiosos de promessas que ninguém pode garantir, isso será devolvido ao mar.

Quando o homem tiver atingido essa capacidade de discriminar o certo do errado, estará então apto a seguir sozinho o seu caminho, sem precisar de guias, de mentores, quer encarnados, quer desencarnados .

Depois vem uma palavra clara: "assim será no fim do ciclo"; muitos entendem com essas palavras o "juízo final" e o fim do mundo. Não vemos razão para isso. Trata-se do fim de um ciclo de vida, de um século (uma geração), de acordo com o sentido etimológico do termo. A cada regresso ao mundo espiritual, no fim de um ciclo na Terra (onde bons e maus se misturam sem nenhuma distinção), vêm os mensageiros encarregados da triagem e separam, pelas próprias vibrações pessoais de cada um, os justos - que seguirão seu caminho evoluído - dos maus, que novamente serão lançados "na fornalha de fogo", ou seja, em nova encarnação, num corpo de carne, onde o fogo do sofrimento purifica o espírito; e "ai haverá choro e ranger de dentes", que é exatamente o quadro que temos diante de nossos olhos, diariamente, neste planeta.

Como conclusão do trecho, encontramos uma frase algo enigmática para o sentido comum, mas perfeitamente clara para a interpretação que vem sendo dada: e por isso todo estudante experimentado (com experiência pessoal) no reino dos céus (como poderia tratar-se de algo que viesse após a morte?) é semelhante a um pai de família (a um adulto de mentalidade amadurecida, por causa dos filhos que produziu, isto é, das obras que realizou) que tira de seu tesouro (de seu conhecimento) coisas novas e velhas" (a sabedoria atual e a antiga).

O homem que vive unificado com o Cristo Cósmico tem pleno e total conhecimento experimental de tudo o que já foi dito ontem e de tudo o que está sendo dito agora e que o será no futuro; e essa sabedoria é seu tesouro inalienável e incorruptível, porque se tornou a própria essência do espírito.

RAZÃO DAS PARÁBOLAS

Mat.13:34-35

Marc. 4:33-34

- | | |
|--|---|
| <p>34. Todas estas coisas falou Jesus ao povo em parábolas, e nada lhes falava senão em parábolas,</p> <p>35. para que se cumprisse o que foi dito através do profeta: "abrirei em parábolas a minha boca, e divulgarei coisas ocultas desde a criação".</p> | <p>33. E com muitas parábolas semelhantes dirigia-lhes a Palavra, conforme podiam compreendê-la;</p> <p>34. e não lhes falava senão em parábolas; mas em particular explicava tudo a seus discípulos.</p> |
|--|---|

Foi nessa ocasião da "fala do Lago" de Genesaré, que Jesus iniciou seu ensino por meio de parábolas.

O evangelista explica a razão delas, num pequeno verso de ritmo binário, em que se afirma e se nega: tudo em parábolas, nada senão em parábolas. Ou seja, a predição mediúnica *através* do profeta, no Salmo 79 (vers. 2). O Salmo é citado no Velho Testamento como de autoria de Asaph, qualificado como profeta por 2.º Crôn. 28:30.

Marcos é mais explícito, afirmando que Jesus falava de acordo com a capacidade dos ouvintes, só explicando o sentido real a seus discípulos.

As anotações de Mateus e Marcos fazem uma revelação que já alguns comentadores perceberam. Pirot ("La Sainte Bible", tomo IX, pág. 451) escreve: "é preciso salientar a finalidade pedagógica das parábolas. Jesus a elas recorre diante do povo para dar seu ensinamento, tòn lógon, isto é, a doutrina concernente ao reino de Deus, e fê-lo por bondade, para colocar seu ensino ao alcance dos ouvintes, como o fez para seus apóstolos (Jo. 16:12) e como fará a seu exemplo, Paulo aos coríntios (1 Cor. 3:2)".

Com efeito, tendo verificado que seu ensino, dado clara e abertamente no Sermão do Monte, não tinha atingido senão uma minoria (a parábola do semeador é uma justificativa disso, quando afirma que três quartas partes de Suas palavras caíram em terreno ruim e não produziram fruto), Jesus resolve modificar Sua didática.

O assunto a explicar, a doutrina do Lagos (ou Cristo Cósmico) e a necessidade do mergulho e da uni-ficação com o Cristo interno, eram demais elevadas para as massas. A não-compreensão espantava os ouvintes e os afastava. Eles não tinham capacidade de penetrar os segredos "do reino", por se acharem em degrau evolutivo muito baixo.

Já falando em parábolas, o ensino era dado da mesma maneira, mas ia cilitava a percepção, como veremos adiante.

Aos discípulos, que tinham maior capacidade evolutiva de compreensão, era tudo explicado, embora, por vezes, não entendessem bem, e Jesus se queixa disso com certa decepção (Marc. 4:13).

A EXPLICAÇÃO DAS PARÁBOLAS

Mat. 13:10-15 e 18-23

Marc. 4:10-25

Luc. 8:9-18

10. Chegando-se a ele, os discípulos perguntaram: "Por que lhes falas em parábolas"?
11. Respondendo, disse lhes: "Porque a vós é permitido conhecer os segredos do reino dos céus, mas a eles não lhes é permitido.
12. Pois ao que tem, lhe será dado e terá em abundância; mas ao que não tem, até aquilo que tem lhe será tirado.
13. Por isso lhes falo em parábolas, porque vendo, não vêem, e ouvindo não ouvem nem entendem.
14. Para eles se está cumprindo a profecia de Isaías, que diz: "Sim, ouvireis, e de nenhum modo entenderéis; sim, vereis, e de modo algum perceberéis,
15. porque o coração deste povo se coagudou e seus ouvidos tornaram-se pesados e eles fecharam os olhos; para que, vendo com os olhos e ouvindo com os ouvidos, não suceda que entendam com o coração e se voltem, e eu os sare".
-
18. Ouvi, a parábola do semeador.
19. Quando alguém ouve a Palavra do reino e não compreende, vem o mau e tira o que foi semeado em
10. Quando se achou só, os que estavam em redor dele junto com os doze pediram a (explicação da) parábola.
11. E ele disse-lhes: "A vós é permitido conhecer o segredo do reino de Deus; mas aos de fora tudo se lhes propõe em parábolas,
12. para que vendo, vejam, e não percebam; e ouvindo, ouçam, e não entendam; para que não suceda que se voltem e sejam resgatados seus erros".
13. E perguntou-lhe: 'Não percebeis esta parábola? e como entenderéis todas as parábolas?
14. O semeador semeia a Palavra.
15. Os que se acham à beira do caminho, onde a Palavra é semeada, são aqueles de quem, depois de a terem ouvido, vindo logo o adversário, tira a Palavra que foi semeada em seus corações.
16. Igualmente os semeados em lugares pedregosos são os que, ouvindo a Palavra, imediatamente a recebem com alegria;
17. e não têm raiz em si, mas duram pouco tempo; depois, sobrevindo tribulação ou perseguição por causa da Palavra, logo se escandalizam.
18. Os outros, semeados entre
9. Seus discípulos perguntaram-lhe o que significava essa parábola.
10. Respondeu-lhes Jesus: "A vós é permitido conhecer os segredos do reino de Deus, mas aos outros se fala em parábolas para que, vendo, não vejam; e ouvindo, não entendam.
11. A parábola é esta: a semente é a Palavra de Deus.
12. Os que estão à beira do caminho, são os que ouviram; então vem o adversário e tira a Palavra de seus corações, para que não suceda que, crendo, se salvem.
13. os que estão sobre a pedra são os que, quando ouvem, recebem a Palavra com alegria; estes não têm raiz e crêem por algum tempo, mas na hora da provação voltam atrás.
14. A parte que caiu entre os espinhos, estes são os que ouviram mas, seguindo seu caminho, são sufocados pelas preocupações, pelas riquezas e pelos prazeres da vida, e não levam o fruto à maturidade.
15. E a que caiu na boa terra, estes são os que, tendo ouvido a Palavra com coração bom e perfeito, a retêm e dão fruto com perseverança.

- seu coração: esse é o que foi semeado à beira do caminho.
20. O que foi semeado nos lugares pedregosos, é quem ouve a Palavra e logo a recebe com alegria,
21. mas não tem em si raiz, então é de pouca duração; e sobrevindo tribulação ou perseguição por causa da Palavra, logo se escandaliza.
22. O que foi semeado entre os espinhos, é quem ouve a Palavra, mas as preocupações desta vida e a ilusão das riquezas abafam a Palavra, e ela se torna infrutífera.
23. E o que foi semeado na boa terra é quem ouve a Palavra e o compreende, e verdadeiramente dá fruto, produzindo uns a cento, outros a sessenta e outros a trinta por um.
- os espinhos, são os que ouvem a Palavra,
19. e entrando as preocupações da vida e a ilusão das riquezas e a cobiça de outras coisas, abafam a Palavra e ela fica infrutífera.
20. E os semeados em boa terra são os que ouvem a Palavra e a aceitam, e produzem fruto, um a trinta, outro a sessenta e outro a cem por um".
21. E disse-lhes: "Porventura vem a lâmpada para se por debaixo de um balde ou debaixo da cama? não é antes para se colocar no castiçal?
22. Porque nada está oculto, senão para ser manifesto; e nada foi escondido senão para ser posto à luz.
23. Se alguém tem ouvidos para ouvir, ouça'.
24. Também lhes disse: "Atentai ao que ouvis. A medida com que medis, com essa vos medirão e se vos acrescentará.
25. Pois ao que tem, lhe será dado; e ao que não tem, até aquilo que tem lhe será tirado".
16. Ninguém, depois de acender uma lâmpada, a cobre com vaso, nem a põe debaixo da cama; mas ao contrário, coloca-a num castiçal, a fim de que os que entram vejam a luz.
17. Porque nada há oculto que não se torne manifesto, nem há nada secreto que se não haja de saber e vir à luz.
18. Atentai, pois, como ouvis, porque, ao que tiver, lhe será dado; mas ao que não tiver, até aquilo que pensa ter lhe será tirado.

No texto de Mateus, a frase "chegando-se a ele" vem demonstrar que este trecho não é imediato no tempo ao anterior. A pergunta dos discípulos só pode ter sido feita depois de dissolvida a multidão, e talvez depois de terem regressado a casa.

A pergunta, além disso, é feita no plural: "por que lhes falas em parábolas", supondo que várias já tinham sido ensinadas. Ora, é justamente na "fala do Lago" que Jesus começa esse novo sistema didático, já que anteriormente apenas algumas sentenças parabólicas haviam sido proferidas (cfr. Marc. 3:23 e Luc.3:23 e 39) além de algumas comparações (cfr. Mat. 7:24-27; 9:15-17; 12:43-45).

Marcos salienta que os discípulos o interrogaram quando ele estava "a sós" (*katà mónon*).

A modificação da maneira de ensinar tem razão profunda. Até aqui Jesus dava Seus ensinamentos morais com rápidos acenos ao "reino dos céus". Mas a partir deste momento começará a revelar os segredos (*tà mystéria*) da doutrina do Logos e da obtenção do reino dos céus, coisas para as quais o povo não estava preparado naquela época (como ainda o não está, na sua maioria). E aqui nos recordamos do aviso prévio dado por Jesus, quanto à prudência e discrição que se deveria ter no ensinamento:

"Não dareis as coisas santas aos cães" (Mat. 7:6). De fato, ao falar do "reino", os ouvintes daquela época interpretaram Suas palavras de acordo com a expectativa deles: a restauração do reino de Israel, consequente à expulsão dos romanos; e ainda durante milênios, igualmente, continuaram Suas palavras a ser interpretadas erroneamente pela maioria, como a obtenção de um céu "no outro mundo". Poucos perceberam a realidade do ensino, de que o "reino dos céus" é interior a nós mesmos, e se obtém aqui mesmo na Terra, com o Encontro e a Unificação com o Cristo Interno.

Examinemos o texto.

A resposta de Jesus começa com a declaração de que aos discípulos é dado (permitido) conhecer os segredos do reino dos céus. Ai é empregada a palavra *tà mystéria*, único lugar em que aparece nos evangelhos (no plural em Mateus e Lucas, no singular em Marcos), embora seja de uso frequente em Paulo (21 vezes) e no Apocalipse (4 vezes). Entre os gregos significava a doutrina religiosa secreta ou oculta, que só era revelada aos iniciados.

Os *segredos* principais são: que o reino dos céus não é externo, mas interno; não vem com o rumor das vitórias, nem com o aplauso popular, mas com o silêncio da meditação; não chega com o orgulho do vencedor, mas com a humildade do vencido; não é obtido com a raiva de quem derrota um inimigo, mas com o amor de quem ama os adversários, como verdadeiros benfeitores; não é conseguido após a passagem pela cova escura do túmulo, mas enquanto estamos na carne; não é "deste mundo" de lutas personalísticas, mas é do mundo espiritual em que, embora na carne, vive o Espírito, a individualidade; não é constituído de títulos de soberania nem de superioridade hierárquica, mas de vivência interior, sem aparências exteriores; não é uma conquista visível aos outros, mas se realiza no secreto do próprio coração onde habita o Pai.

Vem depois a frase que parece enigmática e até, segundo alguns, injusta: "a quem tem, lhe será dado em abundância; mas a quem não tem, até o que tem lhe será tirado", frase que é repetida após a parábola dos talentos (Mat.25:29). Essa frase introduz a explicação de Jesus, em resposta à pergunta sobre a razão de ser da ensino parabólico.

Mateus e Marcos trazem o texto de Isaías (6:9-10), que Lucas apenas resume. Ambos atribuem a Jesus a citação do profeta segundo a versão dos LXX.

Como já vimos, o grego koiné era a língua comum da Palestina desde o domínio romano, que começara duas gerações antes do nascimento de Jesus, ou seia, desde o ano 63 A.C. (Flávio Josefo, Ant. Jud. 14,3,3 a 4,2; Bell. Jud., 1, 6,4 a 7,5, Dion Cassius, 37,16; Estrabão, 16, 2, 40; Tito Lívio, Epítome, 102; Tácito, Hist. 5,9, etc.). Por isso é que a quase totalidade das citações do Antigo Testamento são feitas segundo a tradução grega dos LXX, e não pelo original hebraico, língua que, desde o regresso do cativo da Babilônia, não era mais compreendida pelo povo, que passara a falar aramaico (dialeto de palavras hebraicas misturadas ao assírio, entre cujo povo viveram os israelitas do 8.º ao 6.º séculos A. C.). Os israelitas foram levados para a Babilônia em diversas levadas (nos anos 705, 606, 598, 588 e 582 A. C.) e de lá foram trazidos em duas etapas principais, em 536 com Zorobabel e em 459 com Esdrios, que escreveu: "e seus filhos falavam metade de suas palavras na língua de A. hdod (assírio) e não podiam falar a língua dos judeus, mas a de um e de outro povo" (Neem., 13:24).

Jesus faz suas as palavras de Isaías, e aprova o texto dos LXX contra o do hebraico, que foi escrito por ocasião da vocação do profeta em 740 A.C., ano em que desencarnou o rei Osias. E explica: o fato "de verem (lerem) e não entenderem (o sentido profundo real) e de ouvirem e não perceberem (esse sentido), provém de que seu coração (sua mente) está enregelado (pela vaidade e pelo egoísmo); então, eles fecham os olhos e tapam os ouvidos (para não serem obrigados a aceitar a interpretação correta; e isso lhes é permitido) para que, vendo (lendo) com os olhos, e ouvindo com os ouvidos, não suceda que entendam com o coração (a mente) e se voltem e eu os sare", porque a eles NÃO INTERESSA a cura (libertação) das coisas materiais do mundo, às quais estão apegados em profundidade.

Não é que Jesus os faça não entender, porque Ele não quer que se convertam e sejam libertos; não é isso. É o contrário: eles NÃO QUEREM voltar-se (converter-se) nem ser libertados (sarados) e POR ISSO fecham os olhos e tapam os ouvidos.

Não há pois intenção malévola da parte da Divindade, mas apenas má-vontade, por ignorância e involução, da parte dos próprios homens que, embora na consciência atual *digam* que querem converter-se, na realidade *em seu subconsciente não no querem*.

Então, o fato de falar em parábolas não é um castigo de Deus; mas antes ao contrário: é uma prova de misericórdia, pois permite às criaturas que tenham tempo de ir evoluindo, e a cada nova encarnação possam ir aprofundando o sentido oculto das parábolas, conseguindo assim atingir a realidade total do ensino de Jesus. Então, não é castigo, como disseram alguns comentadores antigos e modernos, mas um ensino que deveria ir sendo compreendido gradativamente pela humanidade, à proporção que fossem evoluindo os homens. Mas era indispensável que o ensino fosse dado na oportunidade da permanência de Jesus na Terra, e o melhor meio era exatamente esse: parábolas que iriam sendo interpretadas segundo os sete planos (veja vol. 2) até a compreensão final que ainda está para chegar à Terra.

As palavras de Isaías são citadas também por Paulo (At. 28: 23-28) e por João (12:37-41).

A explicação da parábola do semeador é dada por Jesus numa interpretação alegórica e metafórica, dizendo que a semente é a palavra de Deus e apresentando quatro situações:

- a) a primeira categoria é a dos que não compreendem a palavra do reino e o "mau" (a ignorância) desfaz o efeito do ensinamento;
- b) a 2.^a é a dos que ouvem a boa-nova, mas não têm preparo espiritual para com ela superar as dores e tribulações, desesperando por qualquer coisa;
- c) a 3.^a é a dos que ouvem e gostam do ensino, mas o colocam em posição secundária, pois acima dele estão os interesses da vida e as riquezas; e
- d) a 4.^a é a dos que realmente respondem aos apelos e o fazem em diversos graus: 30, 60 e 100 por um.

Há algo mais a compreender nesta lição.

Jesus começa a explicar a finalidade principal de Sua descida à Terra: ensinar aos homens a Unificação com o Pai que em nós habita; o Pai, que está nos céus, e que portanto constitui o reino dos céus, o qual está dentro de nós e por isso, o meio de conseguir a união é o mergulho no fogo e no Espírito (batismo), dentro de cada um.

Mas a humanidade não estava preparada para um passo tão grande à frente e havia necessidade de muita discrição e prudência na revelação dos "segredos do reino", e dos "mistérios do Logos".

Realmente, todos os ensinamentos morais foram dados abertamente, e neles nada encontramos além do que os outros avatares anteriores a Jesus haviam ensinado: Crishna, Hermes, Buddha, Lao-Tseu, Zoroastro, Moisés, Pitágoras. Mas esse passo definitivo de liberação total veio por meio de Jesus, embora tivesse sido antecipado em parte, ocultamente por alguns de Seus predecessores.

Então, quando os discípulos (personalidades-iluminadas) pedem explicação, a individualidade (Jesus) estranha que "nem eles" sabem penetrar o sentido profundo ... Então limita-se a dar, para efeito de divulgação, uma interpretação alegórica (nível das emoções) e metafórica (nível do intelecto) (vol. 2). Era a única que podia ser publicada para a época em que Jesus visitou o planeta e também a única que perduraria séculos, já que dirigida à personalidade. Ignoramos se secretamente foi dada aos discípulos a interpretação para a individualidade.

De qualquer forma, pelas palavras de Isaías que Jesus cita, deduz-se que sim. Porque, na realidade, Ele lhes adverte que não adianta "forçar", pois os homens que não superaram ainda as sensações (físico-etéricas), as emoções (astral-animal), e o intelecto, NÃO PODEM perceber com o coração e volta-se para o seu interior onde habita o Pai, e portanto NÃO PODEM conseguir a liberação. Eles

amam a prisão da gaiola dourada da carne com suas ilusões. Então há de ser o ensino dado gradativamente, para não causar traumas, já que "a evolução (natureza) não dá saltos".

Vem agora a explicação, que divide os homens na realidade em seis categorias, e não em quatro como parece à primeira vista:

- 1. A primeira categoria é a dos que estão presos às sensações (físico-etéricas) e que portanto se deixam influir pelo mau, isto é, pelo diabo-satanás (ver vol. 1), que é exatamente o corpo físico, ou melhor, matéria em geral, o pólo negativo. Por esses, que mais amam o corpo e suas comodidades e conforto acima de tudo, a doutrina da Palavra (do Logos) não chega a ser nem sequer compreendida, pois é julgada "loucura", sonho, tolice, etc. ... Eles se acham "à beira do caminho", ou seja, à margem da espiritualidade, totalmente enterrados na matéria, com espírito bem materializado ainda. Qualquer aceno ao Logos é jogado fora pela preponderância das sensações físicoetéricas.*
- 2. A segunda é a dos que vivem presos à animalidade, e portanto com preponderância das emoções (corpo astral), e nesse setor se inclui a maioria esmagadora da humanidade. Deixam-se levar pelo gosto e desgosto, pelo prazer e desprazer, pela simpatia e antipatia, pelo amor e pelo ódio, pela alegria e pela dor, encontrando a estrada da vida erizada de pedras e escolhos, que representam os carmas negativos, os resultados ruins de ações e pensamentos de vidas anteriores. Esses ouvem a doutrina do Logos ("recebem a Palavra") com alegria, mas quando sofrem os embates da própria vida, os sofrimentos e ingratidões (quando tropeçam nas pedras), se escandalizam (já vimos que "escandalizar" em grego significa "tropeçar") e arrepiam carreira. Quantos vemos que, bem iniciados na senda, ao primeiro revés retrocedem amedrontados e, como disse Jesus, escandalizados, porque julgam que, uma vez na estrada certa, o sofrimento e as pedras do caminho DEVERIAM ser retirados para que sua jornada fosse de rosas ... Acham-se, então, COM DIREITO a certos privilégios ... A raiz deles é pequena: qualquer contrariedade maior ou palavra ou "falta de consideração" é suficiente para afastá-los do espiritualismo. Dizem que "aquele meio" não serve para eles e vão de grupo e à procura de uma coisa que jamais encontrarão, pois só a achariam dentro deles mesmos.*
- 3. A terceira categoria é a daqueles que já se encontram com o intelecto mais desenvolvido, e portanto apresentam certo domínio sobre as emoções, embora estas ainda tenham bastante influência nas decisões intelectivas. Ocorre, então, que vivem como que entre "espinheiros", que são constituídos pelos cuidados e "preocupações da vida", pela "ilusão das riquezas", pela "cobiça de tantas outras coisas" transitórias, que são verdadeiras ilusões. Esses ouvem e até gostam, chegam mesmo a compreender a doutrina do Logos, o segredo da Unificação com o Pai. Mas NÃO PODEM fazê-las frutificar, porque estão muito OCUPADOS com suas atividades terrenas. A frase comum a esse grupo de pessoas é: NÃO TENHO TEMPO ... E tudo o que ouvem e aprendem fica infrutífero.*
- 4. A quarta categoria é a dos que se iniciam na senda: ouviram a Palavra, aceitaram-na com amor, querem vivê-la. Para isso, buscam perceber a presença e a ação de sua individualidade. Começam a distinguir entre a realidade do Espírito (dando-lhe supremacia) e a ilusão da matéria e das coisas materiais; já compreendem a necessidade de dedicar algum tempo de sua vida às orações e meditações que visam à busca do Eu Interno, e de fato dedicam parte de suas horas a esse mister. Então, a Palavra produz trinta por um, o que já apresenta bom resultado, embora pudessem, realmente, fazer um pouco mais.*
- 5. A quinta categoria compreende aqueles que já aprofundaram mais o espiritualismo, que já conseguiram penetrar certos mistérios ou segredos do reino, que já obtiveram o mergulho na Consciência Cósmica, embora tivesse sido apenas por alguns minutos, sem permanência constante; mas já sentiram a REALIDADE palpavelmente. Homens que superaram todo ilusionismo material e vivem na ânsia e da ânsia do Encontro Sublime e da Unificação total, e para obter isso tudo fazem: exercícios, ásanas, meditações, etc. São os "místicos" no sentido legítimo do termo, que já experimentaram a realidade do Espírito e dessa realidade tem lampejos seguros, nos mergulhos embora*

ocasionais que conseguem. O fruto é recolhido numa proporção bem maior que a anterior, a sessenta por um.

6. *Finalmente a sexta categoria é a daqueles que já obtiveram a união, ou melhor a Unificação Total e permanente com o Cristo Interno, e portanto já se tornaram Cristificados, conseguindo, pois, a libertação plena, e produzindo uma frutificação de cem por um. Já são "filhos do Homem", como os grandes avatares.*

Apenas para dar uma idéia de como, mesmo os considerados grandes espíritos não conseguiram sair da materialidade do corpo denso, dando muito maior importância ao físico que ao espírito, observem-se estas interpretações:

Agostinho - 100 por 1, os mártires, 60 por 1, as virgens; 30 por 1, os casados.

Jerônimo - 100 por 1, os que observam a continência; 60 por 1, as viúvas; 30 por 1, os casados que se conservam castos.

Teofilacto - 100 por 1, os anacoretas; 60 por 1, os cenobitas e religiosos conventuais; 30 por 1, os casados.

Como se vê, a importância toda é dos atos físicos e do corpo físico, porque, para eles, a espiritualidade é o resultado dos atos e das atitudes externas e materiais.

* * *

Em Marcos aparece aqui uma advertência a respeito da lâmpada, que foi vista em Mateus (5:14-16) por ocasião do Sermão do Monte, e em Lucas (11:33-36) (ver vol. 2). Deixamos aqui, porque se adapta bem, no vers. 22 ao espírito da parábola.

A frase "nada está oculto senão para ser manifesto e nada foi escondido senão para ser posto à luz" é um alerta para que, os que podem aprofundem o sentido. E mais, exprime que essa "ocultação" é proposital: foi oculto com a finalidade de ser descoberto por quem o possa. Assim também a frase seguinte: "quem tem ouvidos, ouça", chama nossa atenção para o sentido profundo que se oculta sob as palavras, ensinando-nos que devemos atinar não apenas com a alegoria e a metáfora (ditadas por Ele), mas ainda com os planos simbólico, místico e espiritual.

Além disso, não esquecer de que aqueles que conseguem penetrar o segredo do reino ("procurai o reino de Deus e sua perfeição") terão tudo o mais por acréscimo. Mas o "que o não conseguirem, perderão até o pouco que julgavam ter. Quantos, após uma vida inteira dedicada ao sacerdócio, ao ministério, ao mediunismo mais puro, se acham depois do túmulo de mãos vazias: puderam até o pouco que julgavam ter, porque estavam na direção errada, já que buscavam Deus fora de si mesmos, e serviam a Deus através das vaidades e honras humanas.

VENTANIA ACALMADA

Mat. 8:18 e 23-27

Marc. 4:35-41

Luc. 8:22-25

18. Ora, vendo Jesus a multidão em redor de si, mandou passar para a outra margem (do lago).
.....
23. E entrando ele no barco, acompanharam-no seus discípulos.
24. Surgiu então no mar tão grande agitação que as ondas cobriam o barco; mas Jesus dormia.
25. Aproximando-se, os discípulos o acordaram dizendo: "Salva-nos Senhor, que perecemos"!
26. Ele lhes disse: "Por que temeis, homens de pequena fé"? Então erguendo-se, repreendeu os ventos e o mar, e fez-se grande calmaria.
27. E os homens se maravilharam, dizendo: "Quem é esse, que até os ventos e o mar lhe obedecem"?
35. Naquele dia, ao cair da tarde, lhes disse: "Passemos para o outro lado (do lago)".
36. Deixando eles a multidão, levaram-no assim como estava no barco; e estavam com eles outros barcos.
37. E levantou-se grande turbilhão de vento e as ondas caíram no barco, de modo que já se enchia.
38. E ele estava dormindo na popa sobre o travesseiro; e eles o acordaram e lhe perguntaram: "Mestre, não te importas que pereçamos"?
39. Tendo ele acordado, repreendeu o vento e disse ao mar: "Cala-te! Fica amordaçado"! E cessou o vento e houve grande calmaria.
40. Então lhes perguntou: Por que sois tão medrosos? Como ainda não tendes confiança"?
41. E eles, cheios de medo, diziam uns aos outros: "Quem é este, que até o vento e o mar lhe obedecem"?
22. E aconteceu que, num daqueles dias, entrou num barco com seus discípulos e disse-lhes: "Passemos para o outro lado do lago". E partiram.
23. Enquanto eles navegavam, ele adormeceu. E desabou um turbilhão de vento sobre o lago e o barco se encheu e estavam em perigo.
24. Aproximando-se, despertaram-no, dizendo: "Mestre, Mestre, perecemos"! Tendo ele acordado, repreendeu o vento e a fúria da água, e cessaram, e houve calmaria.
25. Então lhes perguntou: "Onde está vossa confiança"? Eles, aterrorizados, admiraram-se, dizendo uns aos outros: "Quem é este, afinal, que manda aos ventos e à água e eles lhe obedecem"?

Ao cair da tarde, já tendo terminado o ensino, Jesus ordena que se passe "para o outro lado". A frase era suficiente, num país como a Palestina, dividido ao meio de norte a sul pelo rio Jordão e seus lagos (Mar Morto e Lago de Genesaré, o qual, no domínio romano, passara a denominar-se Mar de Tiberíades), formando a faixa ocidental (Cisjordânia) e a oriental (Transjordânia).



Figura “VENTANIA NO LAGO”

O evangelista anota o pormenor de que Jesus foi "assim como estava", ou seja, não desceu à terra para apanhar o manto, recomendável numa travessia do lago durante o frio da noite, a 200 metros abaixo do nível do mar, onde as variações climáticas são bruscas.

O lugar de honra situava-se na popa, perto do leme, e o passageiro sentava-se geralmente num tapete velho, apoiando-se num travesseiro de couro. Recostando-se, cansado - embora a elevação espiritual extraordinária, possuía um corpo físico, e portanto estava sujeito ao cansaço - adormeceu para refazer as células fatigadas pelo trabalho exaustivo dos últimos dias, sobretudo pelo magnetismo gasto nas curas. Note-se que esta é a única vez em que os Evangelhos nos apontam Jesus a dormir.

O barco seguia normalmente sua rota para a margem oriental, quer impelida pelos remos, quer, mais possivelmente, pela vela que aliviava os braços dos discípulos.

A agitação violenta das águas do Tiberíades, provocada por correntes de ar que descem pelo vale do Jordão, são, ainda hoje, tão repentinas, que é difícil prevêê-las. Marcos e Lucas a chamam *lailaps*, isto é, um "turbilhão de vento".

Os barcos aprumam-se na crista das vagas de até dois metros, abatendo-se a seguir nos sorvedouros, enquanto os vagalhões passam por cima do barco, "cobrindo-o" literalmente e perigosamente adernando-o. Não é incomum, porém, terminar como começou: rapidamente. Pelas palavras dos três evangelistas, é disso que se trata, e não propriamente de "tempestade" com chuvas e trovoadas. Era, pois, um vendaval mais violento que os comuns, de modo a assustar os pescadores, tão acostumados ao seu lago, que lhes dava o sustento.

Segurando-se nos bancos, chegaram até Jesus e o despertaram do sono, bastante pesado, a ponto de não ter sentido a ventania. Após pequena repreensão aos discípulos pela falta de confiança manifestada, usando um termo que era corrente entre os rabinos e no linguajar de Jesus (*oligópistoi*), Jesus er-

gue-se e comanda aos ventos, em primeiro lugar, por serem a causa; e em seguida ao mar; e imediatamente fez-se acalmaria (em grego foi usado o termo técnico, *galéné*).

As ordens, citadas só por Marcos, são curtas. Ao vento: cala-te; ao mar, fica amordaçado. É difícil traduzir exatamente o termo grego *pephimôso*, que é o imperativo perfeito passivo de *phimôo*, tempo que não possuímos nas línguas românticas, nem mesmo havia em latim.

Mesmo habituados a uma bonança relativamente rápida, o inesperado da cena ataranta os discípulos; embora familiarizados com as curas e as desobsessões (também praticadas em larga escala pelos essênios-terapeutas), não sabem explicar o poder de uma criatura humana sobre os elementos desencadeados em fúria, amainando-os de súbito. E vem-lhes a dúvida: "quem será, afinal, esse carpinteiro? Era bom e compassivo, dominava as enfermidades e os espíritos, mas ... comandar assim a natureza? Isso superava-lhes a capacidade de compreensão.

As interpretações mais comuns do trecho vêm da antiguidade (cfr. Agostinho, Sermão 68, Patrol. Lat o, vol. 38 col. 424), de que a cena simboliza:

- a) *a igreja cristã que, mesmo na tempestade, tem Cristo ao leme e, embora este pareça dormir, na hora oportuna despertará e salvará;*
- b) *a alma humana que, mesmo agitada pelas provações, não sucumbirá se recorrer a Cristo que nela se encontra, embora no silêncio do sono.*

Outras aplicações ainda poderiam ser feitas, para situações semelhantes, mas o sentido profundo do fato é o segundo, dado por Agostinho.

O espírito está viajando no barco do corpo, atravessando o lago deste mundo com seus veículos (discípulos) e com frequência repentinamente se levantam turbilhões de vento que ameaçam o naufrágio total. O Eu Profundo jaz adormecido na popa, deitado no travesseiro no imo do coração. Quando, entretanto, as circunstâncias se tornam desesperadoras, os veículos recorrem aos gritos ao Cristo Interno - embora, muitas vezes, por ignorância, se voltem para fora, a fim de recorrer ao "santo" externo. No entanto, DEUS EM NÓS está atento a nossas necessidades e "sabe melhor do que nós aquilo de que precisamos" (cfr. Mat. 6:8) e socorre-nos sempre a tempo. E com direito, ao presenciar nossa aflição, nos repreende docemente: "por que és medroso? como ainda não tens confiança"?

Mas quão dificilmente se corrige o homem, adquirindo a impassibilidade da confiança inabalável de quem SABE que CRISTO está conosco, está DENTRO DE NÓS, e que vivemos a própria vida Dele e que, portanto, nenhum furacão externo poderá atingir-nos!

Outra lição aí vemos ainda. Quando nosso Espírito se vê envolvido pelo vendaval das paixões, originadas em nossos veículos inferiores; quando percebe, por exemplo, que as violentas emoções de uma paixão ilógica o envolvem, prestes a fazê-lo soçobrar, nenhum auxílio melhor pode ser-nos trazido: o recurso ao Pai que em nós habita é o único que consegue acalmar as ondas de desejo desenfreado, trazendo bonança aos veículos etérico, astral e intelectual. O ensino é de profundo alcance e mostra-nos o caminho certo: ligação com o Cristo Interno, fazendo-O "despertar" em nós, para que Ele, com Sua palavra autoritária, faça cessar os desordenados e perturbadores ímpetus do tufão borrascoso que esses corpos provocam, arriscando matar espiritualmente nosso "espírito", por fazê-lo afogar-se em terríveis convulsões de longos e penosos carmas.

O OBSIDIADO DE GERASA

Mat. 8:28-35

Marc. 5: 1-20

Luc. 8:26-39

28. Tendo ele chegado à outra margem, à terra dos Gerasenos, vieram-lhe ao encontro dois obsidiados em extremo furiosos, saindo dos túmulos, de modo que ninguém podia passar por aquele caminho.
29. E gritaram: "Que (importa) a nós e a ti, filho de Deus? Vieste aqui atormentar-nos antes do prazo"?
30. Ora, a alguma distância deles fossava uma vara de muitos porcos
31. e os espíritos rogaram-lhe, dizendo: "Se nos expeles, envia-nos para a vara de porcos".
32. Disse-lhes Jesus: "Ide". E, tendo eles saído, passaram para os porcos, e toda a vara precipitou-se pelo declive no mar e se afogou nas águas.
33. Os guarda-porcos fugiram, foram à cidade e contaram tudo, e o (que tinha acontecido) aos obsidiados.
34. Então a cidade toda saiu ao encontro de Jesus; e ao vê-lo, rogaram-lhe que se retirasse daquela região.
1. Chegaram ao outro lado do mar, no território dos Gerasenos.
2. Quando Jesus desembarcou, veio logo a seu encontro, dos túmulos, um homem obsidiado por espírito não-purificado.
3. o qual morava nas sepulturas e nem mesmo com cadeias podia alguém segurá-lo.
4. Porque tendo sido muitas vezes preso com grilhões e cadeias, tinha quebrado as cadeias e despedaçado os grilhões, e ninguém tinha força para subjugá-lo.
5. E sempre, dia e noite, gritava nos túmulos e nos montes, ferindo-se com pedras.
6. Então, vendo de longe a Jesus, correu para ele e prostrou-se diante dele, e, gritando em alta voz, disse:
7. "Que (importa) a mim e a ti, Jesus, filho do Deus Altíssimo? Por Deus te conjuro, não me atormentes"!
8. Pois Jesus dissera: 'Espírito inferior, sai desse homem'.
9. E perguntou-lhe: "Qual o teu nome"? Respondeu ele: "Legião é meu nome, porque somos muitos".
10. E rogava a Jesus com insistência que os não mandasse para fora do território.
26. Aportaram no território dos Gerasenos que é fronteiro à Galiléia.
27. Depois de haver ele desembarcado, veio da cidade a seu encontro um homem obsidiado por espírito desencarnados, e havia muito tempo não vestia roupa nem permanecia em casa alguma, mas nos túmulos.
28. Vendo a Jesus e gritando, caiu-lhe aos pés e disse em alta voz: "Que (importa) a mim e a ti, Jesus, filho do Deus Altíssimo? Rogo-te que não me atormentes"!
29. Porque Jesus ordenara ao espírito não-purificado que saísse do homem. Pois muitas posto sob guarda e grilhões; mas ele, partindo as cadeias, era impelido pelo espírito desencarnado para os desertos.
30. Perguntou-lhe Jesus "Qual é o teu nome"? Respondeu ele: "Legião", porque muitos espíritos desencarnados haviam nele entrado.
31. Estes lhe suplicaram que os não mandasse ir para o abismo.
32. Ora, havia ali grande vara de porcos a fossar no monte; e pediram-lhe que lhes permitisse passar para eles. E permitiu-lhes.
33. Tendo saído do homem, os espíritos entraram nos por-

11. Ora, fossava por ali pelo monte uma grande vara de porcos,
12. e os espíritos inferiores suplicaram-lhe, dizendo: "Envia-nos para os porcos, a fim de que entremos neles".
13. E imediatamente Jesus lhes permitiu. Saindo, então, os espíritos inferiores entraram nos porcos; e a vara (que tinha cerca de dois mil) precipitou-se pelo declive no mar e se afogou.
14. Os guarda-porcos fugiram e foram contar na cidade e nos campos, e muitos foram ver o que tinha acontecido.
15. E chegando-se a Jesus, viram o obsidiado, que havia tido a legião, sentado, vestido, e em perfeito juízo; e ficaram com medo
16. Os que presenciaram o fato, contaram-lhes o que havia acontecido ao obsidiado e aos porcos.
17. E começaram a pedir-lhe que se retirasse daquela região.
18. Ao entrar ele no barco, o ex-obsidiado rogou-lhe que o deixasse ficar com ele.
19. Jesus não o permitiu, mas disse-lhe: "Vai para tua casa e para os teus, e conta-lhes quanto te fez o Senhor, e como teve compaixão de ti".
20. E ele se foi a divulgar em Decápole tudo o que lhe havia feito Jesus, e todos ficaram admirados.
- cos; e a vara precipitou-se pelo declive no lago e afogou-se.
34. Quando os guardaporcos viram o que havia acontecido, fugiram e contaram na cidade e nos campos.
35. Então saiu o povo para ver o que se tinha passado, e foram ter com Jesus, a cujos pés encontraram sentado, vestido e em perfeito juízo, o homem do qual tinham saído os espíritos; e ficaram com medo.
36. Os que o haviam visto, contaram-lhes de que modo se libertara o obsidiado.
37. E o povo da região circunstante dos gerasenos rogou-lhe que se retirasse deles, pois estavam assustados, com grande medo; e tendo Jesus entrado no barco, voltou.
38. Mas o homem de quem tinham saído os espíritos suplicava-lhe que o deixasse acompanhá-lo. Jesus, porém, despediu-o, dizendo:
39. "Volta para tua casa e conta quão grandes coisas Deus te fez". E o homem partiu, contando por toda a cidade tudo o que lhe fizera Jesus.

Em primeiro lugar, Gerasa, Gadara ou Gergesa? Em Mateus há "Terra dos gadarenos" (que, em 233 A.D. Orígenes - *Patrol. Graeca*, vol. 14, col. 270/271- corrigiu para *gergesenos*", apoiado na tradição - Gên. 10:16 - e nas ruínas locais que ainda encontrou).

Em Lucas há "Terra dos gerasenos".

Em Marcos há três variantes: Gerasa (Aleph, B,D, antigas versões latinas, Vulgata, versão copta saídica); Gadara (em A, C, pi, sigma, phi, vários manuscritos e versões siríacas: *peschittâ* e *filexonienne*) e Gergesa (em L, V, delta, minúsculas do grupo Ferrar: 28, 33, 604, 1071 e versões siríacas: *sinaítica*, *armênia* e *etiópica*).

Os melhores comentaristas (Tischendorf, Wescott-Hort, Nestle, Hetzenauer, von Soden, Merk, Lagrange, Swete, Jouon, Huby, Pirot, etc) aceitam Gerasa como a melhor lição. Realmente, vejamos rapidamente.

O território de Gadara, na Transjordânia, e sua capital Gadara (cfr. Josefo, Ant. Jud. 17, 11, 4; Bell. Jud. 2, 6, 3) estava a sudeste do lago, ao sul de Yarmouk; entre Gadara e o Tiberíades corria o rio Hieromax (*Scheriat el-Menadireh*, que os porcos não podiam atravessar a nado sem afogar-se antes de chegar ao lago).

A modificação de Orígenes baseia-se na tradição antiga; mas Gergesa ficava na Cisjordânia (margem ocidental) e os Evangelhos falam claramente na margem oriental (*perán*).

A cidade de Gerasa (hoje *Djerach*) não pode ser a referida, pois dista 30 milhas do lago. Mas no território dessa cidade havia a aldeia de Gamala, (hoje *Qala' at el Hosn*) e, um pouco ao sul, a 2 km, está o local *Moqa' edlô*, distante do lago cerca de 30 metros (e há dois mil anos podia ser ainda menor a distância) e com um declive a pique, pois logo a seguir está pequena montanha, cheia de grutas, que bem podiam ter servido de túmulos. O local parece coincidir com a descrição: a 2 km apenas uma cidade, (aonde correram para dar notícia do ocorrido) que hoje tem o nome de *Koursi* (em grego, transcrição do aramaico, *chorsia*) que pode ser corruptela de Gerasa. Daí justificar-se, como melhor lição, "no território de Gerasa" (cfr. Abel, *Koursi*, no "The Journal of Palestine Oriental Society, 1927, pág. 112 a 121).

A iniciativa da ação pertence ao obsidiado, que Mateus, que tanto aprecia o número par, diz terem sido dois. Realmente, podiam ter sido dois, embora um fosse o famoso louco violento, e o outro apenas uma sombra que o acompanhava e, como pessoa apagada, não tenha chamado a atenção, não sendo computado pelos outros evangelistas.

Marcos, como sempre, apresenta mais pormenores, descrevendo circunstanciadamente, segundo ouvira da pregação de Pedro, a cena; compraz-se em anotar que ele era tão forte, que até rompia cadeias (nas mãos) e grilhões (nos pés) e atacava os transeuntes.

Ao vê-lo vir a si, Jesus ordena categoricamente o abandono da presa, chamando-o "espírito não-purificado" (*pneuma akátharton*), ou seja, inferior, involuído. O obsessor reclama a intervenção, embora reconhecendo, talvez pelo esplendor da aura e pela luminosidade própria, que ali estava um "filho do Deus Altíssimo" (expressão muito usada pelos israelitas, para distinguir o deus deles, YHWH, dos outros adorados pelos pagãos). Na realidade, ali estava o próprio YHWH encarnado (cfr. vol. 1). Segundo Marcos, o obsessor a Ele se dirige chamando-O pelo nome. Pergunta, então, que importa aos dois o sofrimento do obsidiado (quanto ao sentido da pergunta, ver vol. 1). Indaga "por que o atormenta antes do prazo", talvez referindo-se ao resgaste do carma. Mas que saberia o obsessor mais do que Jesus?

O Mestre pergunta-lhe o nome, ao que o espírito responde "legião", que corresponde ao que hoje chamamos uma falange de espíritos. Não significa essa resposta que eles eram exatamente do mesmo número que uma legião do exército romano, como pretendem alguns comentadores; mas apenas, como o explica o próprio obsessor, então incorporado, "porque somos muitos". O nome, pois, é um símbolo, que se exagera para valorizar. Tão comum é, por exemplo, ao referirmo-nos a um grupo de pessoas: "veio um *batalhão* para almoçar em nossa casa", e no entanto trata-se de 5 ou 10 pessoas.

Ainda segundo Marcos, o obsessor pede que não seja mandada a falange para fora do "território", e, segundo Lucas, que não a mande "para o abismo". E solicita lhes dê autorização para "passar" para uma vara de porcos que fossava na encosta do morro. Há suposições várias manifestadas pelos comentaristas, sempre do ponto de vista teológico-romano. Parece-nos todavia, que para aqueles que

lidam praticamente com os fenômenos obsessivos e conhecem os trabalhos espíritas, a explicação não é difícil. Essas falanges de espíritos inferiores, involuídos, sobretudo os que habitam os cemitérios (como é expressamente o caso desse obsidiado) dedicam-se ao vampirismo, sugando a vitalidade da vítima. Ora, sabiam eles que jamais lhes seria permitido por Jesus que passassem para outras criaturas humanas, e encontram uma oportunidade na vara de porcos (que Marcos diz ser constituída de 2.000 animais) e solicitam insistentemente que lhes permita continuar o vampirismo pelo menos nos porcos. A expressão "entrar neles" de Marcos pode ser efeito da ignorância desses fenômenos por parte do obsessor, coisa que ainda hoje persiste inclusive nos meios espíritas, quando se fala em "incorporação", dando quase a idéia de que o espírito "entra no corpo do médium". E muito médium julga que é isso mesmo que se dá ... Em Mateus e Lucas aparece uma palavra melhor: "passar para", que exprime uma transferência de operação vampíresca.

A expressão "sair do território" talvez exprimissem uma facilidade maior de encontrar presas entre os pagãos, do que entre os israelitas; ou talvez "território" fosse apenas um eufemismo para designar o corpo do obsidiado, por eles explorado. Quando pedem que os não mande "para o abismo", referem-se à zona de trevas em baixo do umbral, onde sofreriam horrores sem o alimento da vitalidade a que estavam habituados. O com que não contavam, era com o desfecho, causado pelo pânico da invasão de entidades grosseiras e muito materializadas nos animais, fazendo-os despenhar-se ladeira abaixo em desabalada carreira, tão violenta que não conseguiram parar, e caíram no lago, afogando-se.

Pergunta-se a razão de ser de tantos porcos, animal considerado "impuro" e proibido entre os israelitas. Entretanto, estamos em território não-judeu, onde o comércio de carne suína devia ser bastante rendoso.

Também se pergunte se a permissão dada por Jesus, com o conseqüente afogamento dos porcos, não constituiu uma "perversidade" contra os pobres animais, que nada tinham que ver com o caso. Em primeiro lugar, como podemos ignorantes ainda, querer julgar atos que fogem à nossa alçada? Além disso, um bem maior pode justificar, por vezes, um mal menor, sobretudo se é obtido um bem *espiritual* através de uma perda material. A maioria dos homens acha normal e natural que se mate e coma um porco apenas para satisfação do paladar, mas se insurge contra a morte do animal para libertar um obsidiado ... Além do mais, consideremos que apenas ocorreu aos porcos uma destruição do corpo físico, fenômeno que teria fatalmente que ocorrer mais dia menos dia, e nada mais, pois seus princípios vitais (*nephesh*) voltariam a reencarnar logo de imediato. Supõem, ainda, alguns comentaristas que se teria tratado de uma "lição" aos proprietários, já que, sendo um comércio ilícito o da carne de porco, não era sequer lícito criá-los com esse intuito. Realmente assim seria se se tratasse de criadores israelitas, mas não podemos saber se era essa a realidade. O fato é que os evangelistas não se preocuparam em justificar o modo de agir de Jesus.

Pergunta-se por que os porcos "se suicidaram", ou por que a falange se precipitou no lago. De fato, não ocorreu nem uma coisa nem outra: simplesmente os porcos, ao se sentirem atacados de inopino (e os animais possuem percepção do astral inferior, que é o plano deles) entraram em pânico e correram para fugir. Evidentemente, o caminho mais fácil é a descida, e não a subida. O próprio impulso da fuga levou-os a descer automaticamente, às carreiras. Também os obsessores não deviam ter imaginado esse fim, decepcionante sobretudo para eles.

A observação que se nos apresenta de imediato é que Jesus não se preocupou em "doutrinar" essa falange (como aliás nenhum dos outros obsessores que foram por Ele afastados), quer porque entidades do plano astral se encarregavam disso, quer porque eram eles tão involuídos ainda, que não adiantava doutrinação, mas apenas se devia aguardar um pouco mais de evolução para que pudessem compreender a necessidade de corrigir-se.

Os obsessores deste caso estavam naquele estágio em que se satisfazem com modificação de situações materiais, para abandonar sua presa. Esse processo de oferecer coisas materiais para conseguir a libertação do obsidiado usado neste caso por Jesus, é ainda hoje bastante usual nos terreiros de Umbanda.

Após o acontecimento, trágico para os guarda-porcos responsáveis pela vara, estes correm à cidade, que ficava a cerca de 2 km, para contar aos proprietários o que havia ocorrido sem culpa deles. Os mo-

radores se alvoroçaram e a notícia corria célere, não muito acreditada, até que, por proposta de um mais incrédulo, a massa se movimentou para fora da cidade, chegando em cerca de vinte minutos ao local em que se achava Jesus com seus discípulos. Os cadáveres dos suínos juncavam a praia do lago, alguns ainda nas contrações finais e, sentado aos pés de Jesus, vestido, risonho, feliz, perfeito em seu juízo, aquele homem que tanto pânico vivia a causar na região e que por todos era muito bem conhecido. A prova da veracidade da narrativa dos guarda-porcos evidenciava-se, tudo coincidia plenamente.

Mas, enquanto o louco apenas se limitava a assustar os transeuntes ou a atacar os incautos que se aventuravam naquelas regiões, a cura dele lhes causara sérios prejuízos, destruindo-lhes a riqueza. Havia curado um homem, o que nenhum lucro lhes trazia, mas doutro lado lhes matara a enorme vara de porcos, o que representava substancial perda econômica. Não havia alternativa: melhor o homem, embora louco, do que Jesus. Então, afoitamente vão a Ele e pedem que se vá dali, que "se afaste do território deles" - o que representava o pedido oposto ao que lhe fizera o obsessivo: que Ele não o afastasse daquele território. Os habitantes da região concordavam com o obsessivo, com ele sintonizavam, preferiam-no: como se libertariam dele?

Jesus nada retruca, não se defende, não protesta, não argumenta, não procura demonstrar os benefícios que proviriam de Sua permanência alguns dias entre eles, por levar-lhes saúde física e espiritual: calado, volta-se para remarcar, e entra no barco.

Ao verificar que seu benfeitor vai partir, o ex-obsidiado - talvez chocada por vê-Lo assim maltratado e enxotado - resolve solicitar-Lhe um lugar de discípulo, para acompanhá-Lo sempre. Sem dar os motivos, Jesus recusa mantê-lo a Seu lado, mas nem por isso deixa de confiar-Lhe tarefa de alta responsabilidade: a pregação, sobretudo pelo exemplo, do que recebera da Divindade. Humildemente o ex-obsidiado aceita a tarefa, e os evangelistas testam que realmente ele passou a perlustrar a região da Decápole, falando dos maravilhosos poderes de Jesus.

Do fato material podemos deduzir interessante lição: a da dificuldade que encontram os "filhos do homem" ao "chegar à outra margem" (à Terra), onde deparam espíritos humanos na loucura da delinquência, preferindo os porcos ao Cristo e suplicando que Este se afaste deles, para que não sofram os prejuízos materiais da perda dos porcos.

A atuação é descrita com pormenores. A humanidade atrasada não consegue tranquilizar-se nem ter paz, embora se tente discipliná-la: rompe todos os laços e só se compraz "entre os túmulos", junto às criaturas cadaverizadas no mal e no materialismo mais grosseiro. Ao deparar com um Missionário do Plano Superior, não compreendem o benefício que possam usufruir e ainda pedem satisfações: "que te importa nosso estado"? Rebeldes até o fim, não aceitam nenhum jugo, quebrando todos os grilhões que pretendam discipliná-los e elevá-los. Não se trata de um só indivíduo, tomado como símbolo, mas de uma "legião", da maioria, da massa involuída ainda.

Não obstante, levado pela força sobre-humana do Manifestante Divino, prostra-se a Seus pés, e recebe ordem taxativa de evoluir: "Espírito inferior (tó pneuma tó akátharton, com o artigo definido antes do substantivo e repetido antes do adjetivo, isto é, "espírito não-purificado" ou seja, "que não fez sua catarse"), sai desse homem", para dar lugar ao "homem novo". A ordem do Mestre era dirigida ao "espírito" (à personalidade) ainda atrasado, para que "se afastasse", deixando que o Espírito (a individualidade) assumisse o comando. Mas a rebeldia dos atrasados é enorme, por causa da ignorância: pedem que "não os atormente" e preferem continuar a rebolcar-se entre os suínos, a subir um degrau evolutivo, abandonando os vícios. Então o Avatar deixa-os à própria sorte, não os força, e espera até que tenham capacidade para compreender a necessidade de progredir, saindo da lama dos chiqueiros (não vemos, ainda hoje, populações miseráveis que recusam sair das favelas, dos mocambos, dos "alagados", para habitar em conjuntos residenciais limpos? Não se trata de carma, mas de involução; eles se comprazem na sujeira em que vivem; e mesmo quando são transportados à força, levam consigo sua sujeira, e em menos de um mês o pequeno apartamento novo já se tornou a mesma pocilga em que estavam habituados a viver). Acontece que eles "solicitam com insistência" que os mande para os porcos e isso lhes é permitido. Eles vão. E o resultado não se faz esperar: quem quer permanecer no

porão da humanidade, comprazendo-se na animalidade que já deveria ter sido superada, só pode ter o destino de "afogar-se", já que a descida pelo declive dos vícios é fácil, mas leva à morte.

No entanto, alguns se dispõem a realizar a façanha, e a primeira vantagem que experimentam é a conquista da liberação com a paz consequente. Lógico que, ao sentir-se liberado das terríveis forças negativas, seu primeiro impulso, ampliado pelo sentimento de gratidão, é ligar-se ao Avatar, dedicando-se totalmente a Seu serviço. Mas apesar da boa-vontade e das boas-intenções, ele não se acha maduro para esse passo: é então aconselhado a realizar seu apostolado entre os de sua evolução (seus parentes e conterrâneos), e para isso existem tantas seitas e religiões, tantos sistemas de espiritualismo que exatamente servem para conservar em seus ambientes aqueles que já desejam progredir, mas que não podem dar saltos, por falta de vivência anterior. Nesses agrupamentos, vão eles plasmando as experiências necessárias, até que um dia possam alçar vôo.

Vem a seguir a reação daqueles que assistem ao fenômeno. Ao verificarem a transformação das personalidades (que eles conheciam desequilibradas nos vícios) tornando-se pacíficas e ordeiras, eles "têm medo"! ... Medo dos bons! Medo dos calmos! Eles que o não tinham dos viciados, porque lhes eram iguais. E chegam à conclusão de que tal mudança não lhes é útil nem vantajosa: mil vezes melhor permanecer no materialismo grosseiro e animal! Resolvem, então, solicitar ao Mensageiro "que se retire deles", que abandone o planeta visitado. O exemplo de Jesus, nessa circunstância, foi até suave pois, na realidade, eles não costumam "pedir" que se afaste: eles o expulsam, quase sempre de modo rude e violento (decapitação, enforcamento, fogueira, crucificação, etc.).

Nesta compreensão mais lógica e profunda, fica totalmente explicado que não se trata em absoluto de "espíritos" desencarnados que "incorporem" em porcos, nem tampouco de castigo para os pobres animais. Se o fato se realizou, como é relatado e possível, foi apenas para que dele pudéssemos extrair uma lição preciosa e oportuna para nossa própria evolução.

Em todos os atos e palavras, os Manifestantes Divinos trazem ensinamentos que são apreendidos e vividos por aqueles que os conseguem compreender: "quem tem ouvidos, ouça". . "quem puder compreender, compreenda ...

O PEDIDO DE JAIRO

Mat.9:18-19

Marc. 5:21-24

Luc. 8:40-42

18. Enquanto assim lhes falava, veio um chefe (da sinagoga) e adorava-o, dizendo: "Neste momento acaba de expirar minha filha; mas vem, põe tua mão sobre ela e viverá".
19. E Jesus, levantando-se, o foi seguindo com seus discípulos.
21. Tendo Jesus regressado no barco para o outro lado, afluiu para ele grande multidão; e ele estava à beira-mar.
22. Chegou-se a ele um dos chefes da sinagoga, chamado Jairo, e, vendo-o, lançou-se a seus pés.
23. e rogou-lhe com insistência, dizendo: "Minha filhinha está a expirar; suplico-te que venhas por as mãos sobre ela, para que sare e viva".
24. Jesus foi com ele. E grande multidão, acompanhando-o, o comprimia.
40. Quando regressou, foi Jesus bem recebido pelo povo, pois todos o esperavam.
41. E veio um homem chamado Jairo, que era chefe da sinagoga, e, prostrando-se aos pés de Jesus, suplicou-lhe que chegasse à sua casa,
42. porque tinha uma filha única, de cerca de doze anos, que estava à morte. Enquanto ele ia, a multidão o comprimia.

Mateus assinala apenas que era um "chefe" (*árchôn eis*), enquanto Marcos diz ser "um dos arquisinagogos" e Lucas o chefe da sinagoga". Os dois últimos citam-lhe o nome, "Jairo" helenização do hebraico *Jair* (*Yâ'yr*, que encontramos em Núm, 32:41, Juízes, 10:3 e Ester, 2:5).

Cada sinagoga possuía somente um chefe. Entretanto, os que o assistiam eram também denominados "chefes", como título de respeito, pois eles dirigiam a leitura aos sábados.

Entre Mateus e os outros há uma contradição *in terminis*, já que o primeiro coloca na boca do pai aflito a notícia de que a filha *acabava de falecer* e o pedido explícito da "ressurreição" (*zésetai*); os outros fazem-no dizer que "a filha está à morte"; acrescentando Lucas que era "filha única" e que "tinha doze anos". Parece, pois, que Mateus se satisfaz em dar o resumo da história, suprimindo os pormenores.

Jesus atende de imediato, acompanhando-o

Os outros comentários serão feitos no final do episódio, após a cura da filha de Jairo.

CURA DE HEMORRAGIA

Mat. 9:20:22

Marc. 5:25-34

Luc. 8:43-48

20. Ora, uma mulher, que padecia há doze anos de hemorragia, veio por detrás dele e tocou-lhe a borla do manto.
21. porque, dizia consigo, "se lhe tocar somente o manto, ficarei curada".
22. Voltando-se Jesus e vendo-a, disse: "Tem ânimo, filha, tua fé te curou". E desde aquela hora a mulher ficou sã.
25. Ora, uma mulher que padecia há doze anos de um fluxo de sangue,
26. e que tinha sofrido bastante às mãos de muitos médicos, gastando tudo o que possuía sem nada aproveitar, antes ficando cada vez pior,
27. tendo ouvido falar a respeito de Jesus, veio por detrás, entre a multidão, e tocou-lhe o manto,
28. porque, dizia: "se eu tocar somente sua veste, ficarei curada".
29. No mesmo instante, secou a fonte de sangue, e sentiu em seu corpo que estava curada de seu flagelo.
30. Conhecendo Jesus logo, por si mesmo, o poder que dele saía, virando-se no meio da multidão perguntou: "Quem tocou meu manto"?
31. Responderam-lhe seus discípulos: "Vês que a multidão te comprime, e perguntas quem me tocou"?
32. Mas ele olhava ao redor para ver quem fizera isso.
33. Então a mulher, receosa e trêmula, cônica do que nela se havia operado, veio, prostrou-se diante dele e declarou-lhe toda a verdade.
34. E Jesus disse-lhe: "Filha, a tua fé te curou; vai-te em paz e fica livre de teu mal".
43. E uma mulher que por doze anos tinha um fluxo de sangue e que gastara com médicos todos os recursos vitais, tendo conseguido ser curada por nenhum,
44. chegando-se por detrás tocou-lhe a borda do manto; e imediatamente cessou fluxo de sangue.
45. Perguntou Jesus "Quem me tocou"? negando-o todos, disse Pedro: "a multidão te comprime e sufoca, e perguntas quem tocou"?
46. Mas Jesus disse: "Alguém me tocou, que percebi que de mim um poder".
47. Vendo a mulher que não tinha ficado despercebida, veio tremendo prostrar diante dele e declarou, na presença todo o povo, o motivo por que o havia tocado e como fora imediatamente curada.
48. E ele lhe disse: "Filha, tua fé te curou, vai-te em paz".



Figura “A CURA DA HEMORRAGIA”

Interessante observar que os três sinópticos mantiveram a mesma ordem dos fatos, colocando a cura da hemorragia no percurso entre o local do pedido de Jairo e a casa dele.

Também aqui Mateus abrevia os fatos.

Observemos que não mais se trata de uma cura à distância (como a do servo do centurião), nem do toque intencional de Jesus (como, por exemplo, fez com a sogra de Pedro); trata-se de um contato com Sua roupa, e realizado de surpresa para Ele.

Nota-se que Marcos e Lucas, que assinalam que a filha de Jairo tinha doze anos, dão à doença da mulher, tal como Mateus, a mesma idade.

Ela consultara numerosos médicos, sem obter resultado. Marcos acrescenta que "muito sofrera, gastando seus haveres e piorando cada vez mais", confirmando o que se lê na *Mischna* (tratado *Qidduchin*, 4:4) que "o melhor dos médicos é digno da geena" ... Mas Lucas, que também era médico, desculpa seus colegas, dizendo apenas "que não obtivera a cura".

O catamênio era considerado impureza legal (Levit. 15:15) e contaminava todos os que tocassem a enferma ou que fossem por ela tocados. Por isso a pobre mulher mantinha secreta sua enfermidade. Seu pensamento intuitivo dizia-lhe que "se tocasse nem que fosse a borla (*kráspedon*) de seu manto (*imátion*), ela ficaria curada.

YHWH ordenara (Núm. 15:37-41 e Deut. 22:12) que nos cantos do manto, os israelitas deviam pendurar borlas de fios de lã branca, com um fio azul cada uma, a fim de recordarem os mandamentos e os observarem.

Sendo esvoaçante, o manto era mais fácil de ser tocado que a túnica presa à cintura e mais aderente ao corpo. E a enferma resolutamente abre passagem entre o povo que comprimia Jesus e toca-lhe o manto.

Imediatamente o Mestre sente que de seu corpo saiu um jato de fluidos (poderes) magnéticos curativos, atraídos (sugados) pelo ímã da fé poderosa. A fé plasma a forma mental da coisa desejada (cfr. Hebr. 11: 1), e esta funciona como um recipiente a vácuo, que atrai a si os elementos que o encherão; ou como um "fio-terra", que retira a eletricidade para derramá-la no solo.

Instintivamente indaga quem O tocou. Ninguém se acusa. E Pedro, temperamental, diz-lhe, quase em tom de reprimenda: "Mestre, a multidão te aperta, e perguntas quem te tocou"? Jesus então confessa a razão essa pergunta: sentiu a inesperada saída de fluidos curativos. Esta anotação é privativa do "médico" Lucas, não tendo Marcos ousado incluí-la. em suas anotações.

Quando a mulher, que já se refizera de sua emoção ao sentir-se curada, viu que fora descoberta (talvez por um olhar mais penetrante de Jesus), confessou seu gesto. O Mestre não lhe faz a mínima restrição, limitando-se a atribuir todo o mérito do ocorrido à sua fé (cfr. Jerôn., *Patrol.* Lat. vol. 26, col. 58).

A essa mulher a *Acta Pilati* ou "Evangelho de Nicodemos" (cap.7) dá o nome de *Beronike* e os textos latinos "Verônica". A lenda apoderou-se dessa figura e fez que ela, no percurso de Jesus para o calvário, lhe enxugasse o rosto suado e ferido, ficando Sua Face gravada no lenço (sudário) que mais tarde operou numerosas curas (cfr. *Mors Pilati*, 1; *Vindicta Salvatoris*, 22, 26, 27, 29 e 32, in "Los Evangelios Apócrifos", Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 1956).

Observemos o que nos ensina esse fato material.

Em primeiro lugar, notemos que os três evangelistas o colocam na mesma posição: no percurso para a casa de Jairo, entre o pedido do pai e a cura da filha.

Além disso, os três assinalaram que a mulher sofria de seu catamênio havia DOZE anos; e também que a menina curada tinha exatamente DOZE anos.

Outros pormenores: o nome hebraico *Yâ'yr* (Jair, helenizado em Jairo) significa "o sexto". Ora, já vimos (vol. 2) que o número doze, no plano humano, exprime "o holocausto de si mesmo".

O simbolismo é intensificado pelo tipo da enfermidade: a perda de sangue, é a expiação da alma" (hebraico: ki-haddam hu bannephesh iakapher; grego: tò gàr haima autou anti psychês ecsilásetai; Levit. 17:11).

Realmente, o Levítico afirma, nesse local, que "a alma de toda carne é seu sangue" (vers. 11; hebraico: ki-nephesh habbassar baddam hu; grego: hê gàr psychê pasês sarkòs haima autou esti); e repete a mesma frase por duas vezes no versículo 14, numa das quais há pequena modificação, para que não pareça dúvida: "porque (quanto) à alma de toda carne, o sangue é por sua alma" (hebraico: ki-nephesh kal-bassar damô benapheshô hu).

Parece, então, bem claro que a palavra "alma" (do latim *ánima*, porque sua função é animar o corpo) corresponde ao que atualmente é chamado, nos meios espiritualistas, de corpo astral, que é o que vivifica e anima o corpo físico. Assim como o duplo etérico toma sua forma visível no sistema nervoso, assim o corpo astral toma sua forma visível no elemento biológico denominado sangue: o sangue é a alma de qualquer animal.

Nós sabemos, com efeito, que o sangue passa constantemente pelo coração, em cujo nó de Kait-Flake e His está fixa, embora em outra dimensão, a Centelha Divina ou Mônada; aí o sangue capta as vibrações da Vida Divina, que leva a todos os mínimos recantos do corpo para vivificá-lo: se impedirmos a circulação sanguínea de qualquer membro, este se necrosa, porque onde não há sangue não há vida, pois não há alma. Além de buscar vida no coração, o sangue vai apanhar nos pulmões o prana (nitrogênio), para com ele alimentar as células, por mais microscópicas que sejam. Alimento importantíssimo e vital (embora não único), bastando lembrar que, enquanto as células podem viver até dias sem

comer nem beber, não conseguem manter-se vivas senão alguns minutos, se parar a respiração, que as alimenta de prana.

Mas, como tudo em a Natureza é aproveitado, o sangue serve de veículo para, enquanto fornece alimento, recolher as impurezas, levando-as ao forno crematório dos pulmões, onde o oxigênio se encarrega de queimá-las na hematose. Veículo do prana (nitrogênio) parece que são os leucócitos (segundo o biologista Dr. Jorge Andréa) que, além disso tem a tarefa de combater os micróbios por meio a fagocitose. Então verificamos que os dois principais elementos sanguíneos têm suas funções bem definidas: enquanto os leucócitos alimentam as células, lhes carregam as impurezas e as defendem contra os invasores prejudiciais, as hemácias transportam os fluidos vitais, produzindo vida no corpo físico que, sem ele, se reduziria a simples cadáver.

Tendo, pois, o sangue essa importância vital, o máximo sacrifício que pode uma criatura fazer é derramá-lo para defender uma causa; e esse sacrifício serve de "expição para a alma" (resgata os carmas dos erros do "espírito"). Daí o grande valor das primeiras testemunhas (mártires) do cristianismo, cujo sangue, cristãos" no dizer de Tertuliano, era "a semente de novos cristãos".

Feito esse preâmbulo, vejamos o simbolismo desse fato material passou no plano físico.

A mulher (elemento feminino, porque representa a "alma" que se manifesta no sangue) aproxima-se de Jesus (a individualidade) porque completara o resgate de seus erros, e já estava cansada de sofrer por causa deles. Compreendemos que se trata disso, pelo número DOZE apresentado, simbolizando o auto-sacrifício voluntário, realizado conscientemente para queimar os carmas dolorosos do passado com o derramamento do próprio sangue (que faz "expição" pelo espírito).

Nenhum médico terreno conseguira estancar o sangue, antes do final do resgate. Com efeito, por mais sábia e santa que seja a entidade, encarnada ou desencarnada, ela não conseguirá libertar quem quer que seja de seus resgates, se não tiver chegado o tempo: só a própria criatura poderá fazê-lo.

Chegado esse tempo, a alma vai, silenciosa e ocultamente (porque qualquer contato deve ser secreto) em busca do Encontro com a individualidade, dizendo: "por menor que seja esse contato, por mais rápido que seja, ficarei liberta de minhas dores". Busca então tocar (entrar em contato) com "a borla de seu manto" (é pelas pontas que melhor se escoam o magnetismo). Aí alma crê que ao entrar na vibração da plano da individualidade, certamente terá "estancada a fonte de sangue", ou seja, o *kyklos anánke* (ciclo fatal) do carma.

Acredita, também, que todo o seu agir permanecerá secreto, não contando com a sabedoria da individualidade. Mas sua própria fé, que forma como que um vácuo, atrai a si com força o magnetismo espiritual do Cristo Interno. Sua aspiração é satisfeita de todo, e o espírito lhe dá a paz tão desejada, esclarecendo-lhe que todo o merecimento desse Encontro rápido cabe totalmente à sua fé. No ato material, Jesus faz questão de que o ato se torne público a fim de não perder o ensejo de uma lição preciosa. Daí ter confessado que "sentiu sair de si um fluido", a fim de provocar a confissão da beneficiada, e com isso dar-nos o ensinamento.

A FILHA DE JAIRO

Mat. 9:23-26

Marc. 5:35-43

Luc. 8:49-56

23. Quando Jesus chegou à casa do chefe (da sinagoga), ao ver os locadores de flauta e a multidão em alvoroço, disse:
24. "Retirai-vos, pois a menina não está morta, mas sim dormindo". E caçoavam dele.
25. Mas, retirada a multidão, entrou Jesus, tomou a menina pela mão e ela se levantou.
26. E a fama desse fato correu por toda aquela terra.
35. Ele ainda falava, quando vieram da (casa) do chefe da sinagoga, dizendo a este: "Tua filha já morreu, por que ainda incomodas o Mestre"?
36. Tendo Jesus ouvido o recado que foi dito, imediatamente disse ao chefe da sinagoga "Não temas, apenas confia".
37. E não permitiu que ninguém o acompanhasse, senão Pedro, Tiago e João irmão de Tiago
38. Chegando à casa do chefe da sinagoga, viu Jesus um alvoroço, e que choravam e lamentavam muito.
39. E tendo entrado disse-lhes: "Por que fazeis alvoroço e chorais? a menina não está morta, mas dorme".
40. E caçoaram dele. Tendo, porém, feito sair a todos, ele tomou consigo o pai e a mãe da menina e os que com ele vieram e entrou aonde estava a menina
41. E, tomando-a pela mão, disse-lhe: "Talithá koumi", que se traduz, "Menina, (eu te digo), levanta-te".
42. Imediatamente ela se levantou e começou a andar, pois tinha doze anos. Então eles ficaram atônitos.
43. E Jesus recomendou-lhes expressamente que ninguém o soubesse, e mandou que dessem a ela de comer.
49. Enquanto ele ainda falava, veio alguém da casa do chefe da sinagoga, dizendo a este: "Tua filha morreu, não incomodes mais o Mestre"
50. Ouvindo isso, respondeu-lhe Jesus: "Não temas, apenas confia e ela será salva".
51. Tendo chegado à casa, não permitiu que ninguém entrasse com ele, a não ser Pedro, João e Tiago, e o pai e a mãe da menina.
52. Todos choravam e a pranteavam, mas ele disse: "Não choreis: ela não está morta mas dorme".
53. E caçoavam dele, porque sabiam que ela estava morta.
54. Porém ele, tomando-a pela mão, disse em voz alta: "Menina, levanta-te"!
55. E seu espírito voltou e ela se levantou imediatamente, e ele mandou que dessem a ela de comer.
56. Seus pais ficaram atônitos, mas ele advertiu-os de que a ninguém dissessem o que havia ocorrido.



Figura “A CURA DA FILHA DE JAIRO”

Era hábito antigo entre os israelitas contratar tocadores de flauta (hebr.: *halilim*, grego; *aulêtai*) e carpideiras (hebr.: *meqôneneth*), para velar o morto e acompanhar os funerais; por mais pobre que fosse a família, esses elementos não faltavam. E quanto mais podia despende, mais "barulho" era necessário, para exprimir uma "dor maior". Um chefe de sinagoga que perdia sua "filha única" de doze anos, devia haver contratado bom número deles. Daí os evangelistas falarem em "multidão em alvoroço".

Marcos e Lucas anotam que alguém veio avisar ao pai que a menina falecera: inútil incomodar mais o Mestre: diante da morte, quem teria poder? Mas Jesus reanima a esperança do pai e escolhe os três discípulos mais íntimos (Pedro, Tiago e João) para entrar com ele na casa, deixando de fora todos os que O acompanhavam.

Ao entrar, manda que se retirem todos os que estavam no quarto da menina, permitindo a permanência apenas dos pais e dos três discípulos. Parece querer esconder seu trabalho ... Ao passar pela multidão de choradores, avisa que parem com o barulho, pois a menina não morreu, mas apenas "estava dormindo" (grego: *kathêúdei*, composto de *eudô*, dormir e da preposição *katá*, que exprime movimento de cima para baixo; daí, o sentido preciso do verbo usado ser: está deitada para dormir, ficar inerte). Uma afirmação dessas parecia zombaria, e o povo começa logo a rir e caçoar Dele.

Apesar da demora dos preparativos, Jesus espera que todos saiam, o que deve ter levado algum tempo. A sós, no quarto, com os pais e os três discípulos, com toda a simplicidade, Jesus segura a mão da menina, usando termos próprios exatamente para despertar quem dorme: "menina, levanta-te"!

A alegria dos pais foi grande, cuidando de regozijar-se. Mas o Mestre chama-lhes a atenção para a alimentação, pois devia a menina estar fraca de fome, em vista do tempo em que ficara em jejum pela doença.

Finalmente a recomendação comum, de que não se divulgue o ocorrido, o que podia trazer prejuízo à missão espiritual de Jesus, com centenas de pedidos de todos os que tivessem mortos na família, e que desejariam que Ele os ressuscitasse, mesmo quando o "carma" não admitisse tal gesto; e isso viria trazer o descrédito e a má-vontade para com Sua tarefa, fazendo inimigos gratuitos.

A cena vem demonstrar a ação da individualidade no ambiente das personalidades. Os pormenores indicam o simbolismo com rara precisão.

Inicialmente o chefe da sinagoga, que representa a mente, ao ver o estado lastimável da personalidade, que "era sua filha única", recorre ao Cristo Interno, com absoluta fé, pedindo que realizasse um "contato" (que a tocasse).

Antes de mais nada, o primeiro passo do Cristo é verificar que o resgate já fora completado pelo auto-sacrifício, inclusive com derramamento de sangue. Faz então cessar o fluxo sanguíneo, que durara DOZE anos. E isso explica a razão de os três evangelistas haverem colocado a cura da hemorragia exatamente antes de ser atendido o pedido da mente (do pai, Jairo).

Depois, vem o cuidado de querer realizar tudo em segredo. Mas antes disso, os servos (os demais veículos, emoções, sensações, etc.) vêm comunicar à mente que de nada mais adianta agir, porque a personalidade já sucumbiu ao peso do sofrimento. O Eu Interno renova-lhe a fé: "confia".

Ao aproximar-se da casa (corpo) verifica que está cercado por uma multidão em alvoroço de elementais, de "kama-rupas", de obsessores, de fluidos pesados, todos a querer apossar-se de sua vitalidade. Necessária uma limpeza externa: então são todos expulsos da casa, num socorro oportuno.

Escolhe, então, para entrar na "casa" da personalidade, o corpo físico, os elementos que julga necessários: os pais, isto é, o Espírito e a Mente; e os três, discípulos, Pedro (emoções), Tiago (intelecto) e João (intuição). Nesse ambiente de paz e serenidade, tendo "entrado no quarto e fechado a porta", o Cristo Interno "toma a mão da menina", isto é, se liga à personalidade unindo-a a Si, e fã-la renascer da morte para a vida, iniciando novo ciclo de existência, não mais apegada às ilusões terrenas da matéria, mas no mundo do Espírito, embora continuasse dentro do corpo de carne.

Uma vez despertada a personalidade, Sua preocupação prende-se à sua fixação na vida espiritual, e para isso algo existe de indispensável e urgente a "alimentação" do aprendizado, de que se encarregam a Mente e o Espírito.

Temos, portanto, a exemplificação do que deve ocorrer, na ressurreição de uma personalidade cujo carma tenha sido resgatado totalmente, sobretudo quando isso tiver ocorrido por vontade própria, pelo auto-sacrifício que vai até o derramamento de sangue. Esse resgate total (DOZE anos de hemorragia, e DOZE anos de vida da personalidade) deve ser verificado antes da "ressurreição": necessário que o "espírito" esteja purificado de qualquer resquício do passado e que não haja mais necessidade de "derramamento de sangue" que, por isso, se estanca.

Vemos, então, o trabalho nos diversos planos: o corpo físico (1.º plano) que estava inerte, deve ser trazido às sensações (etérico, 2.º plano) e as emoções (3.º plano, astral) precisam ser transformadas; o intelecto (4.º plano) tem que ser iluminado pelo alimento do 'pão sobressubstancial'; o Espírito individualizado (5.º plano) precisa voltar a comandar seus veículos inferiores, revivificando-os sob a direção da Mente (6.º plano - daí o nome do pai da moça ser exatamente Yâ'yr, Jairo, que significa "o sexto"), para que então a Centelha Divina, o Cristo Interno (7.º plano) possa expandir-se, em manifestação plena, através da personalidade ressuscitada, plasmando assim o "homem novo".

Note-se, porém que isso não significa que o carma deva durar doze anos. O número DOZE é simbólico de uma terminação de ciclo (por exemplo: os doze signos do zodíaco), podendo esse ciclo contar qualquer número de anos. Nos doze signos do zodíaco encontramos, v.g., doze meses; no entanto, computamos 52 semanas e 365 dias, que nada realmente têm que ver com o número doze. Fica bem claro, pois, que DOZE é apenas representativo de um ciclo completo.

JESUS EM NAZARÉ

(Sábado, 21 de outubro do ano 29 A.D.)

Mat.13:54-58

Marc. 6:1-6a

- | | |
|--|--|
| <p>54. E chegando a sua aldeia, ensinava a eles na sinagoga deles, de modo que se admiravam e diziam: 'Donde lhe vem essa sabedoria e esses poderes?</p> <p>55. Não é este o filho do carpinteiro? Sua mãe não se chama Maria e seus irmãos não são Tiago, José, Simão e Judas?</p> <p>56. E não vivem entre nós todas as suas irmãs? Donde lhe vem, pois, isso tudo?"</p> <p>57. E ele lhes era uma pedra de tropeço. Mas disse-lhes Jesus: "Um profeta só é desprezado em sua terra e em sua casa".</p> <p>58. E não exerceu ali muitos poderes, por causa da incredulidade deles.</p> | <p>1. Jesus saiu dali e foi para sua aldeia, e seus discípulos o acompanharam.</p> <p>2. Chegando o sábado, começou a ensinar na sinagoga; e muitos ao ouvi-lo, se admiravam, dizendo: "Donde lhe vêm essas coisas? Que sabedoria é essa que lhe é dada? E que significam esses poderes operados por sua mão?</p> <p>3. Não é este o carpinteiro, filho de Maria, irmão de Tiago, de José, de Judas e de Simão? e suas irmãs não estão aqui entre nós"? E ele lhes era pedra de tropeço</p> <p>4. Então Jesus lhes disse: "Um profeta só é desprezado em sua terra, entre seus parentes e em sua casa".</p> <p>5. E não conseguia exercer ali nenhum poder, a não ser que pôs as mãos sobre alguns enfermos e os curou.</p> <p>6. E admirava-se, por causa da incredulidade deles.</p> |
|--|--|

Luc. 4:22b-30

João, 4:44

- | | |
|--|--|
| <p>22. b ... E perguntaram: "não é este o filho de José"?</p> <p>23. E ele lhes disse: "Certamente aplicareis a mim este provérbio: "Médico, cura-te a ti mesmo", o que ouvistes ter sido feito em Cafarnaum, faze-o também aqui, em tua terra".</p> <p>24. Disse mais: "Em verdade vos digo, que nenhum profeta é aceito em sua terra";</p> <p>25. mas, sem dúvida, digo-vos que muitas viúvas havia nos dias de Elias em Israel, quando o céu se fechou por três anos e seis meses, de forma que houve grande fome em toda a região;</p> <p>26. mas Elias não foi enviado a nenhuma delas,</p> | <p>44. E o próprio Jesus atestou que um profeta não recebe honra em sua própria terra.</p> |
|--|--|

a não ser a uma moça viúva, em Sarepta de Sidon;

27. e muitos leprosos havia no tempo de Eliseu, o profeta, em Israel, mas nenhum deles foi limpo, a não ser Naaman, o sírio".

28. Tendo ouvido essas coisas, eles ficaram cheios de raiva na sinagoga.

29. E, levantando-se, o expulsaram para fora e o levaram até um precipício na montanha em que estava construída a cidade deles, para lançá-lo abaixo.

30. Ele, porém, passando pelo meio deles, foi embora.

Em Marcos encontramos a sequência cronológica. De lá, sai Jesus para "sua aldeia nativa", Nazaré, aonde deve ter chegado no fim do ano 29 (sábado, 21 de outubro?). Com Ele seguem seus discípulos e comitiva, pois não foi para visitar parentes, mas para divulgar a Boa-Nova.

Nazaré fica a cerca de 50 quilômetros de Cafarnaum, e Jesus já passara por lá ao dirigir-se para fixar residência numa cidade mais importante, em maio/junho desse mesmo ano (veja vol. 2 e cfr. Mat. 4:13 e Luc. 4: 16-22a).

Neste trecho, Lucas se afasta de Mateus e Marcos. Vejamos primeiro estes dois.

Repetindo o que fizera na primeira visita, aguarda o sábado para, na sinagoga local, falar ao povo. Nesta segunda visita não estamos informados do texto comentado por Jesus. A verdade é que Suas palavras e os fatos prodigiosos que Dele se narravam, operados em Cafarnaum por Ele (literalmente: *dià tou cheirôn autou*, "por meio das mãos dele"), suscitavam uma série de indagações. Os nazarenos sabiam que Ele era de condição modesta (Marcos, "carpinteiro", *téktō*; Mateus, "filho de carpinteiro", *tou téktonos*). Sabiam que "sua mãe se chama Maria" (com o verbo no presente do indicativo, indicando que ela ainda se achava encarnada entre eles). Sabiam que tinha quatro irmãos, cujos nomes são citados: Tiago (o menor) considerado "uma das colunas da comunidade de discípulos" (cfr. Gál. 1:19; 2:9,12; Art. 12:17; 15: 13; 21: 18 e Flávio Josefo, *Ant. Jud.* 20, 11, 1), autor de uma epístola, chefe do grupo de Jerusalém até sua morte em 62); *José*; *Judas* (denominado "Tadeu", outro dos discípulos) e *Simão* (que não sabemos se terá sido o chamado 'Zelotes', também discípulo de Jesus). Das irmãs não são citados os nomes, mas deviam ser várias, por causa do adjetivo empregado: "todas as suas irmãs".

Dado esse conhecimento de Sua origem, de Sua família e de Sua educação, os nazarenos se perguntaram como teria Ele conseguido tamanha cultura e de que modo teria obtido os poderes de dominar a natureza. Diante do conhecimento, não podia ser o Messias, cuja origem deveria ser desconhecida (cfr. João 7:27). Então a própria figura de Jesus fê-los "tropeçar" na incredulidade e desconfiança.

Jesus cita um provérbio, aproveitando o ensejo para demonstrar a seus discípulos, contemporâneos e posteriores, que jamais pensassem em conquistar para sua crença os familiares e conterrâneos: "o profeta só não recebe honra em sua cidade, entre seus parentes e em sua família". Sêneca tem a mesma opinião: *vile habetur quod domi est* (*De Renef* 3,3): "o que está no lar é julgado vil".

Dessa maneira, a não ser alguns enfermos a quem curou com Seus passes (imposição das mãos), nada mais PODE fazer, por falta de fé dos compatriotas. Sem a receptividade indispensável da fé, "que é a substância da coisa desejada (Hebr. 11: 1) e portanto forma o "vácuo" que atrai os fluidos magnéticos, qualquer irradiação se perde no ar, não adere, escorrega pela superfície sem conseguir penetrar na criatura, qual ocorre com a água numa superfície impermeabilizada. Marcos é explícito, quando afirma que Jesus NÃO CONSEGUIU; o que para nós é de suma importância para ensinar-nos a não desani-

mar quando também não conseguimos realizar determinados efeitos benéficas em certas pessoas. Uma advertência para admoestar-nos: nem tente!

Nota ainda Marcos que Jesus "se admirou" da falta da fé, da incredulidade deles, dos quais provavelmente esperava (como todos nós esperamos dos familiares) maior compreensão e mais fé, provocada exatamente pelo velho conhecimento e pela antiga amizade de companheiros de infância, aos quais mais do que a ninguém, desejamos ajudar a fazer subir.

Inegavelmente a lição é profunda e eficaz.

Lucas relata essa visita em termos diferentes, talvez porque, longe dos acontecimentos e sem ligação pessoal com os nazarenos, não tenha tido receio de relatar fatos mais graves.

Começa salientando que o próprio Jesus percebe a descrença deles e lê o pensamento que eles não haviam ousado proferir em voz alta: "Certamente me direis: médico, cura-te a ti mesmo, e faz aqui o que fizeste em favor de Cafarnaum (*eis tên Kapharnaoum*)".

Dito isto, responde com outro provérbio: "nenhum profeta é aceito em sua pátria". E para confirmá-lo cita dois exemplos extraídos da própria Escritura. Refere-se o primeiro a Elias que, (cfr. 1.º Reis, 17: 8 e seguintes) perseguido pelos seus na grande fome que durou três anos (Lucas: três anos e seis meses), não pode atender a ninguém, mas renovou a provisão de azeite e farinha de uma viúva de Sarepta, ao sul de Sidon. O outro refere-se a Eliseu, quando curou de lepra o sírio Naaman (2.º Reis, 5:1 e seguintes), embora não tenha curado nenhum leproso na Samaria.

Essas palavras causam tumulto na sinagoga, provocado pelo despeito que se torna raiva contra o insolente que, além de nada fazer, diz que só beneficiará outras cidades. Levantou-se a multidão e expulsou-o aos empurrões da sinagoga, levando-o para "um precipício na montanha em que estava construída a cidade". Não é necessário supor, como diz a tradição, que se tratava do rochedo de Esdrelon, que fica a 3 km de Nazaré. Não. Qualquer altitude de 3 a 4 metros dava para, após jogá-lo em baixo, poder liquidá-lo pela lapidação.

Entretanto, a calma de Jesus em Sua tranquila dignidade fez que Ele se voltasse sereno, passasse no meio deles, sem que eles conseguissem mover um dedo contra Ele: num silêncio constrangedor, eles O vêem retirar-se. Para quem tivesse boa-vontade, o simples fato de haver Jesus passado pelo meio deles, silenciando a multidão enfurecida, bastaria para demonstrar o "sinal" que eles haviam desejado.

A quem lê o evangelho de Lucas de seguida, não deve estranhar o fato de que ele tenha reunido numa só narrativa as duas visitas de Jesus a Nazaré. Na primeira, Ele se declara categoricamente o Messias, tendo reservado para seus conterrâneos a primeira revelação explícita, e com isso conquista-lhes a benevolência. Cerca de quatro meses após, Jesus vai colher o resultado de Sua declaração anterior; mas o ciúme causado pelo ministério realizado fora da pequenina aldeia suscita-lhes a má-vontade, que chega ao despeito e à raiva. Lucas, de modo geral, gosta de terminar uma narrativa no mesmo local, mesmo que para isso tenha que unir dois pormenores afastados no tempo.

Todas as vezes que uma criatura dá o salto da personalidade para a individualidade, ela se vê a braços com sérios problemas em seu círculo de parentesco e de amizades. Dai a quase necessidade de o indivíduo afastar-se de casa, para poder dar cumprimento às tarefas que lhe competem. Em casa não é recebido: "veio para o que era seu, e os seus não O receberam"; no entanto os de fora da casa consanguínea, "todos os que O recebem e crêem em Seu nome, a esses Ele dá o direito de se tornarem filhos de Deus", embora "não tenham nascido do sangue, nem da vontade da carne, sem da vontade do homem", porque "nasceram de Deus" (cfr. João, 1:11-13). Os mais afins a nós espiritualmente, sempre os encontramos fora do círculo doméstico.

Lição que precisamos ter sempre diante dos olhos, para não desanimarmos ao ver que, exatamente os que mais são ligados a nós pela convivência, esses é que mais nos repelem, e até muitas vezes nos perseguem e caluniam, porque damos mais atenção aos "outros" do que a eles ...

São trazidos argumentos de "direitos adquiridos" pelos laços do sangue, pela afeição mais antiga, e todos tropeçam naquele que pode elevá-los na evolução, mas que "não no consegue" pela falta de fé da parte deles.

O próprio Jesus "se admira da indredulidade deles", dizendo-nos com isso que o mesmo há de ocorrer com todos os que seguissem Seu exemplo. Os franceses dizem, com razão, "qu'il n'y a pas de grand homme pour son valet de chambre", trazendo para o cotidiano o que dissera Jesus: "Só na própria terra o profeta não é honrado."

Em outro sentido mais restrito, encontramos que os piores inimigos do homem são seus parentes mais íntimos e mais próximos, ou seja, seus veículos inferiores. Quando o Espírito descobre os altos cimos espirituais e quer escapar à personalidade, negando-a, os mais ferrenhos opositores são seu intelecto que duvida, suas emoções que o arrastam para fora de si, suas sensações que reclamam maior bem estar e comodismo, seu corpo que pesa tristemente numa sonolência que corta qualquer meditação.

Diante do próprio eu pequenino, o Eu Maior se vê rejeitado, negado e até, se possível, expulso, pois é julgado qual intruso que busca destronar o vaidoso e personalista eu de suas ilusões efêmeras.

Num e noutro caso, aquele que souber vencer os percalços e óbices, amando o Cristo mais que sua personalidade (cfr. Mat. 10:37) e que souber perseverar até o fim (cfr. Mat. 10:22), esse obterá a vida imanente. Mas caso "e deixe envolver por esses laços asfixiantes que escravizam a criatura, não obterá a liberdade gloriosa dos filhos de Deus (cfr. Rom. 8:21).

Fomos avisados com clareza, sem ambages; cabe a nós agora a decisão ...

JESUS PERCORRE A GALILÉIA

Mat. 9:35-38

Marc. 6: 6 b

35. Jesus circunvagava por todas as cidades e aldeias, ensinando na sinagoga deles, pregando a boa-nova do reino e curando todas as doenças e enfermidades.
36. É, vendo ele as turbas, se comovia de compaixão por elas, porque estavam escorchadas arrasados, como ovelhas que não têm pastor.
37. Então disse a seus discípulos: "Na verdade a seara é grande, mas os trabalhadores são poucos;
38. rogai, pois, ao Senhor da seara, que envie trabalhadores para sua seara".
6. b ... Ele perambulava pelas aldeias circunvizinhas, ensinando.

Ao sair de Nazaré, depois de atravessar a multidão enfurecida que repentinamente emudecera ao vê-Lo voltar-se e sair calmamente, Jesus se reúne à Sua comitiva, que ficara de fora, e empreende um giro pelas aldeias vizinhas, ensinando nas sinagogas.

Mateus conserva-nos a impressão que Jesus tivera das massas populares dos lugares por onde passara. São trechos de conversas amigáveis, mantidas durante a marcha na poeira das estradas. O Mestre via a população como "ovelhas sem pastor", desorientada pela falta de mestres seguros que as alimentassem com a Verdade Divina. Então, "se compadeceu" (*esplagchnístê*, que pxprime a compaixão profunda que chega até as entranhas, comovendo emocionalmente); e a razão dada é que os humildes estavam "escorchados" (*eskulménoi*, ou seja, com a pele arrancada) e "arrasados" (*errimménoi*, isto é, jogados ao chão, lançados por terra).

Anota, então, o ensino dado aos discípulos: "a seara é grande, mas os trabalhadores são poucos: pedi ao Senhor da seara que envie mais trabalhadores" .

É o que até hoje vemos: a massa abandonada por falta de verdadeiros pastores, de qualquer agrupamento religioso: dirigentes espíritas, pastores evangélicos, sacerdotes católicos, suâmis orientais, rabinos israelitas, numa palavra todos os pregadores de espiritualismo, pensam mais em si, em seus interesses.

no domínio político e até na exploração financeira de suas ovelhas, do que no Amor que se sacrifica e se dá desinteressadamente. Além disso, o próprio ensino ministrado por todos é puramente teórico, sem o calor do exemplo vivido com esquecimento de si e de seus interesses, e que teria o dom de fazer frutificar e amadurecer as palavras proferidas. Até hoje as ovelhas estão sem pastores, porque os verd2deiros e desinteressados são pouquíssimos e não chegam para atender às necessidades prementes e inadiáveis e substanciais .

Todos os que se sintam inflamados de Amor pelos pequenos abandonados (de qualquer idade física, porque falamos da infância "espiritual"), são convidados a orar ao Pai para. com suas vibrações mentais e sua ação, propiciarem ambiente favorável à reencarnação em massa dos mestres de grande evolução.

O aviso serve para despertar as individualidades que, de modo geral, não querem cuidar desses problemas mais materiais. Teoricamente caberia a todos os que atingiram esse grau, oferecer-se como "médiuns de materialização" para a vinda desses espíritos missionários, realizando, em prece, os contatos físicos indispensáveis à formação de seus corpos purificados .

No entanto, justamente os que mais mergulham na espiritualidade, menos querem pensar nesses problemas físicos de sexo. E os missionários permanecem aguardando oportunidades de encarnação que não chegam ou, se o conseguem, é em ambientes precários de famílias humildes, complicadas por dificuldades financeiras e culturais Lógico que todos temos que, primeiramente, receber aqueles que a nós estão carmicamente ligados . Mas ao atingirmos determinados graus evolutivos, a via torna-se mais acessível. A prece que pode fazer que cheguem missionários para a seara de pouco valerá, se não for coadjuvada pela ação efetiva de propiciar os meios para a encarnação deles. E neste ponto esbarram os homens - máxime os mais evoluídos - nas barreiras dos preconceitos humanos. Quanto mais espiritualizado, mais se vêem cerceados pelos falatórios e pela condenação das criaturas, que lhes constroem a liberdade de agir .

Se alguém é considerado "mestre" ou "líder" religioso e realiza qualquer união com o objetivo de permitir a descida de um espírito desse alto teor vibratório, todos os que se dizem seus sequazes e discípulos o abandonam, porque só compreendem o que está dentro das "leis" criadas pelos homens, julgando imoral o que tiver sido realizado fora do "casamento legal" .

Dessa forma, a força da Vida que busca fazer evoluir a humanidade se vê coagida a não agir, e os seareiros continuam poucos, insuficientes para o serviço .

Quando terá a humanidade bastante evolução para compreender o problema e saber solucioná-lo, sem que se sinta amarrada pelas convenções e preconceitos? Quando chegar esse dia, os missionários poderão descer numerosos, premiando assim a coragem e o desassombro dos homens de boa-vontade, que obedecem mais às leis divinas que às humanas .

.

INSTRUÇÕES AOS EMISSÁRIOS – PARTE I

(Ano 30 A. D. ou 783 A. U . C. - Janeiro - Fevereiro)

Mat. 10:5-15

5. A estes doze (veja vol. 2) enviou Jesus, dando-lhes estas instruções: 'Não ireis pelas estradas dos gentios, nem entrareis nas cidades dos samaritanos,
6. mas ide antes às ovelhas perdidas da casa de Israel.
7. Pondo-vos a caminho, pregai dizendo "está próximo o reino dos céus".
8. Curai os enfermos, ressuscitai os mortos, limpai os leprosos, expeli os espíritos desencarnados; de graça recebestes, de graça dai.
9. Não vos proveireis de ouro, nem de prata, nem de bronze em vossas cinturas;
10. nem de alforge para a jornada, nem de duas túnicas, nem de sandálias, nem de bordão, pois é digno o operário de seu sustento.
11. Em qualquer cidade ou aldeia em que entrardes, indagai quem nela é digno; e aí ficai até vos retirardes.
12. Ao entrardes na casa, saudai-a
13. e se a casa for digna, desça sobre ela a vossa paz; mas se o não for, torne para vós vossa paz.
14. E se alguém vos não receber nem ouvir vossas palavras ao sairdes daquela casa ou daquela cidade, sacudi o pó de vossos pés.
15. Em verdade vos digo, que no dia do carma haverá menor rigor para a terra de Sodoma e de Gomorta, do que para aquela cidade".

Marc. 6:7 -11

7. E chamou a si os doze e começou a enviá-los dois a dois e deu-lhes autoridade sobre os espíritos atrasados,
8. e ordenou-lhes que nada levassem para o caminho, exceto um só bordão; nem alforge, nem pão, nem dinheiro na cintura;
9. mas que fossem calçados de sandálias e que não vestissem duas túnicas.
10. Disse mais a eles: "Em qualquer casa onde entrardes, permaneci ali até que vos retireis do lugar.
11. E se algum (lugar) não vos receber, nem vos ouvir saindo dali sacudi o pó da sola de vossos pés em testemunho contra eles".

Luc. 9:1-5

1. Convocando a si os doze, deu-lhes poder e autoridade sobre todos os espíritos desencarnados e para curarem doenças,
2. e enviou-os a pregar o reino de Deus e a curar.
3. E disse-lhes: "Nada leveis para o caminho, nem bordão, nem alforge, nem pão, nem prata, nem tenhais duas túnicas.
4. Em qualquer casa em que entrardes, nela ficai e dali partireis.
5. E qualquer (local) que vos não receber, ao sair da cidade, sacudi o pó de vossos pés, em testemunho contra eles.

Tal como faz no "Sermão do Monte", Mateus conservou-nos, de seguida, uma série de recomendações atinentes à pregação da Boa-Nova, por parte dos Emissários, enquanto nos outros evangelistas as encontramos esparsas.

Podemos dividir a alocução de Mateus em cinco partes principais. Em nosso texto apenas as enumeraremos. São elas:

- A - Instruções (vers . 5 a 15);
- B - Avisos (vers. 16 a 23);
- C - Encorajamento (vers. 24 a 33);
- D - Dificuldades (vers. 34 a 39) e
- E - Recompensas (vers. 40 a 42) .

Muitas coisas foram ditas sob o império das circunstâncias da época, e necessitam ser atualizadas. À recomendação de "não seguir pela estrada dos gentios nem entrar nas cidades dos samaritanos, mas só falar às ovelhas *perdidas* da casa de Israel", pode bem substituir-se hoje: "não pretender fazer prosélitos de outras religiões, tirando-os de suas crenças, mas falar apenas àqueles que estiverem insatisfeitos e perturbados em sua própria religião".

"Os doze" é fórmula frequente em Marcos (4:10; 9:34; 10:32; 11:11; 14:10,17,20,43) e em Lucas (8:1; 9:2; 18:31; 22:3,47; At. 6:2, etc.), designando os discípulos mais chegados, aos quais Jesus denominou oficialmente como "seus Emissários" (Apóstolos).

A partir deste momento os doze se tornam efetivamente Emissários de Jesus, e Este os instrui sobre o comportamento durante a viagem. Essas recomendações voltarão, quando do envio dos 72 discípulos, mais adiante.

Marcos esclarece que eles foram mandados "dois a dois", tal como é dito a respeito dos setenta e dois.

O tema básico da pregação é ainda a fórmula do Batista (Mat. 3:2) repetida no início por Jesus (Mat. 4:17), de que "o Reino dos céus está próximo", ou seja, não se acha distante no tempo (após a encarnação) nem espaço (nas alturas, acima das nuvens), mas antes acha-se próximo a nós no tempo (agora, já) e no espaço (dentro de nós, Luc. 17: 21).

Além disso recebem os doze a ordem taxativa de curar os enfermos ressuscitar os mortos, de limpar os corpos (da lepra) e os espíritos (dos obsessores). Tudo isso deve ser feito, sem que jamais se pense em retribuição de qualquer espécie, mormente financeira: de graça recebestes (este dom) de graça dai(-o a todos os que vo-lo pedirem).

Até aqui a concordância dos três sinópticos não oferece dúvida. Mas na enumeração do que devem levar ou não, no caminho, há certas discrepâncias. Concordam em proibir: a) dinheiro; b) alforge (com víveres) e c) d túnicas, Entretanto Mateus e Lucas proíbem o bordão, enquanto Marcos o recomenda; Mateus proíbe as sandálias, Marcos as autoriza e Lucas silencia a respeito

Analise o texto.

Falando no dinheiro, Marcos diz "bronze", Lucas escreve "prata" e Mateus especifica "nem ouro (*krysón*) nem prata (*argyrón*) nem bronze (*kalkón*). Nesses materiais eram cunhadas as moedas, segundo seus valores, sendo que de bronze eram confeccionadas as moedinhas de pequeno valor.

Traduzimos "na cintura" (e não no "bolso", nem na "bolsa"), pois era a cintura (ou às vezes o turbante) o local utilizado para carregar as moedas, quer colocadas em pequenos sacos, quer numa cava costurada para isso na cintura da túnica. Já expressamos (vol. 2) nosso pensamento, quanto à tradução dos Evangelhos, como deve ser feita: com toda a clareza e fidelidade em termos da língua atual, mas que dêem com a máxima exatidão o sentido da época. Falar em bolsas ou bolsos seria anacronismo, pois o que na época se utilizava não era o que hoje entendemos com essas palavras. E não só entre israelitas se carregava o dinheiro na cintura, pois Horácio (Epíst. II. 2, 40) escreve: *ibit eo quo vis, qui zonam perdidit*, isto é, "irá aonde quiseses, quem perdeu a cintura", ou seja, o dinheiro.

As sandálias ou alpercatas também são proibidas em Mateus, que as chama *hypodêmata* (sola de couro ou de madeira, amarrada aos pés), mas são autorizadas em Marcos, com a expressão: *hypodedeménous sandália*, "amarrando sandálias sob os pés".

"Vestir duas túnicas" era costume de viagem, para proteger-se do frio à noite, servindo a segunda de "muda", enquanto se lavava a de baixo, que estava suada.

Todas essas recomendações são feitas para treinar a confiança na Providência do Pai ("que não deixa morrer de fome um pardal' ...), assim como o espírito de desprendimento e pobreza, indispensável a quem pregava o reino do Espírito. E tudo foi dito em vista da conclusão: "o operário é digno de seu sustento". O grego *trophê* exprime o alimento e algo mais: como acolhida e hospedagem. A *trophê* era o que se proporcionava aos filhos da casa.

Ao chegar à localidade, mister informar-se de alguém que fosse "digno" (*áxios*), e nessa casa se permaneceria todo o tempo, pois ausentar-se dela constituiria, segundo o hábito israelita, ofensa ao hospedeiro.

Ao entrar na casa, a primeira coisa a fazer é "saudar" seus moradores (Mateus: *aspásasthe*), fórmula simples que Lucas (10:5) dá por extenso: "em qualquer casa em que entreis, começai dizendo paz a esta casa." E, uma vez atraídas as vibrações de paz, ela se derrama fatalmente, quer sobre a casa, se a sintonia for boa, quer sobre o próprio emissário.

Se o emissário cristão não fosse recebido, devia fazer o que era hábito de todo o israelita, quando regressava à Palestina proveniente de terras pagãs: sacudia o pó da roupa e dos pés, para não conspurcar a Terra Santa. Paulo e Barnabé (At. 13:5) obedecem à letra a essa recomendação, quando são obrigados a sair de Antióquia da Pisídia para dirigir-se a Icônia. De qualquer forma, não deveria haver polêmica: caso não fosse aceito, devia retirar-se imediatamente.

A memória do cataclismo de Sodoma e Gomorra permanecia viva, e era julgado como o mais terrível castigo da impiedade. Pois menos rigor haveria para essas cidades, que para aquela que não recebesse os enviados do Mestre.

No entanto, a permanência em cada localidade devia ser curta. A tradição da época, registrada da *Didachê* (11:1) prescreve um dia ou, no máximo, dois, acrescentando que "aquele que permanecer três dias é falso profeta".

O "dia do carma" (*krisis*) não se refere ao "juízo final", mas à colheita do resultado das ações feita por meio da frequência vibratória de cada um: de acordo com as ondas básicas (tônica) de cada ser, será ele atraído para este ou para aquele local, tal como as ondas hertzianas que penetram no aparelho de rádio-receptor de acordo com a sintonia em que este se encontra.

Se as ações forem na linha do bem (na direção do Espírito) a colheita será alegria e paz; se forem no sentido do mal (matéria ou satanás) o resultado colhido (carma) será dores e sofrimentos. Essa triagem, essa "separação" (*Krísis*) é exatamente o carma automático, pois a Lei já estabeleceu tudo de antemão, e não é necessário que ninguém faça julgamentos. A humanidade de hoje não precisa mais dessas figuras infantis: já está madura para receber a verdade sem distorções. Então, de acordo com o carma será o estado de espírito dos seres, vibratoriamente separados segundo suas tônicas.

JULGAMENTO

Há um verbo grego (*krínó*) que é sistematicamente traduzido nas edições correntes por JULGAR; e seu substantivo (*krísis*) é sempre transladado por JULGAMENTO ou JUÍZO.

Estudemos esses termos, que são de capital importância na compreensão do ensino de Jesus.

O verbo *KRÍNÔ* apresenta os sentidos básicos de: *separar, fazer triagem, escolher, decidir, resolver* e, por analogia e extensão, *julgar*.

O substantivo *KRÍSIS* exprime fundamentalmente: *ação, separação, triagero, escolha, o resultado da ação de escolher, decisão, donde, por analogia e extensão, julgamento, ou juízo*.

Analisemos, agora o sentido etimológico, que também importa. Foram consultados: "Émile Boisacq, *Dictionnaire Étymologique de la Langue Grecque*, 4.^a edição, Heidelberg, 1950"; Liddell & Scott, *Greek-English Dictionary*", Oxford, 1897"; e "Sir Monier Monier-Williams, *A Sanskrit-English Dictionary*, Oxford, 1960", pág. 258 e 300.

KRÍNÔ e KRÍŠIS (assim como o latim CERNO) vêm da raiz sânscrita KRI, que significa: *agir, fazer, causar, elaborar, construir, escolher*, etc.

Dessa mesma raiz KRI deriva o substantivo sânscrito KARMA, que exprime: *ação, realização, efeito, resultado da ação escolhida, escolha*, e cujo sentido é perfeitamente compreendido pelos estudiosos do espiritualismo, ou seja: CARMA é a consequência (boa ou má) de uma ação (boa ou má) que a criatura tenha realizado por sua livre escolha.

Verificamos, pois, que traduzir sistematicamente KRÍNÔ e KRÍŠIS por "julgar" e "julgamento" (sentidos analógicos e extensivos) é, em muitos casos, forçar o sentido e até desvirtuá-lo totalmente.

EXEMPLOS – "O Pai a ninguém julga, mas deu todo julgamento ao Filho" (João, 5:22) só formaria sentido se aceitássemos um deus pessoal, sentado num trono (como Salomão) a proferir sentenças, embora de grande sabedoria. Aliás, muita gente imagina exatamente uma cena assim ... Sabemos, porém, que isso jamais pode dar-se com o Ser Absoluto e Impessoal que é O Pensamento Criador e Sustentador dos universos, transcendente a tudo e a todos, mas imanente em todos e em tudo, pois que constitui a essência última de todos os seres e de todas as coisas.

Apliquemos a tradução lógica (não a "analógica") e vejamos: "O Pai a ninguém escolhe, mas deixa toda escolha ao filho". Aí o sentido procede: justamente por ser imanente em todos, o Pai Impessoal a ninguém escolhe, porque a todos, "bons e maus, justos e injustos" (cfr. Mat. 5:45), santos e criminosos, dá as mesmas oportunidades, a mesma quantidade de amor e, liberdade absoluta do livre-arbítrio. Mas "toda escolha é dada ao filho", isto é, ao ser humano, "filho de Deus" que, com seu livre-arbítrio, *escolhe* o caminho que quer, arcando depois com as consequências, na "época do carma" (no "dia do juízo", que pretende traduzir exatamente a palavra *krisis*). No caso de Jesus, Ele podia afirmar, em continuação: "e minha escolha é justa, porque não busco a minha vontade, mas a vontade de quem me enviou" (João, 5:30), isto é, o Pai que é representado em nós pelo Cristo Interno, pelo Logos em nós.

Se nesse trecho traduzíramos KRÍNÔ por "julgar", haveria frontal contradição com os seguintes textos:

- a) João, 8:15-16: "vós julgais segundo a carne (as aparências); eu *a ninguém julgo*. Mas se eu *julgo* alguém, é verdadeiro meu *julgamento*, por que não estou só, mas eu, e o Pai que me enviou". Afinal, é o Pai que julga? ou deu o julgamento ao filho? E como o filho não julga ninguém? Não seria possível compreender-se. Substitua-se, porém, nesse passo, a tradução analógica pela lógica, e o sentido se torna claro, óbvio, compreensível: "vós escolheis segundo a carne (as aparências); eu não escolho ninguém; mas, se escolho alguém, é verdadeira minha escolha, porque não estou só, mas eu, e o Pai que me enviou".
- b) João, 12: 47: "Se alguém me ouve as palavras e não confia, eu não o julgo, pois não vim para julgar o mundo, mas para salvar o mundo". Afinal o julgamento é do filho ou do Pai? Se "todo o julgamento foi dado ao filho", como diz o filho que "não veio para julgar"? Então, compreendemos que realmente, há uma diferença entre os dois textos, e que, neste último passo, *krínô* tem, de fato, o sentido analógico de "julgar". Aqui é mesmo JULGAR como naquele outro passo de Lucas (5:37): "Não julgueis e não sereis julgados; não condeneis e não sereis condenados; perdoai e sereis perdoados".

No trecho que aqui comentamos, compreendemos perfeitamente que não pode haver um "dia do juízo", interpretação que deu margem à invenção de um "juízo particular" e de um "juízo universal", quando "o mundo terminaria". Esses absurdos anticientíficos e antilógicos não mais podem ser aceitos hoje. Não haverá "fim do mundo", pois no máximo poderá ocorrer um "fim de ciclo", que coincide com o movimento pendular do eixo do planeta, cada 26.000 ou 28.000 anos. No entanto, há comprovadamente a época da "colheita de resultado de nossas ações" a cada término de existência terrena, ou

seja, "o dia do carma", assim como, a cada fim de ciclo, haverá uma triagem (separação) de acordo com as vibrações de cada um. Portanto, a melhor tradução do trecho, em termos atuais, para compreendermos o que Jesus ensinou, é exatamente "o dia do carma", isto é, "o dia da colheita (*krísis*) dos resultados de nossas ações, boas ou más".

Isto porque, a cada pessoa ou coletividade, "será dado segundo suas obras" (cfr. Mat. 16:27; Rom. 2:6; 2 Cor. 5:10 e 11:15; 1 Pe. 1:17; Apoc. 2:23 e 22:12; e outros semelhantes).

Ao ler este primeiro trecho, temos a impressão de estar recordando as recomendações que são feitas àqueles que, emissários do Alto para a Terra, reencarnam com tarefas específicas de evangelização. Os que costumamos chamar de "espíritos missionários aí encontram as diretrizes básicas de seu comportamento: desprendimento total e absoluto de tudo o que pertence ao plano material, inclusive às pessoas físicas e às organizações religiosas. A tarefa é específica: ensinar a proximidade do reino dos céus, que se encontra dentro de cada um. Se não for aceito num local, numa família, saia para os outros, para todos os que estão "perdidos", isto é, desorientados. Nessa passagem rápida, distribuir PAZ, saúde, luz e amor, sem nada esperar de volta.

Ensina-nos o trecho que nenhuma preocupação devemos ter com a personalidade transitória, que fenece como a erva do campo. O aceno ao "dia do carma" esclarece que na colheita do resultado das ações é muito mais levada em conta a atitude espiritual (recusa de espiritualizar-se) do que os atos físicos do corpo, os erros do sexo (Sodoma e Gomorra) e as imperfeições sempre naturais a quem é imperfeito. O ato de recusar o convite para espiritualizar-se ("pecado contra a Espírito") é que constitui a condenação, não como castigo, mas porque isso vem assinalar externamente a direção interna de seu caminhar. Se a criatura está caminhando para o sul e, embora convidada, recusa ir para o norte, está condenada a jamais chegar ao norte; assim, se caminhar para a matéria ("anti-sistema") e recusa voltar-se para dirigir-se ao Espírito ("Sistema"), fica ipso facto "condenada", porque "peca contra o Espírito" (Luc. 12:10), isto é, se movimenta na direção oposta ao Espírito.

Resumindo: todo aquele que pretende dedicar-se à vida real do Espirito, tem que desprender-se (desapegar-se) de tudo quanto é material: dinheiro, roupa, calçado, comidas, etc., vivendo apenas para fazer o bem: curando, ressuscitando, limpando, distribuindo PAZ, tudo "de graça", sem esperar retribuição. Só o Espírito vale: a personalidade é precária e transitória.

INSTRUÇÕES AOS EMISSÁRIOS – PARTE II**Mat. 10:16-23**

- 16. "Atenção! Eu vos envio como ovelhas no meio de lobos; tornai-vos, pois, prudentes como as serpentes e simples como as pombas.**
- 17. Cuidado, porém, com os homens, porque vos entregarão aos tribunais e, em suas sinagogas, vos açoitarão,**
- 18. e, por minha causa, sereis levados à presença de governadores e de reis, para servir-lhes de testemunho a eles e às nações.**
- 19. Quando vos entregarem, não vos preocupeis como, ou o que, falareis, porque naquela hora vos será dado o que direis,**
- 20. pois não sois vós os que falais, mas é o espírito de vosso Pai que fala em vós.**
- 21. Irmãos entregarão à morte aos irmãos e pais aos filhos e filhos se levantarão contra seus pais e os farão morrer**
- 22. E sereis odiados de todos por causa do meu nome; mas quem suportar até o fim, esse será salvo.**
- 23. Quando, porém, vos perseguirem numa cidade, fugi para outra; porque em verdade vos digo que não acabareis de percorrer as cidades de Israel, antes que venha o filho do homem.**

Este trecho, de avisos do que sucederá aos Emissários, não se refere à época desta primeira missão, mas ao futuro.

Inicialmente, um alerta: "Atenção"! (*idouí*), depois uma sentença para ser gravada de memória: "eu vos envio como ovelhas no meio de lobos", em que o perigo de ser morto é grande. Daí o conselho: "tornai-vos (*gínesthe*, e não "sede") prudentes (*phronímoi*, que é a prudência hábil e astuta) como as serpentes, e simples (*akéraioi*, sem mistura, ou seja, sem duplicidade) como as pombas".

Os lobos são os próprios homens, que procurarão devorar os emissário do Espírito; e como talvez não possam esfaqueá-los com suas mãos, os entregarão aos tribunais (*sinédria*, no plural, referindo-se aos pequenos sínédrio, de 23 membros, que era constituído nas aldeias que tivessem mais de 120 homens) e eles os mandarão açoitar.

Mas, além disso, a causa cresceria de âmbito, e os enviados do Espírito também seriam citados diante de governadores e reis, para que seu exemplo servisse de testemunho de verdade diante das nações pagãs (não-israelitas).

No entanto, quando se achassem diante dos tribunais, não deviam preocupar-se como falar, já que, naqueles momentos de angústia, "o Espírito de vosso Pai" falaria por intermédio deles. A história está cheia desses exemplo, de respostas de sabedoria acima da capacidade humana, nessas situações terríveis de perseguição, bastando recordar a profundidade das respostas de Joana d'Arc aos setenta bispos, verdadeiros lobos devoradores a serviço da política eclesiástica de então. Essa assistência parece referir-se até a um, psicofonia total prometida aos perseguidos, quando tiverem que ser julgados.

Trata-se a seguir das desavenças dentro do próprio lar, entre pais e filhos, coisa que sempre se verificou e ainda hoje vemos, quando alguém que vive em ambiente de determinada religião resolve aderir ao espiritualismo e ao Evangelho de Jesus. E o aviso: "sereis odiados por causa de Meu Nome" Realmente. Aqueles que obedecem à ordem de curar os enfermos em nome de Jesus, por exemplo, são le-

vados ainda hoje à barra dos tribunais por "exercício ilegal da medicina" ... E quem os acusa se diz cristão, discípulo Daquele que deu ordem de curar em Seu Nome! Há verdadeiro ódio contra os Emissários do Mestre, por parte da maioria dos tomens.

Mas "quem suportar" (*hypomeínas*, ter paciência e perseverança numa dificuldade sem arredar pé; persistir; suportar) tudo até o fim (*eis telós*), esse será salvo; isto é, libertado das dores. Pode referir-se esse "fim" ao término das perseguições ou ao final dessa existência terrena.

Todavia não deve o Emissário de Jesus arriscar-se a sofrer voluntariamente: se for perseguido numa localidade, transporte-se para outra (sacudindo o pó dos pés), pois o que ele tem para dar servirá a outros, que talvez estejam sequiosos de recebê-lo.

"Não terminar de perlustrar as cidades de Israel, até que venha o filho do homem" é interpretado como o primeiro trecho escatológico, em que Jesus parece fazer alusão a um regresso próximo. Durante muito tempo foi isso compreendido como uma garantia da parusia.

*Expliquemos os termos. "Escatologia" é o estudo do que ocorre depois da morte, depois do fim, que alguns pensam ser o "fim do mundo" (derivado de **eskhatós**); e "parusia", que significa "presença", refere-se à segunda vinda do Cristo, que acreditavam fosse pessoal, em corpo físico, embora em aparência gloriosa.*

Outros exegetas atribuem a essas palavras o sentido de uma profecia da destruição de Jerusalém por Tito, no ano 70, onde Cristo teria voltado simbolicamente para "vingar" as perseguições, como escreve Lagrange: "Essa vinda não é necessariamente a parusia que termina a história do mundo. O filho do homem vem quando exerce um grande julgamento, sobretudo da espécie da ruína de Jerusalém" (Lagrange, "Évangile selon Saint Matthieu", Paris, 1923, pág. 205).

A interpretação do sentido profundo é muito mais clara e lógica.

O missionário que desce à Terra, chega aqui verdadeiramente como ovelha no meio de lobos. Costumamos, em conversa, comparar as dificuldades vibratórias que sentiu, por exemplo, Jesus, ao encarnar entre nós, às dificuldades que sentiríamos se fôssemos obrigados a encarnar numa vara de porcos selvagens. A situação é semelhante sob muitos aspectos. A humanidade egoísta e cruel parece uma alcatéia de lobos famintos e vorazes, que só buscam seus interesses imediatos. Dai a necessidade de ser prudentes e astutos como serpentes, embora, no próprio íntimo, mantendo a simplicidade branca das pombas.

Os homens perseguirão a personalidade do emissário, levando-a aos tribunais; mas o espírito deverá manter-se forte e inabalável em suas convicções, servindo-lhes de testemunho de que o Espírito é superior à matéria, e a individualidade maior que a personalidade. Nos embates com as autoridades, a personalidade do emissário será assistida pelo Espírito do Pai que nele habita (o Cristo Interno, a Centelha Divina) que lhe ditará as palavras que deverão ser proferidas. Compreendamos, entretanto, que "governadores" e "reis" não são apenas os políticos profanos, mas também as autoridades religiosas de outros credos. E serão também aqueles que, não compreendendo o alcance de sua atuação em certos setores, os acusam levianamente.

No entanto, não é só de estranhos, mas dos próprios parentes mais chegados que virão os ataques. E sabemos que, por esses termos, se entendem os veículos inferiores que nos servem de médiuns para nossa manifestação no planeta denso. Então, os próprios veículos do Espírito lhe serão inimigos, querendo levá-lo à desistência da tarefa com a qual se comprometeu, para que aproveite os minutos de satisfação física que lhe podem trazer o conforto das riquezas, a glória da fama, os prazeres dos sentidos, o domínio autoritário, a celebridade do intelecto. Tudo e todos se levantarão contra a boa-intenção do emissário de cumprir sua tarefa, que será inçada de dificuldades sempre crescentes e inamovíveis, podendo chegar até a causar-lhe a morte.

Só aqueles que suportarem até o fim as lutas, poderão conseguir vitória.

Entretanto, sempre devemos procurar refúgio em "outra cidade", quando aquela em que estamos nos tornar impossível a vida. Ou seja, sempre devemos buscar recolher-nos ao Espírito, em nosso interior, quando as tempestade crescerem no mundo físico. E não teremos terminado de percorrer todas as cidades de Israel (de completar todo o caminho evolutivo), pois antes disso virá o filho do homem (encontraremos o Cristo Interno).

A frase "cidades de Israel" é terminologia iniciática, e exprime simbolicamente o percurso evolutivo do homem. Numa síntese, bastante rápida, podemos assinalar esquematicamente alguns dados apenas:

Fatos históricos:	Simbolizando:
1. Criação do povo de Israel pelo PAI-LUZ (AB- RAM) e sua opressão no Egito.	A. individualização da Centelha, ainda no reino animal, aí permanecendo na prisão
2. A matança dos cordeiros e o passagem do Mar Vermelho.	A passagem do animal (que deve terminar) para o estado hominal.
3. A longa conquista de Canaã.	A demorada conquista do intelecto.
4. A passagem do Jordão.	A passagem definitiva para o domínio intelectual.
5. O reinado de Judá e a construção do Templo.	O domínio do intelecto e o início da religiosidade.
6. O exílio de Babilônia.	A limitação do intelecto preso na matéria
7. A reconquista de Jerusalém e a reconstrução do Templo.	A libertação do intelecto que passa ao domínio do Espírito ou individualidade.

Então, antes que o emissário termine o percurso das "cidades" ou ponto chaves da história de Israel, o filho do homem virá a ele, ou seja, verificar-se-á o acesso à individualidade. Enquanto isso, ele terá que ir suportando a perseguições nas sucessivas encarnações, superando aos poucos o animalismo até conseguir o domínio do Espírito.

Conforme vemos, a linguagem simbólica é de perfeita clareza; mas a interpretação literal não nos faz chegar a uma conclusão lógica.

INSTRUÇÕES AOS EMISSÁRIOS – PARTE III

Mat. 10:24-33

Luc. 6:40

24. "Não é o discípulo mais que seu mestre, nem o servo mais que seu senhor:
25. basta ao discípulo ser como o seu mestre e ao servo como o seu senhor. Se chamaram Beelzebul ao dono da casa, quanto mais (o farão) aos seus domésticos!
26. Portanto, não os temais: pois nada há de encoberto que não venha a descobrir-se, nem de oculto que não venha a saber-se.
27. O que vos digo às escuras,izei-o na luz; e o que ouvis aos ouvidos, proclamai-o nos telhados.
28. Não temais os que matam o corpo, mas não podem matar o alma; temeí, antes, o que pode fazer perder tanto a alma como o corpo no vale das lamentações.
29. Não se vendem dois passarinhos por um centavo? e nenhum deles cairá no chão sem vosso Pai.
30. E até os cabelos de vossa cabeça estão todos contados:
31. Não temais, pois: mais valeis vós que muitos passarinhos.
32. Portanto todo aquele que me aceitar diante dos homens, eu também o aceitarei diante de meu Pai que está nos céus;
33. mas aquele que me rejeitar diante dos homens, eu também o rejeitarei diante de meu Pai que está nos céus.
40. O discípulo não é mais que seu mestre, mas todo aquele que é diplomado é como seu mestre.

Nesta terceira parte, que intitulamos "encorajamentos", encontramos, em forma sentenciosa, três recomendações de coragem, iniciadas com as palavras "não temais".

A fórmula inicial salienta que um discípulo não deve pretender tratamento superior ao que teve seu mestre, nem o servo ser mais bem tratado que seu senhor. A verdade é evidente. Muito felizes deverão julgar-se discípulos e servos, se conseguirem tratamento semelhante ao do mestre e ao do senhor.

Lucas apresenta uma particularidade: o discípulo não é mais que seu mestre, mas todo discípulo diplomado (*katértisménos*, particípio passado passivo de *katartízô*, isto é, que foi aparelhado, preparado, formado, ou seja, diplomado), é como (é igual) a seu mestre.

Depois vem o exemplo: chamaram o Mestre de Beelzebul. Essa palavra desorientou os exegetas durante séculos. Nessa forma aparece nos manuscritos, e significa literalmente "senhor do fumeiro"; não deve ser confundido com Beelzebub, "senhor das moscas", a quem Ozonias (2.º Reis 1:6) mandava consultar em suas dificuldades. Na época de Jesus, Beelzebul tinha o sentido genérico de "ídolo", isto é, de culto a uma divindade falsa; então, Beelzebul era o falso profeta, o falso sacerdote. Se assim chamaram o "dono da casa", quanto mais o farão a seus familiares! ...

Até hoje vemos esse epíteto aplicado, mesmo dos púlpitos, aos que seguem os lídimos preceitos de Jesus. E o próprio ato de sermos assim denominados, constitui para nós a maior glória, pois vem provar à saciedade que, segundo a predição de Jesus, nós realmente somos seus seguidores, seus discípulos, pois recebemos o mesmo epíteto que Ele.

A argumentação é feita nos moldes rabínicos, da menor para a maior (*a minori ad majus*, na fórmula silogística da Escolástica).

Por que temê-los?

Depois aparece uma sentença axiomática, também repetida: tudo o que se esconde, há de aparecer à luz; e as malevolências dos homens, tenham ele que títulos tiverem e atribuam-se a autoridade que quiserem, tudo se virá a saber a respeito da verdade. Podem eles intitular-se a si mesmo delegados, embaixadores e representantes de Deus, mas suas credenciais estão assinadas por eles mesmos, e portanto nenhum valor real apresentam, porque lhes falta a chancela da Divindade. Tudo isso, que é escondido, virá a ser publicado.

A seguir uma advertência baseada no costume da época. O pregador, denominado *darshan*, não discursava na sinagoga aos sábados em voz alta: falava a meia-voz ao intermediário chamado *amorâ* ou *turgemân*, e este é que repetia em voz alta o que o *darshan* lhe comunicava (cfr. Strack e Billerbeck, *Kommentar zum neuen Testament aus Talmud und Midrash: Das Evangelium nach Matth.*, Munchen, 1922, tomo 1, pág. 579; citado por Pirot, o.c.). Assim diz Jesus, que o que lhes é dito às escuras, deve ser proclamado na luz; isto é, o que é dito simbolicamente, deve ser explicado com clareza, e tudo o que for oculto deve ser traduzido à luz; e o que for dito aos ouvidos, deve ser gritado dos telhados. Prende-se esta última frase também a um hábito da época: o *hazzan* subia, às sextas-feiras, ao telhado mais alto da aldeia e tocava a trombeta, para avisar a todos os camponeses que se recolhessem para respeitar o sábado.

Justamente pela explicação clara desses ensinamentos secretos vem a humanidade esperando há quase dois mil anos. Com a ajuda do Pai, eles estão sendo trazidos aos poucos, infelizmente ainda de modo deficiente, por incapacidade dos intérpretes.

Aparece o segundo conselho de coragem. Aqui encontramos a oposição entre *sôma* (corpo) e *psychê* (alma). Não devem temer-se os que só tem o poder de *matar o corpo* (*sôma*), mas não no possuem para *matar a alma* (*psychê*), ou seja, desviá-la do rumo certo, levando-a para o anti-sistema, para o pólo negativo.

Em numerosos lugares, tanto do Antigo como do Novo Testamento, aparecem como ações opostas as locuções "matar a alma" e "salvar a alma". A alma (*psychê*) é o corpo astral que plasma o corpo físico na reencarnação e aparece, no físico, sob a forma de sangue (Deut. 12:23). A distinção entre "matar o corpo" (*sôma*) e "matar a alma" é bem clara nas Escrituras. Quem mata o corpo apenas destrói o veículo mais denso, mais grosseiro, mas, com isso, não afeta o corpo astral (a alma), já que esta prossegue sua mesma vida em outro plano de vibrações e, de modo geral, não é prejudicado senão por perturbação momentânea pois de qualquer forma dirimiu um carma que o alivia de dívidas do passado. Por tudo isso, a alma se vê "salva" da garra dos perseguidores. Já a "morte da alma" se apresenta sob outros aspectos muito mais graves. É atingido o próprio corpo astral, que se perturba profundamente e, ao chegar ao outro plano de vibrações, permanece desequilibrado de tal forma, que só novo mergulho no "vale das lamentações" (na reencarnação terráquea) poderá reequilibrá-lo através do esquecimento temporário. No entanto, a reencarnação desses que se encontram "mortos" nesse estado é terrivelmente dolorosa, pois que, pelo próprio desequilíbrio, construirão corpos físicos deficientes, defeituosos, ou pelo menos com os neurônios cerebrais disrítmicos, o que lhes causará sérias perturbações mentais e

até demência. Por tudo isso, compreende-se que a morte do corpo físico não é temível, mas a da alma é de consequências desastrosas, e por isso deve ser temida: "teme: os que podem fazer perder tanto a alma quanto o corpo no vale das lamentações", perdidos no escuro cárcere da loucura que afeta tanto o corpo como a alma.

No entanto, a Providência do Pai que em todos e em tudo habita, está sempre atenta a tudo, e nada nos acontecerá sem Ele. O texto grego *áneo tou patrós humôn*, que literalmente significa "sem vosso Pai", pode ser entendida nesse sentido preciso (que preferimos): nada ocorre *sem o Pai* que está dentro de tudo e de todos (cfr. Ef. 4:6 e 1 Cor. 15:28), e que constitui a essência ou substância ultérrima de tudo o que existe; ou b) "fora de vosso Pai". pois nada existe fora Dele, já que Nele estamos mergulhados integralmente. Nele nos movimentamos, Nele existimos (cfr. At. 17:28); ou c) interpretando-se o sentido: "Sem o consentimento ou a vontade de vosso Pai".

Se o Pai está em nós e nós estamos no Pai, que temer? Tudo o que ocorre conosco, ocorre juntamente com o Pai que nos acompanha a cada segundo, e nada ocorre a nós sem que o Pai nos acompanhe amoravelmente. Até os pardais, que quase nada valem, não caem ao chão sem Ele; até os fios de cabelo de nossas cabeças; que estão todos contados pelo Pai, não caem sem Ele. E uma criatura humana, que muito mais vale, como poderia qualquer coisa ocorrer-lhe sem a coparticipação do Pai? É ainda o raciocínio *a minori ad majus*; se não cai um cabelo nosso, como ocorreria uma enfermidade ou morte sem que isso ocorresse com o Pai, a Seu lado dentro Dele.

Não adotamos as traduções "sem o consentimento" do Pai nem, menos ainda, "sem a vontade" do Pai, para não falsear a idéia expressa por Jesus. Essas duas expressões dariam a falsa impressão de que um Pai externo e pessoal estaria deferindo requerimentos, dando uma permissão exterior para que uma desgraça atingisse ou não seus filhos, enquanto Ele ficaria "de fora", a olhar passivamente os extertores de dor das criaturas. E menos ainda a "vontade" do Pai, que faria que o imaginássemos como um sádico a gozar com o sofrimento das criaturas, sofrimento planejado e desejado pela vontade Dele. Essa tradução plasmou erradamente a mentalidade geral durante milênios, e ainda hoje ouvimos: "Fulano ficou aleijado ... foi a vontade de Deus": ou então: "Fulano foi roubado ... foi a vontade de Deus"; e coisas piores, como se Deus, o Pai Amoroso e Bom, fora um malfeitor criminoso que só quisesse desgraças. Porque se algo de bom e agradável acontece, ninguém diz que "foi vontade de Deus", ao contrário: o que é bom é atribuído à sorte da criatura, à sua competência, à justiça, e até ao acaso, mas jamais à vontade de Deus. Esta só ocorre nos acontecimentos tristes e dolorosos. Para a massa, Deus ainda é "o vingador" do tempo de Moisés. No entanto, pelo ensino de Jesus, aprendemos o contrário: o Pai é a Alegria, a Felicidade, a Bondade, e só quer o Bem de seus filhos; se algo de mal ocorre, é provocado por nossos erros, como consequência de nossas investidas contra a Lei. Ora, quem bate com a cabeça num muro de pedra, quebra a cabeça por vontade própria, não por vontade de Deus. Ele construiu o muro de pedra da Lei para guiar a humanidade, e leva todos a obedecerem à Lei para não se ferirem nas pedras, sendo até mesmo beneficiados e defendidos por essa muralha granítica. Mas se alguém, por ignorância ou maldade, teima em investir contra o muro, Ele não tem culpa, não é por Sua vontade que isso ocorre. As consequências são colhidas pela criatura que cometeu o erro, e exclusivamente por culpa própria, porque quis.

A conclusão é dada com a "maior" "vós valeis mais que muitos passarinhos".

Lemos depois a sentença que finaliza esta parte do discurso, e que constitui uma ilação de tudo o que foi dito. O raciocínio caminha com impecável lógica.

- a) o discípulo não é mais que o Mestre;
- b) se perseguiram o Mestre, perseguirão o discípulo;
- c) não obstante, coragem! preguem a doutrina; já que
- d) os inimigos só poderão prejudicar o corpo,
- e) mas nada acontece fora do Pai, nem a um passarinho;
- f) ora, os discípulos valem muito mais,

g) então aceitem esse Mestre, apesar dos sofrimentos.

As traduções correntes transladam o verbo grego *homologéo* por "confessar". Realmente, pode apresentar-se esse sentido. Mas o significado português atual de confessar pode dar idéia de "contar os pecados a um sacerdote ou seus erros a um juiz". E esse não é o significado desse verbo, que, etimologicamente exprime: "falar" (*logéo*) "a mesma coisa" (*homo*), e portanto, "concordar, estar de acordo, reconhecer, aceitar". Preferimos o último, por causa da oposição com a segunda parte do dístico: "aceitarei, quem me aceitar; rejeitarei, quem me rejeitar".

O princípio ensinado é claro: é o discípulo que escolhe o mestre e se entrega à sua formação. Se ao professor fosse dado escolher seus discípulos, seria ótimo; mas a ele só cabe ser escolhido pela preferência de quem nele confia e lhe quer ouvir os ensinamentos. Portanto, a lógica ainda continua precisa: se alguém O aceitar, será aceito por Ele; mas se O rejeitar, por Ele será rejeitado.

As frases do ensino tornam-se cada vez mais incisivas.

A diferença entre individualidade e personalidade é aqui realçada com todo o vigor.

Jamais poderá pretender a personalidade transitória superar ela mesma o nível da individualidade. Em relação a esta, a personalidade é um discípulo diante de um mestre, uma escrava perante seu senhor, e não lhe cabe outro recurso senão abaixar a cabeça, "renunciar a si mesma" e, carregando sua cruz por ela mesma construída, seguir no rumo da espiritualização. Mais tarde virão outros conhecimentos em apoio: só quem der preferência absoluta à individualidade poderá dizer-se discípulo (Mat. 10:37). Por enquanto, está firmado o princípio da superioridade de uma sobre a outra, sem possibilidade de enganos. Por mais que se esforce, a personalidade poderá, no máximo, quando já "diplomada", igualar a individualidade através do conhecimento que lhe advém exatamente da sabedoria profunda da própria individualidade, sua mestra inequívoca.

Quem coloca a personalidade acima de seu "mestre e senhor" o Espírito, o Cristo Interno, ainda se encontra bastante atrasado na estrada da evolução no período da construção de suas cruzes, às quais automática e sucessivamente vai ficando preso, tendo que carregá-las posteriormente até o cimo do Calvário.

Ora, enquanto o Cristo Interno se acha crucificado na matéria, trilhando a dura, árdua, íngreme e pedregosa estrada para o Gólgota, terá que passar pelas Forças Caudinas do sofrimento; e como se acha entre "espíritos" muito materializados, que nem sabem o valor do Espírito, terá que suportar a perseguição do meio ambiente que o acolhe. Acha-se assim elucidada a frase: "se o mestre e senhor (Espírito, Cristo Interno) é chamado Beelzebul (senhor do fumo, isto é, chefe das trevas, da ignorância), muito mais o serão os seus familiares" (ou domésticos), que são seus veículos, e em primeiro lugar seu intelecto que governa toda a sua personalidade. Quer isto dizer que a perseguição movida pelo mundo material ao Espírito, sê-lo-á também aos veículos daqueles que servem ao Espírito, como seus discípulos e servos.

No entanto, toda essa perseguição movida pela matéria (diabo, satanás) ao Espírito, no planeta em que vivemos, será temporária: "nada há encoberto que se não descubra". Se nas condições atuais o Espírito está oculto sob a matéria, ele virá a descobrir-se, manifestando-se radiantemente ao próprio mundo. E a massa humana irá aos poucos encontrando-o dentro de si mesma. Para isso, requer-se tempo, não contado em dias e meses, mas computado em séculos e milênios. "Tudo o que está oculto, virá a saber-se", e por isso a única parte real da vida (o Cristo) será conhecido de todos.

Caberá, pois, aos discípulos e continuadores da obra de Jesus (da individualidade) ensinar às massas o Segredo do Reino, falando claramente o que Ele revelou sob o véu da simbologia mística, explicando Seus ensinamentos, em época futura mais preparada para recebê-Lo. Melhor dito: o que cada criatura evoluída ouviu em segredo, silenciosamente, ensinado por seu Cristo Interno residente em seu coração, ela deverá proclamá-lo a todos os ventos, na hora oportuna.

Recordemos: "Tenho ainda muito que vos dizer, mas não podeis suportá-lo agora; quando vier porém o Espírito verdadeiro, ele vos guiará a toda verdade, porque não falará por si mesmo, mas dirá o que tiver ouvido, e vos anunciará coisas futuras" (João, 16:12-13).

Então, nada de mistérios nem de "segredos ocultos" só para iniciados: devemos divulgar "por cima dos telhados" tudo o que formos aprendendo.

Chega, a seguir, a advertência de coragem: nada do que ocorre à personalidade, de bem ou de mal, atinge a individualidade, o Eu profundo. Se algum mal é feito à personalidade de Fulano, só a personalidade de Fulano sofrerá com isso, pois o Eu profundo é inatingível. Mas aqueles que podem obrigar o "espírito" a reencarnar no "vale das lamentações" (a Terra), esses devem ser temidos. Fugir dos que chegam a nós, obrigando-nos a com eles criar carmas dolorosas para o futuro.

E finalmente a certeza da vitória: os passarinhos, os cabelos, tudo está no Pai, e jamais coisa alguma poderá ocorrer sem o Pai, que reside dentro de nós, que constitui nosso Eu mais profundo. Por que temer? O Pai está conosco, em redor de nós, dentro de cada um de nós, e nós estamos mergulhados no Pai como peixes no oceano: nada nos acontecerá sem o Pai. Então, "não temais"!

Todavia, há importante pormenor a considerar. Toda criatura que "diante dos homens., publicamente, aceitar seu Espírito, seu Cristo Interno, será aceita e recebida em união com Ele, "diante do Pai que está nos céus", isto é, que habita dentro de nós, e portanto será feita a união mística. Mas quem, "diante dos homens" rejeitar sua própria individualidade, preferindo viver a vida ilusória da personalidade, será rejeitado "diante do Pai" e não poderá realizar a unificação mística.

Está, pois, neste passo, bem esclarecida a questão da graça e do livre-arbítrio, tão discutida há milênios, e já resolvida em duas frases lapidares pelo Mestre Incomparável. Se o movimento partir do livre-arbítrio do homem (aceitar o Cristo Interno), o Cristo Interno aceitará a criatura (graça) diante do Pai (com a união mística). Mas essa graça não poderá descer até o homem que a rejeitar livre e espontaneamente. Portanto, a rejeição é provocada pela personalidade, que em primeiro lugar rejeita o Cristo Interno, mergulhada e gozosa que está com a matéria em que se rebolca. É a velha exemplificação do copo: se o colocarmos debaixo de uma bica aberta, mas emborcado de boca para baixo, ele não poderá ficar cheio; mas se o colocarmos de boca para cima, ele se encherá das bênçãos da água que dessedenta.

INSTRUÇÕES AOS EMISSÁRIOS – PARTE IV

Mat.10:34-39

Luc. 12:49-53

34. Não penseis que vim lançar paz à Terra: não vim lançar paz, mas uma espada,
35. pois vim separar o homem contra seu pai, a filha contra sua mãe, a nora contra sua sogra.
36. Assim, os inimigos do homem são os de sua própria casa.
37. Quem ama seu pai ou sua mãe mais do que a mim, não é digno de mim; e quem ama seu filho ou sua filha mais do que a mim, não é digno de mim,
38. e quem não toma a sua cruz e não segue após mim, não é digno de mim,
39. O que acha sua alma, a perderá; mas o que perde sua alma por minha causa, a achará.
49. Fogo vim lançar sobre a Terra, e que (mais) quero, se já foi aceso?
50. Num mergulho tive de ser mergulhado, e quanto me angustio até que ele termine!
51. Pensais que estou aqui na Terra para trazer paz? Não, eu vo-lo digo: nada mais que divisão,
52. pois de ora em diante haverá numa casa cinco pessoas em desacordo, três contra duas e duas contra três:
53. estarão divididos pai contra filho e filho contra pai; mãe contra filha e filha contra mãe; sogra contra sua nora e nora contra sogra.

Comecemos a análise pelo texto de Lucas, com a frase inexistente em Mateus: "vim lançar fogo sobre a Terra, e que mais quero, se já está aceso"?

O verbo grego *balein* é "lançar", e não "trazer", como se lê com frequência nas traduções correntes. A segunda parte da frase pode ter várias interpretações, entre as quais preferimos a literal: *kai tí thélô ei êdê anêphthê*, "que (mais) quero, se já foi aceso"? (*anêphthê* é o aoristo segundo passivo de *anaptô*). Mas podem atribuir-se-lhe outros sentidos: "e quanto desejo que já tivesse sido aceso", ou ainda: "e como estou alegre (cfr. Sir. 23:14) de já ter sido aceso".

Perguntam os exegetas que "fogo" é esse, e citam o significado de "prova" ou "castigo" que se aplicava a esse termo no Antigo Testamento: e mais, o de "purificar" (Zac. 13:9); "depurar os metais" (Mal. 3:2ss; Ecli.2:5; 4.º Mac. 9:22); ou também "o calor das paixões" (Jer. 4:14; 20:9; 23:29; Ecli. 9:8 e 23:16). Gregório Magno (*Patrol. Lat.* vol. 76 col.1223) diz tratar-se do "Espírito Santo". Vemos, então, que entre os próprios hermeneutas se verificam as divisões preditas por Jesus; e Seus discípulos muitas vezes se separam só por causa da interpretação de Suas palavras, criando-se novas seitas a combater-se inútil e ridiculamente.

Logo depois Jesus confessa, num desabafo muito humano, o sacrifício extraordinário que fez por nós: "tive de ser mergulhado num mergulho": compreendemos como custou o doloroso baixamento de Suas vibrações divinas, para "encarnar", *mergulhando* na grosseria da matéria física, fato salientado por Paulo (Filip. 2:6-8): "Jesus que, subsistindo em forma de Deus, não julgou usurpação ser como Deus, mas *esvaziou-se*, tendo tomado a aparência de escravo, tornando-se semelhante aos homens e achando-se na condição de homem: humilhou-se, tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz". E esse holocausto do mergulho O angustiava, suspirando Ele pela libertação quando finalmente largasse a matéria.

Transforma depois seu ensino, que toma a forma de uma pergunta a que o próprio Mestre responde pela negativa, afirmando que veio trazer a divisão. O verbo grego *dikázô* exprime literalmente "dividir em dois" ou "partir ao meio", donde derivou a nossa "dicotomia".

Cita então um exemplo: uma casa de cinco pessoas, sendo 1. o pai; 2. a filha; 3. o filho casado; 4. sua esposa; e 5. a mãe (que também é a sogra). Entre todos surgiriam divisões e desacordo.

Essas mesmas palavras encontram-se em Mateus. E de fato havia a crença de que, precedendo a vinda do Messias, haveria muitas dores e catástrofes (chamadas *habelê Meshiah*, isto é, "as dores do Messias"), que, em Mateus 24:8 são ditas *ôdines*. Em Sanhedrim 97^a, lemos: "Na semana de anos em que deve vir o filho de David, desencadear-se-ão guerras no sétimo ano, mas no fim do sétimo ano chegará o filho de David".

A doutrina pregada por Jesus torna-se, pois, a ocasião (embora não a causa) desses conflitos, que terminarão em perseguições violentas e sanguinárias, e "os inimigos do homem são os de sua própria casa", fato explicado com pormenores alguns séculos antes pela *Bhagavad-Gita*.

Quando Jesus compara o amor que a Ele devemos ter, maior que o dedicado a pais e filhos, emprega o termo *philêô*, que exprime o amor terno e instintivo; e não *agapáô*, que é a afeição respeitosa dirigida a um benfeitor. Entre os israelitas daquela época era comum ser o mestre colocado antes do pai: "o pai nos colocou neste mundo, mas o mestre, que nos ensina a sabedoria, nos dá a vida do outro mundo" (*Tratado Baba Messias*, 2, 11).

A frase seguinte (vers. 38) apresenta maior dificuldade. A cruz constituía um suplício infamante, só aplicado a escravos e criminosos de baixo nível. Jesus não havia ainda, com sua crucificação, enobrecido esse emblema. No entanto, o fato de "carregar sua cruz" era corrente, pois os condenados carregavam até o local do suplício a trava superior, onde seriam pregados ou amarrados. Uma vez presos a ele, era ele suspenso e pendurado nos postes já permanentemente fincados no chão para esse efeito. A cruz (*staurós*, derivado da palavra *tau* que designava a letra T) era bastante conhecida na antiguidade como símbolo, quer a "ansata" no Egito, símbolo da imortalidade e da junção espírito-matéria; quer a Jaina na Índia (conhecida também como *svástica*; em sânscrito *svasti* quer dizer "saudar") antiquíssima, simbolizando a criação do fogo pelo atrito e adotada mais tarde como símbolo do "sinal da cruz" que o cristão traça sobre si mesmo; e por isso figura nas catacumbas de Roma e no "púlpito" de Santo Ambrósio em Milão, Itália.

Realmente a metáfora "carregar sua cruz" para significar a aceitação da prova, não aparece na literatura rabínica. Mas Cristo exige para seus discípulos, que carreguem sua cruz e O sigam (literalmente: "sigam após mim", *akolouthei opísô mou*): caminhamos como crucificados na carne, seguindo Seu exemplo.

O último versículo de Mateus é um ensinamento em forma axiomática, realçado pela *contradictio in términis* (contradição entre as palavras), formando bela antítese. A oposição entre alma e corpo (vida material e vida espiritual) era comum entre os rabinos. Lemos em Talmud, 66 a: "Que fará um homem para viver? - Dar-se-á a morte. Que fará um homem para morrer? - Dar-se-á a vida".

Cristo adota o pensamento, acrescentando uma condição taxativa: *por minha causa*: quem acha sua alma, locupletando-a com as satisfações terrenas, sem cogitar do espírito, a perde; mas quem, por causa do Espírito, perde sua alma nas dores e dificuldades terrenas, a encontrará mais aperfeiçoada; após transpassar o túnel estreito e escuro do túmulo.

A continuação do ensino se vai aprofundando aos poucos em revelações fortes mas de meridiana clareza. Sigamos a mesma ordem, comentando antes o texto de Lucas.

Em primeiro lugar: a individualidade (Jesus) declara ter vindo "lançar fogo sobre a Terra". Com efeito, a matéria inerte e mesmo a vivificada pela força da vida animal e psíquica, pode considerar-se apagada se não tiver em si o "fogo" do Espírito desperto, consciente de si, a trabalhar pela evolução. Quem lança esse fogo nos seres humanos é a individualidade, ao assumir seu legítimo posto de su-

premacia na criatura humana. Para lançar, porém, esse fogo espiritual, a individualidade necessita mergulhar no corpo físico, encarcerando-se na carne; e durante toda a sua permanência nesse mergulho, vive angustiada (synéchomai), ansiosa por libertação, a fim de voar livre em seu mundo próprio.

O Espírito, individualização da Centelha Divina, quando consegue comunicar seu fogo próprio espiritual (o "mergulho de fogo", cfr. Mat. 3:11; Marc. 1:8; Luc. c:16, vol. 1 página 119 ss) ao ser humano, sente em si a alegria de vê-lo arder na espiritualização integral; no entanto, seu aprisionamento lhe faz sofrer todas as restrições de um cárcere cheio de lutas. Com efeito, o domínio da individualidade numa criatura lança-a em lutas titânicas externas, embora garantindo uma paz interior inabalável.

Mas a "descida" da individualidade traz, não a paz, à personalidade, mas a divisão em dois, a "dicotomia" entre matéria e espírito. Se bem que a matéria nada mais seja que a condensação (congelamento) do espírito, ocorre que, no momento de a individualidade assumir o comando, a personalidade adquire a consciência de uma dualidade, da nítida separação (dicotomia), com a característica de oposição entre espírito e matéria. Centenas, e talvez milhares de autores já se referiram a essa luta entre os dois pólos "opostos" (positivo e negativo, Sistema e Anti-Sistema, alma e corpo). Há pois razões ponderosas de afirmar que, no mergulho na carne, a individualidade vem produzir, de início, a dicotomia entre espírito e matéria.

Essa divisão, todavia, não reside unicamente nas extremidades opostas. Também os planos intermediários estarão sujeitos a ela. Assim, numa "casa" (ou seja, numa pessoa humana), onde há cinco pessoas (o pai: o espírito; a mãe: a inteligência; o filho: o corpo astral; com sua esposa: o duplo etérico; a filha: a carne), a luta entre os elementos é grande e contínua. O pai ("espírito") quer impor-se ao filho (corpo astral, emoções), mas estas se opõem a ele; a mãe (inteligência) quer superar a filha (a carne), mas esta se rebela e não quer obedecer a ela, vencendo-a com o sono, o cansaço, etc.; a sogra (ainda a inteligência) busca dominar a nora (as sensações físicas), mas estas são mais poderosas e levam de vencida a inteligência. Quem não conhece a dificuldade de a inteligência desarraigar hábitos (vícios) como de fumo, de bebidas, de gula, de preguiça, etc"? Ou os obstáculos causados à inteligência pela fadiga do corpo? Ou o descontrole que o espírito sofre, perturbado pelas emoções da cólera e da raiva, do amor descontrolado e do ciúme, etc.?

Bem razão tem a individualidade de proclamar que não veio "lançar a paz, mas a espada". E por isso, "os inimigos do homem são os de sua própria casa", isto é, as máximas lutas que uma criatura tem que enfrentar são, realmente, contra seus próprios veículos inferiores, que causam os maiores distúrbios e perturbações, obstáculos e embaraços na caminhada da senda evolutiva. Muito mais fácil derrotar um inimigo externo que a si mesmo: "vencedor verdadeiro é o que vence a si mesmo", lemos algures. Indispensável, pois, harmonizar os veículos entre si e depois sintonizá-los com o Espírito.

Daí a conclusão: não é digno do Espírito, do Cristo Interno, quem "mais ama seu pai ou sua mãe, seu filho ou sua filha". No sentido em que estamos examinando a questão, essas palavras exprimem os veículos mais densos (da personalidade): seu intelecto, suas emoções, suas sensações, seu comodismo. Quem mais ama essas partes personalísticas do que ao Cristo Interno, não é digno do Cristo Interno: está voltado para as falsas realidades transitórias terrenas, externas a seu verdadeiro EU, ao invés de apegar-se à realidade real perene, eterna, infinita. Não é digno da realidade, quem se apega às aparências. Não é digno da individualidade eterna, quem valoriza mais a personalidade momentânea. Não é digno do Espírito quem lhe prefere a matéria. Não é digno do Cristo, quem lhe antepõe o mundo e suas ilusões.

Consequentemente, para ser digno do Cristo-que-em-nós-habita, e que constitui nosso verdadeiro e real Eu Profundo, é indispensável "tomar sua cruz", ou seja, carregar seu corpo físico e seus demais veículos (quando estamos de pé, de braços abertos, temos a configuração de uma cruz) e seguir o exemplo que Jesus nos deu. O mergulho do Espírito na matéria densa é uma crucificação, é "ser pregado na cruz". Essa cruz tem que ser carregada até o fim (até o "Gólgota", que quer dizer "caveira"), por maiores angústias que isso nos cause ("num mergulho tive que ser mergulhado, e quanto me angustio até que ele termine" ...). Jamais podemos deixar que a "cruz" (o corpo) carregue e arraste nos-

so Eu para o pólo oposto, para Satanás (a matéria); mas carregá-la nós para o cimo da montanha, que é o Espírito, seguindo passo a passo o Cristo Interno. Este é o caminho certo da evolução, ditado taxativamente por Jesus, a individualidade mais evoluída, que nos deu Seu exemplo, servindo-nos de modelo, como nossa irmão mais velho, "primogênito entre muitos irmãos" (Rom. 8:29).

Não se trata, porém, de despersonalizar-se por motivos de fuga, de covardia; mas por uma causa que é a única que vale: por causa da união, da fusão, da unificação com o Cristo Interno, dessa personalidade transitória, que se anula para ser substituída pela individualidade permanente e divina. Só por esse motivo ("por minha causa", diz o Cristo) é que vale a despersonalização da criatura. E o homem Jesus, símbolo da individualidade, deu-nos o exemplo com indiscutível clareza, como veremos a seu tempo, em comentários futuros.

Dai se chega à conclusão: "quem acha sua alma (sua psiquê) a perderá". De fato, quem na Terra descobre sua personalidade (psiquismo) e a coloca no pedestal, acima de tudo, acaba perdendo-a, porque ela é destruída pela "morte", no fim de cada ciclo de existência terrena (cfr. Heb. 9:27). No entanto, aquele que, por causa do Cristo Interno, aniquila ainda na vida terrena sua personalidade ("perde sua alma") esse a encontrará, isto é, descobrirá sua individualidade eterna, residente no imo de si mesmo.

Em nosso atraso confundimos muito a individualidade com a personalidade. Julgamos que esta constitui nosso verdadeiro eu imortal, que jamais será destruído. No entanto, ao progredirmos, verificamos nosso engano: o Eu profundo, a Individualidade, é a única coisa que permanece. Mas para descobrir ("achar") seu verdadeiro Espírito Eterno, é mister perder sua "alma" (personalidade) transitória.

INSTRUÇÕES AOS EMISSÁRIOS – PARTE V

Mat. 10:40-42

- 40. Quem vos recebe, a mim recebe; e quem me recebe, recebe aquele que me enviou.**
- 41. Quem recebe um profeta por ser profeta, receberá o recompensa do profeta; e quem recebe um justo por ser justo, receberá a recompensa do justo.**
- 42. Quem der de beber, ainda que seja um copo de água fria a um destes pequeninos, por ser meu discípulo, em verdade vos digo que de nenhum modo perderá sua recompensa.**

O trecho final das instruções a Seus emissários revela as recompensas daqueles que os receberem. Conforme disse Jesus em outro passo: "Como me enviaste, Pai, assim eu os envio" (João, 17:18), aqui é dito: "quem vos recebe a mim recebe; e quem me recebe, recebe aquele que me enviou". É uma sequência em que vemos: 1) o Pai; 2) o Cristo; 3) os emissários; 4) os que os recebem, todos reunidos num interesse comum, facilitando assim a entrada em contato dos homens com o Pai.

A expressão "*receber um profeta por ser profeta*" está, no original, literalmente: "recebe um profeta *em nome* (na qualidade) de profeta", expressão que corresponde ao hebraico *leschêm*. Para bem fixar o ensino, Jesus o repete três vezes: um profeta, um justo, um discípulo.

No último exemplo, já não se requer nem mesmo a hospitalidade, mas até um simples favor de quase nenhuma importância: dar um copo d'água fresca, afirma o Mestre, se for dado por ser seu discípulo, terá sua recompensa.

Manifesta-se com essas frases o lado positivo da Lei de Causa e Efeito (Carma), garantindo-se que todas as causas colocadas produzirão infalivelmente seu efeito correspondente e equivalente.

Ainda aqui a individualidade declara que a personalidade que a recebe (hospeda), automaticamente receberá o Cristo Interno; e quando esse contato for estabelecido, imediatamente se realizará a unificação com o Pai ("se alguém me amar ... meu Pai o amará, e nós viremos a ele e habitaremos nele", João, 14:25). Vamos procurar esclarecer melhor. Quando a personalidade resolver receber em si mesma o Espírito (emissário do Cristo), ipso facto ela receberá o próprio Cristo Interno (entrando em contato com ele), e por esse passo, automaticamente receberá o Pai que em nós habita, dando-se a unificação. Isso não se dará se a personalidade se recusar a receber o Espírito (individualidade), por estar demais envolvida e preocupada com a própria personalidade, com seu eu pequeno e transitório. Quem se volta para o lado de fora, não pode receber (entrar em contato) com o lado de dentro. Quem caminha para a periferia, não pode chegar ao centro. Quem se dirige para o que morre (ocidente) não pode encontrar o que nasce (orientes). Isto não quer dizer que quem recusa receber o seu próprio Espírito não o tenha: tem-no sim. Mas nada quer com ele, que se vê rejeitado (cfr. o que dissemos à página 85).

A seguir fala-se das recompensas do Espírito, na personalidade dessa existência terrena ou de outras existências sucessivas; pois terminando a personalidade com a desencarnação, ela só poderá ser recompensada na mesma encarnação ou no prolongamento de sua existência como personalidade desencarnada no plano astral; não se dando tal caso, a recompensa - ou privação - só pode verificar-se na nova personalidade que se constituirá com o novo nascimento na matéria. No entanto, O Espírito (a individualidade) que receberá as consequências de seus atos, é a mesma, seja qual for a personalidade através da qual se manifeste (seja qual for a "máscara" atrás da qual se esconda). A identidade do EU é real apenas quanto ao Espírito: o eu pequeno personalístico muda a cada nova encarnação.

Ensina-nos, então, o Mestre que, quando uma personalidade (guiada pela individualidade) recebe ou hospeda um profeta (médium), considerando o fato de ser ele um profeta (médium) e não simplesmente na qualidade de homem, faz jus à recompensa do próprio profeta. O mesmo se diga quanta ao justo e quanto ao discípulo.

Importantes os três graus apresentados:

- a) o profeta (médium) é um simples intermediário de outros espíritos, um medianeiro, embora seu trabalho constitua obra meritória de grande alcance no setor humano, pois pode com isso elucidar questões e dar orientações importantes para a evolução pessoal e coletiva;*
- b) o justo é aquele que sabe discernir o bem do mal e tem capacidade e força suficientes para só fazer o bem, evitando qualquer mal. Seu comportamento é irrepreensível certo, correto, nobre e elevado;*
- c) o discípulo do Cristo é a criatura que já conseguiu a união com o Eu Profundo e que, portanto, já se encontra "realizado". A este, então, bastará o mínimo de ajuda no plano material (dar um simples copo d'água fresca), para merecer uma recompensa. E isso porque, quem recebe um "discípulo do Cristo", recebe ao próprio Cristo que é Quem nele age e, ipso facto, recebe o próprio Pai Amoroso e Bom.*

Compreendamos então: o "espírito" encarnado que sentir em si a ação do Espírito e se dispuser a recebê-lo (aceitá-lo), vivendo de acordo com as intuições recebidas dele e correspondendo a seus apelos - quer como médium, quer como justo, quer como "discípulo do Cristo" - esse "espírito" receberá as recompensas a que fazem jus esses graus e evoluirá de conformidade com a aceitação que der ao hóspede divino em si. A Centelha Divina (ou Cristo Interno), nosso verdadeiro Eu Profundo, já é evoluído por si mesmo, pela sua condição de Centelha Divina; mas o Espírito (individualidade) está fazendo sua evolução, servindo-se do "espírito" encarnado como de um veículo, por meio do qual deverá atingir a meta. O Espírito é o Emissário do Cristo Interno junto ao "espírito" encarnado. E esse receberá a recompensa pelo que fizer de positivo em favor da evolução do Espírito (individualidade) eterno. Ora, acontece que o "espírito" encarnado é, porém, uma simples projeção, em vibração mais baixa, do Espírito Externo, e por isso, mesmo perdendo sua personalidade com a nova encarnação, não perde sua existência REAL e portanto não perderá sua recompensa. O Espírito se projeta em diversas personalidades, através do tempo e do espaço, mas cada projeção é, na realidade, o próprio Espírito Eterno sob diversas formas e modalidades, até que aprenda a renunciar às formas e modalidades externas no tempo e no espaço, para fixar-se no seu próprio íntimo, onde não existem formas, nem modalidades, nem tempo, nem espaço, mas apenas o Eterno, o Infinito e o Imutável: o Cristo Interno, seu verdadeiro EU, partícula do Todo, Centelha Divina.

PREGAÇÃO**Mat . 11: 1****Marc. 6:12-13****Luc. 9:6**

- | | | |
|---|---|---|
| 1. E aconteceu que quando Jesus acabou de instruir seus doze discípulos, partiu dali a ensinar e a pregar nas cidades deles. | 12. E tendo eles saído, pregaram para que modificassem a mente.
13. E expeliam muitos espíritos desencarnados, ungiam com óleo muitos enfermos e os curavam. | 6. Tendo eles partido, caminharam através das aldeias, anunciando as boas-novas e fazendo curas em toda parte. |
|---|---|---|

Os emissários põem em prática os ensinamentos de Jesus, saindo pelas aldeias a pregar a modificação mental. É a execução sob a supervisão do Mestre, como exercício de aprendizado, que mais tarde terá que ser realizado por conta própria. Indispensável, portanto, uma "prévia", na qual pudessem ser desfeitas todas as dúvidas e corrigidos todos os enganos.

Uma observação de Marcos (que o irmão de Jesus, Tiago, apoiará em sua epístola, 5:14-15) diz que os discípulos "ungiam com óleo muitos enfermos e os curavam". Da observação genérica do modo de agir de todos, deduz-se ter havido alguma instrução particular nesse sentido por parte de Jesus. Com efeito, era hábito utilizar-se o óleo para aliviar as feridas (cfr. Luc. 10:34), sendo ele normalmente utilizado pelos terapeutas essênios.

Não basta ter recebido as instruções da individualidade: mister pô-las em prática, exercitando-se na oração, na meditação e na ação. Só assim conseguirá a personalidade subir alguns degraus evolutivos, plasmando o "espírito" pelo hábito (condicionamento espiritual) que, uma vez arraigado, se tornará instinto. Só então, depois de solidificados os hábitos, se poderá pensar num passo à frente, porque a evolução não dá saltos. Sem base, não pode haver construção. E quanto mais alto o edifício, mais profundos e sólidos precisam ser os alicerces.

Então, não basta a teoria: indispensável a prática constante e ininterrupta, longa e persistente.

A MORTE DO BATISTA

Mat. 14:6-12

Marc. 6:21-29

6. Chegado, porém, o aniversário de Herodes, a filha de Herodias dançou de público e agradou a Herodes.
7. Por isso este prometeu, sob juramento, dar-lhe o que ela pedisse.
8. E ela, instigada por sua mãe, disse: "Dá-me aqui num prato a cabeça de João o Batista".
9. O rei ficou entristecido, mas por causa de seus juramentos e também dos convidados, ordenou dar-lha;
10. e, mandando, decapitou João no cárcere.
11. E foi trazida sua cabeça num prato e dada à mocinha; e ela a levou a sua mãe.
12. Então vieram os discípulos dele, levaram o corpo e o sepultaram; e, partindo eles foram dar a notícia a Jesus.
21. E chegou um dia favorável, quando Herodes em seu aniversário natalício deu um banquete a seus dignitários, aos comandantes militares e aos principais da Galiléia.
22. Tendo entrado a filha dessa Herodias, dançou e agradou a Herodes e a seus convidados. Então o rei disse à mocinha: "pede-me o que quiseres e to darei".
23. E jurou-lhe: "eu to darei, ainda mesmo que me peças a metade de meu reino".
24. E ela saiu e perguntou a sua mãe: "Que devo pedir"? Esta respondeu: "A cabeça de João o Batista".
25. Regressando logo depressa para o rei, disse: "Quero que sem demora me dê, num prato, a cabeça de João Batista".
26. O rei ficou muito triste, mas por causa do juramento e também dos convidados não lhe quis recusar.
27. Imediatamente o rei enviou um guarda com a ordem de trazer a cabeça de João. Saindo, ele decapitou-o no cárcere,
28. e trouxe a cabeça dele num prato e a deu à mocinha; e a mocinha a deu a sua mãe.
29. Sabendo disso, vieram seus discípulos e levaram o cadáver dele e o depositaram num túmulo.

A narrativa de Mateus segue-se à declaração feita em 14:5, onde é dito que era desejo de Herodes liquidar o Batista; em Marcos a sequência é a mesma; daí dizer-se que "chegou um dia favorável".

O aniversário (no grego "koiné" a palavra *genesía* substituíra *genethlia* para exprimir o aniversário natalício) de Herodes deve ter ocorrido em janeiro de 31, quando o tetrarca se achava em sua "villegiatura" de inverno, no castelo de Maquérus, justamente onde se encontrava detido o Batista.

Herodes ofereceu um banquete, ao qual compareceram os que tinham interesse em agradar-lhe: os dignitários dá corte, os comandantes militares (romanos) e as principais figuras da alta sociedade galiléia.

Já pelo final do banquete, todos um pouco "tocados" pelos abundantes e generosos vinhos servidos, aparece a dançar a filha "dessa" Herodíades (de que Marcos falara no vers. 19 e voltaria a citar no vers. 24). A apresentação deve ter causado sensação, já que só se dedicavam à dança as profissionais, de vida livre, jamais moças de família e, menos ainda, "princesas".

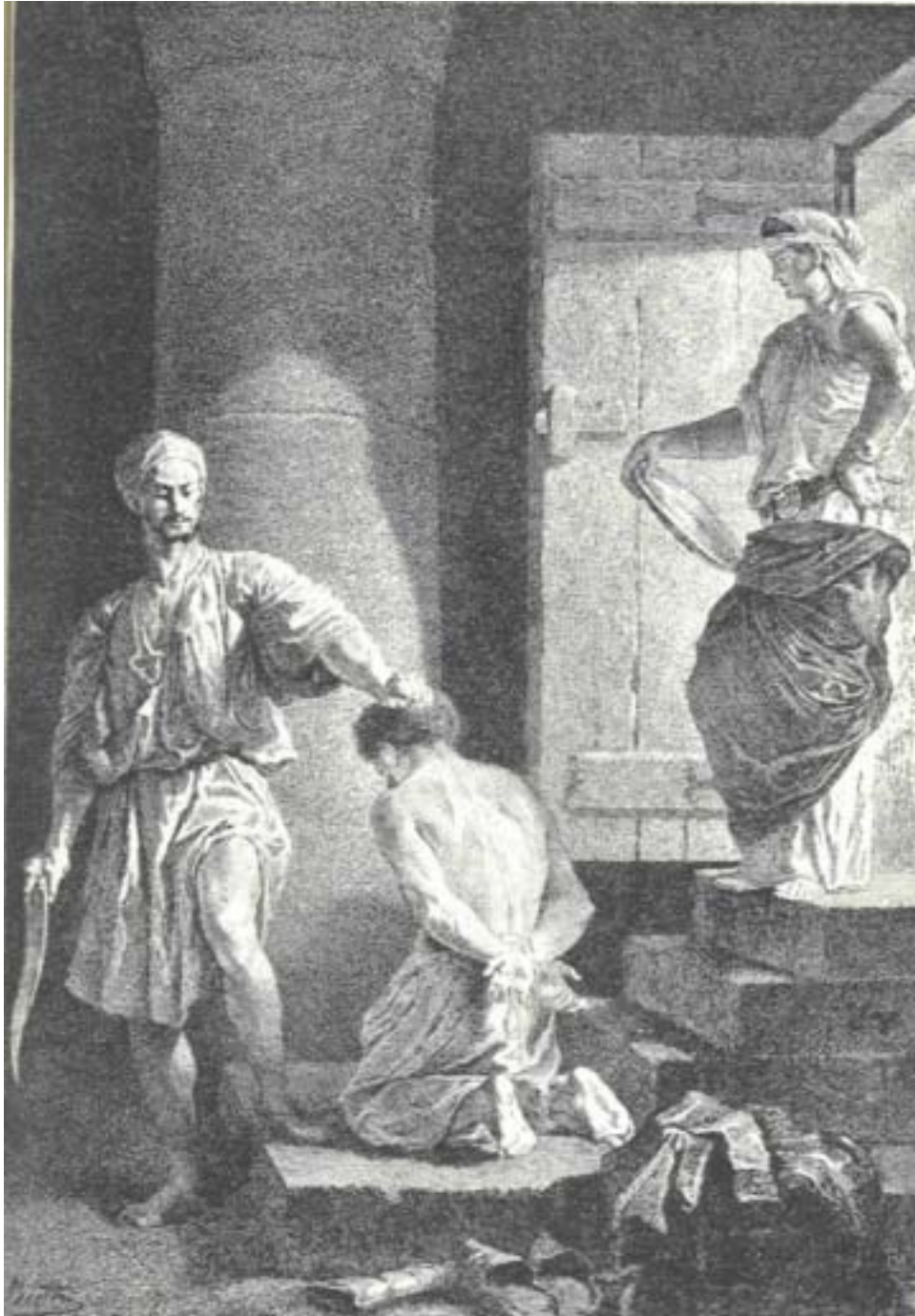


Figura “A MORTE DO BATISTA”

Segundo Josefo (*Ant. Jud.* 18, 5, 2), a mocinha se chamava Salomé e devia contar nessa época por volta de 15 anos. Esse autor narra a prisão e morte do Batista, dando-lhe motivo político ("para evitar uma insurreição"), que bem pode ter sido a causa alegada perante o público.

A dança agradou plenamente a todos, mas sobretudo a Herodes, tanto que este a convida a pedir o que quisesse, que ele lho daria, imitando o gesto de Assuero (cfr. Ester, 5:2-3,6 e 7:2). Acrescentou que lhe concederia mesmo "metade de seu reino", palavras vazias, pois nenhum reino possuía, já que seu “rei-

nado" consistia apenas numa simples "tetarquia", que ele administrava por concessão do Imperador romano.

A mocinha corre à mãe para aconselhar-se e, por instigação dela, solicita-lhe seja entregue "aqui e agora, num prato cabeça de (estava num banquete!) a João Batista".

Quer sinceramente, quer por causa da presença dos convivas, o tetrarca demonstra entristecer-se, mas faz questão de cumprir sua promessa. Dá ordem que o pedido seja imediatamente atendido. Um guarda (Marcos usa um termo latino, *spectator*, transcrito em letras gregas) resolveu o problema e decapitou João no cárcere, trazendo de volta a cabeça num prato.

A mocinha de 15 anos pegou a bandeja com a macabra encomenda e, na maior naturalidade e calma, entregou-a à mãe, revelando com esse fato possuir nervos de aço que suporíamos difícil hoje, se não conhecêssemos o entusiasmo fanático de tantas mocinhas hodiernas pelas lutas de "box" e de outras pancadarias selvagens. Jerônimo (*Patrol. Lat.* vol. 23 col. 488), talvez influenciado pela lenda de Fúlvio com Cícero, afirma que Herodíades puxou a língua inerte de João, nela espetando uma agulha de costurar.

Ao saber da notícia, os discípulos vêm apanhar o corpo de seu mestre, para dar-lhe sepultura, embora não se saiba em que lugar o tenham feito.

A decapitação de João Batista foi o resultado cármico de sua ação, quando se manifestava na personalidade de Elias o Tesbita. Leia-se: "Disse Elias: agarrai os profetas de Baal: que nenhum deles escape! Agarraram-nos. Elias fê-los descer à torrente de Kishon e ali os matou" (1.º Reis, 18:40); a morte a eles dada foi exatamente a decapitação: "Referiu Ahab a Jezebel tudo o que Elias havia feito e como matara todos os profetas à espada" (1.º Reis, 19:1). Portanto, execução rígida da Lei de Causa e Efeito, confirmando as palavras de Jesus: "todos os que usam a espada, morrerão à espada" (Mat. 26:52); não nos esqueçamos de que essa Lei é afirmada em mais de 30 lugares do Antigo e Novo Testamentos, sobretudo com a fórmula: "a cada um será dado conforme suas obras".

Aqui apresenta-se-nos um episódio chocante, mas pleno de ensinosa.

No primeiro plano observamos o comportamento do homem envolvido, ainda materializado, que acredita bastar destruir o corpo de alguém (matá-lo) para libertar-se dele e de suas idéias. Julgamento primário, pois as idéias não morrem e nem sequer a criatura que continua bem viva, somente perdendo seu veículo denso. Mas a ilusão de aniquilar "o inimigo" é total, e satisfaz à ignorância dos seres imaturos.

Aprofundando, verificamos que o homem encarnado (e o desencarnado também), quando ainda materializado demais, quando ainda possua sua tônica no plano astral inferior (animal) das emoções baixas e sensações violentas, dá extraordinário valor a tudo o que excite seus apetites mais grosseiros, que se situam acima de qualquer prazer intelectual (nem se fala dos gozos espirituais ...). Observamos isso no exemplo de Herodes, que tanto se fascinou pela dança de Salomé, que estava disposto a sacrificar até "metade de seu reino", pelo prazer sensual que lhe causaram suas formas físicas em movimentos luxuriosos.

Herodes é o símbolo da humanidade nesse estágio inferior de sensações físicas exacerbadas, pelo qual todos nós passamos (e talvez ainda estejamos passando nos veículos pesados, sujeitos mas rebeldes ao comando do Espírito, que tanta dificuldade encontra em manter-nos em nível mais elevado).

No fato que comentamos, verificamos a ascendência do luxo falso (convite a dignitários e autoridades transitórias, sem levar em conta o valor das individualidades), da gula (banquetes para comemorar eventos alegres, só satisfeitos mediante sensações gustativas), da luxúria (dança sensual excitante de apetites lúbricos). Essa maneira de agir ainda é muito comum, não apenas "nos outros", mas em nós mesmos.

Levados pelas sensações e emoções descontroladas, somos muita vez arrastados a faltar no setor de nossos deveres espirituais, para satisfazer aos apetites inferiores, a fim de agradar à nossa vaidade, à

nossa ambição, ao nosso apego a coisas e formas passageiras, mas que nos parecem valiosíssimas e insubstituíveis. Sacrificamos, então, o Espírito à matéria, o Eu eterno às satisfações do eu transitório, e "cortamos a cabeça" de nossa consciência, esperando silenciá-la para sempre.

Observamos ainda, no episódio, que a filha (sensações) pede opinião a mãe (emoções) a respeito do que deve escolher. Realmente são as emoções que governam as sensações e até toda a personalidade imatura. São as emoções que causam os maiores descontroles em nossa vida. Elas levaram Herodes a repudiar a filha de Aletes IV, por preferir Herodiades, conquistada a seu próprio irmão consanguíneo; elas induziram a filha a perturbar a cabeça de Herodes por meio da dança; elas pediram, como vingança, a cabeça de João Batista, sendo sempre obedecidas cega e imediatamente pelas sensações (veja vol. I, onde se diz que Herodes simboliza o duplo-etérico mais o corpo físico).

Olhando agora sob o prisma de João, verifiquemos o ensino que nos chega através do fato.

Antes de tudo, a lição básica da realidade indiscutível da Lei de Causa e Efeito (carma).

Mas, sendo João o representante da personalidade iluminada ("o maior dentre os filhos de mulher") nele encontramos representado o protótipo de todas as personalidades desse grau evolutivo. O que se passou com o Batista é o que terá que suceder a todos nós.

Tendo ele aceito o "mergulho" (o encontro com "o Cristo"), que ele pregou e realizou às margens do Jordão, viu-se, por isso mesmo, encarcerado no corpo de carne: reconheceu que sua existência terrena não era a verdadeira vida, mas um cárcere, que tinha que ser destruído, para que seu Espírito reconquistasse a liberdade gloriosa dos filhos de Deus. Reconhecendo-o, esperou pela libertação, sabendo de antemão que devia resgatar seus débitos passados.

O golpe de espada, que lhe destruiu o corpo físico, significou, voltando, a dupla libertação de seu Espírito: a do cárcere de seu corpo e o resgate cármico do erro cometido, quando ele se manifestava através da personalidade de Elias. Nem todas as personalidades, porém, se libertarão através de um golpe de espada física: muitos sofrerão golpes de companheiros, de amigos, de esposos ou esposas, de filhos e pais, que virão cobrar as dívidas do passado, e que, por vezes, fazem sofrer mais do que um seco e rápido talho de afiada espada. Convençamo-nos, entretanto, de que, uma vez na prisão, "daí não sairemos sem haver pago até o último centavo" (Mat. 5:26).

Todavia, se dos resgates morais e materiais nos não podemos libertar sem efetuar o pagamento, podemos colocar-nos fora do alcance deles, quando passarmos a viver unidos ao Cristo, que nos dá Sua Paz, não a paz do mundo (cfr. João, 14:27); teremos a Paz Interna da tranquilidade absoluta no coração, embora nos assolem as tempestades e furacões de um mundo turbulento em redor de nós, e até investindo contra nós; estaremos unidos ao Cristo "que dorme no fundo do barco durante a ventania", bastando que o despertemos, a fim de permanecermos a Seu lado.

Prosseguindo na meditação, verificamos que, com frequência, o intelecto ou raciocínio ou razão (João) é vencido totalmente pelos veículos inferiores.

Quantas vezes ocorre isso conosco: o corpo etérico e físico (Herodes) viciado na sede de sensações fortes e inéditas, encontra ocasiões de desvio em movimentos desordenados e luxuriosos (dança) de seus nervos excitados (Salomé) e começa a sentir-se dominado e vencido. Entra, então, em entendimentos ilícitos, desejoso de satisfazer-se radicalmente até o fim, perguntando que deve ele dar em troca de mais um prazer desregrado. Há, nesse ínterim, uma consulta à emoção exacerbada (Herodiades), e esta opta pelo assassinato imediato e violento da razão (João Batista) a fim de poder, com seu afastamento, ser atingido o objetivo visado.

Emoções e sensações jamais titubeiam, quando excitados pelos movimentos inferiores (de luxúria, de raiva, de ódio, e ciúme, de inveja, e de quaisquer outros desregramentos). Jamais hesitam em fazer silenciar o raciocínio, para dar vasão a seus instintos inferiores.

A difícil tarefa da evolução consiste exatamente em conseguir-se que o intelecto vença essas fortes correntes baixas, dominando-as com a lógica do bom-senso e com a razão do Espírito.

REGRESSO DOS EMISSÁRIOS

Marc. 6:30-31

Luc. 9:10

30. Reunindo-se os emissários com Jesus, contaram-lhe tudo o que tinham feito e o que tinham ensinado.

31. E disse-lhes: "Vinde vós, sozinhos, a um lugar isolado e descansai um pouco". Pois eram muitos os que vinham e iam, e nem tinham vagar para comer.

10. Tendo regressado os emissários, relataram-lhe o que tinham feito. E, levando-os, ele retirou-se isoladamente, para uma cidade, chamada Betsaida.

Os emissários regressaram de sua excursão apostólica; mas tanta gente cercava Jesus, "indo e vindo", que não havia vagar nem para alimentação, quanto mais para uma boa conversa íntima, em que os pormenores fossem contados e sugestões fossem dadas.

Para maior calma, Jesus decide retirar-se para um local isolado. Com isso atingiria dois objetivos: proporcionar a todos um pouco de repouso e palestrar com tranquilidade. Vai então para os arredores de Betsaida- Júlias (hoje *El-Tell*), nos domínios do tetrarca Filipe, também filho de Herodes o Grande, mas de caráter pacífico.

A sudeste da cidade, havia vasta planície que se estendia até as colinas. O nome Júlias lhe fora atribuído (cfr. Josefo, *Ant. Jud.* 18, 2, 1) pelo tetrarca, em homenagem a Júlia, filha do Imperador Augusto.

A excursão dos apóstolos deve ter sido mais ou menos longa (talvez várias semanas) pois haviam percorrido diversas cidades e aldeias, e muita coisa havia para conversar na intimidade.

Interessante observar que, após a ação externa da personalidade, a individualidade sempre a convida para um repouso em lugar ermo. A palavra Betsaida é expressiva, pois significa "Casa dos Frutos" (ou "local de boa pescaria"). Nada mais significativo que, depois de trabalho intenso, em que se lançaram sementes a todo vento, deva haver um repouso exatamente no local em que podem colher-se os frutos do trabalho realizado. Frutos que serão a paz e a meditação silenciosas, longe do burburinho de uma multidão que "vem e vai" sem descanso.

A personalidade não poderá manter-se equilibrada, se não houver alternância de trabalho e repouso, de ação e oração. E isto só pode obter-se no isolamento, em companhia apenas do Cristo-que-em-nós-habita.

Só assim podem ser aproveitados os frutos da experiência.

OPINIÃO DE HERODES

Mat. 14:1-2

Marc. 6:14-16

Luc. 9:7-9

- | | | |
|---|--|---|
| <p>1. Nessa época, ouviu o tetrarca Herodes a fama de Jesus.</p> <p>2. e disse a seus cortesãos: "esse é João o Batista; ele despertou dentre mortos, e por isso os poderes operam nele".</p> | <p>14. E Herodes o rei ouviu (porque o nome dele se tornava conhecido) e disse: "João o Batista despertou dentre os mortos, e por isso os poderes operam nele".</p> <p>15. Outros diziam: "É Elias"; outros ainda: "É profeta, como um dos profetas".</p> <p>16. Mas, ouvindo isso, Herodes dizia: "É João, que eu degolei, que despertou dentre os mortos".</p> | <p>7. Ora, o tetrarca Herodes ouviu tudo o que foi feito por ele (Jesus), e admirou-se, porque era dito por alguns:</p> <p>8. "João despertou dentre os mortos", por outros: "Elias apareceu", e outros: "reencarnou um dos antigos profetas".</p> <p>9. Disse, porém, Herodes: "Eu degolei João, mas quem é este de quem ouço tais coisas". E procurava vê-lo.</p> |
|---|--|---|

Além da ação pessoal de Jesus a pregar as Boas-Novas, houve um recrudescimento de fatos extraordinários, que se multiplicaram com a saída dos Emissários Dele, por diversas aldeias concomitantemente. A fama de Jesus, em nome de Quem todos agiam, cresceu muito, estendendo-se tanto que chegou aos ouvidos do tetrarca daquela região.

As palavras de Herodes dão a perfeita impressão de que ele se convenceu da ressurreição de João Batista, "ressurreição" no sentido atual do termo, isto é, que o "morto" voltara a viver no mesmo corpo. Herodes não se refere à reencarnação, conforme o notara já Jerônimo (*Patrol. Lat.* vol. 26, col. 96) com razão: Jesus tinha mais de trinta anos, quando João desencarnou.

* * *

Para fins de estudo, observemos o emprego dos verbos gregos nesses textos, e para isso analisemos antes os próprios verbos.

Aparecem dois; *egeirô* e *anístêmi*, ambos traduzidos correntemente com a mesma palavra portuguesa: "ressuscitar". Mas o sentido difere bastante de um para outro.

EGEÍRÔ, composto de *GER* com o prefixo reforçativo *E* (cfr. o sânscrito *ajardi*, que significa "estar acordado") tem exatamente o sentido de "despertar do sono, acordar", ou seja, passar do estado de sono ao de vigília. Era empregado correntemente com o sentido de ressuscitar, isto é, sair do estado de sono da morte, para o da vigília da vida. Para não haver confusão, acrescentava-se ao verbo o esclarecimento indispensável: *egeirô ek* (ou *apó*) *nekrôn*, "despertar de entre os mortos".

ANÍSTÊMI, composto de *ANÁ* (com três sentidos: "para cima", ou "de novo" ou "para trás") e *ÍSTÊMI* ("estar de pé"). De acordo com as três vozes, teríamos os seguintes sentidos:

- a) voz ativa (transitivo) - "levantar alguém", "elevá-lo"; ou "tornar a levantar", ou então "fazer alguém voltar";

- b) voz média - "levantar-se" (do lugar em que se estava sentado ou deitado, sem se cogitar se se estava desperto ou adormecido), ou "tornar a ficar de pé", ou "regressar" ao lugar de onde se viera;
- c) voz passiva - "ser levantado por alguém", ou "ser posto de novo em pé", ou "ser mandado embora de volta".

Esse verbo, portanto, apresenta maior elasticidade de sentido que o anterior, podendo, inclusive, ser interpretado como "ressuscitar"; com efeito, não só a ressurreição pode ser compreendida um "despertar do sono da morte" (*egeirô*, que é o mais exato tecnicamente), como também pode ser entendida como um "levantar-se" de onde se estava deitado (o caixão); ou como um "tornar a ficar de pé"; ou como um "regressar ao lugar de onde se veio". No sentido de ressuscitar foi usado por Homero ("Ilíada", 24, 551), por Ésquiles de Elêusis ("Agamemnon", 1361), por Sófocles ("Electra", 139), etc.

No entanto, esse verbo *anístêmi* apresenta outro sentido muito importante, e que geralmente é desprezado pelos hermeneutas, que procuram esconder as idéias originais dos autores, quando não estão de acordo com a sua, e isso até em obras "cientificamente" organizadas (*Não estamos fazendo acusações levianas. Para só citar um exemplo moderno, tomemos a obra "Lexique de Platon", publicada em dois volumes (1964) pelas edições "Les Belles lettres" (portanto editora crítica, da qual se espera fidelidade absoluta ao original). Pois bem, nessa obra, preparada pelo padre Édouard des Places, jesuíta, não figuram anístêmi, nem egeirô, nem o substantivo anástasis, nem qualquer outra palavra que signifique "reencarnação" ...*), e é o sentido de "reencarnar". Realmente, a reencarnação é um "levantar-se" para reaparecer na Terra; é um "tornar a ficar de pé", e é sobretudo um "regressar ao lugar de sua vida anterior". Nesse sentido foi bastante empregado pelos autores gregos. Anotemos, todavia, que esse não era um verbo especializado nesse sentido, como o é, por exemplo, *ensómatóô* ou o substantivo *paliggenesía*. Numerosas vezes é usado, mesmo nos Evangelhos, com a simples acepção de "levantar-se" do lugar em que se estava sentado (cfr. Marc. 3:26; Luc. 10:25; At. 6:9, etc.).

Daí a necessidade de interpretar, pelo contexto, qual o sentido exato em que foi empregado.

Ora, nos textos em estudo, os três sinóticos referem-se à opinião de Herodes com o mesmo verbo *egeirô* (que sistematicamente traduzimos por "despertar", seu significado real e etimológico). No entanto, o próprio Lucas que empregou *egeirô* para exprimir a idéia de "ressurreição", nesse mesmo versículo 8, para exprimir o "regresso à Terra" de algum dos antigos profetas, muda o verbo, e usa *anístêmi* ... Então, não era a mesma coisa: João "ressuscitara", despertara do sono da morte; mas o antigo profeta "regressara à Terra", ou seja, em linguagem moderna, "reencarnara". E assim traduzimos, acreditando haver agora justificado nossa tradução afoita.

Para antecipadamente responder à objeção de que não havia esse rigor "literário" nos evangelistas, queremos chamar a atenção para o verbo usado com referência a Elias. Era crença geral que Elias não desencarnara, mas fora raptado num carro de fogo (cfr. 2.º Reis, 2:11). Ora, nesse caso especial, não podia ser empregado *egeirô* (despertar dentre os mortos), nem *anístêmi* (reencarnar); e de fato, nenhum dos dois foi usado por Lucas, e sim um terceiro verbo: *epháne*, isto é "apareceu".

* * *

A Herodes não ocorria outra explicação mais plausível, em vista dos "poderes" (*dynámeis*) espirituais que se manifestavam, e de cujos resultados assombrosos ouvia falar com insistência. Realmente, enquanto Jesus permanecera em Cafarnaum e adjacências, sua fama aí ficara adstricta ao pessoal mais humilde. Mas depois das excursões mais prolongadas, sobretudo após a ação conjunta dos doze emissários que se espalharam por muitas aldeias e cidades, os fatos começaram a atrair a atenção e admiração gerais, tanto mais que, durante sua existência terrena João jamais operara prodígios nem fizera demonstrações de curas, limitando-se seu ensino a falar e exemplificar.

Os "poderes" exprimem aqui (como em Marc. 5:30, em 1.º Cor. 12:10, 28, 29, em Gál. 3: 5 e em Hebr. 6:5) a faculdade, a força de realizar obras extraordinárias; e não as próprias obras em si mesmas (como em Marc. 6:2, em At. 2:22; 8:13 e 19:11, em 2.ª Cor. 12:12, em Hebr. 2:4, etc.).

Entretanto, a opinião de Herodes não foi aceita concordemente pelos cortesãos, já que alguns diziam que Elias reaparecera na Terra, e Jesus havia afirmado o mesmo em relação ao Batista, como lemos em

Mat. 11: 4 ,3 17:10-13, e em Marc. 9:9-13, garantindo a reencarnação de Elias na pessoa de João Batista; o mesmo também foi confirmado por Lucas (1:17). Dizem alguns comentaristas ortodoxos (cfr. Lagrange, "Le Messianisme", cap. 6, pág. 210-213), que essa assertiva de Jesus se prende a uma "saída" do Mestre, para que Seus contemporâneos não Lhe objetassem que Ele não era o Messias, porque Elias não viera antes! Então Jesus "inventou" isso. Até esse triste papel é atribuído a Jesus, por Seus "representantes" na Terra, contanto que o pensamento deles não seja "atrapalhado" pelo ensino do Mestre!

Mas outras vozes fazem-se ouvir: trata-se de um profeta, como tantos já houve em Israel; e mais: "é a reencarnação de um dos antigos profetas" que teria regressado a seu povo, para reavivar o entusiasmo religioso. Não obstante essas opiniões, que pretendiam desviar o tetrarca de suas apreensões, Herodes insiste, amedrontado, em seu ponto de vista: "eu degolei (por "mandei degolar") João, mas ele voltou do meio dos mortos". ... E procurava conhecer Jesus, para certificar-se da veracidade de seus temores, com a secreta esperança de que não fosse João ... Mas só conseguiu esse intento por ocasião da condenação de Jesus (cfr. Luc. 23:8).

A atuação de Herodes é típica das personalidades ainda sem o contato íntimo com o Cristo: apavoram-se com as experiências, temem o resultado de seus erros, supõem as mais absurdas coisas, olhando outras criaturas como abantesmas que as assustam. Obra do remorso que lhes estrangula o consciente e que, sufocado de um lado, surge de outro, como as cabeças da Hidra de Lerna.

A personalidade, que vive presa na materialidade, julgando real apenas o curto período de uma existência terrena, amedronta-se diante de qualquer ocorrência que lhe pareça comprovar uma sequência da vida após a cadaverização no túmulo. A voz da consciência fala em silêncio, mas nem por isso deixamos à e ouvi-la, pois é mais forte que os ruídos de que nos possamos cercar externamente para abafá-la.

Daí a necessidade absoluta de aniquilarmos não a consciência, mas a personalidade, mergulhando em busca do Cristo Interno que em nós habita. Só assim nos libertaremos do medo. O desconhecimento dessa verdade leva a esses paroxismos angustiosos, e como os involuídos só conhecem a personalidade, esta é temida.

Verificamos que Herodes não teme a realidade, mas aparências: não tem medo da individualidade eterna (que ele nem sabe existir), mas se apavora diante das personalidades palpáveis e visíveis (únicas que conhece). O temor do tetrarca refere-se a um reaparecimento da personalidade do Batista, entidade concreta que o aterrorizava. Assim, hoje, o ser imaturo teme a polícia, não o Espírito; tem medo das enfermidades e da morte, e não das consequências mais remotas de seus erros na existência seguinte.

Ao lado disso, comprovamos o medo pânico que os involuídos têm, naturalmente, do plano astral: dos fantasmas, das ameaças de espíritos atrasados, dos "lobisomens", etc., sem experimentarem o menor receio da Lei de Causalidade, tão rigorosa em seus efeitos, depois que "plantamos" as causas. Escondem-se de um homem para que os não veja praticar más ações, e não se dão conta de que o Cristo Interno, habitando dentro deles, é permanente e silenciosa testemunha de tudo o que fazem, embora sozinhos, embora trancados num quarto à noite, embora apenas em pensamento ...

Outro ponto ainda a considerar é que, nesses ambientes, os seres jamais ficam de acordo: cada um tem sua opinião, que procura fazer prevalecer acima da dos outros. Daí surgem as divergências, as discussões, as separações, surgindo sérias controvérsias que os tornam até inimigos, levantando-se perseguições de uns contra outros. Comportamento totalmente diferente ocorre no âmbito das individualidades cômicas de si: todos os grandes místicos, de qualquer religião ou seita, do oriente e do ocidente, dizem a mesma coisa, falam a mesma língua espiritual, qualquer que seja a época de sua vida terrena, acreditam nas mesmas verdades, unem-se ao mesmo Pai que em todo habita.

JESUS É SEGUIDO

Mat. 14: 13-14

Marc. 6:32-34

13. Tendo Jesus ouvido isso, afastou-se dali num barco para um lugar deserto, sozinho; e quando as multidões o souberam, seguiram-no das cidades, por terra.
14. E Jesus, ao desembarcar, viu grande multidão, compadeceu-se dela e curou seus enfermos.
32. E foram no barco sozinhos para um lugar deserto.
33. E os viram partir e muitos os reconheceram; e correram para lá a pé de todas as cidades (e lá chegaram antes deles).
34. Ao desembarcar, viu Jesus grande multidão e compadeceu-se dela, porque era como ovelhas sem pastor; e começou a ensiná-lhes muitas coisas.

Luc. 9: 11

João 6:1-4

11. E ao saber isso, a multidão seguiu-o; e tendo-a Jesus acolhido, falou-lhe do reino de Deus, e curava os que tinham necessidade de cura.
1. Depois disso, Jesus atravessou o mar da Galiléia, que é o de Tiberíades.
2. Grande multidão seguia-o, porque tinha visto os sinais que operara nos que se achavam enfermos.
3. Jesus subiu ao monte, e ali se sentou com seus discípulos.
4. E estava próxima a Páscoa, festa dos Judeus.

Duas razões principais levaram Jesus a afastar-se da Galiléia, dominada por Herodes Antipas.

A primeira foi proporcionar aos discípulos, que acabavam de regressar de um giro de pregações e curas, um pouco de repouso longe das multidões sedutoras e sequeiras de conhecimento (cfr. Marc. 6:30-31 e Luc. 9:10).

A segunda foi discretamente colocar-se fora do alcance do tetrarca, que já ouvira falar Dele (cfr. Mat. 14:1-5; Marc. 6: 14-16; Luc. 9:7-9) e que, segundo Lucas, "procurava conhecê-Lo". Ora, tendo ouvido falar nessas coisas, e sobretudo no assassinato de João, julgou prudente dirigir-se para o território do tetrarca Filipe, a leste do lago, rumando para Betsaida- Júlías (Mat. 14:22; Luc. 9:10). Esta razão, porém, não era assim tão importante, pois ao dia seguinte de manhã Jesus regressou a Cafarnaum.

Caladamente embarcou com os discípulos e iniciou a travessia.

Aconteceu, entretanto, que O viram embarcar e observaram o rumo que tomava. Ao verificar para onde se dirigia, alguns mais entusiasmados resolveram segui-Lo por terra. A distância entre Cafarnaum e Betsaida- Júlías não chega a 10 km, que portanto podia ser coberta folgadoamente por uma e meia a duas horas (Marcos assinala que alguns "corriam a pé"). E em seu alvoroço alegre iam dando notícia a todas as pessoas que encontravam pelas aldeias do caminho, e novos contingentes engrossa-

vam a comitiva, de tal forma que, ao desembarcar, Jesus encontrou na praia pequena multidão que O aguardava.

No barco, não havia pressa: iam descansar. Já haviam começado a conversar a respeito do que ocorrera a cada um no giro. E assim a viagem transcorria suave e demorada.

Ao ver a massa que se comprimia, frustrando Suas primitivas intenções de repouso, Jesus não demonstra nenhum movimento de impaciência, antes: "compadeceu-se ternamente" (*esplagchnístê*) e começou a falar-lhes e a curar os enfermos. Aquela gente humilde, pobre, suarenta, desnorteada, deu-lhe a impressão de "um rebanho sem pastor". E Monsenhor Louis Pirot ("La Sainte Bible", Letouzey, Paris, 1946, vol 9, pág 472) escreve: "Jesus teve piedade dessa multidão; os que deviam esclarecê-la, padres e doutores da lei, são infiéis à sua missão ou estão abaixo de sua tarefa. Preocupados, na maioria, unicamente nos proventos pecuniários que lhes renda seu sacerdócio, ou prisioneiros das tradições dos Padres, que deformaram a lei e alteraram o verdadeiro espírito do mosaísmo autêntico, eles são incapazes de guiar o povo para o Messias prometido que, no entanto, se apresenta em pessoa a Israel". São palavras não minhas, mas de um Monsenhor católico. *Mutatis mutandis* ...

Diante desses fatos, Jesus sobe da margem para pequena elevação de terreno (João, vers 3) e ali começa a falar.

As horas passam, e todos permanecem embevecidos, presos a seus lábios "que falavam palavras cheias de amor" (cfr. Luc. 4: 22). Os enfermos, revigorados na saúde, já podem permanecer ali sem maiores sofrimentos.

Frequentemente a individualidade sente imperiosa necessidade de recolher-se a um lugar isolado, levando consigo apenas seus veículos, para dedicar-se à meditação e à prece, para auscultar a "voz do coração", para responder às dúvidas de seu intelecto, para atender às necessidades de suas emoções ensinando-as a controlar-se, para aliviar as tensões de suas sensações exacerbadas nos embates da vida.

Mormente após viagens de pregação ou períodos de trabalhos mais intensos (ou após cada período encarnatório na Terra), aparecem sintomas desagradáveis, agregações fluidicas, cansaço cerebral, perturbações emocionais; e sair da "multidão" para o isolamento do silêncio e da meditação, em contato com o Eu Profundo é o remédio eficaz.

No entanto, nem sempre se consegue isso. Quantas e quantas vezes, exaustos e confusos, vamos à procura de repouso e, em lugar dele, encontramos outra "multidão" à nossa espera, pedindo favores, suplicando conselhos, solicitando "passes", expondo-nos dúvidas, jogando-nos em cima seus problemas ... Cabe a nós aprender a lição que nos é aqui ensinada: não aborrecer-nos, nem sequer impacientar-nos. Olhar sempre os sofrendores como "ovelhas sem pastor" e segurar o báculo do serviço, compadecendo-nos de todos os que, ainda presos às ilusões do corpo e da matéria, se crêem injustiçados.

Mas a lição tem outro pormenor: o atendimento tem que ser multiface. Em primeiro lugar, o ensinamento, para que o conhecimento apague dúvidas; depois a cura dos males; em seguida (ve-lo-emos no próximo capítulo) o atendimento social. A importância da urgência e da necessidade de cada um dos passos é ensinada pela ordem em que foi executada pelo Mestre: 1.º O ensino (alimento do espírito); é o atendimento mais elevado e imprescindível, que se pode dar à humanidade; 2.º a cura das enfermidades (realizada em grande parte pelo conhecimento adquirido com o ensino dado, que desperta a fé e refaz o equilíbrio); e em 3.º lugar (o último) o atendimento social (alimento do corpo que lhe refoça as forças físicas, para dar-lhe energias, a fim de prosseguir na luta diária.

* * *

Outra interpretação. Nosso Eu ou individualidade jamais deve cansar-se de atender às necessidades de seus veículos, nem de perdoar seus erros. Por vezes, sabemos que é mais difícil perdoar a si mesmo, que fazê-lo aos outros. Apesar de toda imperfeição e incapacidade de nossa personalidade, aprendamos a suportá-la, ensinando-lhe a evoluir, atendendo-a com amor, sem nervosismos nem an-

gústias, quando ela se mostra incapaz de atingir o alvo que desejaríamos; demos-lhe o ensino paciente, sem dela exigirmos mais do que possa dar de esforço; alimentemos-lhe a fome de conhecimento com palavras simples, demonstrando que a evolução é realmente coisa penosa e difícil, carecente de carinho e ajuda.

1.^a MULTIPLICAÇÃO DOS PÃES

Mat. 14:15-21

Marc. 6:35-44

15. Tendo chegado a tarde, aproximaram-se dele seus discípulos, dizendo: "este lugar é deserto e a hora está avançada; despede as multidões para que, indo às aldeias, possam comprar seus alimentos".
16. Mas Jesus disse-lhes: "Não precisam ir; dai-lhes vós de comer".
17. Eles disseram-lhe: "Não temos aqui senão cinco pães e dois peixes".
18. Disse-lhes ele: "Trazei-mos cá".
19. E ordenando à multidão que se reclinasse sobre a relva, tomou os cinco pães e os dois peixes e, erguendo os olhos ao céu, deu graças e, partindo os pães, entregou-os aos discípulos, e os discípulos os entregaram à multidão.
20. E todos comeram e se fartaram; e eles apanharam dos fragmentos doze cestos cheios.
21. Ora, os que comeram foram cerca de cinco mil homens, além de mulheres e crianças.

Luc. 9:12-17

12. O dia começava a declinar e, aproximando-se de Jesus os doze disseram: "Despede a multidão para que, indo às aldeias e sítios vizinhos, se hospedem e achem provisões, pois estamos aqui num lugar deserto".
13. Ele, porém, lhes disse: "Dai-lhes vós de comer". Responderam-lhe eles: "Não temos mais que cinco pães e dois peixes, a não ser que devamos ir comprar comida para todo esse povo".
14. Pois eram quase cinco mil homens. Então disse a seus discípulos: "Fazei-os reclinar-se em turmas de cinquenta cada uma".
15. Assim o fizeram, o mandaram a todos reclinar-se

35. E já estando a hora muito adiantada, chegando-se a ele seus discípulos, disseram: "este lugar é deserto e já é muito tarde;
36. despede-os para que vão aos sítios e às aldeias circunvizinhas comprar pão para si, pois que têm eles para comer"?
37. Mas respondendo, disse Jesus: "Dai-lhes vós de comer". E disseram-lhe: "Deveremos, então, ir comprar duzentos denários de pão e dar-lhes de comer"?
38. Mas ele lhes perguntou: "Quantos pães tendes? ide ver". Depois de se terem certificado, responderam: "Cinco pães e dois peixes".
39. Então ordenou aos discípulos que a todos fizessem reclinar em grupos sobre a relva verde.
40. E sentaram-se em grupos de cem e cinquenta.
41. E ele tomou os cinco pães e os dois peixes e, erguendo os olhos ao céu, deu graças e, partindo os pães, os ia entregando aos discípulos para eles distribuírem; e repartiu por todos os dois peixes.

42. Todos comeram e ficaram satisfeitos.
43. E recolheram dos fragmentos doze cestos cheios de pão e de peixes.
44. Ora, os que comeram os pães foram cinco mil homens.

João, 6:5-13

5. Então, levantando os olhos e vendo que uma grande multidão vinha ter com ele, disse a Filipe: "Onde compraremos pão para que eles comam"?
6. Mas dizia isso para experimentá-lo, pois já

nar-se.

sabia o que ia fazer.

- | | |
|--|---|
| <p>16. E tomou os cinco pães e os dois peixes e, erguendo os olhos ao céu, deu graças e os partiu; e entregou aos seus discípulos, para que os distribuíssem à multidão.</p> <p>17. Todos comeram e se fartaram; e foram recolhidos doze cestos dos fragmentos que sobraram.</p> | <p>7. Respondeu-lhe Filipe: "Duzentos denários de pão não lhes bastam para que cada um receba um pouco".</p> <p>8. Um de seus discípulos, chamado André, irmão de Pedro, disse-lhe:</p> <p>9. "Está aqui um rapazinho que tem cinco pães de cevada e dois peixinhos, mas que é isto para tantos"?</p> <p>10. Disse Jesus: "Fazei que os homens se reclinem". Ora, havia naquele lugar muito feno. Recostaram-se, pois, os homens em número de cerca de cinco mil.</p> <p>11. Jesus, então, tomou os pães e, tendo dado graças, distribuiu-os aos discípulos, e os discípulos aos que estavam reclinados; e do mesmo modo os peixinhos, quanto queriam.</p> <p>12. Depois de saciados, disse Jesus a seus discípulos: "Recolhei os fragmentos que sobraram, para que nada se perca".</p> <p>13. Assim os recolheram e encheram doze cestos de pedaços dos cinco pães de cevada, que sobraram aos que haviam comido.</p> |
|--|---|

Pelas anotações dos quatro evangelistas, o percurso do barco e a caminhada do povo deve ter ocorrido na parte da manhã, pois eles anotam que tudo começou quando "a tarde começa a declinar" (cerca de 15 ou 16 horas); que era a "primeira parte da tarde", deduz-se do vers. 23, onde se repete que "a tarde chegara", isto é, a entrada da noite, depois das 18 horas.

Ao ver Jesus entusiasmado a falar e a multidão pendente de suas palavras de amor, os discípulos resolvem "quebrar o encanto", trazendo o Mestre Inefável à realidade da vida material. Chamam Sua atenção sobre a hora e a carência de alimentos naquele local, sugerindo que despeça a turba para que ela tenha tempo de comprar comida. A essa hora, ainda seria possível encontrar sítios e lojas onde conseguí-la.

Mas Jesus os provoca: "dai-lhes vós de comer"! Espanto geral: "a toda aquela gente"?

Segundo João, Jesus volta-se para Filipe, (será porque ele teria nascido nessa Betsaida?) e se informa "onde seria possível comprar pão". Filipe espanta-se, pois duzentos denários (um denário equivale à importância atual de um dólar) não bastariam.

O Mestre ordena que verifiquem quantos pães havia. André, irmão de Pedro, diz que "um rapazinho tem cinco pães de cevada e dois peixinhos".

Antes de fazer qualquer coisa, Jesus manda que se recostem todos os ouvintes em grupos de 50 e 100, que se reclinem na "relva verde" (o que indica estarmos na primavera, única época do ano em que cresce erva verde nessa região). Já por João sabemos que estávamos nas vésperas da Páscoa (abril do ano 30), a segunda Páscoa da "vida pública" de Jesus. A divisão em grupos facilitou a contagem dos homens presentes.

Depois Jesus começa a ação. "Levanta os olhos ao céu" (cfr. Marc. 7:34; João 11:41 e 17:1), gesto que diferia do costume israelita: "a regra de orar é ter os olhos baixos e o coração levantado ao céu", diz Rabbi Ismael Bar José (cfr. Strack-Billerbeck, o. c. t. 2, pág. 246). A oração prescrita para antes de

comer-se o pão era: "Louvado sejas Tu, Senhor, nosso Deus, Rei do universo, porque fizeste a terra produzir o pão". O termo grego *eulógēsē* tem o sentido de "dar graças", "agradecer" (donde vem o nosso "elogio") - João usa *eucharistēsas*, que tem a mesma significação - melhor que benzer ou abençoar. Depois disso "partiu o pão", ritual comum entre os israelitas: o dono da casa sempre procedia à *klásis tou ártou* para distribuí-lo, depois da ação de graças, aos convivas ou hóspedes.

Todos comeram e se fartaram. Depois Jesus manda recolher os fragmentos em cestos (grego *kophínos*, hebraico *quppâh*), que todo israelita levava sempre consigo quando fazia qualquer excursão. Lógico que o povo, tendo saído às pressas, não os tinha; mas os discípulos (exatamente doze) deviam tê-los; levado.

* * *

OBSERVAÇÕES

1. *Quanto à historicidade do fato* - É atestado pelos quatro evangelistas e repetido mais tarde uma segunda vez por Mateus (15:32-39) e Marcos (8:1-10) e faz parte de toda a tradição evangélica e cristã dos primeiros séculos.
2. *Quanto ao número de pessoas* - Parece realmente que reunir cinco mil homens (fora mulheres e crianças) numa "corrida" por aldeias que podiam ter, cada uma, somente algumas centenas de habitantes, levando-os a uma planície deserta a cinco ou dez quilômetros, não deve ter sido muito fácil. Cinco mil pessoas é, de fato, uma multidão considerável.
3. *Quanto à novidade do fato* - Não foi inédito. Lemos em 2.º Reis, 4:42-44, o seguinte: "Um homem veio de Baal-Shalishah e trouxe ao Homem de Deus (Eliseu) uns pães de primícias, vinte pães de cevada e trigo novo em seu alforje. Eliseu disse: "Dá ao povo para que coma". Disse-lhe seu servo: "Que dizes? Hei de eu por isto diante de cem homens"? Porém ele retrucou: "dá ao povo para que coma, porque assim diz YHWH: comerão e sobrá". Então lhes pôs diante, comeram e ainda sobrou, conforme a palavra de YHWH".
4. *Quanto à possibilidade da realização* - São aventadas várias hipóteses, quanto à possibilidade física ou natural dessa multiplicação de pães. Naturalmente, certas escolas nem cogitam desse estudo, pois admitem *a priori* o milagre, que jamais podemos aceitar, pelo menos como é ele definido: "um fato contra as leis da natureza". Se fora dito: "contra as leis que conhecemos", poderíamos aceitar o "milagre" sem escrúpulos, pois de fato desconhecemos a grande maioria das leis da natureza; e mesmo as que "pretendemos" conhecer, será que as conhecemos realmente? Não serão elas diferentes do que pensamos? O que é gravidade? Como e por que se dá a "transmutação da matéria" na assimilação do bolo alimentar em nosso organismo? O fato é que nada pode ser feito contra as leis da natureza, já que estas são a manifestação divina e Deus jamais pode contradizer-se. Entretanto, contra as leis "que conhecemos", muita coisa pode ocorrer, que não podemos explicar por ignorância nossa. Que diria um selvagem ao ver-nos tocar um botão e, só com isso, acender as luzes de um salão? Gritaria "milagre"! Porque esse gesto iria contra tudo o que ele conhecia.

Antes de entrarmos na análise das diversas hipóteses que podemos formular em nossa incapacidade ignorante, recordemos que Jesus é a encarnação de YHWH, construtor do planeta, como um de seus arquitetos, e portanto conhecia profundamente as mais minuciosas e precisas leis e todos os segredos da física e da química, suas combinações e transformações, a desintegração e reintegração dos átomos, as mutações das moléculas, etc. Com essa base indiscutível e plena de conhecimento, que não poderia Ele fazer? Passemos agora à análise das suposições que podemos imaginar.

- a) *hipnotismo (alucinação coletiva) ou ilusionismo* - Se fora um fato apenas visto ... Mas acontece que, depois de saciados, foram recolhidos doze cestos de fragmentos, matéria sólida e palpável.
- b) *transporte dos pães* - O "transporte" consiste numa desmaterialização do objeto no local em que se encontra; na transferência de suas moléculas astrais pelo espaço até o local desejado, mesmo atra-

vessando paredes; e na rematerialização das moléculas no local desejado. A possibilidade desse fato é atestada à saciedade por numerosos casos concretos que se realizam em sessões espíritas que contam com a presença de um simples médium de "efeitos físicos", por vezes homem cheio de imperfeições humanas. Poderia ter sido feito por Jesus, sem necessidade, como nós temos, de câmara-escura. etc.

- c) *transmutação da matéria* - Já acenamos ao que se passa em nosso organismo: na assimilação alimentar aos tecidos orgânicos. Mas há milhares de outros exemplos: um grão de milho, enterrado no solo, transmuda a matéria sugada da terra em centenas de outros grão de milho. Assim se dá com o trigo e com todos os vegetais. Por que não poderia ter sido realizada uma transmutação instantânea da matéria? Os faquires comuns, na Índia, não fazem que em poucos minutos, com um simples olhar, uma semente brote e a planta cresça, operação que normalmente levaria trinta dias?
 - d) *pura criação mental* pela coagulação de fluidos astrais. A única diferença desse fato, com o que qualquer um de nós pode realizar, embora no estágio evolutivo atrasadíssimo em que nos encontramos, é a quantidade e a rapidez. No resto, não. "A fé é a substância das coisas esperadas" (Hebr 11:1). Portanto, havendo a substância no plano mental, fácil é condensá-la no plano astral e coagulá-la no plano material. O processo, comprovado pela ciência hodierna, já era conhecido pelo autor do livro de Job, mais de mil anos antes de Cristo. Aí lemos (10:10): "Derramaste-me (o espírito) no jarro (no ventre materno) como leite, e, como queijo, me coagulaste (o corpo astral)". Assim, aproveitando as moléculas existentes na atmosfera, podiam elas ser condensadas e coaguladas sob forma de pães de cevada ou de peixes. Compreendendo que a energia é uma só, diferenciando-se a matéria pela constituição atômica (número de prótons, elétrons, etc., em torno do núcleo) e pela estrutura molecular, é viável executar (para quem no saiba e possa!) a tarefa de reunir átomos e moléculas materiais da energia (prana) que se encontra na própria atmosfera, dando-lhes a constituição atômica e a estrutura molecular desejadas.
5. *Quanto à interpretação* - Todos os comentadores, desde os mais antigos textos cristãos, interpretam a multiplicação dos pães como uma "figura" ou "símbolo" da Eucaristia, da qual todos podem alimentar-se, sem que jamais termine, multiplicando-se ilimitadamente.

A *Eucaristia* (palavra grega que significa "ação de graças") ou comunhão, consiste na ingestão de uma partícula de pão sem fermento como símbolo da introdução, no corpo espiritual, do Cristo Vivo.

Tal como o ensino é feito atualmente, exagerando-se a parte material (de que a partícula de pão se "transubstancia" na carne real, no sangue verdadeiro, nos ossos físicos de Jesus), o cristão menos elucidado acredita comer o corpo físico Dele (o que não deixa de constituir uma "antropofagia" ...). No entanto, a realidade da Eucaristia é de uma sublimidade simbólica jamais alcançada em qualquer outra iniciação terrena.

O pão, sem fermento, de trigo puro (sem mistura) é bem a materialização de um dos elementos divinos mais belos da natureza. Deus, a Essência Absoluta de todas as coisas, encontra-se dentro de tudo o que existe. Mas nós O sentimos mais facilmente nas coisas limpas do que nas sujas, muito mais na beleza de uma flor, do que na podridão do estrume, onde, no entanto, também está. Assim, o cristão evoluído vê, no pão, a substância divina, e prepara-se espiritualmente para *sentir* que, quando seu corpo físico ingere o pão, ele concomitantemente está recebendo em seu espírito a substância divina; e mais: que assim como seu corpo material *assimila* a substância do pão a seu organismo, assim seu espírito também assimila, a suas energias, a força da substância divina existente no pão.

Tudo isso traz revivificação de energias espirituais, renascimento de fé, ampliação de fervor e, além de tudo, a noção viva e sensível, de que o Cristo Vivo *reside realmente* dentro de cada um de nós. Divino simbolismo que Jesus aconselha que Seus discípulos repitam todas as vezes que se sentarem à mesa, partindo pão comum, agradecendo-o a Deus e distribuindo-o aos companheiros: "todas as vezes que comerdes esse pão e beberdes esse vinho", "lembrai-vos de mim" (cfr. 1 Cor. 11:24 e Luc. 22:19); e mais claro ainda, quando diz, após distribuir o vinho: "fazei isto todas as vezes que bebeis, em minha recordação" (1 Cor. 11:25).

Não é, pois, rigorosamente falando, a instituição de uma cerimônia especial para comemorar um fato, mas uma recordação constante e específica de um fato que deverá repetir-se a cada vez que ingerirmos pão ou bebermos vinho. Cada vez que nos alimentarmos, recordemos que a Substância última do alimento é a Divindade que nos dá vida. E cada vez que partirmos o pão para dele nos servirmos, assim como cada vez que saborearmos o vinho, recordaremos aquela ocasião em que Jesus o fez, antes de exemplificar-nos, com Seu sacrifício, a estrada a seguir em nossa evolução.

Comemoração simples, ao alcance de todos, dos mais pobres (no reino de Deus não há privilegiados), realizada nas mesas de nossos lares, por mais modestos que sejam, sem necessidade de pompas externas, de ritos exóticos, de ordenanças inibidoras. O simples partir de nosso pão cotidiano é uma recordação, é magnífico e inigualável simbolismo, que temos que realizar com devoção, em comemoração sincera e íntima que devemos fazer "em memória" do Mestre Inefável e Amoroso.

Estamos diante de um ensinamento básico, na iniciação revelada por Jesus a seus discípulos, a qual deverá ser transferida para cada um de nós por meio de nossa individualidade, quando tiver soado a hora de recebê-la.

Sigamos cuidadosamente os passos da narrativa nos quatro intérpretes do pensamento do Mestre Incomparável, atentando para os pormenores que parecem, à primeira vista, nada significar.

Vimos, no último capítulo, que a individualidade desejava retirar-se com seus veículos (discípulos) para uma solidão, a fim de repousar, conversando com eles e ouvindo-os, depois da viagem que haviam feito no plano terreno, adquirindo experiências novas. No entanto, ao chegar ao local escolhido, vê-se cercada "pela multidão" que correra para alcançá-la "na outra margem" ... Representa isso os órgãos e as células de uma personalidade que desperta para a espiritualidade.

E mais uma vez verificamos que a "graça" descera a nós proveniente do Deus Interno, mas que, antecipando-a, é indispensável que o livre-arbítrio a preceda, correndo-lhe ao encontro. E não a busca na Terra, mas no plano espiritual ("na outra margem", isto é, no outro pólo da matéria).

Ao contemplar aquela multidão sedenta de verdade, o Espírito a acolhe com bondade e lhe "ensina" as grandes e eternas verdades, curando as que estão enfermas e reequilibrando as perturbadas. Os veículos todos ouvem com tamanha atenção, que esquecem a hora de sua alimentação material que entretanto, lhes é indispensável ao prosseguimento da vida no planeta denso.

Os "discípulos", que aqui podem significar a parte mais elevada dos veículos e células, isto é, o intelecto, fazem ver ao Espírito - que vive fora do tempo e do espaço - o avanço da hora terrena e a necessidade de reabastecer de fluidos mais sólidos as células e órgãos astrais e físicos. É necessário que busquem, também, o pão físico.

Começa aqui a lição preciosa. A individualidade afirma que o próprio intelecto pode sustentar os veículos inferiores, sem que eles precisem buscar alhures outro sustento. Há uma admiração, fruto da ignorância a respeito dos "poderes mentais". Vem então a pergunta: "quantos pães tendes"?

O pão material é o alimento básico do corpo físico; mas já foi ensinado que havia outro pão, o "pão sobressubstancial" (cfr. Mat. 6:11, vol. 2.º, página 161), que alimenta ainda mais, porque quem dele come consegue a "Vida Imanente", que dispensa os cuidados mais grosseiros, prescindindo até mesmo dos materiais densos para seu sustento.

O intelecto esclarece que só existem CINCO pães e DOIS peixinhos.

Voltamos aqui à numerologia dos arcanos. Recordemos.

CINCO, no plano divino, é a Providência ou Vontade Divina que governa a vida universal, alimentando-a e sustentando-a. No plano humano é a vontade do homem que dirige sua força vital. No plano da natureza é a força viva de todo o universo. Além de tudo isso, o CINCO é o símbolo do Cristo (o tetragrama sagrado YHWH) quando mergulhado na carne, formando a representação da mônada encarnada para sua redenção (o pentagrama humano YH-SH-WH, isto é, com as vogais: YHESHWAH, Jesus). Tudo isso é representado figurativamente pela estrela de cinco pontas, que jus-

tamente é o *HOMEM* (a ponta de cima é a cabeça, as duas laterais. os braços. e as duas inferiores, as pernas).

Temos, pois, nos CINCO pães, um simbolismo perfeito da Mônada Divina mergulhada na carne, formando O *HOMEM*. Veremos, mais adiante, no capítulo intitulado "O Pão da Vida", que Jesus explica tudo em pormenores; esta multiplicação dos pães serviu de experiência prática, para que o, discípulos pudessem compreender, mais tarde, a explicação teórica.

Resta-nos, ainda, ver os DOIS peixinhos. O arcano DOIS exprime, no plano divino, a segunda manifestação da Divindade; no plano humano, a receptividade feminina; no plano da natureza, os planetas fecundados. Aí temos, pois, a lição superiormente dada para quem possa entendê-la. O intelecto diz que apenas possui, para dar como alimento à multidão de células, o Ser-Humano vivificado pela Divindade e a receptividade passiva (total) da mulher, que está pronta para acolher em si mesma a semente da Verdade, fazendo-a frutificar em si.

A individualidade diz que basta isto. Nada mais é necessário para a alimentar a multidão, além do ser disposto a receber o ensino. E em vista de tudo estar preparado, ergue os olhos ao céu (eleva suas vibrações), parte o pão (separa o espírito da matéria) e, agradecendo a ótima disposição de tudo, distribui a verdade para todos, cada grupo de células reunido em seu conjunto de órgãos ("em grupos de cinquenta e cem") e todos comem e se fartam.

Vem então a ordem de recolher os fragmentos que sobraram (as verdades que possam ser reveladas à grande massa profana) para não se perderem. E ficam repletos DOZE cestos (os DOZE emissários). Já vimos (Vol 2) a significação do arcano DOZE: a esfera da ação do Messias e a redenção completa (veja acima nas págs. 66/67). Então, as verdades recolhidas nos DOZE cestos servirão para o ensino dos "que estão de fora" e que não podem ainda receber a Verdade Total ("muita coisa ainda tenho a dizer-vos, mas não podeis suportar agora", João, 16:12). Assim é que temos, nos Evangelhos sob o véu da letra material (os cestos) os fragmentos das verdades que foram reveladas, e que só puderam chegar até nós em fragmentos e sob formas de alegorias e metáforas, a fim de que a Verdade não fosse desvirtuada por quem não a compreendesse.

Anotam os evangelistas que estavam presentes a esse banquete sobre a relva verde (em a natureza virgem e fecunda a um tempo), CINCO MIL homens; o CINCO conserva a mesma representação simbólica supracitada; o MIL dá idéia do "sem-limite". Na realidade, refere-se isto à humanidade: CINCO é o *HOMEM*) englobadamente considerada em seu número ilimitado (MIL) de milhares e milhares de criaturas, e representada - em cada um de nossos corpos físicos - pelas células organizadas em órgãos, tal como a humanidade está organizada em raças e nações.

Capítulo importante como vemos, do qual ainda muitos ensinamentos ainda podem ser extraídos, e que será mais bem compreendido depois de lida e estudada a lição intitulada "O Pão da Vida".

EM ORAÇÃO

Mat. 14:22-23

Marc. 6:45-46

João, 6:14-15

- | | | |
|---|--|--|
| <p>22. Em seguida obrigou os discípulos a embarcar e passar primeiro do que ele para o outro lado, enquanto ele despedia o povo.</p> <p>23. Tendo despedido o povo, subiu sozinho ao monte para orar. E à noite achava-se ali só.</p> | <p>45. imediatamente obrigou seus discípulos a embarcar e passar adiante, para o outro lado, para Betsaida, enquanto ele despedia a multidão.</p> <p>46. E tendo-se separado dela, foi ao monte para orar.</p> | <p>14. E vendo os homens a demonstração que Jesus fizera, disseram: "Este é verdadeiramente o profeta que vem ao mundo".</p> <p>15. Percebendo Jesus que eles estavam para vir apanhá-lo, a fim de fazê-lo rei, retirou-se novamente para o monte, ele só.</p> |
|---|--|--|

Aqui encontramos uma expressão estranha, repetida nos dois sinóticos: Jesus obrigou (*énágkase*) os discípulos" ... Por que haveria necessidade de obrigá-los, a eles que parecem ter sido sempre dóceis e obedientes? Parece que a causa é revelada por João. Vejamos:

Com a maravilhosa demonstração de poder (*tò sémeion*) que foi a multiplicação dos pães e peixes, a massa popular composta exatamente de agricultores e pescadores entreviu um paraíso na Terra: não haveria mais necessidade do duro labor nos campos na plantação e na colheita sempre duvidosa! Não mais as noites frias e chuvosas no lago à procura de peixe! Ali estava quem poderia fornecer para sempre ao povo pão e peixe sem trabalho! era só fazê-Lo "rei"! Moisés não alimentara os israelitas no deserto, anos a fio, com pão caído do céu todas as manhãs (cfr. Êx. 16:4. 8, 12-15)? Ora, o próprio Moisés predissera (Deut. 18:15) que surgiria em Israel um profeta com os mesmos poderes que ele. Não seria um simples profeta (cfr. João, 6:16 e 9:17), mas "o" profeta, "semelhante a Moisés", o qual, segundo os fariseus (cfr. João 1:21) não coincidiria com a pessoa do Messias. Mas, para o povo, essas distinções eram supérfluas. Então, ali estava "o" profeta, igual a Moisés, e que daria pão e peixes em abundância. Por que não fazê-Lo imediatamente "rei"?

Ora, isso constituiria uma subversão total da missão puramente espiritual de Jesus ("*o meu reino não é deste mundo*", João, 18:36). Mas, além disso, seria precipitar a perseguição de Herodes, que não suportaria um concorrente. E Jesus terminaria, mais cedo do que devia, como os outros galileus indóceis em suas pretensões messiânicas (cfr. Josefo, *Ant. Jud.* 17. 9, 3) e que foram massacrados por ordem de Pilatos (cfr. Luc. 13:2).

Era indispensável obviar a essa dificuldade com rapidez e energia. Talvez os próprios discípulos, atônitos com a multiplicação de pães e peixes (tanto que mais tarde não a haviam ainda compreendido (cfr. Marc. 6:52), talvez eles também se tivessem entusiasmado com a idéia de fazê-Lo "rei" ... pois ainda não haviam penetrado profundamente no sentido espiritual da missão de Jesus.

Dai Jesus dizer-lhes que "fossem para a outra margem", a cuja sugestão quiçá tivessem reagido, já influenciados pelo desejo de colocá-Lo no "lugar merecido"; e isso forçou Jesus a constrangê-los com uma ordem taxativa e firme, que os evangelistas traduziram pelo verbo "obrigar": eles foram contra a vontade.

Foram, para onde? Estavam no território de Betsaida- Júlias, na margem oriental. Diz Mateus: "para a outra margem", que Marcos repete, acrescentando: "para Betsaida". Haveria outra Betsaida na margem

ocidental do lago? Essa questão é ardorosamente discutida pelos comentadores, dividindo-se em dois campos:

- 1) os que negam a existência, interpretam *prós Betsaidan* como “na região fronteiriça a Betsaida”, sentido possível da preposição grega *prós* (cfr Tucídides, História, 2,55: *hê prós Pelopponéson*, “a qual é fronteira ao Peloponeso”). Assim traduzem Lagrange João Marta, Abel, Pirot, etc. E perguntam eles: se os discípulos iam para Betsaida, por que diz João “que se dirigiam para Cafarnaum (João, 6:17) onde desembarcaram (João, 6:21)? E por que Mateus (14:34) e Marcos (6:53) dizem que desembarcaram em Genesaré?
- 2) os que afirmam a existência de outra Betsaida (van Kasteren, Patrizzi, Knabenbauer, Fillion. Meistermann. Rose, Buzy e outros), trazem os seguintes argumentos:
 - a) a existência de Betsaida-Júlias (hoje el-Tell) a dois km ao norte de *el-Aradj*, é coisa certa: a cidade foi reconstruída pelo tetrarca Filipe, que lhe acrescentou o cognome Júlias em homenagem à filha de Augusto;
 - b) João, no início de seu Evangelho (1:44) diz que o discípulo Filipe “era de Betsaida”; mais tarde (12:21) especifica melhor, que “era de Bétsaida da Galiléia”. Ora, Betsaida-Julias ficava na província de Gaulanítida, e não na Galiléia. E João devia conhecer bem a região ... não iria confundir duas províncias.
 - c) Neubauer (“La Géographie du Talmud”, pág. 225) e Strack-Biller-beck, o. c. pág. 605) citam a existência de uma localidade, não longe de Cafarnaum, em *Ain-Tabgha* ou *Khan Minyeh* (ao norte do *Tell Oreimeh*) denominada *Saydethah*, que eles supõem ser a *Beth-Saida* do Evangelho, e que ficava exatamente na Galiléia.

Depois que os discípulos partiram, Jesus convenceu o povo a ir para casa, e Ele mesmo subiu ao monte para orar sozinho, segundo seu hábito.

Acontece com freqüência que o público que cerca os “pregadores” se entusiasma e quer “homenageá-los” com posições destacadas, com títulos honrosos, ou convencê-los a arriscar-se em cargos eletivos na política. Jesus exemplificou que se deve fugir dessas situações com energia e rapidez, “obrigando-os” a retirar-se “para a outra margem”.

No outro sentido mais profundo, verificamos algo mais sério. Quando a individualidade consegue manifestar-se por intermédio de nossa personalidade, realizando algo mais fora do comum, a personalidade quase sempre se envaidece e começa a acreditar-se “missionário”, um “enviado divino”, certo de que é superior às demais criaturas “vulgares”, que é um “privilegiado” com direitos adquiridos e merecimento garantido. Os veículos físicos se exaltam: o intelecto raciocina sobre tudo isso para cada vez mais convencer-se de sua superioridade, e complacentemente ouve e acredita nas mais mirabolantes histórias de encarnações passadas grandiosas; as emoções e sensações se comovem e incham,. e para combater isso, só há um remédio: mandá-los “afastar-se para a outra margem”, e retirar-se para uma região mais elevada (monte) a fim de entrar em contato com a Divindade, por meio da oração e da meditação.

É mister separar-se de tudo o que é material, para compreender as proporções reais da perspectiva; entrar no plano das realidades espirituais, para perceber as ilusões terrenas.

Assim em cada fato, em cada episódio do Evangelho, há uma lição preciosa, oportuna e profunda, exemplificada pelo Mestre Inolvidável, o Cristo Divino que vive em nossos corações e que se manifestou plenamente em Jesus, que soube aniquilar sua personalidade para deixar o Cristo Divino exteriorizar-se.

JESUS ANDA SOBRE A ÁGUA

Mat. 14:24.33

Marc. 6:47-52

João, 6; 16-21

24. E o barco estava agora no meio do mar (a muitos estádios da terra) açoitado pelas ondas, porque o vento era contrário.
25. À quarta vigília da noite ele veio ter com eles, caminhando sobre o mar.
26. Os discípulos ao vê-lo a andar sobre o mar ficaram aterrorizados e exclamaram: "é um fantasma", e gritaram de medo.
27. Mas Jesus imediatamente lhes falou: "Tende coragem, sou eu, não temais"!
28. Respondendo-lhe, disse Pedro: "Se és tu, senhor, ordena que eu vá a ti por cima das águas".
29. E ele disse: "Vem". E saindo Pedro do barco, andou sobre as águas para ir ter com Jesus.
30. Quando porém sentiu o vento forte, teve medo e, começando a submergir, gritou: "salva-me, Senhor"!
31. No mesmo instante, estendendo a mão, segurou-o e disse-lhe: "ó pequena fé, por que duvidaste"?
32. E entrando ambos no barco, cessou o vento.
33. Então os que estavam no barco prostraram-se ante ele, dizendo: "verdadeiramente és um Filho de Deus".
47. À tardinha achava-se o barco no meio do mar, e ele sozinho em terra.
48. E viu-os embarcados em remar, porque o vento lhes era contrário; e pela quarta vigília da noite foi ter com eles, andando sobre o mar, e queria passar-lhes adiante.
49. Vendo-o eles, porém, a andar sobre o mar, pensaram que era um fantasma e gritaram,
50. porque todos o viram e ficaram aterrorizados. Mas no mesmo instante falando com eles, disse: "Tende coragem, sou eu, não temais"!
51. E veio a eles no barco e cessou o vento; e eles se encheram de grande pasmo.
52. Pois não haviam compreendido a demonstração dos pães; ao contrário, o coração deles estava endurecido.
16. Chegada a tarde, desceram seus discípulos ao mar,
17. e, entrando num barco, atravessaram o mar para ir a Cafarnaum. E já se tornara escuro, e Jesus ainda não tinha vindo ter com eles.
18. E o mar, ao sofrer grande vento, se agitava.
19. Tendo remado uns vinte e cinco a trinta estádios, viram a Jesus andando sobre o mar e aproximando-se do barco, e ficaram com medo.
20. Mas ele lhes disse: "sou eu, não temais"!
21. Desejavam então recebê-lo no barco, e imediatamente o barco chegou à terra para onde iam.

Pelo texto de João, compreendemos que os discípulos desceram à praia e permaneceram perto do barco, onde ficaram esperançosos de que Jesus viesse alcançá-los. Entretanto, "já se tornara escuro e Ele não viera". Resolveram, então, partir.

Uma vez embarcados, os discípulos encontram vento contrário bastante forte, o que era comum no lago (cfr. visto antes), tanto que não haviam chegado à outra margem "na quarta vigília da noite", isto é, entre 3 e 6 h da manhã. Após o domínio romano na Palestina, os israelitas passaram a dividir a noite (de 18 às 6 h) em quatro vigílias (em vez de três como era tradicional entre eles), vigílias essas iguais no comprimento, sendo mais longas no inverno quando as noites eram maiores, e bem menores no verão. A primeira (das 18 às 21 h.), a noite; a segunda (das 21 às 24 h), a noite fechada; a terceira (das 24 às 3 h) *o cantar do galo*; e a quarta (das 3 às 6 h) *a alvorada ou manhã*.

Ora, à "noitinha" (*opsías*), do montículo onde se achava, Jesus já vira os discípulos a lutar contra o vento; e a travessia, mesmo na parte mais larga do lago (12 km) era feita, no máximo, em 2 a 3 horas. E ali eles não estavam na parte mais larga. Mas, às 3 ou 4 horas da manhã eles só haviam avançado "25 a 30 estádios" (segundo João), anotação que parece ter sido introduzida em Mateus posteriormente, pois só aparece em alguns manuscritos ("a muitos estádios da terra"). O estádio media cerca de 185 metros; portanto, eles só se haviam adiantado cerca de 5 km da margem.

Continuava a luta contra o vento, e os discípulos remavam esforçadamente, para alcançarem rápido a outra margem, talvez imaginando que o Mestre seguiria a pé e lá chegaria antes deles, para esperá-los.

Repentinamente percebem, assustadíssimos, um vulto branco a caminhar calmamente sobre o mar encapelado pelo vento ... O que seria? Quem seria? Olham melhor: é uma forma humana ... aproxima-se ... só pode ser um fantasma! E os fantasmas eram considerados de mau agouro (cfr. Sab. 17:4, 14-15; Josefo, Ant. Jud. 13, 12, 1 e 17, 13, 3-5). O medo foi crescendo, eriçando os cabelos, arrepiando a pele, e aqueles pescadores rudes, homens fortes e barbados, não tiveram outro remédio senão ... gritar "valentemente"! ...

Penalizado, mas bem provavelmente a sorrir do susto que pregou em seus discípulos, Jesus os acalma, recomendando-lhes "coragem" que eles demonstraram evidentemente não possuir ...

João, cujo Evangelho (e Epístolas) foram escritos com a finalidade senão primordial, pelo menos bastante clara, de combater os "docetas" (que afirmavam ser "fluídico" o corpo físico de Jesus que, segundo eles não era homem, mas um *agênere*), não acena à impressão que os discípulos tiveram de que se tratava de um fantasma, já que o fantasma é, exatamente, um *agênere*.

Os "docetas", assim cognominados primeiramente por Teodoreto (Epist. 82) e por Hipólio (Philosophúmena, 8, 8-11), que criaram o nome "docetas" do verbo grego dokéo, que significa "parecer", afirmavam que Jesus não possuía corpo físico de carne, mas sim "corpo fluídico", um "corpo de fantasma". Diziam que tudo o que fizera fora apenas "aparência" e não realidade. Não nascera, nem crescera, nem comera, nem morrera na cruz. "Pareceu" que houve tudo isso, mas "não houve", era tudo MENTIRA e FINGIMENTO. A razão em que se baseavam era a crença de que tudo o que é material é imperfeito e impuro, pois é obra do "Princípio do Mal", que eles identificavam com o Deus Criador do Velho Testamento, YHWH, que para eles era Satanás. Como Jesus apresentara o "Princípio do Bem", o PAI, não podia ter-se submetido ao Princípio do Mal, e portanto, não poderia ter tido corpo físico carnal.

O docetismo foi combatido desde o início de seu aparecimento por uma testemunha ocular da vida de Jesus, por seu "discípulo amado", João Evangelista, que protesta ardentemente contra essas invenções absurdas; vemos a refutação do docilismo em muitos passos do Evangelho de João, mas sobretudo em 1:14, e nas Epístolas (Primeira, 2:22; 4:2; 5:6,2.0; e Segunda, vers. 7). Combateram-no ainda no 1.º século Inácio, nas Epístolas ad Trai., 9 f; ad Smyrn. 2:4; ad Ephes. 7; e Policarpo, ad Phil. 7; e logo após por Clemente, de Alexandria, Strom., 7 e Teodoreto, Haeret. Fab., 5. Modernamente volta a pretender insinuar-se entre espiritualistas essa teoria esdrúxula, que contraria os pontos básicos do próprio Espiritualismo que só admite um Princípio Criador, o do Bem, e que sabe que a matéria (a carne) é tão nobre, pura e santa quanto o espírito, pois é apenas a condensação do espírito; e sabe que todas as criações divinas são perfeitas, inclusive a matéria.

O velho pescador saltou do barco, sob o olhar horrorizado dos companheiros, sem pesar as consequências, e lá foi cambaleante, a equilibrar-se sobre os vagalhões ferozes; mas quando, ao chegar já perto do Mestre Querido, se dá conta do vento violento, fica com medo. Ora, o medo é justamente a falta de fé, a perda da confiança.. E sem fé, nada é possível construir nem realizar: ele começa a afundar e grita apavorado por "socorro"! Jesus repreende-o suavemente (mais uma vez O entrevemos a sorrir ...): "ó pequena fé, por que duvidaste"? E segurou-o pela mão.

Voltaram os dois a caminhar sobre as águas, e os demais discípulos quiseram que Jesus entrasse no barco, em vez de continuar a caminhar pelo lago até a margem.

Entraram ambos, e o vento cessou. Os discípulos estavam atônitos, sem poder explicar tantas coisas estranhas que haviam acontecido naquele dia, pois nem sequer tinham compreendido a "multiplicação dos pães" ali, entre as mãos deles ... Então chegam a uma conclusão irrefutável: "verdadeiramente és um filho de Deus"!

O texto grego está sem artigo. Não é, pois, uma confissão da Divindade de Jesus, como pretendem alguns. Temos que compreender a mentalidade e a psicologia dos israelitas, sobretudo naquela época: rigidamente monoteístas, não podiam jamais cogitar de outro Deus além do único Deus, a quem Jesus chamava "O PAI", repetindo exaustivamente que era "o único Deus". Entretanto, eles sabiam que havia os "filhos de mulher" (homens sujeitos ao "*kyklos anánke*" ou ciclo fatal das encarnações por meio da mulher) e os "filhos do homem" (criaturas que já se haviam libertado da evolução na etapa humana), mas havia também os "filhos de Deus" (seres excepcionais acima de qualquer classificação que não fosse a comparação de "ligados à Divindade", os seres (que hoje chamaríamos "avatares") em que Se manifesta a Divindade, os Cristos ou Buddhas.

Como já se achavam perto da praia, chegaram "logo" à planície de Genesaré (hoje denominada *el-Ghoueir*) que mede 6 km de comprimento por 3 de largura, na margem ocidental, exatamente entre *Ain-Tabgha* e *el-Medjdel* (onde devia estar situada a aldeia de Betsaida da Galiléia, bem perto de Cafarnaum. Daí a aparente contradição dos textos: Betsaida (Marc. 6:45) Genesaré (Mat. 14:34 e Marc. 6:53) e Cafarnaum (João, 6:17). Referem-se todos eles à mesma região, uma área reduzida, com pequenas aldeolas e cidades. Uns falam genericamente (Cafarnaum), outros dão maior precisão (Genesaré, para dizer que não desembarcaram na cidade de Cafarnaum) mas Jesus quando lhes antecipa o local de desembarque, dá ainda maior exatidão (Betsaida).

Ocorre, muitas vezes, que a individualidade percebe a luta titânica e inglória dos veículos, no oceano do mundo, açoitados pelo vento borrascoso das emoções descontroladas. Mas não atende logo, porque sabe que é necessário aprender a dominá-las por si mesmos. No momento oportuno, vai aproximando-se levemente, por cima das vagas altas e violentas, inatingido pelas ondas e pelo furacão, tranquilo em sua serenidade infinita.

Todos os grandes místicos que obtiveram o Encontro Sublime, a Iluminação da alma, experimentaram antes a terrível "Noite Escura da Alma" os momentos cruciais das "Trevas Espessas" (cfr. Kempis, Henrique de Suso, Mestre Eckhart, João da Cruz, Teresa de Ávila, Ruysbroeck, Catarina de Siena, Ângela de Foligno, Francisco de Sales, Madame Guyon, etc. Ver o excelente estudo de Evelyn Underhill, "Mysticism", The Noonday Press, N.Y., 1955, 2.^a parte, cap. 9: "The Dark Night of the Soul", págs. 380 a 412).

Quando, após esse período de segura espiritual, vemos aproximar-se a figura imaterial do Cristo Interno, assustamo-nos horrorizados, temendo seja mais uma ilusão (fantasma) de nossa mente, alguma criação mental nossa que não venha desviar da meta tão arduamente perseguida. E gritamos apavorados, encolhendo-nos no mais recôndito desvão de nós mesmos.

A felicidade só começa a fazer-se sentir, quando identificamos a voz suave e inconfundível do Amado de nossa alma.

E quantas vezes atiramo-nos afoitamente aos vagalhões enfurecidos, para mais depressa abraçarmos o Ser Inefável que é nosso Cristo Interno! Mas, no meio da viagem, quase a alcançar o porto seguro,

frequentemente assalta-nos a dúvida, e sentimo-nos submergir mais uma vez, derrubados pela ventania infrene que ulula em torno de nós, apanhados e rodopiados pelas ondas revoltas que nos turbilho-nam, arrastando-nos ao abismo ...

É quando gritamos novamente por socorro. E a mão, sempre terna, do Amigo Incondicional, se esten-de, sustentando-nos acima das vagas enraivecidas.

Uma vez firmes e seguros de nossos passos, tendo em nossa mão a mão firme do Cristo, vemos que os veículos reclamam para si a honra de carregar a Individualidade. Logo que esta penetra em nós mes-mos, isto é, logo que conseguimos unir-nos a ela que já reside em nós, cessa o vento, o mar se abran-da, e imediatamente chegamos ao porto de destino aliviados e consolados (Cafarnaum = cidade do Consolador).

Quantas vezes se repetem essas cenas, e depois de cada uma acreditamo-nos definitivamente imunes de outros vendavais ... Mas eles voltam, e cada vez com, parece-nos, uma violência maior, mais as-sustadora ...

Nos momentos do Encontro, ao sentirmo-nos envolvidos pela suavidade da Paz do Cristo, reconhece-mos que verdadeiramente "Ele é um filho de Deus", ou seja, uma partícula da Divindade que vive em nós e nos sustenta, sempre Amoroso e Terno, sempre Compassivo e Benevolente.

EM GENESARÉ**Mat. 14:34-36****Marc. 6:53-56**

- 34. Tendo passado para o outro lado, chegaram à terra de Genesaré.**
- 35. E conhecendo-o os homens daquele lugar, enviaram a todos os arredores e trouxeram-lhe todos os que tinham enfermidades,**
- 36. e lhe rogavam que os deixasse tocar somente na borla de seu manto; e todos os que tocaram, se curaram.**
- 53. E tendo atravessado além, chegaram à terra de Genesaré e atracaram.**
- 54. E saindo do barco, imediatamente a conheceram,**
- 55. e correndo por toda aquela circunvizinhança, começaram a levar nas macas os que se achavam doentes, para onde ouviam dizer que ele estava.**
- 56. E onde quer que ele entrasse, nas aldeias, ou nas cidades, ou nos campos, punham os enfermos nas praças e lhe rogavam que os deixasse tocar ao menos a borla de seu manto; e todos os que o tocaram, se salvaram.**

Pelos dois evangelistas sabemos então que Jesus desembarcou na planície de Genesaré, logo ao sul de Cafarnaum. Já falamos desse local que, segundo Josefo (Bell. Jud. 3, 10, 8) era de suma fertilidade, produzindo flores e frutos o ano inteiro.

Tocando em terra, Jesus toma a estrada que vai a Cafarnaum, e pelo caminho atravessará diversas aldeias e vilarejos, pequenas cidades e campos cultivados. Anota Marcos que, ao chegar à terra, "logo o reconheceram". Por essas palavras percebemos que Jesus ainda não estivera nessa região; mas sendo ela tão próxima a Cafarnaum, muitos de seus moradores já deviam tê-lo conhecido, ao vê-lo na cidade.

Dessa forma, a notícia espalhou-se, e todos os que tinham enfermos os levaram em macas para as localidades que, se sabia, Ele atravessaria, e os colocavam quer nas praças, quer em locais amplos, para que ao passar, os doentes tocassem as borlas de seu manto esvoaçante (Núm. 15:38). E pediam que Ele lhes permitisse tocar nelas, para conseguir a cura. E obtinham-na. E todos "se salvaram" das enfermidades, dizem as duas testemunhas. Interessante observar, aqui, o sentido do verbo "salvar-se".

Enquanto isso, Jesus continuava o trajeto para seu objetivo, ao mesmo tempo que se afastava de Tiberíades, onde então estava residindo Herodes Antipas. E "por onde Ele passava, ia beneficiando e curando" (Cfr. Atos, 10:38).

Aqui temos um exemplo da bondade dos seres evoluídos. Jesus podia ter desembarcado diretamente em Cafarnaum. Mas preferiu aproveitar a oportunidade e descer à terra mais ao sul, a fim de percorrer uma região que não visitara antes e, na viagem, distribuir benefícios a todos os enfermos. É um modo de agir que pode e deve ser imitado por todos os que atingiram o quinto plano evolutivo, do Serviço. Por onde quer que perambulamos, há sempre numerosas criaturas que necessitam de auxílio, seja moral ou material, para sua saúde, seu trabalho, seu conforto, sua compreensão das verdades; e iremos enxugando as lágrimas dos que choram, reajustando os desequilíbrios emocionais, iluminando as inteligências, numa palavra: beneficiando.

Também em relação a seus próprios veículos, há necessidade, vez por outra, de a individualidade ocupar-se com eles, "percorrendo-os" a fim de verificar suas deficiências e atendê-las. Essa "viagem de inspeção" é feita com o que costuma chamar-se "exame de consciência", em que passamos em revista nossos atos, nossos pensamentos, nossos desejos, nossas emoções, verificando os pontos fracos a serem fortificados e os excessos a serem controlados. Reequilibrando o nervosismo, acertando rumos, firmando resoluções, estaremos beneficiando nossos veículos, para que melhormente cumpram suas obrigações.

Comum é que vivamos tão absorventemente preocupados com as coisas exteriores, que esquecemos nossas próprias necessidades íntimas. Aprendamos, pois, a permanecer vigilantes, observando tudo o que se passa em nós mesmos, a fim de prevenir ou remediar a tempo qualquer dificuldade que surja.

O TRIBUTO DO TEMPLO

(abril do ano 30)

Mat. 17:24-27

- 24. Tendo chegado a Cafarnaum, dirigiram-se a Pedro os que cobravam as duas dracmas e perguntaram: "Vosso Mestre não paga as duas dracmas"?**
- 25. Respondeu-lhes ele: "Paga". E quando Pedro entrou em casa, antecipou-se Jesus, dizendo; "Que te parece, Simão: de quem recebem os reis da Terra tributo ou imposto? de seus filhos ou dos estranhos"?**
- 26. Respondeu Pedro; "Dos estranhos". Jesus disse: "Então os filhos estão isentos ...**
- 27. Mas para que os não escandalizemos, vai ao mar, lança o anzol, e o primeiro peixe que subir, tira-o; e abrindo-lhe a boca, encontrarás um "státer"; apanha-o e entrega-lhes por mim e por ti".**

Depois de percorrer a planície de Genesaré, proveniente de Betsaida-Júlias, chega finalmente a comitiva a Cafarnaum, recolhendo-se cada um a seu lar.

Pouco após a chegada, batem à porta os “cobradores do imposto do Templo”. Jesus residia com Pedro e é a este, o dono-da-casa, a quem se dirigem os cobradores, perguntando-lhe “se o Mestre não pagava o imposto de dracmas”.

A origem do “imposto do Templo” se prende a Moisés (Êx.30:11-13), quando YHWH ordena que, ao serem contados os israelitas, de cada um fosse cobrado um tributo de “meio siclo”, que correspondia a vinte *gueras*. Na época da restauração, Neemias (10:33) baixou a tarifa para um terço de siclo, especificando ao mesmo tempo a finalidade do imposto: a manutenção do Templo e dos serviços religiosos. Na época de Jesus, já voltara a ser meio-siclo. O siclo de prata tinha o valor de quatro dólares atuais. Sua equivalência nas moedas contemporâneas era de quatro denários (moeda romana) e de quatro dracma (moeda grega). Então, o imposto de meio-siclo correspondia a duas dracmas (a que chamavam *didracma*). Para duas pessoas, havia necessidade de quatro dracmas, que perfaziam um "státer".

Mateus chama aos coletores desse imposto *hoi tò dícrachma lambánontes*, isto é, os recebedores de didracmas.

A coleta começava: em Jerusalém no dia 25 de *adar* e fora da capital a 15 de *adar*, que era o nome do mês que precedia o de nisan, no qual era celebrada a Páscoa. Deveria terminar a coleta e ser recolhido o resultado até o dia 1.º de *nisan*, na Sala do Tesouro do Templo, para ser usado com as despesas da Páscoa. Nas regiões mais distantes o resultado da coleta devia ser enviada a Jerusalém até 15 dias antes de Pentecostes; e as do exterior deviam chegar até 15 dias antes da Festa dos Tabernáculos, quando afluíam a Jerusalém os israelitas da Diáspora. O montante era levado pelos próprios peregrinos de confiança.

Estavam obrigados ao imposto os israelitas maiores de 20 anos, inclusive os levitas, os prosélitos e os libertos; eram isentos os menores daquela idade, os escravos, as mulheres e os sacerdotes (sobre o que muito se discutia). Em vista da crescente fama de Jesus como Messias, os cobradores ficam na dúvida se Ele não pretendia valer-se da isenção, e interrogam Pedro. Observe-se que a casa é apresentada como moradia de Jesus (tal como em 13:1 e 36), e não mais essencialmente como casa de Pedro, (como em 9:14).

Por esse pormenor verificamos que estávamos a um mês da Páscoa, o que confirma o afirmado em João 6:4.

Pedro responde aos cobradores, sem hesitar: "Paga"! E ao entrar em casa, Jesus "se antecipa" a Ele, perguntando de quem recebem imposto os reis, se dos filhos ou dos estranhos. A resposta é óbvia. É lógica a conclusão de Jesus que conscientemente, se sabia filho de Deus, porque Nele já agia o Cristo Interno em sua plenitude, e não a personalidade filha da carne.

Não obstante, julga dever ser evitado qualquer mal-entendido, ou, como se diz, "escândalo". E resolve, para satisfazer ao pagamento, dizer que Pedro chegue até a praia e lance o anzol, avisando-lhe que na boca do primeiro peixe encontrará um "státer". Com esse "státer", diz Jesus, seria pago seu tributo e, num gesto de delicada cortesia para com o amigo, acrescenta: "e o teu".

Pergunta-se: 1.º) como teria sido obtido que essa moeda estivesse na boca de um peixe; 2.º) como teria Jesus tido conhecimento de que lá havia uma moeda; e 3.º) como sabia que esse seria o primeiro peixe a morder a isca lançada por Pedro.

Logicamente, não estamos em condições de dar resposta certa e definitiva, com cabal garantia do que houve realmente. Apenas poderemos formular hipóteses. E a única que nos parece viável e aceitável, é a de que não havia lá nenhuma moeda: mas Jesus, por meio dos espíritos que o rodeavam "e o serviam" (Mat. 4:11), providenciou para que, na boca do primeiro peixe que mordesse a isca lançada por Pedro, fosse materializada (ou para lá "transportada") a moeda. O "transporte" é coisa que pode ser realizada, desde que haja capacidade por parte do agente.

Outra lição para todos os espiritualistas. De modo geral, ao atingir certo grau evolutivo que julgam ter, os espiritualistas começam a sentir desapego das coisas materiais e procuram evitar quaisquer pagamentos. Aham que tudo merecem "de graça", pois estão isentos das obrigações terrenas. Realmente a sensação é justa. Mas para que e por que, ensina o Mestre, escandalizar e suscitar aborrecimentos? Quem está na Terra, utilizando o corpo físico-denso cujas células todas são tiradas do material do planeta, e servindo-se diariamente das coisas que o cercam, deve também contribuir para o aprimoramento e a melhoria física do ambiente em que vivem eles mesmos e os outros irmãos seus.

Seres evoluídos não são apenas os Santos e Místicos, nem somente os Gênios e Artistas: também os inventores, os construtores, os industriais, os comerciantes, todos enfim que colaboram no progresso do planeta para conforto e beleza da casa que o Pai fornece gratuitamente para nossa habitação temporária, todos esses são colaboradores valiosos da Obra do Pai, missionários do Alto. Como seria triste e difícil a Terra sem eles! Que desequilíbrio terrível se verificaria, se os Espíritos atualmente muito evoluídos, tivessem que habitar um planeta ainda caótico e selvagem, como era este na era quaternária! O conforto material e o progresso físico também ajudam a evoluir, proporcionando satisfação espiritual e ambiente mental para aquisição de cultura.

Por isso devemos sujeitar-nos aos impostos que nos são solicitados pelas autoridades, a fim de, por esse meio, compensar a hospedagem que recebem nossos corpos durante nossa estada gratuita neste imenso e belíssimo albergue que o Pai colocou à nossa disposição.

Mas há outro ponto de vista. É a relação existente entre a individualidade e os corpos físicos. Muitas vezes a personalidade pede "pagamento" de tributos ao Espírito. São horas de sono para refazimento das energias dos órgãos; são distrações para repouso dos neurônios cerebrais; são passeios nas montanhas e no mar para revigorar o sangue com oxigênio novo e puro; é a alimentação para sustentar as células; são períodos de lassidão para contrabalançar as distensões musculares; são enfim tantas pequenas exigências de nossos veículos, que PRECISAM ser atendidas. Tudo isso pode ser comparado ao "imposto do Templo", já que, na realidade, "nosso corpo é o templo de Deus vivo" (2 Cor.6:16) e como tal tem que ser bem cuidado. É o veículo que tomamos ao nascer e que terá que levar-nos ao termo da viagem sem acidentes provocados por nosso descuido. Muito viríamos a sofrer se perdêssemos o veículo no meio da viagem por culpa nossa: o que faltasse da estrada teria que ser feito a pé!

O PÃO DA VIDA – PARTE I - O CENÁRIO

João, 6:22-25

22. No dia seguinte, a multidão que permanecera no outro lado do mar, viu que ali não havia senão um barquinho, e que Jesus não entrara nele com seus discípulos, mas que estes tinham partido sós.
23. Chegaram, todavia, outros barquinhos de Tiberíades, perto do lugar em que tinham comido o pão, depois de o Senhor haver dado graças.
24. Quando, pois, a multidão viu que Jesus não estava ali, nem seus discípulos, entraram nesses barcos e foram a Cafarnaum, à procura de Jesus.
25. E, tendo-o encontrado no outro lado do mar, perguntaram-lhes: "Rabbi, quando chegaste aqui"?

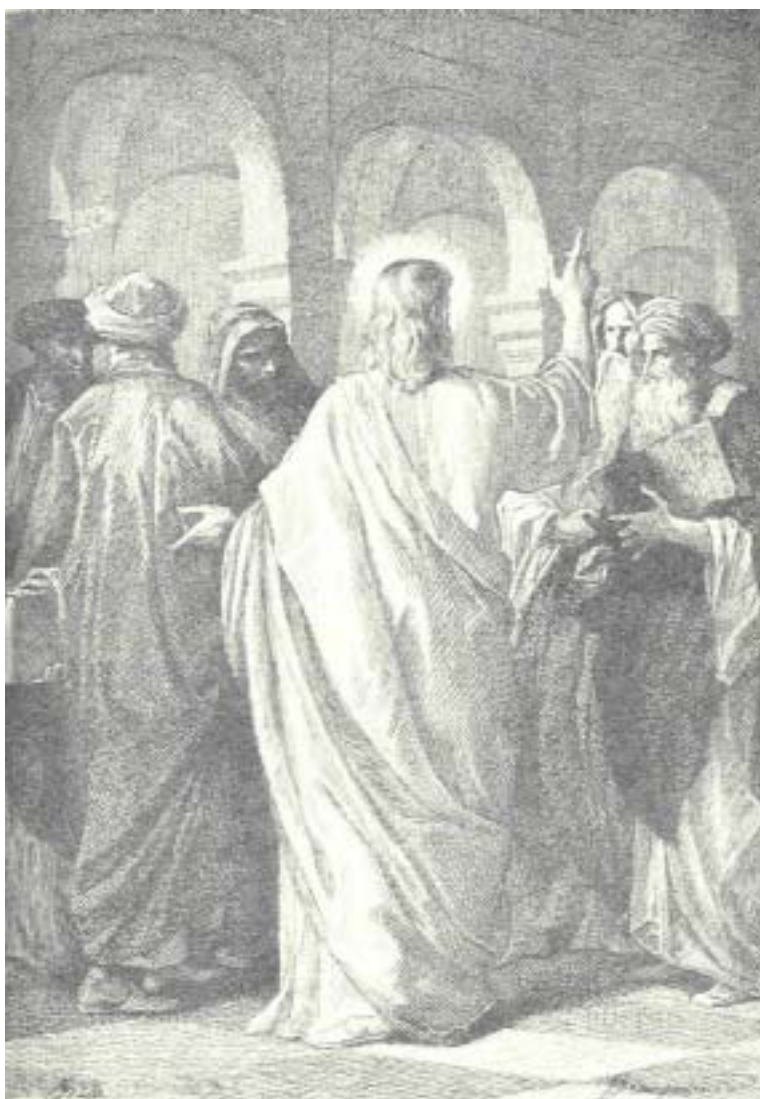


Figura “O PÃO DA VIDA”

Começa aqui a lição teórica que Jesus dá, após a lição prática da multiplicação dos pães. Dividimo-la em cinco partes: 1) O cenário; 2) a motivação; 3) a via contemplativa; 4) a via unitiva; 5) o desfecho prático.

Os três primeiros versículos deste longo trecho de João, que se segue imediatamente à multiplicação de pães e de peixes, são um tanto confusos estilisticamente. Mas uma vez explicados o sentido torna-se claro.

A multidão que acorrera a Betsaida-Júlias e vira o extraordinário fato, e que ainda se achava insistentemente do outro lado do mar, tinha observado que só havia na praia um barco. Observara além disso que os discípulos haviam regressado nesse barco sozinhos. Portanto Jesus lá ficara, sem a menor dúvida. E eles, uma minoria entusiástica, continuaram esperando por Ele e procurando-O, até o dia seguinte.

No entanto, nesse segundo dia haviam chegado a Betsaida-Júlias, provenientes de Tiberíades, outros barcos. Esses barcos que lá chegaram no dia seguinte, foram aproveitados para a travessia por aqueles que lá haviam ficado, e que já tinham desistido de encontrar Jesus naquelas bandas. Evidentemente, não eram os cinco mil: apenas alguns, os mais entusiastas.

Uma observação a ser feita é que muito dificilmente os barcos pernoitavam no lado oriental do lago, por causa do perigo que correriam de serem lançados e de se arrebentarem contra a margem, pelos ventos violentos. que tinham sempre a direção oeste-leste.

Quando chegam a Cafarnaum, ficam estupefactos: lá estava Jesus! Como regressara? É o que eles não compreendem; e então, no invés de perguntar "como", indagam "quando" lá chegou ...

Estava naturalmente armado o cenário para a aula teórica que ia desenrolar-se: lá se achavam os doze, mais os discípulos que costumavam acompanhá-Lo de perto, e lá acabavam de chegar os mais sequiosos ouvintes, que haviam aproveitado da multiplicação dos pães, e que não tinham desistido de ir em busca de mais alguma coisa, após o esforço penoso de uma noite passada no deserto à sua procura, e de uma travessia em busca do Taumaturgo.

Era de presumir-se que todos estivessem amadurecidos para ouvir as grandes verdades: assim o demonstravam exteriormente, que mereciam um ensinamento de sabedoria acima do plano vulgar; Jesus resolveu dá-lo, para ver se algum deles chegava a percebê-lo. No final, mais uma vez se decepcionará. Que podemos nós esperar? Resultados melhores do que os que obteve Jesus? Daí a sabedoria oriental ensinar que se deve agir sem cogitar dos frutos da ação: "seja teu interesse apenas na ação, jamais em seus resultados; não seja o resultado o teu móvel" (Bhagavad Gita, 2:47); ainda: "Firme na yoga, realiza tuas ações abandonando o apego, ó Arjuna, sendo indiferente ao êxito ou fracasso; a yoga é definida indiferença" (Ib, 2:48); e mais: Livre de apego, não falando de si mesmo, cheio de resolução e energia, imutável no êxito e no fracasso, quem assim age é chamado *sattvika* (bondoso)" (Ib. 18:26).

Muitas vezes essas circunstâncias se repetem no mundo hodierno, quando o pregador começa a revelar capacidade para ensinar certas verdades. Um grupo cada vez mais numeroso vem cercá-lo, manifestando-se ansioso na busca dos conhecimentos, mas realmente querendo novidades e acepipes exóticos para seu paladar ávido de novos sabores.

O fenômeno que então ocorre é sempre identico: todos querem, todos buscam, todos pedem, todos reclamam, todos exigem tudo dele. E o pregador encontra-se num bívio crucial: ou a) atende à multidão, que crescerá permanentemente e a quantidade resultará em prejuízo da qualidade, pois o ensino terá que baixar de nível para atender ao grande número," ou b) o pregador manterá o nível elevado de seu ensino, e verá seus ouvintes se distanciarem "escandalizados", por não poderem perceber a Verdade.

Aves ainda implumes, não podem acompanhar os altaneiros vãos daqueles que já singram as grandes altitudes. Tentam, então, criticar o pregador, atribuindo-lhe todos os defeitos possíveis, para descul-

par-se da própria apostasia. Não querem confessar sua incapacidade de penetrar os mistérios da Vida, e mascaram essa delícia, procurando rebaixar o pregador.

Outros envidam todos os esforços para desviá-lo de seu rumo, sob a alegação de que ele deve "conquistar multidões", deve "atender a todos, porque isso é que é caridade"; deve, como obrigação básica, descer de seu nível para "salvar o maior número de almas" ... São razões tentadoras que, em muitos casos, impressionam o pregador e o fazem ceder e tornar-se um "repetidor banal" de generalidades, paralisando sua própria evolução. Isto porque, não sentindo necessidade urgente de penetrar os "segredos do Reino", de viver em meditação profunda para descobrir novas vias, mas bastando-lhe soltar em qualquer canto as mesmas migalhas em palavras bonitas, ele se deixa levar pelo comodismo e pela falta de estímulo e estaciona, nivelando-se aos ouvintes, ao invés de elevá-los à altitude de seu conhecimento espiritual.

Não foi esse o exemplo dado por Jesus. Aos que desejavam segui-Lo e O buscavam ansiosos, disse a VERDADE, e deixou, embora triste, que se afastassem os imaturos; permitiu que os próprios discípulos se escandalizassem e o abandonassem, mas não traiu o ensino; e ainda indagou de Seus próprios escolhidos para Emissários especiais, se também não queriam retirar-se. Temos a impressão de que o Mestre estava disposto a perder todos os seguidores, mas não concordava em baixar o nível da aula que devia dar, porque especialmente para isso viera dos altos planos ("do céu"). As verdades comuns já tinham sido ditas por numerosos outros Enviados do Pai, por criaturas de grande elevação moral e espiritual; a Ele cabia ensinar o curso superior, e Ele o fez, mesmo com o risco de ficar falando sozinho.

Daí deduzimos a lição. Se muitos há que distribuem o "leite às criancinhas" espirituais (cfr. Paulo, 1 Cor. 3:2), são necessários alguns, pelo menos, que, resistindo à tentação de reunir em torno de si grande número de seguidores que lhes batam palmas, saibam manter-se no plano de profundidade que possam alimentar com a "carne da sabedoria" aos espíritos adultos, que exigem alimentação mais sólida e consistente.

Também estes são filhos de Deus, e não podemos, por causa dos alunos incompetentes, prejudicar os aplicados e inteligentes. Lógico que quanto mais alto é o padrão do ensino, menos pessoas capazes de assimilá-lo serão encontradas. Quanto mais no alto do cone, menor o diâmetro da circunferência. Para cinco mil pessoas que comeram os pães multiplicados, houve doze que perceberam a explicação teórica do fenômeno. A multidão apenas se satisfaz na vida material, enquanto os evoluídos cresceram na vida imanente.

Trazendo para nossa personalidade essa lição, compreendemos que, frequentes vezes esta se manifesta ávida de progredir. Mas quando a individualidade quer levar pelos caminhos árduos da renúncia e do desprendimento, encontra terríveis barreiras que resistem. Assim, por exemplo, quando o Cristo Interno quer cultivar no Espírito o sentimento do AMOR, comprova triste que logo aparecem, ofuscando esse sentimento, as emoções egoístas que, em vez de dar e distribuir, querem receber e gozar sozinhos; em vez de amar a todos, querem ser amados com exclusividade; não admitem amar "dando-se", mas fazem questão de ser os "únicos", e então amam "vigilando" o ser amado, com o ciúme exacerbado pelo medo de perder o domínio e a exclusividade do "amor" que, no fundo não é AMOR, mas apenas desejo emocional.

Nesses casos, o Cristo Interno não cede em rebaixar sua exigência: apenas isola-se, aguardando maior evolução do Espírito, para então tornar a atraí-lo a Si, na mesma existência ou na encarnação seguinte, ou daí a dez, a vinte, a cem ou a mil encarnações. Mas, enquanto o Espírito não amadurecer através do aprendizado e da experiência, burilado pela dor, não será possível colher seu fruto.

O PÃO DA VIDA – PARTE II - MOTIVAÇÃO

João, 6:26-34

26. Respondeu-lhes Jesus e disse: "Em verdade, em verdade vos digo: vós me procurais não porque vistes demonstrações, mas porque comestes dos pães e vos saciastes.
27. Trabalhai não pelo alimento transitório, mas pelo alimento estável para a vida imanente, que vos dará o filho do homem, pois o Pai o confirmou".
28. Eles lhe perguntaram: "Que faremos para realizar as obras de Deus"?
29. Respondeu Jesus e lhes disse: "Esta é a obra de Deus, que acrediteis naquele que ele enviou".
30. Perguntaram-lhe então: "Que demonstrações fazes para que as vejamos e acreditemos em ti? Que realizas tu?"
31. Nossos pais comeram o maná no deserto, como foi escrito: "Deu-lhes a comer o pão do céu".
32. Replicou-lhes então Jesus: "Em verdade, em verdade vos digo: não foi Moisés que vos deu o pão do céu: mas meu Pai vos dá o verdadeiro pão do céu,
33. porque o pão de Deus é o que desce do céu e dá vida ao mundo".
34. "Disseram-lhe então: "Senhor, dá-nos sempre esse pão".

A aula teórica que Jesus dá sobre o Pão da Vida, e que constitui uma parte de seu "ensino" (de seu *lógos*), é uma explicação da aula prático-experimental que foi a multiplicação dos pães e peixes. Trecho dos mais profundos que o Evangelho nos conservou.

Estudá-lo-emos cuidadosamente, dando os comentários linguísticos primeiro, e a seguir a interpretação impressa em grifo. Veremos cada versículo separadamente, porque cada palavra é importante.

26. "Respondeu" (*apekríthe*) é fórmula genérica no sentido de "tomou a palavra" ou "prosseguiu". A repetição "em verdade, em verdade" traduz a locução hebraica *amén amén* (transliterada no grego) e exprime uma espécie de juramento sobre a veracidade do que é afirmado, uma "afirmativa categórica" (ver vol. 1). Traduzimos *sêmeia* por "demonstrações" (ver vol. 1), que é o sentido real da palavra: "sinal, prova, demonstração", só lhe sendo atribuído o sentido de "prodígio, milagre" (tradução que lhe é dada sistematicamente nas edições comuns) quando a demonstração é fora do comum, acima do normal. Só não aceitamos essa tradução porque hoje a palavra "milagre" variou de tal forma de sentido, que passou a significar outra coisa.
27. "Trabalhai" traduz *ergázesthe*, no sentido de "esforçar-se ou trabalhar com esforço, arduamente". O "alimento" recebe dois adjetivos opostos: "transitório" (*apolluménen*, "que perece") e "estável" (*menousan*, "que permanece"). São dois participios presentes com valor adjetivo, "Vida imanente" é *zôê aiônos*, que estudamos exaustivamente no vol. 2. "Que vos dá" (presente *didôsin* segundo os mss. *aleph* e D) repetido no vers. 32. O sentido de "filho do homem" foi estudado no vol. 1. Traduzimos "o Pai confirmou", sentido do verbo *esphrágisen*, que também pode significar "selar, marcar com selo" ou "carimbar", depois que se aprova ou confirma o documento.
- 28/30 "Obra" é a tradução de *érgon*, que exprime um trabalho realizado, isto é, produzido pelo esforço da criatura. Daí termos traduzido o verbo *ergázomai* como "realizar", no sentido de "produzir". O verbo "confiar. crer, acreditar" é *pistéuô*, donde o substantivo *pístis*, "confiança, fé".

31. O verbo "comer" apresenta neste trecho dois sinônimos gregos: *esthiô* (no qual alguns tempos tomam as formas do defectivo *phágomai*) e que tem o sentido normal de "comer"; e *trôgô* que é mais especialmente empregado com o significado de "comer alimentos crus", ou "regalar-se com acepipes"; preferimos, para distinguir em português os dois sinônimos, traduzir o primeiro por "comer" e o segundo por "saborear". O "maná", palavra hebraica, formado de *man'hu*, que significa "que é isto?", é a denominação dada ao "pão que caiu do céu" no deserto (cfr. Êx. 16:4,8, 12-15). A expressão "pão do céu" só poderia ser fielmente traduzida por uma perífrase: "pão VINDO do céu", já que o grego *ho ártos ek toú ouranou* dá o ponto de partida (latim em ablativo) e não a qualidade (do céu = celeste, que seria dado em latim pelo genitivo). É indispensável fixar bem na mente esse pormenor, para que não haja confusão de sentido: quando se ler "pão do céu", entenda-se sempre "pão VINDO do céu".

32. "Verdadeiro" aqui é tradução de *alêthinón*, adjetivo.

33. "Dar vida" é o grego *zôén didoús*. "Descer do céu" é *katabainô*, que se opõe a *anabainô*, "subir".

Aqui começa mais precisamente a aula teórica, o "ensino (tòn lógon, vers. 60) de Jesus, a respeito do Pão da Vida, um dos mais importantes e profundos textos dos Evangelhos. Examinemos atentamente cada frase, acompanhando o desenvolvimento didático, com todas as suas oportunas repetições esclarecedoras.

Aproveitando-se da busca ansiosa que Dele fizeram os que se haviam saciado com os pães e peixes, salienta que era para isso que O procuravam: para ter garantido o sustento sem trabalhar; e não por causa da demonstração prática que lhes dera, como antecipação da explicação que agora seria dada de Sua doutrina da unificação da criatura com o Criador.

27. Jesus começa esclarecendo que há duas espécies de alimento: o que refocila temporariamente apenas o corpo perecível, e que portanto é transitório (porque "perece": *brôsin apolluménen*) e o que sustenta perenemente o espírito, e portanto é estável (porque "*permanece*": *brôsin ménousan*). Este segundo dá vida, não por acréscimo exterior, mas por crescimento interior: é a "Vida Imanente" de união com o Pai que habita em todos. Os dois alimentos, representados figurativamente pelo pão comum (que os antigos "comeram" no deserto, mas apesar disso "morreram") e pelo Pão "sobressubstancial" (Mat. 6:11; ver. vol. 2).

E é este Pão, afirma o Mestre em Sua aula magistral, que nos será dado pelo "filho do homem", isto é, pela Individualidade já evoluída, e portanto desperta e vigilante, porque a este (filho do homem) o Pai já "confirmou", isto é, "já lhe colocou Seu Selo" (esphrágisen) com a unificação do Encontro Místico. Justamente por este segundo alimento estável é que precisamos "trabalhar com esforço", e não pelo pão comum e transitório, que nutre por algumas horas o corpo perecível.

28. Os ouvintes idagam "que fazer para realizar as obras de Deus". A pergunta que, em português, parece não condizer com a explicação anterior, tem perfeita consonância no original grego, pois é repetido o mesmo verbo empregado por Jesus (*ergázomai*), com seu objeto da mesma raiz (*ergazômetha tà érga*), tanto que a tradução literal é "que faremos para trabalhar os trabalhos de Deus"?

29. A resposta é simples e pouco exigente: para realizar as obras de Deus, basta confiar (crer) naquele que foi enviado à Terra pelo Pai. E deixa entrever que o "Enviado do Pai" é exatamente Ele, o Cristo, que estava então a falar através da personalidade de Jesus. O Cristo Cósmico, teceira manifestação divina, o Filho (o Amado) que proveio do Pai, foi enviado à Terra e habita em todos. Confiando em Sua voz silenciosa no âmago de nosso ser, nós "realizaremos as obras de Deus".

30. Diante dessa afirmativa solene, e sem perceber que não era a personalidade de Jesus que falava, indagam qual a prova que Ele pode dar, a fim de confirmar Sua missão de Embaixador. Querem uma "demonstração"; teriam esquecido a maravilhosa comprovação realizada havia menos de vinte e quatro horas, na multiplicação dos pães e peixes? Eles insistem: "Que realizas" empregando o mesmo verbo *ergázomai*.

31. *E prossegue a argumentação dos ouvintes: "Moisés deu a nossos pais o pão vindo do céu, no deserto ... está escrito"! ... Mas calam a principal razão, que já fora percebida e veladamente denunciada por Jesus: "o sustento foi dado por Moisés anos a fio, sem que ninguém precisasse "fazer força" (ergázomai) ... então, que demonstração é essa que fizeste, que apenas distribuis alimento uma vez"?*
32. *Jesus protesta quanto à expressão "pão vindo do céu", dizendo que esse, Moisés não havia dado: esse, o verdadeiro pão vindo do céu (é usado o adjetivo alêthinós em lugar de destaque, no fim da frase), só o Pai o dá, ninguém mais. Porque "o verdadeiro pão vindo do céu" é a Centelha Divina; o Cristo Interno ("Eu sou o Pão vivo que desci do céu") e que habita (diríamos com a deliberada ênfase de Paulo, Col. 2:9) que habita corporalmente em todas as coisas.*
33. *Não satisfeito ainda, Jesus esclarece mais: "O Pão de Deus (não o humano), esse é o que desce do céu", e seu efeito é maravilhoso, porque "dá, vida ao mundo". Ora, está bastante claro que nossa interpretação está correta; não se trata aqui do pão vulgar de trigo (tomado apenas como símbolo), nem mesmo do pão sobressubstancial que alimenta o Espírito; mas de algo mais profundo, daquilo que realmente DÁ VIDA ao mundo. Se, no mundo, a vida é dada pelo "Pão descido do céu"; se, no mundo, a vida é dada pela Centelha Divina, que é a substância última de todas as coisas; então podemos corretamente concluir que o "Pão descido do céu" é a Centelha Divina, o Cristo Interno, que provém diretamente do Pai, que nasce de Deus, e portanto "vem do céu".*

Concorda com isso o que ensina Agostinho (Confissões, 10, 28, 39): Cum inhaésero tibi ex omni me ... VIVA erit vita mea, tota plena de te, ou seja: "Quando eu aderir a ti com todo o meu eu ... minha vida será VIVA, toda cheia de ti". (Cfr Salmo 23:24: "Eu encho o céu e a Terra"). E, é confirmado por Tomás de Aquino (Summa Theologica, I, q. 8, art. 3, ad primum) Deus dicitur esse in ómmbus PER ESSENTIAM: non quidem rerum quasi sit de essentia earum; sed per essentiam SUAM: quia SUBSTANTIA SUA adest ómnibus ut causa essendi, ou seja: "diz-se que Deus está em todas as coisas PELA ESSÊNCIA não, de certo, das coisas, como se fora da essência retas, mas pela Sua essência (de Deus); porque SUA SUBSTÂNCIA (de Deus) está em todas as coisas como a causa da existência".

Então, nossa conclusão está certa, confirmada por dois dos maiores luminares humanos na interpretação do pensamento evangélico: a VIDA DO MUNDO é o CRISTO CÓSMICO, que é, na realidade, o PÃO VIVO QUE DESCE DO CÉU, constituindo, por meio da Centelha Divina que habita em todas as coisas, a VIDA do mundo.

34. *Evidentemente os ouvintes não entenderam o esclarecimento, e repetem o mesmo pedido que fez a Samaritana (João, 4:18) da "água viva": querem recebê-lo sem esforço, com a mesma inconsciência com que uma criança pede balas ... Depois de tão elevada exposição, é chocante o pedido: demonstra a total incompreensão do auditório.*

O PÃO DA VIDA – PARTE III - VIA CONTEMPLATIVA

João, 6: 35-46

35. Falou-lhes Jesus: "Eu sou o Pão da Vida; o que vem a mim, de modo algum terá fome, e o que confia em mim nunca jamais terá sede.
 36. Mas eu vos disse que vós até me vistes, e não confiais
 37. Todo o que o Pai me dá, virá a mim; e o que vem a mim de modo, algum o lançarei fora
 38. porque eu desci do céu, não para fazer a minha vontade, mas a vontade de quem me enviou.
 39. E esta é a vontade de quem me enviou: que todo o que ele me deu, eu não o separe dele, mas o eleve na etapa final.
 40. Porque esta é a vontade do que me enviou: que todo o que contempla o filho e nele confia, tenha a vida imanente, e eu o elevarei na etapa final.
 41. Os judeus então murmuravam dele, porque dissera:
 42. "Eu sou o pão que desci do céu", e perguntavam: "este não é Jesus, o filho de José, cujos pai e mãe nós conhecemos? Como pois diz isto: "Desci do céu"?
 43. Respondeu-lhes Jesus e disse: "Não murmureis uns com os outros",
 44. Ninguém pode vir a mim, se o Pai que me enviou não atrair, e eu o elevarei na etapa final.
 45. Está escrito nos profetas: "E serão todos instruídos por Deus"; todo o que ouviu do Pai e aprendeu, vem a mim.
 46. Não que alguém tenha visto o Pai, senão aquele que vem de Deus: esse viu o Pai".
-
35. "Eu sou o pão da vida", original: *egô eimi ho ártos tês zôês*, repetido no vers. 48.
 36. "vós me viste", com o pronome objeto direto, segundo os manuscritos B, L, D, W, *theta*
 37. "Todo o que". O sentido exige que se trate de criaturas humanas, especialmente por causa da continuação e do andamento do versículo: "Todo o que o Pai me dá virá a mim, e o (aquele que, no masculino singular, referindo-se pelo sentido a todo o que) vem a mim, não o lançarei fora". Ora, acontece que a primeira parte, *pân hó*, está no acusativo neutro, que deveria ser traduzido por "tudo o que". O padre Max Zerwick, jesuíta ("Análisis Filológica Novi Testamenti Graeci", Roma, 1960, pág. 223) escreve: "neutro no lugar de masculino, talvez por influência do aramaico onde kol de, "a totalidade que", não distingue nem o gênero nem o número". A mesma expressão é usada no vers. 39, também no neutro em lugar do masculino. E encontramos a mesma construção de neutro pelo masculino em João, 3:6: 5.39; 17:2,24 e 1 João, 5:4.
 38. Aqui é dito "eu desci do céu" (*katabébêka ek toú ouranú*) com o mesmo verbo empregado no vers. 33: "o pão de Deus que desce do céu" (*ho ártos toú theou katabainôn ek toú ouranoú*). Esse verbo é repetido nos vers. 42, 50, 51 e 58 deste trecho.
 39. A expressão *mê apolésô ex autoú* é mais fielmente traduzida por "eu não separe dele", em vez de "eu não perca dele". Assim também *allá anastêsô autó* (acusativo neutro) "mas o eleve", ou seja, o levante, o melhore; *en têi eschátêi hêmérai*, vulgarmente traduzido à letra "no último dia". No entanto, preferimos dar o sentido exato da expressão em linguagem moderna: "na etapa final", "na última etapa", pois sabemos que a palavra "dia" designava qualquer espaço de tempo (cfr. no Gênese, os "dias" da criação), que nós hoje melhor designamos com a palavra "etapa", "ciclo", etc. Essa expressão volta nos vers. 40, 44, 54.

40. "Contemplar" é o sentido mais preciso de *theóréo* aqui empregado. Não se trata mais do verbo *horáo* (ver), empregado no vers. 36. Enquanto este designa a visão física, o primeiro apresenta também o sentido de visão intelectual (de união contemplativa com aquilo que é contemplado, que é objeto de compreensão).
41. Os "judeus", estamos em Cafarnaum; portanto esses israelitas não eram propriamente "judeus" (da tribo de Judá), mas "galileus", embora obedientes ao judaísmo oficial. "Murmuravam" (*egógguzon*) não tem sentido pejorativo, exprimindo mais o murmúrio da surpresa.
42. "Filho de José" - é a única vez que aparece, no Evangelho de João, uma referência ao pai carnal de Jesus.
44. "Se o Pai o não atrair", traduz *eán mê ho pátêr helkusêi autôn*. O verbo *hélkô* (cfr. latim *veho*) exprime mais propriamente "puxar arrastando", para si um objeto pesado.
45. "Instruídos por Deus", em grego *didáktoi theoú*, particípio passado com seu agente da passiva em genitivo; "todo o que ouviu (particípio aoristo de *akoúô*) e aprendeu" (particípio aoristo 2.º de *manthánô*) exprimem uma ação atemporal. O texto citado é do profeta Isaías, 54: 13.
46. O versículo diz, em última análise: só quem vem de Deus é que pode "ver" o Pai.

35. *O Mestre não se preocupa, em absoluto, em responder às palavra dos ouvintes. A exposição, aprofundando cada vez mais o tema, prossegue numa lição que, se não for aproveitada pelos presentes, se-lo-á pelos futuros.*

Neste ponto, a personalidade humana de Jesus desaparece, aniquila-se: quem toma a palavra através da boca de Jesus é o CRISTO CÓSMICO, que por essa personalidade podia manifestar-se em sua plenitude ("porque Nele habita corporalmente toda a plenitude da Divindade", Col. 2:9), já que a personalidade, o Espírito de Jesus, se anulara totalmente pela humildade ("pois Jesus, subsistindo em forma de Deus, não julgou usurpação ser como Deus, mas esvaziou-se, tendo tomado a aparência de escravo, tornando-se semelhante aos homens e achando-se na condição de homem; humilhou-se, tornando-se obediente até a morte, morte de Cruz", Filip. 2:6-8).

Quando o Cristo Cósmico começa a falar através de Jesus, o tom da aula assume maior profundidade, as verdades tornam-se incisivas, "fala como quem tem autoridade" (Mat. 7:29), e o discurso passa a ser feito na primeira pessoa: "EU SOU o Pão da Vida". Abramos os ouvidos de nosso coração para aprender a maravilhosa lição que nos é dada diretamente pelo CRISTO, que também em nós habita; mas estamos ainda tão retardados em nossa evolução, que queremos que Seus ensinamentos passem pelo nosso intelecto, e com isso distorcemos Seu ensino. Aproveitemos, então, ao máximo, o que Ele nos diz através de Jesus. EU SOU o Pão da Vida: era a Substância Divina, que existe em todas as coisas, mas que, encontrando um intérprete à altura, podia manifestar-se através Dele, exteriorizando-se e revelando-se às personalidades múltiplas ali presentes.

O eco de Sua Voz sublime deveria ressoar em todos, no auditório, como em nós deve ecoar, porque o Cristo Cósmico é o mesmo, é UM SÓ, que em todos e em cada um habita com Sua plenitude ("Há um só Espírito, uma só carne, um só Deus e Pai", Ef. 4:4-5) e CRISTO está todo inteiro em cada um de nós (sicut ánima est tota in toto corpore et tota in quâlibet parte corporis, (Agostinho, De Trinitate, 6:6) ita Deus TOTUS est in ómnibus et IN SÍNGULIS, (Summa Theológica, I, q. 8, art. 2, ad tertium), ou seja: "Assim como a alma está TODA em todo o corpo e em cada parte do corpo, assim Deus TODO está em TODOS e EM CADA UM").

Diz o Cristo: "Eu sou o Pão da Vida", isto é, o sustento da vida, a base da vida, a Centelha da Vida, a substância da vida. E acrescenta "quem vem a mim (quem se liga a mim, ao Cristo Cósmico) jamais voltará a ter fome", porque estará saciado para sempre; e "todo aquele que confia em mim, jamais terá sede". Realmente, uma vez "encontrada a pérola de grande valor", ou "descoberto o tesouro enterrado" nunca mais a criatura buscará ansiosamente (com fome a sede) as "comidas e bebidas" da

matéria, os prazeres, a glória, a comodidade, e tantas outras vacuidades que só satisfazem aos sentidos e às personalidades, mas são todos transitórios e perecíveis.

36. *Aparece a seguir uma frase que parece interromper a sequência da lição, e que muitos intérpretes comentam como um parêntese. No entanto, compreendêmo-la como mais uma evidência, dirigida àqueles Espíritos que já perceberam alguma coisa da Realidade Espiritual, aos que já tinham conhecimento desse ensino, embora ainda não confiem, na prática, plenamente; e diante de qualquer atropelo da vida, se emocionam, perturbam, descontrolam e preocupam. Diz o Cristo: "mas eu vos disse que até me vistes, e não confiáveis em mim": ou seja, até mesmo tendo tido rápidos Encontros, percepções da Grande Presença, não obstante ainda não confiam; mesmo depois de alguns "mergulhos" na Consciência Cósmica, assim mesmo ainda temem diante das contingências humanas ... Falta de confiança em Cristo que em nós habita!*

37. *Depois, amplia mais a visão, explicando porque temos todos que unir-nos ao Cristo: pertencemos a Ele. E diz, esclarecendo a origem dessa posse, para que não parem dúvidas: "todo o que o Pai me dá, vem a mim".*

Eis a razão: o Pai nos doou ao Cristo; ou melhor, o Pai (o AMANTE) tornou-se o Filho (o AMADO, o Cristo) e ambos são um só ("Eu e o Pai somos um", João, 10:30) e "tudo quanto o Pai tem, pertence ao Cristo" (cfr. João, 16:15). Com efeito, sendo o Cristo a própria substância mais íntima de todas as coisas, possui tudo o que existe, já que as formas externas apenas revestem a substância íntima; e então tudo o que existe irá fatalmente a Ele no final da evolução. E todos os que a Ele forem, buscando-O no âmago de seus corações, impulsionados pelo Pai (ou "atraídos" ou "arrastados" pelo Pai), esses jamais serão rejeitados pelo Cristo; todos os que O procuram, serão por Ele acolhidos carinhosamente. Todos os que, por qualquer meio, Nele confiarem com ardor e se lançarem no "mergulho interno", serão atendidos, sem exceção: a ninguém o Cristo rejeitará, ninguém ficará decepcionado, desde que se voltem para Ele. A questão é usar a técnica correta e os meios certos.

38. *E isso porque o Cristo "desceu do céu", ou seja, baixou suas vibrações do Estado de Luz Incrriada (Espírito Santo, Brahma) ao plano do SOM (Verbo, Pai) e a seguir baixou mais ao plano das vibrações individuadas (Mônadas) e desse plano baixou mais ao estado de energia, e daí desceu mais ainda sua frequência ao estado da matéria densa; tudo isso, não para realizar a Sua vontade (do Cristo, do Filho, do Amado, terceiro aspecto da Divindade), mas para obedecer à vontade do Verbo Criador, o Pai, o segundo aspecto trinitário, o SOM da Luz Incrriada que é o Deus Único e absoluto, o Foco de Luz inextinguível, que é o Amor.*

O AMOR é o absoluto (LUZ), que se manifesta em SOM no AMANTE, o Pai (também chamado Verbo ou Lagos, por ser SOM), o qual quis manifestar-se para produzir o objeto de Seu Amor, o AMADO, que é o Filho ou Cristo Cósmico, terceiro aspecto divino. O Cristo Cósmico espalhou-se e multiplicou-se, sem dividir-se, individualizando-se nas coisas criadas. Então Este, o Cristo, não desceu "do céu", de Suas altíssimas vibrações, senão para fazer a vontade do Amante, do Pai.

39. *Mas qual será a vontade do Pai, desse Amante, desse Verbo (SOM ou Palavra)? O Cristo a revela claramente: "A vontade de Quem me enviou é que Eu (o Cristo) não separe Dele (do Pai) nenhum daqueles que me foram dados mas, ao contrário novamente os eleve à mesma vibração primitiva na etapa final da evolução".*

Evidentemente tudo isso devia ser ensinado naquela época e naquele ambiente com palavras e comparações materiais, ao alcance de mentalidades ainda cruas (cfr. João, 16:12); palavras que só poderão ser plena e profundamente compreendidas "quando vier o Espírito Verdadeiro que nos guiará à Verdade total" (João, 16: 13), ou seja, quando o Espírito contemplar o Pai no Encontro Místico, na Unificação total com a Centelha Divina que é nosso Eu Profundo.

Esse, então, o sentido geral da evolução, de que está encarregado o Cristo, o Amado: descer até a matéria ("descer do céu") e, de dentro dela, fazê-la evoluir através dos "reinos" mineral, vegetal, animal, hominal, até chegar ao "reino dos céus" ou "reino de Deus", que é a perfeição primitiva da Fonte de onde emergiu, ao Pai que lhe deu origem, ao Som que a produziu, à Luz de que constitui uma Centelha.

Isto Paulo compreendeu, quando escreveu, narrando a descida da Mônada e Sua subida, sua involução ao "Anti-Sistema" e a nova ascensão ao "Sistema" (Pietro Ubaldi): "A graça foi concedida a cada um de nós (a Centelha Divina habita em cada um) segundo a proporção do dom de Cristo (segundo a própria capacidade de manifestá-Lo). Por isso diz: quando Ele (Cristo) subiu às alturas, levou cativo o cativo (levou consigo o Espírito Individualizado e evoluído, que mantinha cativa a Centelha) e concedeu dons aos homens (e gratificou-os com imensas e inesgotáveis oportunidades de evoluir). Ora, continua o Apóstolo, que quer dizer subiu, senão que também havia descido até as regiões inferiores da Terra (ou seja: se o Cristo se elevou às alturas, é sinal de que havia anteriormente descido até a matéria densa, que constitui a região inferior da Terra)". E então repete, esclarecendo: "Aquele que desceu é também O MESMO que subiu acima de todos os céus, para encher todas as coisas" (o Cristo glorificado é a mesma humilde Mônada que percorre todos os degraus evolutivos, e agora, novamente em Sua plena potência, enche todas as coisas). E essa subida evolutiva de cada Mônada tem justamente esse objetivo: "até que todos (todos, sem exceção) cheguemos à unidade da confiança e do total conhecimento do Filho de Deus, ao estado de Homem Perfeito, à medida da evolução plena do Cristo" (Ef. 4:7-10 e 13).

40. *E, repetindo didaticamente o mesmo conceito, diz com outras palavras: "esta é a vontade de Quem me enviou (do Pai, Verbo ou Som), que todo o que contempla o Filho - ou seja, todo o que, pela contemplação se une ao Filho, (ao Cristo, ao Amado, que é a Centelha divina) - e Nele plenamente confia (e a Ele totalmente se entrega) esse, quem quer que seja, "terá a Vida Imanente", a Vida Divina que, qual Fonte inesgotável de Água Viva (cfr. João, 4:14) jorrará de dentro dele perenemente como Vida Imanente. E essa criatura que tiver conquistado esse grau evolutivo supremo, será elevado ao plano espiritual da vibração da Luz, na etapa final do ciclo de sua evolução.*

As afirmativas a respeito da VIA CONTEMPLATIVA começa a desenvolver-se, para chegar à exposição clara da VIA UNITIVA (são termos da Teologia Mística ...) que será esplanada logo a seguir, a partir do vers. 47. Então, concluindo o arrazoado, temos que a vontade do Pai é que todos (sem exceção) cheguem à fase da contemplação mística, tendendo para a união completa.

41. *Novamente, em vez de dizer "galileus", João emprega o gentílico "Judeus", e com razão: sabemos que "Galiléia" significa o Jardim Fechado em que vivem aqueles que já penetraram a Individualidade; ao passo que "judeus" são os "adoradores de Deus" seres já religiosos, mas que ainda não compreendem o "mergulho interno", e toda a devoção deles é externa. Realmente, observamos que a objeção apresentada prende-se à personalidade.*

42. *Não podem eles entender o Espírito, o Cristo Interno; pois até o próprio Deus, o Absoluto, afirmam ser uma "pessoa" ... Confundem o Cristo (individualidade) com a personalidade exterior de Jesus que eles estão vendo. E perguntam como pode ter essa personalidade "descido do céu", se eles lhe conhecem o pai e a mãe ... É total a falta de compreensão; absoluta a ausência de penetração da Verdade, tão claramente ensinada.*

43. *O Cristo não gasta Seu tempo em explicar. Eles não estavam maduros para a lição e o demonstraram cabalmente (vers. 66) logo após a segunda parte da aula, que foi ainda mais profunda (e chocante!) que a primeira. Sempre alguns haveriam de aproveitar (e dos doze, alguns o compreenderam) e aquela oportunidade não seria perdida. Limita-se, então, nosso único Mestre (cfr. Mat. 23:10) a recomendar: "não murmureis entre vós"!*

44. *E prossegue no mesmo tom, ainda mais ampliando o ensino sobre a Via Contemplativa: "Só pode vir a mim (ao Cristo Interno que falava pela boca de Jesus) quem for atraído (ou "arrastado") pelo Pai". E a conclusão é a mesma: "eu o elevarei na etapa final".*

A respeito dessa "atração" que o Pai exerce, atração do Amante que atrai a Si todos os Amados, de dentro de cada um, arrastando-os a evoluir, Agostinho escreveu bela explicação, demonstrando que não se trata de uma atração "forçada", mas de um "arrastar de amor". Eis suas lindas palavras: Noli te cogitare invítum tráhi: tráhitur ánimus et amore ... Porro si poetae áirere licuit "trahit sua quemque voluptas" (Verg. Ecl. 2,65), non necéssitas, sed voluptas; non obligatio, sed delectatio; quanto fortius nos dicere debemus trahi hóminem ad Christum qui delectatur veritate, delectatur beatitudine, delec-

tatur justitia, delectatur sempiterna vita, quod totum Christus est? Videte quómodo trahit Páter: docendo delectat, non necessitatem imponendo. Ecce quómodo trahit (*Patrol. Latina*, vol. 35, col. 1608). Traduzindo: "Não penses que és arrastado contra a vontade: o espírito é arrastado também por amor ... Por isso pode o poeta escrever "cada um é arrastado por seu prazer"; não a necessidade, mas o prazer; não a obrigação, mas o deleite: quanto mais devemos dizer que o homem é arrastado para o Cristo que se deleita na verdade, que se deleita na felicidade, que se deleita na justiça, que se deleita na vida perene, o que tudo é o Cristo? Observai como o Pai arrasta: deleita ensinando, não impondo a necessidade. Eis como arrasta".

Realmente, se o primeiro passo tem que ser dado pelo livre-arbitrio da criatura, esta todavia só o dará quando for atraída ou arrastada pelo desejo, pela vontade, pela ânsia interior de encontrar a felicidade. E quem desperta na criatura a sede incontrolável de felicidade, inata em todas as criaturas, é precisamente o Pai, o AMANTE, que atrai o AMADO.

Por isso vemos que no início da evolução, sentindo-se atraída por um Amante, a criatura corre atrás de tudo o que lhe cai sob os sentidos, enganada de objetivo, crente de que a felicidade que a atrai e arrasta são as riquezas materiais, são os prazeres físicos, são as sensações exóticas, são as emoções violentas, é a glória dos aplausos, é a cultura que a incha de orgulho, e até é a religião ritual que a eleva pela autoridade aos olhos das multidões e dos "reis". E após errar séculos e séculos em busca dessas ilusões, sente em cada uma delas o travo amargo da decepção, do vazio, da solidão ... Até que um dia, depois de lições práticas e de experiências de dor, percebe que a atração não vem de nada que esteja fora dela: é de dentro, é do AMANTE que a chama com "gemidos inenarráveis" (cfr. Rom. 8:26) para Si, para a felicidade total: qual maior felicidade, para o Amado, que unificar-se ao Amante, no Amor?

45. Falando a conhecedores das Escrituras, o Cristo aduz como testemunho de autoridade a palavra de Isaías: "Todos (sem exceção) serão instruídos por Deus". Observemos a profundidade da interpretação que é dada à frase pelo Cristo: Deus está dentro de todos, "com Sua essência" (Tomás de Aquino), e daí, do mais íntimo de cada ser, instrui a todos através de Suas manifestações: o Pai (o Amante, o Verbo ou Som) e o Filho (o Amado, o Cristo Interno que, dentro de cada um, constitui o Eu Profundo de cada criatura). Deus instrui a todos, mostrando o caminho certo, por meio das experiências bem sucedidas ou fracassadas, até que descubramos por nós mesmos que todos os caminhos que não levam ao interior, ao Cristo, são falsos, e que o único "caminho da Verdade e da Vida é o Cristo, e só por Ele chegaremos ao Pai" (cfr. João 14:6). Instruídos todos por Deus, que pacientemente nos espera a volta como o pai esperou o "filho pródigo" (cfr. Luc. 15:11-32), acabamos atinando com o rumo verdadeiro que é para dentro de nós mesmos, através do "mergulho" no Infinito e Eterno Cristo, o Amado.

46. No final desta primeira parte da aula, vem um esclarecimento indispensável para esta Via Contemplativa. Não imaginemos que havemos de ver o Pai com os olhos da matéria, nem mesmo com os do astral ou do mental: "Ninguém viu o Pai". Invisível como pessoa, como figura, porque é a Força Mental, é o Amante concreto mas de tão subtil vibração, que não pode ser percebido pela visão, por mais extensa que seja a gama da capacidade visual em qualquer plano; é inaudível pelos ouvidos mais apurados, porque é o SOM (o Verbo) Criador de todas as vibrações altíssimas plasmadoras dos universos, mas está infinitamente acima de qualquer escala de vibrações sonoras que possamos imaginar. Poderíamos compará-la à nossa inteligência que, apesar de pequenina, não pode ser vista, nem ouvida diretamente, mas apenas percebida pela própria inteligência em si mesma, através de seus efeitos. Por isso o Cristo usa aqui o verbo horáo, "ver" (e não theoréo, "contemplar"). Daí a conclusão dada: "só aquele que vem de Deus, vê o Pai". Ou seja, o único plano da criatura que pode "ver" o Pai, é o que provém Dele: é a Centelha Divina que veio "de perto de Deus" (ὄν παρὰ τοῦ θεοῦ), porque é um reflexo Dele, e que constitui exatamente nosso Eu profundo, o Cristo Interno. Só esse pode "ver" o Pai, pode contemplá-lo no Encontro Místico, quando mergulha na Luz Incriada. Só o Cristo Interno, o AMADO, pode unificar-se ao Pai, o AMANTE, mergulhando no Espírito (o Santo), que é o AMOR.

Todos os grandes místicos concordam com este ponto de vista, embora jamais tenha interpretado este trecho evangélico como uma lição a esse respeito. Longa seria a citação. Mas pode ser obtido um bom resumo do que dizem no capítulo 4.º (The Illumination of the Self, pág. 232 a 265) e no capítulo 7.º ("Introversion: Contemplation", pág: 328 a 387 da obra MYSTICISM, da autoria de Evelyn Underhill (The Noonday Press, New York, 1955).

O PÃO DA VIDA – PARTE IV - VIA UNITIVA

João, 6:47 -58

47. **'Em verdade, em verdade vos digo: quem confia em mim tem a vida imanente:**
48. **eu sou o Pão da Vida.**
49. **Vossos pais comeram o maná no deserto, e morreram.**
50. **Este é o pão que desce do céu, para que qualquer um coma dele e não morra.**
51. **Eu sou o Pão Vivo que desci do céu: se alguém comer desse pão, viverá para a imanência. E mais, o pão que eu darei é minha carne, em lugar da vida do mundo".**
52. **Discutiam, então, os judeus uns com os outros, dizendo: "Como pode este dar-nos de comer sua carne"?**
53. **Respondeu-lhes Jesus: "Em verdade, em verdade vos digo: se não comeis a carne do filho do homem e não bebeis seu sangue, não tendes a Vida em vós.**
54. **Quem me saboreia a carne e me bebe o sangue, tem a vida imanente, e eu o elevarei na etapa final.**
55. **Porque minha carne é verdadeiramente alimento, e meu sangue verdadeiramente bebida.**
56. **Quem me saboreia a carne e me bebe o sangue, permanece em mim e eu nele.**
57. **Assim como o Pai que vive me enviou e eu vivo através do Pai, assim quem me saboreia, esse viverá também através de mim.**
58. **Este é o pão que desceu do céu; não é como o que comeram vossos pais, e morreram; quem saboreia este pão viverá para a imanência."**

51. Aqui a expressão varia. Não é mais "o pão da Vida", mas "o Pão Vivo", ou seja: *ho ártos ho zôn*, literalmente: "O PÃO, O QUE VIVE". Depois acrescenta: "é minha carne" (*hê sárx mou estin*) expressão muito mais forte do que se dissera "meu corpo" (*sóma*). Notemos a insistência de João (aqui e nos versículos 52, 53, 54, 55 e 56) em frisar bem que Jesus possuía realmente carne e sangue, e que portanto era um homem normal, e não apenas um fantasma, com o corpo fluídico.

A preposição *hupér*, quando construída com o genitivo, apresenta os significados usuais: 1 - sobre em cima de; 2 - por, ou para; 3 - em lugar de; 4 - por causa de; 5 - a respeito de. Ao transladá-la, neste trecho, para a Vulgata, Jerônimo usou a preposição latina PRO, que aceita os significados 2, 3 e 4, mas não o 1.º nem o 5.º. Temos, então, que limitar o sentido da frase a: 2 - a) PELA vida do mundo (em troca da ...); 2 - b) PARA a vida do mundo (para vivificá-la); 3 - EM LUGAR DA vida do mundo (para substituí-la); 4- POR CAUSA DA vida do mundo (para que não morra). Por todo o contexto da aula, verificamos que cabem melhor os sentidos 2 e 3: PELA, EM TROCA DA, EM LUGAR DA, EM SUBSTITUIÇÃO A. Em nossa tradução, preferimos "em lugar da" porque apresenta maior clareza de sentido, sem perigo de ambiguidade.

O texto grego atestado por maior número de mss. (B, C, L, D, T, W) é: *kai ho ártos dè hón egô dôsô hê sárx mou estin hupèr tês toú kósmou zôês*. Literalmente na ordem grega: "o pão além disso que eu darei a minha carne é em lugar da vida do mundo". E, na ordem portuguesa: "e mais, o pão que eu darei é minha carne, em lugar da vida do mundo". Essa foi nossa tradução. Tertuliano, com o Códex Sinaítico, desloca o adjunto adverbial para junto da oração adjetiva: "e o pão que eu darei, em lugar

da vida do mundo, é minha carne". O *Textus receptus* supre o sentido, acrescentando uma segunda oração adjetiva: "o pão que eu darei é minha carne que eu darei pela vida do mundo".

53. Até aqui é usado sistematicamente o verbo defectivo *phageín*, sempre traduzido por "comer". Nos versículos 54, 56 e 57 é empregado *trôgeín*, que tem quase o mesmo sentido; alguma razão deve haver para essa troca de sinônimos. Beber é *pípein*, e sangue, *haíma*.
55. "Verdadeiramente", em ambas as repetições, é *alêthôs*, advérbio, nos mss. *aleph*, D, *delta*, *theta*, e Vulgata; ao passo que B, C, L, T, e W tem "verdadeira" (*alêthês*), adjetivo na forma feminina.
56. "Permanece" é o verbo *ménei* (cfr. latim *manet*). Veja a mesma afirmativa em João, 14:10,20 e 1 João, 3:24 e 4:15-16.
57. O mesmo adjetivo usado para qualificar o pão, no vers. 51, é empregado aqui para qualificar o Pai: "o Pai Vivo" ou "que vive". "Eu vivo através do Pai" (*zô dià tòn patéra*), em que "através de" tem o sentido de "por meio de", melhor tradução do que simplesmente "por" ou "pelo", que apresentaria ambiguidade de sentido, podendo ser interpretado como "por causa do Pai". Ora, a preposição *diá* significa basicamente "através de"; e só secundariamente apresenta sentido causal.
58. Neste vers. há uma variação sinonímica entre os verbos: primeiro é empregado *éphagon* (come-ram), ao passo que depois é usado *trôgôn* (saboreia). A expressão "para a imanência" tem, no original: *eis tòn aiôna*.

Assim como diante da Samaritana (a alma "vigilante") foi dito "Eu sou a Água Viva", expondo o primeiro passo do DESPERTAMENTO DO EU; e no trecho da cura da Hemorroíssa e da ressurreição da filha de Jairo, foi alertado sobre a VIA PURGATIVA; e no trecho que acabamos de comentar foi ensinada a VIA CONTEMPLATIVA, agora é-nos revelada a VIA UNITIVA, ou seja, o Cristo confirma que Deus habita em nós com Sua Essência; e não apenas em nós, mas "em todas as coisas" (cfr. Tomás de Aquino, Summa Theológica, I, q. 8, art. 1: Deus est in ómnibus rebus ... et intime ... sicut agens adest ei in quod agit, isto é: "Deus está em todas as coisas ... e intimamente ... como o agente está naquilo em que age"). Vimos que "a vontade do Pai" é que O encontremos. Agora, veremos que temos que VIVER NELE, tal como Ele vive em nós, não apenas em perfeita união, mas em unificação total.

Então a aula prossegue no mesmo tom, que se eleva cada vez mais, até chegar ao clímax, que faz que os imaturos se afastem definitivamente. São dados os ensinamentos práticos de como obter essa unificação. Vejamos.

- 47-48 *O novo passo é iniciado ainda com a fórmula de garantia da veracidade: "Em verdade, em verdade vos digo". Sempre é repetida como prólogo de uma lição importante, de uma verdade fundamental. Vem depois a afirmativa: "quem confia em mim (no Cristo Cósmico, que continua com a palavra) tem a Vida Imanente". E então reafirma solenemente: "Eu sou o Pão da Vida". A imagem do Pão é uma das mais felizes para ensinar a Via Unitiva.*
49. *Aparece depois uma comparação para introduzir, com melhor compreensão, a temática que será desenvolvida. Começa, pois, concedendo a veracidade da objeção formulada no vers. 31: "Vossos pais comeram o pão no deserto". Observemos que, se fora a personalidade de Jesus que falasse, teria dito: "nossos pais"; mas sendo o Cristo, não tem filiação humana, não tendo nascido "do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus" (João, 1:13). Observemos ainda que diz apenas "pão", e não como fora enunciado pelos objetantes: "pão vindo do céu". Concedida, em princípio, a objeção apresentada, é-lhe oposta, de imediato e contradita decepcionante: "mas morreram" ... A contra-argumentação é categórica, verdade irrespondível que não admite réplica.*
50. *E logo em contraposição do pão que não evita a morte, é apresentado aos discípulos o outro pão espiritual que, uma vez ingerido, lhe comunica, vida que não admite morte. O que mais assusta os circunstantes é que Jesus, após apresentar-se como sendo Ele o Pão que desce do céu, diz que se alguém comer desse pão não morrerá. Não tendo conhecimento de que era o Cristo que falava,*

julgavam ser a personalidade de Jesus que se propunha dar-se como alimento. Dai o qui-pro-quo terrível que os desorienta, que se agrava cada vez mais, e que o Cristo não se preocupa em desfazer. Ao contrário: vai dando Sua lição superior, sem cuidar dos imaturos.

- 51.** *Fala o Cristo. "Eu sou o PÃO VIVO que desci do céu". Já não diz mais "o Pão da Vida", mas muito mais explicitamente, definindo Sua natureza: "o PÃO, O QUE VIVE" (ho ártos, ho zôn, com a mesma fórmula usada no vers. 57 "o PAI, O QUE VIVE, ho pátêr, ho zôn). É a repetição do mesmo conceito em outros termos mais precisos e profundos, numa didática perfeita, em que cada repetição acrescenta um pormenor, por vezes mínimo, mas trazendo sempre maior elucidação. E repisa: "se alguém comer deste Pão (que é Ele!) viverá para a imanência".*

Como poderia dar-se isso? Não dando tempo nem para pensar, vem a frase chocante: "e mais, o Pão que eu darei é MINHA CARNE" ... e esclarece "em lugar da vida do mundo"! O ensino chegou à revelação total da Verdade que constituía o objetivo da aula. Compreendamos bem o texto: para todos os que ainda vivem na personalidade, o eu é constituído por seu próprio corpo físico denso; então a substância deles, para eles, é a carne deles. Nesse sentido, diz o Cristo que o Pão é Sua Carne" isto é, Sua Substância; pois a substância do Cristo Cósmico é a substância última de todas as coisas, apenas numa vibração mais baixa, ou seja; na condensação da energia.

Exatamente esse pensamento é repetido por Agostinho que, em suas meditações, confessa ter percebido essa mesma voz do Cristo Interno: tamquam audírem vocem tuam de excelso: cibus sum gradium; cresce et manducabis me Nec tu me in te mutabis sicut cibum carnis tuae, sed tu mutáberis in me (Confiss. 7, 10, 16) ou seja: "como se eu ouvisse uma voz do alto: sou o alimento dos evoluídos; cresce e me comerás. E tu não me transformarás em ti como alimento de tua carne, mas tu te transformarás em mim". A característica das criaturas geniais é dizerem bem e dizerem muito em poucas palavras. Nessa frase de Agostinho está perfeitamente revelada a Cristificação da criatura, que se infinitiza, se eterniza? se deifica em contato com a Substância Divina, que está em todos e em cada um, pela unificação com o Cristo Interno, que é o Eu Profundo e verdadeiro, a Centelha Divina.

Tomás de Aquino explica o modo por que está em nós a essência de Deus (cfr. Summa Theol. I, q. 8, art. 3, ad primum, citado acima). Quanto à segunda parte da frase de Agostinho, é ela elucidada por Tomás de Aquino, que escreve: "Spiritualia cōtinent ea in quibus sunt, sicut ánima cōtinet corpus. Unde et Deus est in rebus sicut cōtinens res. Tāmen, secundum quamdam similitudinem corporalium, dicuntur omnia esse in Deo, in quantum continentur ab ipso (Sum . Theol. I, q. 8. art. 1, ad 2 um) , que significa: "as coisas espirituais contêm as coisas em que estão, como a alma contém o corpo. Onde também Deus está nas coisas como contendo as coisas. Contudo, por uma espécie de semelhança com as coisas materiais, diz-se que todas as coisas estão em Deus, já que são contidas por Ele".

Em Sua lição, de que é o Pão Vivo o Cristo não quer deixar a menor dúvida de que o Pão de que Ele fala é "Sua CARNE", ou seja, Sua Substância aquela mesma substância divina que Ele nos dá na Vida Imanente, para substituir a vida do mundo, ou seja, em lugar da vida pequenina e transitória da personalidade.

- 52.** *Claro que nada disso foi compreendido pelos ouvintes, embora encontremos em Strack-Billerbeck (o.c., t .2, pág. 485) que alguns deveriam ter entendido "comer e beber" como aplicados ao estudo da lei mosaica. Surgem então as discussões com os que entenderam que tudo devia ser interpretado literalmente. Vem a pergunta: "Como dará Ele de comer sua própria carne"? A hipótese antropofágica foi rejeitada como absurda e inaceitável.*

- 53.** *Diante de tal incompreensão, o Cristo nem procura explicar. Nem uma palavra é proferida em resposta à indagação angustiada. De nada adianta perder tempo esclarecendo criaturas que não alcançam sequer a metáfora e o simbolismo, quanto mais o sentido profundo.*

Então o Cristo resolve romper todas as barreiras e repetir Seu ensinamento, martelando na mesma tecla e acrescentando um pormenor horripilante para os israelitas: "Se não comeis a carne do Filho do Homem, e não bebeis seu sangue, não tendes a Vida em vós"! Ora, era terminante e severamente proibido "comer o sangue" dos animais, mesmo cozinhado (cfr. Gên. 9:4 e Deut. 12:16), porque aí

mesmo se esclarece que "o sangue é a alma do ser vivente". Muito pior sena, portanto, a hipótese de beber o sangue cru, ainda quente, e não de um animal, mas de um ser humano ...

Mas era exatamente isso que o Cristo ensinava e ensina-nos ainda: para ter a Vida Imanente é indispensável COMER (assimilar a si) a carne (a substância viva) do Cristo Interno que é nossa vida; e além disso, BEBER (aspirar em si por sintonia vibratória perfeita) o Seu sangue (a alma, a parte mais espiritual Dele). De fato é assim: só nos unificaremos ao Eu Profundo no Esponsalício Místico, quando assimilarmos a nós a Substância e o Espírito do Cristo de Deus, que em nosso coração habita com toda a plenitude da Divindade.

54. *E diante de um movimento de horror escandalizado, o Cristo repisa, já então mudando o verbo, para causar maior repulsa nos imaturos e mais acendrado amor nos evoluídos: "quem me saboreia a carne e me bebe o sangue tem a Vida Imanente, e eu o elevarei na etapa final". Só depois que o Espírito consegue essa unificação mística mas REAL, é que poderá atingir a etapa final da evolução. Sem o Encontro no "mergulho", sem a unificação com o Cristo Interno dentro de nós, não obteremos o "reino dos céus", não atingiremos a etapa fina! ("o último dia") de nossa subida para o Alto. E a razão disso é dada:*

55. *"Porque minha carne é verdadeiramente alimento e meu sangue é verdadeiramente bebida". Não são apenas símbolos: são realidades, embora não físicas e materiais, mas espirituais, porque todas as palavras do Cristo "são Espírito e são Vida" (vers. 63). Com efeito, nosso Eu Real não é constituído da carne do corpo físico denso, nem do sangue que circula em nossas veias: nosso EU REAL é constituído da substância mais íntima (a carne) e da vibração mais pura (o sangue) do Filho do Homem, do Cristo Interno, do Amado Divino. Então, essa essência de Deus em nós é que constitui o verdadeiro alimento e a verdadeira bebida da Vida Imanente.*

56. *E aqui chegamos ao ponto mais sublime do ensino sobre a Via Unitiva; temos a revelação plena da unificação com o Cristo; após mais uma repetição didática, para que não haja ambiguidade: "quem me saboreia (longamente, no mergulho interno) a carne e me bebe (a largos haustos, na oração) o sangue, PERMANECE EM MIM E EU NELE"! ...*

Esse maravilhoso ensino será ainda repetido pelo Cristo em João, 14:10-20; 15:4-5; 1 João, 3:24 e 4:15-16. Trata-se da unificação total, mútua, perfeita: vivemos na plenitude do Cristo e o Cristo vive em nós, como dizia Paulo: "não sou mais eu que vivo, o Cristo é que vive em mim" (Gál. 2:20).

Como não entender que toda essa magnífica e elevadíssima lição não se prende apenas a um simples ato externo da ingestão de uma hóstia de trigo? Seu sentido é muito mais profundo, mais belo, mais verdadeiro e mais sublime! Por que limitar um ensino de tal excelsitude a um pequeno e rápido rito exterior? Compreendamos o alcance maravilhoso da Palavra do Cristo em toda sua profundidade viva e real. Nenhum Avatar, nenhum místico, em qualquer época ou país, atingiu níveis tão elevados e sublimes de ensino.

57. *Neste versículo volta o Mestre a insistir na união do Amado ao Amante: "assim como o Pai (o Verbo, o Som Criador) que vive, que é a Vida porque é Deus em Seu segundo aspecto, enviou a mim, o Cristo (o Amado), e eu, o Cristo, vivo por meio do Pai (através do Pai), assim quem me saboreia também viverá por meio de mim (através de mim)".*

É perfeita a simbiose entre o Amante (Pai) e o Amado (Filho), e um vive pelo outro dentro do Amor (o Espírito Santo), que é o Absoluto, a Luz Incriada, o Sem Nome. Só quem saboreia o Cristo no mergulho, poderá viver através do Cristo, tal como o Cristo vive através do Pai que O enviou à matéria, na qualidade de Centelha Divina, para dar Vida ao mundo.

58. *E como arremate da lição, volta às palavras iniciais, repetindo a tese que foi exuberante e exaustivamente provada: este é o pão que desce do céu e "que não é como o pão que comeram vossos pais e morreram: quem come este pão, viverá sempre na imanência".*

Maravilhosa e sublime lição, que atinge as maiores altitudes místicas capazes de serem compreendidas no estágio hominal em que nos achamos!

Depois da aula virá uma explicação de grande importância reservada aos discípulos. Veremos.

Quem desejar conhecer a opinião dos místicos ocidentais a respeito da Via Unitiva, leia MYSTICISM, de Evelyn Undershill, cap. 10.º (da 2.ª part") pág. 413 a 443.

O PÃO DA VIDA – PARTE V - DESFECHO

João, 6:59-71

59. Estas coisas disse ele, ensinando na sinagoga de Cafarnaum.
60. Ouvindo isso, muitos de seus discípulos disseram: "Difícil é esse ensino, quem pode entendê-lo"?
61. Mas sabendo Jesus em si mesmo que seus discípulos murmuravam disso, disse-lhes: "isso vos escandaliza?"
62. Então se visseis o filho do homem subir aonde estava antes! ...
63. O espírito é o que vivifica; a carne não aproveita nada: as palavras que eu vos disse são espírito e são vida.
64. Mas alguns há entre vós que não confiam". Pois Jesus conhecia desde o princípio os que não confiavam, e quem o havia de entregar.
65. E falou: "Por isso eu vos disse, que ninguém pode vir a mim, se pelo Pai não lhe for concedido".
66. Desde aí muitos de seus discípulos andaram para trás, e não andavam mais com ele.
67. Perguntou, então, Jesus aos doze: "Não quereis vós também retirar-vos"?
68. Respondeu-lhe Simão Pedro: "Senhor, para quem iremos? Tu tens palavras de vida imanente,
69. e nós confiamos, e sabemos que tu és o santo de Deus".
70. Replicou-lhes Jesus: "Não vos escolhi eu a vós, os doze? E no entanto um de vós é adversário".
71. Falava de Judas, filho de Simão Iscariotes, um dos doze, porque era ele quem o havia de entregar.

59. A "sinagoga" de Cafarnaum era, provavelmente, a construída pelo centurião (Luc. 7:5), de quem Jesus curou o servo.

60. A frase "esse ensino é difícil" corresponde ao original *skleròs estin hoútos ho lógos*, literalmente: "é duro esse ensino". Muito maior precisão existe na tradução de *lógos* por "ensino", que por "palavra". O sentido pode ser um e outro. O verbo "entender" nós o traduzimos de *akouéin*, que à letra é "ouvir".

61. Transliteramos *skandalízei* por "escandaliza", pois o sentido é precisamente esse, e a tradução *ad sensum* "tropeça" constituiria aqui impropriedade lógica.

62. "Subir" traduz *anabainô*, que se opõe a *katabainô*, vers , 33, 38, 42 e 58. "Onde estava primeiro" (*hopou hên tò próteron*), ou seja, regressou ao lugar onde primitivamente residia. Geralmente interpretado em relação a "ascensão".

63. O espírito (*tò pneúma*) é (*esti*) que vivifica (*tò zôopoioún*) ou seja, "produz vida"; a carne (*he sárx*) não aproveita nada (*ouk ôpheleí oudén*). "As palavras (*tá rêmata* não *ho lógos*) são espírito e são vida" (*pneúma esti kai zôê estin*).

64. O verbo *paradídômi*, aqui no particípio futuro (só usado três vezes nos Evangelhos, aqui, em Luc. 22:49 e Mat. 27:49) significa literalmente "entregar", e só por extensão "trair". Parece-nos que Jesus se referia ao ato expresso da "entrega" que Judas Dele fez aos homens do Sinédrio.
65. "Não lhe for concedido", literalmente "não lhe for dado" (*eàn mê hê de doménon autôî*), expressão mais branda do que a do vers. 44, q. v.
66. "muitos de seus discípulos andaram para trás", literalmente, no original, *polloí apêlthon tôn mathetôn autôn eis tà opisô*.
67. "aos doze", expressão usada aqui por João pela primeira vez.
68. "palavras de Vida Imanente", *rêmata zôês aiôniou*.
69. "O santo de Deus", *ho hágios tou theoû*, segundo os manuscritos Aleph, E, C*, L, D, W; melhor que "o Cristo, o Filho de Deus", segundo outros mss.
70. "Adversário", em grego *diábolos* (veja vol. 1).
71. O original traz *Ioúdan*, *Símônos Iskariôtou* e não Judas Iscariotes, filho de Simão. O nome do pai é que se agregou como cognome do filho.

Terminada a "Aula de Sapiência", o evangelista dá conta do que se passou a seguir, relatando as reações dos discípulos e dos doze, sem mais falar dos outros ouvintes.

59. *Em primeiro lugar anota que "Jesus deu esse ensino na sinagoga de Cafarnaum", salientando o ambiente fechado e mais escolhido em que falou, como se quisesse sublinhar que não foi ao ar livre, de público.*
60. *Terminado o discurso, provavelmente já fora da sinagoga, formaram-se os grupos dos mais chegados - os doze com os discípulos que habitualmente acompanhavam Jesus em suas pregações pelas aldeias - e passaram a comentar o que tinham ouvido. Alguns dos discípulos acharam os conceitos emitidos demais "duros", difíceis de ser entendidos pela razão, e portanto, inaceitáveis.*
61. *Já aqui, nesta roda mais íntima, ainda manifestando o Cristo, pergunta Jesus se o ensino ministrado os "escandalizou", isto é, se lhes foi uma "pedra de tropeço" no caminho evolutivo.*
62. *E numa exclamação que sobe de gradação quanto à pergunta anterior, diz com simplicidade: "se então visseis o filho do homem subir aonde estavas antes"! ... E nada mais. Há controvérsias sobre essa frase, querendo alguns se refira à crucificação. Mas quando Jesus fala da "suspensão" na cruz, usa o verbo hupsôthenai (ser suspenso, João, 3:14 e 12:32-34), e não, como aqui, anabaínein (subir). Além disso, na crucificação Jesus não "voltou ao lugar em que estava antes".*

A segunda interpretação, preferida pela maioria, diz que a frase se refere ao ato da "ascensão", afirmando que esse ato constituiria a prova de que a carne que Jesus daria a comer, não era a material, do corpo denso, mas a "espiritual" ("pneumática", cfr. 1 Cor. 15:40); então, quando eles vissem a ascensão, compreenderiam o ensino, que agora lhes parecia difícil.

Ambas as interpretações são fracas, diante da sublimidade da revelação feita. Entendemos a frase como uma confissão dos êxtases de Jesus (o Filho do homem), quando tinha os Contatos com o Pai. Daí Jesus retirar-se sempre Só, para orar, a fim de poder ter Seus Encontros Místicos sem testemunhas. Uma única vez, sabemos que os três mais evoluídos (Pedro, Tiago e João) assistiram à "Transfiguração" que, no entanto, só foi revelada muito mais tarde, após a "ressurreição" (cfr. Mat. 17:19). E tratou-se apenas de uma elevação ao plano mental, e não de um êxtase (samadhi) de Esponsalício Místico na união com o Pai. Se nessa elevação, ao encontrar os Espíritos de Moisés e de Elias, a aparência externa de Jesus foi tão maravilhosa, qual não seria a apresentada numa unificação com o Pai?

Nesse sentido, a frase de Jesus adquire valor pleno e real: vocês se escandalizam com o que o digo ... se então vissem a realização prática do que ensinei, vivida pelo Filho do Homem, pela personalidade

de Jesus, que diriam? Porque nesses momentos de união, Ele subia à Divindade, à qual antes vivia permanentemente ligado.

63. *E logo dá a chave para confirmar que nada do que disse se refere à carne física, à personalidade, mesmo após a desencarnação. Não se trata de "corpo", seja ele denso ou astral. A explicação é taxativa: "o que vivifica, é o Espírito, a carne não aproveita nada". Então, o Pão Vivo é o ESPÍRITO; Sua carne é o ESPÍRITO; o que temos que comer e saborear e beber é o ESPÍRITO. A carne para nada aproveita, de nada serve: é simples condensação transitória da energia, a qual, por sua vez, é o baixamento das vibrações do Espírito. Tudo o que o Cristo falou, "todas as palavras que eu vos disse", nesta aula (e também em qualquer outra ocasião), "são Espírito e são Vida", com o verbo repetido para evitar ambiguidade e más interpretações. Portanto, NÃO PODEM ser interpretadas à letra, mas só "em Espírito Verdadeiro" (cfr, João, 4:24), no plano espiritual místico mais elevado.*

Não são, também. símbolos: constituem a mais concreta realidade, porque estão no plano da única realidade verdadeira: DEUS.

Então, é neste versículo que Jesus explica como devemos interpretar suas palavras neste e em qualquer outro ensinamento. Por que prendê-las a letra física, entendendo que Ele falou da carne material, embora "espiritualizada" depois do desencarne? Por que rebaixar o tom, o nível de Verdades tão sublimes, para atribuí-las a um rito - esse sim, simbólico? Conceito magnífico que jamais devemos perder de vista: "O Espírito é o que vivifica, a carne para nada aproveita: as palavras, que eu vos disse, são Espírito e são Vida"!

64. *E termina: "mas há alguns dentre vós que não confiam". E o evangelista comenta: "desde o princípio Jesus conhecia os que não confiavam Nele, e inclusive quem O havia de entregar ao Sinédrio". Com a penetração psicológica própria de Seu nível evolutivo, Jesus percebia a vibração tônica fundamental de cada um, e portanto SABIA os que não estavam suficientemente amadurecidos para acompanhá-Lo.*

65. *É isso mesmo o que explica o Cristo: "essa foi a razão pela qual já vos disse, que ninguém pode vir a mim, se pelo Pai, lhe não for concedido" Realmente, só pela "atração" (ou impulso interior) do Pai que em cada um reside, é que conseguimos evoluir até o Encontro com o Cristo. Se não respondermos ao apelo de Amor, como esse que o Cristo fez por intermédio de Jesus (e nos faz a nós mesmos diariamente) então, pior ainda, "andaremos para trás".*

66. *Realmente ocorreu: "muitos de Seus discípulos andaram para trás e não andavam mais com Ele". Fica estranha a tradução literal que fizemos, em lugar da tradução comum que vem sendo feita há séculos: "afastaram-se". Mas o sentido profundo em que entendemos o ensino do Cristo requer exatamente essa expressão "andaram para trás", isto é, regrediram espiritualmente, deixaram de estar em companhia do Cristo, para voltar a seguir "doutrinas de homens" (João, 5:41), ou, como é dito mais fortemente nos Provérbios (26:11): "Como o cão que volta ao seu vômito, assim é o tolo que reverterá sua estultice", provérbio citado por Pedro (2 Pe. 2:21-22): "Melhor lhes fora não ter conhecido o caminho da Justiça, do que, depois de conhecê-lo, desviar-se do santo mandamento que lhes fora dado. Tem-lhes sucedido o que diz o verdadeiro provérbio: voltou o cão ao seu vômito; e a porca lavada tornou a revolver-se no lamaçal".*

67. *Diante dessa roação decepcionante para o Mestre, que sabia o que ensinava, o Cristo se volta para os doze escolhidos, indagando se também eles queriam retirar-se.*

A quem incumbe a tarefa de instruir, não importa o número de seguidores nem os aplausos vazios. Quando mais elevado é o ensino, ele sabe que menos criaturas poderão compreendê-lo e acompanhá-lo, e não se assusta de ver periodicamente seu "grupo de estudos" esvaziar-se de muitos elementos, e chegarem outros para substituí-los. Desses outros, ele já o sabe, muitos também se retirarão. E no fim da carreira, talvez ele tenha apenas um "pequeno pugilo" um "pequeno rebanho" (cfr. Luc. 12:32) em redor de si. Não importa. O que sobretudo importa é não trair o recado que traz para a humanidade. Aqueles que são trazidos pelo Pai, esses virão a ele. Os outros, que chegam motu proprio, por curiosidade; ou por ambição de conseguir "poderes"; ou pela vaidade de dizer-se seguidor ou amigo do pregador. Tal, que é apreciado e admirado pela multidão; ou em busca de favores espirituais; ou, pior

ainda, de posições materiais, todos esses se retiram mais cedo ou mais tarde, desiludidos de não encontrar o que buscavam, ou então "escandalizados", quer com o ensino da verdade, quer, outras vezes, com a prática da verdade.

68-69 Pedro, sempre temperamental, o mais velho ao que parece do grupo dos doze, e porta-voz deles, designado mais tarde para ser "monitor" dos discípulos, toma a palavra num rasgo de confiança absoluta: "para quem iremos"? E a razão dessa atitude: "tens palavras de Vida Imanente", ou seja, em Tuas palavras encontramos realmente o segredo da Vida Divina em nós (prova de que havia bem compreendido o sentido profundo dado por Cristo, de que lhe havia ouvido o apelo, e que o Cristo Interno despertara em seu coração, com as palavras ouvidas através da boca de Jesus). E continua: "nós confiamos e sabemos que tu és o Santo de Deus", isto é, o Eleito de Deus, o Messias (cfr. Mat. 1:24 e João, 10:36). Pedro falava em nome de todos os doze, como representante dos emissários escolhidos por Jesus.

70. No entanto, o Cristo chama sua atenção, dizendo-lhe que as palavras de confiança que proferira, não correspondiam ao pensamento de "todos". Sim, "Ele escolhera os doze". Mas, não obstante, um deles Lhe era adversário. Adversário no sentido real: tinha uma "diferença" com seu Mestre. Talvez mais tarde saibamos a razão dessa "diferença". Mas o fato é que esse - chamemo-lo por enquanto de "ciúme" - fez que Judas o entregasse ao Sinédrio, revelando à soldadesca o local em que se encontrava, para que fosse preso às escondidas, evitando barulho do povo que O admirava.

Se Jesus encontrou entre os Seus escolhidos um adversário que O entregou aos inimigos que O mataram, por que queixar-nos de encontrar entre os que frequentam nossas rodas espirituais "adversários" muito mais mansos, que se limitam a falar contra nós, por interpretar mal nossas palavras ou nossos atos, ou, quando muito, a caluniar-nos? Agradeçamos ainda que sofremos tão pouco! Especialmente porque ainda temos a consolação de que nós não escolhemos nossos seguidores, fato que causou ainda mais profunda tristeza em Jesus.

71. O evangelista conclui o capítulo explicando que Jesus se referia a Judas, filho de Simão Iscariotes, o único dos doze que não era galileu.

CURA NO TEMPLO

(Sábado, 23 de abril do ano 30)

João, 5:1-16

1. **Depois disso, havia a festa dos judeus, e Jesus subiu a Jerusalém.**
2. **Ora, em Jerusalém, junto à (porta) das ovelhas, há uma piscina, que em hebraico é chamada Bethesda, a qual tem cinco pórticos.**
3. **Nestes jazia grande número de enfermos, cegos, coxos, paralíticos** [esperando o movimento da água,
4. **porque descia um anjo em certas épocas e agitava a água da piscina; e o primeiro que entrasse na piscina depois de a água mover-se, ficava curado de qualquer doença que tivesse].**
5. **Achava-se ali certo homem, que havia trinta e oito anos estava enfermo.**
6. **Vendo-o Jesus deitado, e tendo sabido que estava assim desde muito tempo, perguntou-lhe: "queres ficar são"?**
7. **Respondeu-lhe o enfermo: "Senhor, não tenho ninguém que me ponha na piscina, quando a água é movida: enquanto vou, outro desce antes de mim".**
8. **Disse-lhe Jesus: "Levanta-te, toma teu leito e caminha".**
9. **Imediatamente o homem ficou são, tomou seu leito e andou.**
10. **Era sábado aquele dia. Pelo que disseram os judeus ao que fora curado: "Hoje é sábado, e não te é lícito carregar o leito".**
11. **Ele respondeu-lhes: "O que me curou, esse me disse: toma teu leito e caminha".**
12. **Perguntaram-lhe, então: "Qual foi o homem que te disse: toma teu leito e caminha"?**
13. **Mas o que fora curado não sabia quem era; porque Jesus se retirara, já que havia muita gente naquele lugar.**
14. **Depois Jesus o encontrou no templo e disse-lhe: "Olha, ficaste curado: não erres mais, para que te não suceda coisa pior".**
15. **Saiu o homem e foi dizer aos judeus, que fora Jesus que o curara.**
16. **Por isso os judeus perseguiram Jesus, porque fazia essas coisas nos sábados.**

Após a magnífica aula sobre o Pão da Vida, em que Cristo nos revelou a Via Contemplativa e a Via Unitiva, Jesus "Sobe a Jerusalém".

Observamos que houve troca de folhas nalgum manuscrito primitivo (já Orígenes o notara) e o atual capítulo 5.º tem que ser lido depois, do 6.º. A inversão é bem clara pela crítica interna. Por causa dessa troca, os mss. A, B, D, N, W e *theta* trazem "uma festa" (sem artigo), ao passo que os mss. *aleph*, C, L, *delta* e as versões coptas (boaírica e saídica, respectivamente do alto e baixo Egito) trazem o artigo: *hê heortê*, "a festa". Quando era assim determinada, a expressão "a festa" designava a Páscoa. Estávamos, pois, na segunda Páscoa da "vida pública" de Jesus (ver a primeira em João, 2:13, e terceira em João 12:1).

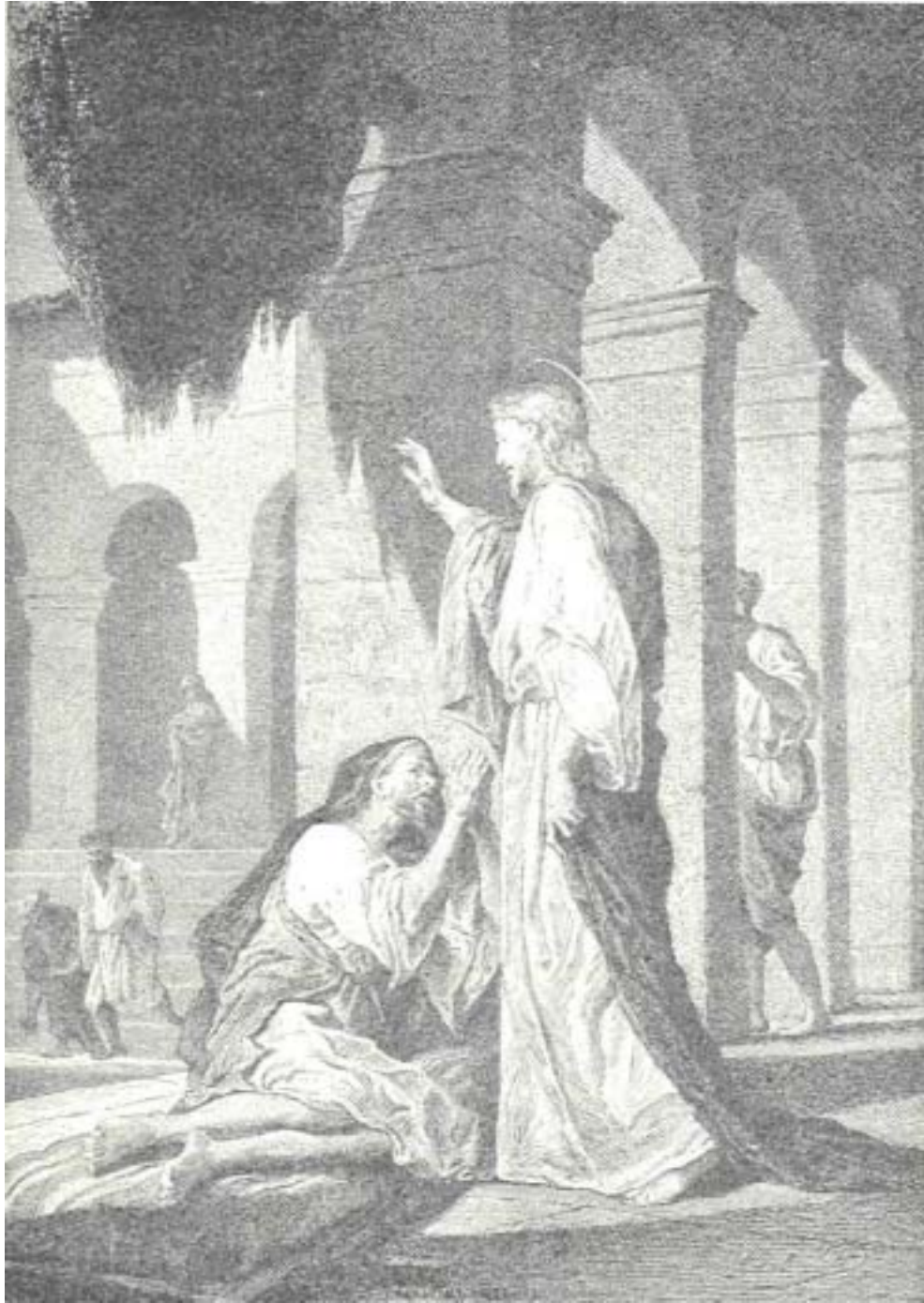


Figura “CURA NO TEMPLO”

"Junto à (porta) das ovelhas", no original: *epi tōi probatikēi* (literalmente "perto da probática") pode exprimir quer o nome da porta do ângulo nordeste do templo, quer uma confusão com a piscina "probática" primitiva, em que se lavavam as vítimas antes do holocausto.

O nome dado à piscina (*kolumbêthra*, literalmente "banho público") apresenta variantes:

- 1) BEZATHA, por Euzébio, baseado em Josefo (*Bell. Jud.* 5, 4, 2 e 5, 6 e 7) que cita o novo bairro de Jerusalém, dando-lhe o nome de *Bezata*, que significa "cidade nova"; é aceito por Lagrange.
- 2) BEZETHA, por Vincent, significa "'corte".
- 3) BELZETHA, em D, no Sinaítico de Paris e poucos outros.
- 4) BETHSAIDA, nos mss. B, C, W e na Vulgata (é o menos provável).

- 5) BETHZATHA, nos mss. aleph, L, 33, e, 1; aceito por Nestle.
- 6) BETHZETHA, aceito por Tischendorf, Westcott-Hort e Van Soden.
- 7) BETHESDA, nos mss. A, C, E, F, G, H, S, V, *theta*, *omega* e muitos outros gregos; nas versões síriaca oficial (Peschito), nítia, árabes e em dois mss. da Vetus Itálica; aceito por Vogels, Prat, Merck, Weiss, Bem e Bover. Citado nessa forma por *Jerônimo* (De Situ et Nom. Loc. Hebr., Patrol. Lat. vol. 23, col. 884); *João Crisóstomo* (In Joanne Hom. 36,1, Patrol. Graeca, vol. 54, col. 203); *Cirilo de Alexandria* (In Joanne, Hom. 2 e 6, Patrol. Graeca, vol. 73, cols. 336 e 988); e *Dídimo de Alexandria* (De Trinit.2, 14, Patrol. Graeca vol. 39, col. 709).

Como vemos, BETHESDA (que significa "Casa da Misericórdia") tem mais testemunhos.

A piscina ocupava um quadrilátero de 120 m por 60 m, e era cercada por uma galeria em arcadas (pórticos), dividida em duas partes iguais por uma comporta que tinha, por cima, uma quinta galeria também em colunata como as outras quatro. A bacia ficava circundada por aleijados que esperavam que "a água se movimentasse". O movimento das águas era provavelmente causado pela abertura da Comporta, a fim de jorrar água limpa na piscina.

A segunda parte do vers. 3 e todo o vers. 4 parece que foram interpolados posteriormente, por algum comentador, pois não figuram nos mss. S, B, C, D, W, 33, 134, 157, f, t e na Vulgata de Wordsworth; apenas os mss. A, L, *delta* e *theta* trazem essas palavras. Devem ser cortadas, segundo a maioria dos hermeneutas; pois se exprimissem a verdade, "representariam o maior milagre relatado na Bíblia", milagre inexplicável, em que "o primeiro chegado era curado". Além disso, nenhum texto além desse alude a esse caso extraordinário.

Entre os enfermos, havia um deitado no chão (*katakeímenon*) doente havia 38 anos. Quando Jesus veio a saber naquele momento (*gnóus* supõe conhecimento recente) o tempo da enfermidade, se condeou dele e perguntou-lhe se queria curar-se. Respondeu-lhe o doente que não tem quem o ajude "a descer à água quando esta se movimenta", frase que provavelmente teria provocado a explicação interpolada nos vers. 3 e 4. Pelas palavras, parece tratar-se de um paralítico.

Uma frase apenas é dita por Jesus: "levanta-te, apanha tua esteira e caminha". Alguns viram nessa frase uma repetição da narração do fato ocorrido em Cafarnaum (Mat. 9:2-8; Marc. 2:1-12; Luc. 5:17-26; veja vol. 2). Mas as circunstâncias diferem totalmente e o ensino ministrado é de outra ordem: lá acentua-se a autoridade do Filho do Homem de resgatar o carma, e aqui sua autoridade acima das prescrições teológicas da guarda do sábado (cfr. Mat. 12:1-8; Mar. 2:23-28; Luc. 6:1-5; vol. 2).

Realmente, entre as 39 proibições de trabalhos, aos sábados, é expressamente mencionada a do transporte de um leito, com alguém deitado nele ou vazio.

João, que sempre designa por "os judeus" os principais cabeças dos israelitas, coloca de imediato a questão, com a repreensão ao infrator. Este joga a responsabilidade "em quem o curou", que ele não sabia quem era: Jesus se afastara rápido, confundindo-se na multidão. Talvez para não ser solicitado a fazer outras curas? E por que curou apenas UM, entre tantos enfermos que lá estavam?

Mais tarde Jesus "o encontra no templo" (cfr. 9:35), recomendando-lhe que não voltasse a errar, para que lhe não sucedesse coisa pior. Libertado de seu carma, não fosse contrair outro laço, talvez de resultados mais dolorosos.

O comportamento deste doente, indo logo denunciar Jesus àqueles que o haviam repreendido, parece bastante estranho. Alguns pretendem desculpá-lo, atribuindo-lhe apenas o desejo de tornar conhecido seu benfeitor. Realmente, com a lábia dos mal-intencionados, estes talvez o tenham convencido a dizer quem o curou, para que pudessem "louvá-lo" ...

Aqui é-nos apresentado um episódio privativo da narrativa de João, obedecendo à mesma técnica didática utilizada na lição do Pão da Vida: partindo de um exemplo prático, de uma experiência viva, finaliza com o desenvolvimento de um tema teórico.

Em vista da importância do ensino posterior, há que prestar atenção a todos os pormenores e sinais fornecidos pelo narrador, como por exemplo à numerologia, simbolismo muito usado pelo quarto evangelista, sobretudo no Apocalipse. Neste trecho comprovamos ainda uma vez a veracidade desta nossa assertiva (já salientada por nós em outros passos), quando João assinala minúcias numéricas totalmente secundárias e inexpressivas, não fora o símbolo que exprimem (piscina com 5 pórticos ... enfermo havia 38 anos ...).

Mas tudo isso é base para posteriores esclarecimentos, na lição teórica Vejamos o trecho.

Inicia-se salientando que "Jesus subiu a Jerusalém pela festa (da Páscoa)". Dirigia-se da Galiléia (Jardim fechado" da individualidade) para a Judéia ("Louvor a Deus" da personalidade religiosa filiada a igrejas), colocando sua meta em Jerusalém ("Cidade da Paz", onde poderia desenvolver um tema profundo em relação às criaturas que já se achavam pacificadas no caminho religioso da evolução). E isso por ocasião da "festa da Páscoa", isto é, da alegria da passagem da ordem inferior da personalidade, para a superior da individualidade.

Nesse ambiente, anota-se o local da lição prática: a "porta das ovelhas", o lugar mais indicado para um "Bom Pastor" conversar com aqueles que, "quais ovelhas entre lobos", desejavam penetrar o sentido profundo das Escrituras, libertando-se do sentido "literal". Era exatamente a porta de acesso a uma lição espiritual profunda.

Não nos esqueçamos de que as ovelhas constituem o símbolo do holocausto, do sacrifício da parte animal do ser humano, quando aceito resignadamente. Ao contrário, por exemplo, dos suínos, que berram revoltados ao serem sacrificados, as ovelhas caminham sem protesto para a tosquia e até para o holocausto de suas vidas: "não abriu a boca, como o cordeiro que é levado ao matadouro e como a ovelha que é muda diante dos que a tosquiam" (Is. 53:7).

O ensino de que a ovelha (cordeiro ou carneiro) é o símbolo da parte animal do ser humano, e que é esta que deve ser sacrificada, nós o recebemos desde o Antigo Testamento (cfr. Gênesis, cap. 22). YHWH ordena a Abraão que vá a Moriah e ali lhe sacrifique seu único filho Isaac, "a alegria" (ou seja, seus veículos físicos, "filhos" únicos do Espírito); obedecendo à letra da ordem, Abraão encaminha-se para o local determinado e chega a amarrar Isaac no altar do sacrifício, levantando o cutelo para imolá-lo. Faz-se então ouvir a voz de YHWH, esclarecendo que não era esse o sentido da ordem; que se alegrava por vê-lo obediente, mas que não sacrificasse o corpo (o "filho"); é quando Abraão vê um carneiro e o imola, isto é, quando compreende a alegoria, percebendo que o holocausto pedido é apenas do animalismo ainda residual no homem.

Na "porta das ovelhas" havia uma piscina, um "banho público" (lugar destinado à limpeza e purificação dos corpos) com CINCO pórticos; outra anotação que deixa perceber que a criatura-paradigma da lição já se achava purificada e limpa em sua parte da animalidade.

Recordando e aplicando o conhecimento dos arcanos, vemos que se trata de um modo de assinalar que ali "a Providência divina governaria a vida universal e a vontade do homem dirigiria sua força vital (cfr. pág- 121).

Tanto assim é que João registra o nome simbólico da piscina, Bethesda, ou "Casa da Misericórdia". Esse nome não consta de nenhum outro documento histórico, nem podia constar, pois foi escolhido pelo evangelista para fazer compreender a quem no pudesse, o significado da lição: um Manifestante divino que chegava às criaturas misericordiosamente para elucidá-las.

Mas também aprendemos que a lição se referirá aos seres já purificados no corpo, os quais, tendo superado as fases da personalidade (físico, etérico, astral e intelectual) estão começando a perceber, consciente ou inconscientemente, o plano da individualidade, o quinto plano, embora não consigam sozinhos dar o passo decisivo. Daí o fato ocorrer na "porta" (entrada) das "ovelhas" (dos dispostos ao sacrifício) numa "piscina" (depois de purificados) na "Casa da Misericórdia" onde receberão a Providência que governa a vida universal, já que eles se acham prontos a dirigir suas forças vitais nesse sentido. Então, tudo está preparado, o discípulo está pronto, vai aparecer o Mestre Revelador dos segredos eternos.

A seguir João acrescenta que "ali havia grande número de enfermos". Ora, isso jamais teria sido possível na vida real. Numa cidade dominada pelos romanos havia quase um século (de 63 A.C. a 30 A.D.), nunca seria permitido um enxame de enfermos mendigos em redor - e banhando-se! - num local destinado aos banhos públicos, frequentados pela nata da sociedade. A entrada nas Termas era severamente controlada em Roma, em Atenas, em qualquer outra cidade importante. Por que não no seria em Jerusalém?

Então, resultando a anotação do evangelista uma inverdade histórica, só podia ser alegórica. Tanto o é, que ele ainda cuida de especificar os tipos de enfermos: cegos, coxos e paráliticos. Aí temos, pois, aqueles que, embora começando a perceber a individualidade, nos lugares de "louvor a Deus" (isto é, nas religiões oficiais) e embora na "cidade da paz" (ou seja, em estado "pacificados pela convicção religiosa) estavam CEGOS, não compreendendo o que com eles se passava, não vendo a realidade evolutiva; eram COXOS, como que caminhando com uma perna só (a devoção) sem conseguir usar a outra (evolução), ou se achavam PARALÍTICOS, sem poder dar um passo sequer na estrada certa. Todas as três espécies de enfermos que não poderiam mover-se sem ajuda de outrem!

Notemos que João não fala de surdos, pois estes seriam os que não queriam ouvir ninguém, vaidosos e presunçosos de seus conhecimentos, e portanto não estariam ali aguardando o Mestre. Também não fala de mudos, de leprosos, de possessos ou obsidiados, de epiléticos, de hidrópicos ... Cita apenas as três classes que, precisamente, teriam dificuldade de "lançar-se à água quando esta se movimentasse": os cegos não enxergariam o movimento da água; os coxos poderiam mover-se claudicando com dificuldade; e os paráliticos não poderiam mover-se ... Ora, se na realidade a cura se desse tal como literalmente dá a entender o Evangelho, não haveriam de faltar os portadores de outras moléstias, que com facilidade poderiam atirar-se na piscina, curando-se. Como lá não estavam? Mais um pormenor que nos chama a atenção para o simbolismo da cena.

E é realçado esse simbolismo pelo fato de o Mestre dirigir-se a apenas um dos presentes, ao que já estava preparado de todo para caminhar à frente, dando o passo decisivo para a atuação da Centelha divina nele.

Com efeito, é anotado que esse, que ali estava, já se achava "enfermo" (fraco) havia trinta e oito anos. Que significaria o número 38? Não vemos outro simbolismo que a falta de DOIS ANOS, para completar QUARENTA. E sabemos que 40 (veja vol. 1) exprime a luta do Espírito com o mundo exterior. Em sua encarnação (materialização do astral e do etérico), o Espírito, a Centelha divina, ainda não havia atingido a exteriorização de si mesma no plano da personalidade; ainda não conseguira manifestar-se a esta: faltavam dois anos somente.

Recordemos que o DOIS é, no plano humano, a receptividade feminina, o campo pronto a receber a semente fecundadora. Então, faltava apenas receber a manifestação da PALAVRA (o Logos, ou SEGUNDO aspecto da Divindade) para que essa Centelha se manifestasse à personalidade. O homem estava pronto, aguardando a mão que o ajudasse a dar o passo definitivo.

E o Cristo pergunta-lhe se ele quer dá-lo. Nada é feito sem que o livre-arbítrio da criatura o decida (é o simbolismo do CINCO: a vontade do homem para dirigir sua força vital).

A resposta dele mais uma vez confirma nossa interpretação: "não tenho quem me ponha na piscina, quando a água é movimentada". Por que não teria ele dito simplesmente "quero"?

Na realidade, sabemos que a ÁGUA simboliza a interpretação alegórica das Escrituras. E é disso que se queixa o enfermo: não podia mover-se sozinho para ir buscar essa compreensão profunda (faltava-lhe a "chave") e não encontrara ninguém que lhe proporcionasse meios de penetrar a alegoria, extraindo das palavras físicas, da letra, o SENTIDO espiritual (cfr. vol. 1).

Aqui compreendemos as frases de João nos vers. 3 e 4, que podem perfeitamente ser aceitas neste sentido mais profundo: de tempos a tempos desce um ANJO (chega à Terra um Mestre, um Manifestante divino, um Avatar) e "movimenta as águas" (revela certos sentidos alegóricos e simbólicos profundos das Escrituras); e os "enfermos" que entram nessas águas (que compreendem a lição e a vivem) se curam de suas fraquezas. Não se referia João, com essas palavras ao fato expresso pela letra,

mas a um sentido oculto, que pudesse ser captado por quem tivesse a capacidade de compreender: qui potest cápere, cápiat.

Diante dessa disposição de aceitação plena, em que o enfermo apenas solicita a ajuda de alguém para iniciá-lo, o Cristo resolve fazê-lo. Levanta-te, isto é, eleva tuas vibrações íntimas; toma teu leito, ou seja domina teu corpo, carregando-o como um peso necessário, embora incômodo e externo a teu Eu verdadeiro; e caminha, e prossegue avante tua jornada evolutiva em busca do Espírito.

A seguir o Evangelista salienta que era sábado, dia prescrito ao repouso. E por isso os "judeus" (os "adoradores de Deus", sequazes ortodoxos da religião oficial) protestam, ao vê-lo afastar-se das prescrições religiosas correntes. Todos os religiosos fervorosos (ou fanáticos) colocam a observância externa dos cultos e ritos como base de salvação, e condenam com veemência (excomungando) todos os que, libertando-se das exterioridades, procuram seguir o Espírito (individualidade).

O doente desculpa-se, dizendo que Aquele que o havia curado (que lhe havia revelado o caminho a seguir, manifestando-lhe o sentido secreto do espiritualismo) esse lhe havia ordenado que não desse importância aos preceitos impostos pelos homens, mesmo que tivessem sido "atribuídos" à Divindade.

Quando lhe perguntam "quem era" esse, responde "não saber": trata-se do Grande Inominado, o Cristo Interno, que a personalidade de Jesus nos revela plenamente. Mais tarde, em outro contato íntimo e profundo (Jesus o encontra NO TEMPLO, isto é, o Cristo tem contato com ele no coração), percebe de Quem se trata, ao aprender que deve vigiar para não cometer outros erros, afastando-se do Espírito, pois coisas piores lhe poderiam ocorrer, em encarnações de sofrimento e dor; não mais trilhar os caminhos da materialidade, no Anti-Sistema, mas sair do pólo negativo para o positivo, para o Sistema (P. Ubaldi).

Emocionado com as novidades do ensino, ofuscado com as luzes que lhe chegaram - embora já se sentisse perseguido por haver saído da trilha normal comum a todos os religiosos de mentalidade estreita - resolve divulgar a verdade, revelando de onde recebeu esses ensinamentos: o Cristo. Vai a seus antigos companheiros de religião, com o intuito de ensinar-lhes os segredos que tanto bem lhe haviam feito. Mas isso desencadeia novas perseguições, desta vez diretamente voltadas contra o Cristo, contra o Espírito que nele se manifestara.

Estava dada a aula prático-experimental, só faltando o desenvolvimento teórico, para que os discípulos compreendessem a profundidade do exemplo apresentado, da experiência vivida.

E é o que o Mestre faz, a seguir, numa lição cheia de beleza e elevação, numa aula magistral.

CRISTO E SUA AÇÃO – PARTE I

João, 5:17-29

17. Mas Jesus respondeu-lhes: "Meu Pai até agora trabalha, e eu também trabalho".
18. Por isso, então, os judeus mais procuravam matá-lo, porque não somente violava o sábado, mas também dizia que Deus era seu próprio Pai, fazendo-se igual a Deus.
19. Respondeu-lhes então Jesus e disse-lhes: "Em verdade, em verdade vos digo: o Filho não pode fazer nada por si mesmo, senão o que veja seu Pai fazendo; porque tudo o que ele faça, o Filho também faz semelhantemente.
20. Pois o Pai ama o Filho e lhe manifesta tudo o que faz, e maiores obras que estas lhe manifestará, para que vos admireis.
21. Assim, pois, como o Pai desperto os mortos e os vivifica, assim também o Filho vivifica os que ele quer,
22. porque o Pai não escolhe ninguém, mas deu toda escolha ao Filho,
23. para que todos honrem o Filho, assim como honram o Pai. Quem não honra o Filho, não honra o Pai que o enviou.
24. Em verdade, em verdade vos digo, que o que ouve o meu ensino e confia em quem me enviou, tem a vida imanente e não vai para o carma; pelo contrário, já se trasladou da morte para a vida.
25. Em verdade, em verdade vos digo, que vem uma hora, e é agora, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus, e os que a tiverem ouvido, viverão.
26. Porque assim Como o Pai tem vida em si mesmo, assim também deu ao Filho ter vida em si mesmo,
27. e deu-lhe autoridade para fazer a escolha, porque é Filho do Homem.
28. Não vos maravilheis disso, porque vem uma hora em que todos, nos túmulos, ouvirão sua voz e sairão,
29. os que produziram coisas boas para uma restauração de vida, os que praticaram coisas vulgares, para uma restauração de carma.

Quando os judeus se voltam para o Cristo, a fim de pedir contas de seus atos de rebeldia contra as prescrições da religião oficial, provocam-Lhe mais uma lição de suma importância para nossa compreensão das realidades espirituais.

A aula divide-se em duas partes distintas, versando a primeira sobre:

- a) as qualidades e poderes do Espírito;
- b) os resultados consequentes às suas ações,

na utilização dessas qualidades e poderes; na segunda parte aprendemos como conhecer a legitimidade da missão dos mestres e da doutrina que eles ensinam.

Temos que considerar todos os pormenores da lição. Procederemos, por isso, como na aula sobre o Pão da Vida, tecendo primeiramente comentários linguísticos para, em seguida, interpretar o sentido real do trecho, de incalculável profundidade. Vejamos cada versículo de per si.

17. O verbo duas vezes empregado, e que traduzimos por "trabalhar", é *ergázomai* (já explicado quando expusemos os vers. 27-30, na lição do Pão da Vida. Vimos que tem o sentido de "produzir algo (com esforço)", já que esse verbo é derivado de *érgon*.
18. No original "mais procuravam matá-lo": *mállon ezêtoun autàn apokteínai*; seu próprio pai: *patêra idion*: fazendo-se igual a Deus: *íson heautòn poiôn tòi theôi*.
19. Recomeça com a fórmula de garantia da verdade do que vai ensinar: "amén, amén".

Daqui por diante é interessante dar o texto original completo, a fim de mostrar que nossa tradução é fiel e perfeita, sem distorções nem más interpretações. A seguir de cada frase traduzida, reproduziremos em grifo o texto grego, infelizmente com caracteres latinos, em vista da falta de tipos gregos na tipografia.

O Filho não pode fazer nada (*ho huiós ou dúnatai poieín oudén*) por si mesmo (*aph'heaután*) se não (*eàn mé*) o que veja (*tí blépêi*) o Pai fazendo (*tòn patêra poioúnta*), porque tudo o que ele faça (*hà gàr àn ekeínos poiêi*) o Filho também faz semelhantemente (*taúta kaí ho huiós homoiós poiêi*). O sentido das palavras não deixa a menor dúvida: Pai e Filho são UM, embora o Pai seja "maior que o Filho" (João, 14: 28) pois o Filho procede do Pai.

20. Pois o Pai ama (*phílein*) o Filho e lhe manifesta tudo o que faz (*kai pánta deíknusin autôi hà autòs poiêi*); e maiores obras que estas (*kai meizona toútôn érga*) lhe manifestará (*deíxei autôi*) para que vos admireis (*hína huméis thaumázête*).
21. Assim pois como o Pai (*hôsper gàr ho patêr*) desperta os mortos (*egeírei tous nekrous*; quanto ao sentido de *egeirô*) e os vivifica (*kaí zôopoiei*) assim também o Filho (*hoútós kaí ho huiós*) vivifica os que ele quer (*zôopoiei hoús thélei*).
22. Porque o Pai não escolhe ninguém (*oudè gàr ho patêr krínei oudéna*); já vimos o sentido de *krinô*: mas deu toda escolha ao Filho (*allà tèn krísin pāsan dedôken tòi huiôi*).
23. Para que todos honrem o Filho (*hína pántes timôsi tòn huiòn*) assim como honram o Pai (*kathôs timôsi tòn patêra*): o que não honra o Filho (*ho mé timôn tòn huiòn*) não honra o Pai que o enviou (*ou timāi tòn patêra tón pémpsanta autón*); *pémpsanta* é o particípio de *pémpô*.
24. Em verdade, em verdade vos digo: o que ouve meu ensino (*ho tòn lógon mou akoúôn*) e confia em quem me enviou (*kaí pisteuôn tòi pémpsanti me*) tem a vida imanente (*échei zóen aiónion*) e não vai para o carma (*kaí eis krísin ouk érchetai*) pelo contrário já se transladou da morte para a vida (*allà metabebêken ek tóu thanátou eis tèn zóen*); *metabebêken* é o perfeito de *metabainô*.
25. Em verdade, em verdade vos digo que vem uma hora (*érchetai hōra*, sem artigo) e é agora (*kaí nún estin*) em que os mortos (*hóte hoi nekroí*) ouvirão a voz do Filho de Deus (*akoúsousin tēs phōnes toú huiou tou theou*) e os que a tiverem ouvido, viverão (*kaí hoi akoúsantes zēsousin*).
26. Porque assim como (*hôsper gàr*) o Pai tem vida (*ho patêr échei zóen*) em si mesmo (*en heautôi*), assim também deu ao Filho (*hoútós kaí tòi huiôi édôken*) em si mesmo (*en heautôi*).
27. E deu-lhe autoridade (*kaí exousían édôken autôi*) para fazer a escolha (*krísin poieín*) porque é Filho do Homem (*hóti huiós anthrōpou estin*).
28. Não vos maravilheis disso (*mé thaumázete toúto*) porque vem uma hora (*hōti érchetai hōra*) em que todos (*en hēi pántes*) nos túmulos (*en tois mnemeíois*) ouvirão sua voz e sairão (*akoúsousin tēs phōnes autòs kaí ekporeúsontai*).
29. Os que produziram coisas boas (*hoi tà agathà poiésantes*) para uma restauração de vida (*eis anástasin zōés*, sem artigo), os que praticaram coisas vulgares (*hoi tà phaula práxantes*) para uma restauração de carma (*eis anástasin kríseôs*). A palavra *phaúla*, geralmente traduzido por mal, tem o sentido de "coisa vulgar, comum, ordinária, de pouco preço". O termo *anástasis* tem o significado principal de "restauração, levantamento, erguimento", e por isso geralmente traduzem como "ressurreição".

Consideremos, agora, o sentido real e profundo da aula sublime que a Misericórdia do Cristo trouxe para nós. Bebamos seus ensinamentos até as últimas gotas, saboreando tudo o que nossa ainda pequeníssima capacidade evolutiva permite.

17. Inicialmente diz-nos o Cristo, terceiro aspecto da Divindade, que Se manifestava plenamente através de Jesus, falando por sua boca: "meu Pai até agora trabalha e eu também trabalho", justificando Seus atos desrespeitosos da lei mosaica (lei humana, para a personalidade) com o exemplo divino. Os próprios teólogos israelitas admitiam que Deus continuava trabalhando no cosmo. Philon de Alexandria ("Nómôn Hieròn Allegórias", 1,5) escreve: *παύetai γὰρ οὐδέποτε ποιεῖν ὁ θεός, ἀλλ' ὁσπέρ ἰδίον τὸ καίειν πῦρος καὶ χιώνος τὸ ψύχειν, ἡούτος καὶ θεοῦ τὸ ποιεῖν, ou seja: "Deus jamais deixa de produzir; mas como é próprio do fogo queimar e da neve gelar, assim produzir é próprio de Deus".* Cfr. também de Philon, Cherubim, 87, e os rabinos Pinehas e Hosaja, em Bereshit-rabba, 11, citado por strack e Billerbeck, o.c. tomo 2, pág. 461.

A igualdade com o Pai, em tal intimidade que lhe justificava os atos, causou maior celeuma ainda que o desrespeito à lei sabática. Todo israelita se sabia "filho de Deus", a quem chamava Pai; mas considerando sempre um Pai exterior a eles, apenas transcendente e de natureza diferente. O Cristo, de um golpe, embora de modo implícito, declara-se juridicamente IGUAL ao Pai, com os mesmos direitos divinos acima de todas as prescrições religiosas. Foi isso mesmo que entenderam os presentes, conforme anota o evangelista, e isso era ainda muito mais grave do que a própria violação dos preceitos legais.

Em toda esta aula, Cristo prova que, de direito, pode imitar o Pai, não porque sejam hierarquicamente iguais (cfr. "o Pai é maior que eu") mas porque, sendo ele o Filho Unigênito, tudo o Pai Lhe concede, pelo amor que Lhe dedica.

Na realidade assim é. O Pai é o Logos, o SOM-CRIADOR e CONSERVADOR, que constantemente cria e conserva os sistemas atômicos e estelares, em seus contínuos movimentos de rotação e translação. E esses sistemas - que formam miríades de Universos - são as manifestações do Filho Unigênito, o CRISTO CÓSMICO que, de dentro de todos e de tudo - imanentemente - impele tudo à evolução para o Espírito. O amor do Pai pelo Filho (o AMOR é o ESPÍRITO SANTO) faz que tudo caminhe do Amor para o Amor, do Espírito para o Espírito, passando pelas fases dos aspectos intermediários do Pai (SOM, Lógos) e do Filho (impulso evolucionador intrínseco, o CRISTO interno). Sendo o Pai o Som Criador e Conservador, trabalha sempre, criando e conservando. E o filho igualmente trabalha sempre, impelindo tudo pelo caminho da evolução constante e progressiva.

18. Os "judeus" (os religiosos ortodoxos da religião oficial) procuravam sufocar-lhe a voz, a fim de não perderem sua autoridade dominadora das classes populares e mesmo das da alta sociedade: o Espírito abafado pela matéria, o sem-Forma sufocado pela forma, o Infinito limitado pelo espaço, o Eterno restringido pelo tempo, a Vida perseguida pela morte.

19. O ensinamento prossegue, salientando qual A AÇÃO do Filho: fazer tudo o que faz o Pai. Nada pode fazer o Filho por si mesmo, já que é passivo, é o Amado; toda força criadora e propulsora, ativa, de Amante, pertence ao Pai, ao Logos, ao Som Criador, à Palavra produtora do som.

Então o trabalho é feito em conjunto, porque Deus é UM só, quer sob o aspecto de AMOR (LUZ), quer sob o de AMANTE (SOM), quer sob o de AMADO (que vai dos sistemas atômicos aos estelares, galáxicos, cósmicos). O Pai fala, o Filho obedece; a Palavra cria, o Filho dirige a criação; o Som produz vibrações, o Filho as organiza, tudo ligado e existente e vivificado pela Luz Incruiada, o Amor Concreto, que se manifesta em COESÃO nos átomos físicos (minerais), em ADAPTAÇÃO nos átomos etéricos (vegetais), em SIMPATIA nos átomos astrais (animais), em DESEJO nos átomos intelectuais (homens), em AMOR nos átomos espirituais (Filhos do Homem). E a ação, sendo conjunta, o Filho age semelhantemente ao Pai, embora "por si mesmo" nada possa fazer: se não houver o impulso criador e sustentador vibracional do som, nada se sustenta.

20. Neste versículo confirma-se a interpretação: o Pai ama o Filho, ou seja, o AMOR (Espírito Santo) é a ligação entre o Pai (Amante) e o Filho (Amado). O verbo *philein*, aqui usado, exprime o amor terno e instintivo que é o tipo de amor que o Cristo nos pede em relação a Ele. Por causa desse

amor, o Pai manifesta ao Filho tudo o que faz; ou seja, tudo o que é criado pelo Som Criador traz em si, intrinsecamente, o sopro divino, o pneuma ou Espírito, que é precisamente o Cristo Interno, o Filho. Então, tudo o que existe pertence ao Filho (cfr. "tudo o que o Pai tem é meu", João, 16:15), porque o Filho é a essência ultérrima de tudo, já que tudo o que existe é a manifestação do Filho.

E maiores obras, maiores produções que estas (atuais) lhe manifestará, "para que vos admireis"; profecia que já vem começando a realizar-se. Entre os israelitas, e a atual concepção da grandeza cósmica, medeia um abismo. Hoje conhecemos muito mais profundamente a constituição das galáxias e do número infinito dos universos com seus sistemas estelares habitados; hoje conseguimos sobrepujar a atmosfera e viajar pelos espaços, coisa que, naqueles idos, só o mencioná-lo, seria julgado rematada loucura; hoje chegamos a compreender a exatidão científica das palavras do Cristo, quanto à criação dos universos e o aparecimento da matéria: "obras muito maiores que estas lhe manifestará, para que vos admireis".

21. Começa agora o Cristo a enumerar as qualidades e poderes do Espírito (individualidade); a primeira é a VIDA; e o exemplo é o da doação da Vida.

Lembremo-nos de que a Vida é a expressão máxima do Filho, é o sopro divino em nós (e por isso até a ciência não lhe descobriu a essência). Assim como o Pai Criador "desperta os mortos", ou seja, faz que a matéria inerte e morta (inorgânica) se torne matéria viva (orgânica), assim como que despertando de um sono de milhares de milênios, assim também o Filho vivifica, do íntimo das coisas, tudo aquilo que ele quer, ao verificar que está na hora oportuna de elevá-los de nível.

Podemos, também, interpretar como a capacidade de fazer que os mortos tornem a despertar para a vida em nova encarnação. Da mesma forma que o Pai, o Som Criador, desperta os mortos na encarnação mecânica e automática dos seres involuídos, assim o Filho vivifica os mortos na encarnação consciente, quando cada um toma por si a iniciativa de voltar à vida física, impulsionado internamente pela Centelha divina, que é exatamente o Cristo Interno, o Filho.

22. Tanto é assim, que neste versículo é explicado que "o Pai não escolhe ninguém, mas deu toda escolha ao Filho". Isto é, o Pai age automaticamente, dando movimento e vida A TODOS, mas compete ao Filho escolher o momento exato para determinar os passos evolutivos que cada ser deve dar, e isso porque o Filho é Imanente e dirige a evolução de dentro.

Numa interpretação mais elevada na escala, já podemos entrever a concessão do livre-arbítrio aos seres mais evoluídos. O Pai dá-lhes força e vida, deixando-lhes inteira liberdade; mas o Filho, o Cristo Interno, do âmago do coração de cada homem, escolhe o caminho que quer seguir, buscando sempre a felicidade máxima. De fato pode enganar-se o homem, colocando a felicidade fora de si em coisas externas, mas com o tempo chegará a compreender onde se encontra a meta real e verdadeira de sua felicidade. Para isso o Cristo nos convoca e "seu amor nos impulsiona" (amor Christi urget nos, 2.º Cor. 5:14), pois "o amor de Deus foi derramado abundantemente em nossos corações por meio do Espírito Santo" (Rom. 5:5), que é o Amor Concreto.

Então, a escolha cabe realmente AO FILHO, ao HOMEM, a quem foi concedida liberdade absoluta (livre-arbítrio), competindo ao Pai Criador conceder a graça àqueles que a escolheram por sua vontade própria: "toda escolha foi dada ao Filho".

Por essa razão é que rejeitamos o sentido analógico de "julgamento", já que jamais exprimiria o ensinamento dado.

23. A escolha foi dada ao Filho com uma finalidade: "para que todos os, homens honrem ao Filho, como honram ao Pai". O Filho, o Cristo-que-em-todos-nós-habita, deve ser por todas as criaturas tratado com a honra que todos tributam ao Pai. Esse mesmo verbo é usado no quinto mandamento da lei mosaica: "honrarás teu pai e tua mãe" (Deut. 5:16). Assim como a lei escrita para a personalidade transitória manda que honremos os seres que nos proporcionaram o corpo físico, assim a Lei de Cristo ordena honremos o Filho, que é nosso Eu Profundo, tal como honramos o Pai Criador, que nos deu a existência eterna e nos sustenta com Sua Vida.

E a razão é acrescentada: quem não honra o Filho, ipso facto não honra o Pai que o enviou a percorrer a escala evolutiva; porque ambos, Pai e Filho, são UM SÓ, no Amor do Espírito Santo: "eu e o Pai somos UM" (João 10:30), confessa o Cristo. E, mais especificadamente, diz: "eu estou NO Pai e o Pai está EM MIM" (João, 10:38 e 14:10 e 11). Se é assim como não podemos duvidar que seja - o "envio" do Filho por parte do Pai não pode exprimir o que tem sido ensinado até hoje: que o Pai, lá do "céu", enviou o Filho cá para a Terra, para fazê-lo morrer à mão dos malfeitores; e então, regozijando-se com essa morte, teria perdoado à humanidade. Tão absurda é essa crença que não podemos compreender como atravessou séculos, repetida por gente que parecia saber raciocinar. Seria como se um homem tivesse uma fazenda e fosse lesado anos a fio por seus empregados. Então resolveu que perdoaria os empregados, mas com uma condição: que eles lhe matassem o filho único! Infantilidade inconcebível, essa teoria da "redenção", pela morte do "Filho de Deus". E o sentido do ensino é tão diferente! Vê-lo-emos a seu tempo.

24. Passa então o Cristo a falar no resultado das ações dos homens, e nas condições indispensáveis ao êxito da evolução, sem perigo de atrasos na caminhada. As condições são duas: a) ouvir o ensino que o Cristo nos traz, em nosso âmago; e b) confiar no Pai que em nós habita sob a forma de vida, e donde partiu o Filho para constituir nossa essência profunda.

Também os resultados obtidos serão duplos: a) ter a vida imanente, UNA com o Cristo e, por isso mesmo, b) não mais cometer erros, mas passar diretamente da morte do corpo encarnado para a vida liberta do Espírito, não mais sujeita à lei cármica das encarnações compulsórias (kyklos ananke).

Quem ouve o ensino e se entrega ao Pai confiadamente, atrai a si a graça do Encontro Místico e se unifica com o Cristo, que é um com o Pai (cfr. "eu estou EM meu Pai, e vós EM MIM, e eu EM VÓS", João, 14:20). Ora, nesse estado, ninguém caminhará para o calma; mas, embora encarnado, "já se trasladou (sentido literal de metabébêken) da morte para a Vida".

25. Com a repetição da fórmula de garantia da veracidade do que afirma, o Cristo assegura que chegará uma hora - e já começou desde aquele momento - em que os mortos (os encarcerados na carne) ouvirão a Voz do Filho de Deus, o Cristo Interno; e todos os que a tiverem ouvido (e seguida seus ensinamentos) viverão no Espírito.

26. Depois dessas explicações, já bastante claras, não satisfeito, utiliza-se o Grande Mestre Inefável de repetições didáticas, repisando os mesmos conceitos com palavras diferentes, a fim de evitar qualquer dúvida que ainda pudesse pairar na interpretação dos ouvintes. Toca novamente nos três pontos esclarecidos: a) a Vida; b) a escolha (livre-arbítrio); c) o resultado (carma) das ações livremente realizadas.

Diz, então: assim como o Pai tem vida em si mesmo (já não é mais o poder de dar vida, mas o fato de ter em si a vida), assim concedeu que o Filho tivesse vida em si mesmo.

Com efeito, proveniente da Vida-Amor, manifestação da Vida Plena, o Pai é a própria VIDA que se ativa sob o aspecto de Amante, e como o Filho é o próprio Pai que se estende e manifesta, também o Filho, o Cristo, tem em si a vida passiva sob o aspecto de Amado. Três aspectos de um só Amor; três faces de um só triângulo; três raios de uma só Luz; três harmônicos de um só Som; três expressões de uma mesma Vida.

27. Repete a seguir que o Pai concedeu ao Filho o poder da escolha, deixando-Lhe o livre-arbítrio, e isso "porque é Filho do Homem", porque já está na plena posse de suas faculdades psíquicas e intelectuais (racionais), podendo avaliar o que ele julga ser melhor para si mesmo.

28. Volta então ao assunto do carma, ao resultado das ações, esclarecendo que ninguém se maravilhe de ver chegar uma hora em que todos (pântes) nos túmulos (da encarnação física) ouvirão a voz do Cristo Interno, e sairão dos túmulos para colher o fruto de suas obras.

29. E aqui vem a separação: todos os que tiverem produzido "coisas boas" conseguirão uma restauração de vida no Espírito imortal, mas aqueles que, porventura, tiverem praticado "ações vulgares" (de pouca valia, apenas cuidando dos interesses materiais), esses se encaminharão para uma restauração do carma.

A lógica da sequência do ensinamento é perfeita. Só não procederia, se acompanhássemos as traduções correntes, que falam em "ressurreição da vida" e em "ressurreição do juízo". Que significaria essa "ressurreição DO JUÍZO"? Não faz sentido o agrupamento dessas duas palavras. Por isso traduzimos aqui anástasis como "restauração", sentido real dessa palavra, registrado nos dicionários, e que nos esclarece com precisão o ensino do Cristo.

CRISTO E SUA AÇÃO – PARTE II

João, 5:30-47

30. Não posso fazer nada por mim mesmo; conforme ouço, escolho, e minha escolha é justa, porque não procuro minha vontade, mas a vontade do que me enviou.
31. Se eu testifico a meu respeito, não é verdadeiro meu testemunho?
32. Há outro que testifica a meu respeito, e sei que é verdadeiro o testemunho que ele testifica a meu respeito.
33. Vós enviastes a João e ele testificou a verdade.
34. Eu porém não recebo testemunho de homem, mas digo estas coisas para que vos salveis.
35. Ele era a lâmpada que ardia e brilhava: vós quisestes alegrar-vos por uma hora na luz dele.
36. Eu porém tenho um testemunho maior que o de João: pois as obras que o Pai me deu para que eu as termine, essas obras que produzo, testificam acerca de mim, que o Pai me enviou.
37. E o Pai que me enviou, esse testificou a meu respeito. Nem a voz dele nunca ouvistes, nem a forma dele vistes,
38. e não trazeis imanente em vós o seu ensino, porque não confiais em quem ele enviou.
39. Examinais as Escrituras, porque pensais ter nelas a vida imanente, e são elas que testificam a meu respeito.
40. E não quereis vir a mim, para que tenhais vida.
41. Não recebo doutrina de homens,
42. mas conheci-vos, e não tendes em vós o amor de Deus.
43. Eu vim por meu Pai e não me recebeis; se vier outro por si mesmo, esse recebereis.
44. Como podeis confiar, recebendo uns dos outros uma doutrina, e não procurais a doutrina que vem da parte do único Deus?
45. Não penseis que vos acusarei ao Pai: há quem vos acuse, Moisés, no qual esperastes.
46. Pois se tivésseis confiado em Moisés, teríeis confiado em mim, pois de mim escreveu ele.
47. Se porém não confiais em seus escritos, como confiareis em minhas palavras?

Continuaremos a dar o texto, frase por frase, seguida logo pelo original grego.

30. Não posso fazer nada por mim mesmo (*ou dúnamai egô poieîn ap'emautou oudén*): conforme ouço, escolho (*kathôs akoúô krínô*) e minha escolha é justa (*kai he krísis he emê dikaía estin*) porque não procuro minha vontade (*hóti ou zêtô tò thélêma tò emón*) mas a vontade do que me enviou (*allà tò thélêma tóu pémpsantós me*).
31. Se eu testifico (*eàn egô marturê*) a respeito de mim mesmo (*perì emautou*) não é verdadeiro meu testemunho (*he marturía mou ouk estin alêthês*)? A frase só pode ser interrogativa, já que em

João, 8:14, o Cristo diz: "se eu testifico a meu respeito, meu testemunho é verdadeiro, porque sei donde vim e para onde vou". E Cristo não podia contradizer-se.

32. Há outro que testifica a meu respeito (*állos estin ho marturôn peri emou*) e sei que é verdadeiro (*kai oida hóti alêthês estin*) o testemunho (*he marturia*) que ele testifica (*hên marturei*) a meu respeito (*peri emou*).
33. Vós enviastes a João (*humeis apestalkate pròs Ióánnén*) e ele testificou a verdade (*kai memartúreken têi alêtheíai*)
34. Eu porém (*egô dê*) não recebo testemunho de homem (*ou parà anthrópou tèn marturían lambánô*) mas digo-vos estas coisas (*allà taúta legô*) para que vos salveis (*hína humeís sôthête*) . O verbo *sôzô*, cuja tradução de "salvar" aqui aceitamos, embora não totalmente satisfeitos, exprime o "livrar de perigos", o "ajudar a escapar de um perigo", ou "conservar com saúde"; não resta dúvida de que o verbo que, em português, exprime essas coisas é "salvar"; se não ficamos satisfeitos, é porque esse verbo tomou o sentido de "ir para o céu", coisa de que aqui não se cogita em absoluto. Mas não conseguimos encontrar outro verbo que exprimisse a idéia do verbo *sôzô*, sem ser salvar. Pedimos, então, aos leitores, que não o interpretem como "ir para o céu".
35. Ele era a lâmpada (*ekeínos hên ho lúchnos*) que ardia e brilhava (*ho kaiómenos kai phainôn*), vós porém quisestes alegrar-vos (*humeis dê êthelêsate agalliathénai*) por uma hora (*prós hôran*) na luz dele (*en tôi phôtî autôú*).
36. Eu porém tenho um testemunho (*egô dê échô tèn marturían*) maior que o de João (*meízô tou Iôannou*): pois as obras que o Pai me deu (*tà gàr érga hà dedôken moi ho patêr*) para que as termine (*hína teleiôsô autà*) essas obras que eu produzo (*autà tà érga hà poiô*) testificam acerca de mim (*marturei peri emou*) que o Pai me enviou (*hóti ho patêr me apéstalken*). O verbo *teleiôô* significa exatamente "levar ao fim" ou "terminar, concluir" trabalho, e não apenas "executá-lo", como se lê nas traduções vulgares.
37. E o Pai que me enviou (*kai ho pémpsas me patêr*) esse testificou a meu respeito (*ekéinos memartúreken peri emou*). Nem a voz dele nunca ouvistes (*oúte phônên autou pópote akêkóate*) nem a forma dele vistes (*oúte eídos autou eórakate*).
38. E não trazeis imanente em vós seu ensino (*kai tòn lógon autou ouk échete en humín ménonta*) porque vós não confiais naquele que ele enviou (*hóti hòn apésteilen ekeínos toútôi humeís ou pisteúete*).
39. Examinais as Escrituras (*eraunâte tàs graphas*) porque pensais ter nelas a vida imanente (*hóti humeís dokeíte en autoís zôên aiônion échein*) e são elas que testificam a meu respeito (*kai ekeínai eisín hai marturoúsai peri emou*).
40. E não quereis vir a mim (*kai ou thélete éltheín pròs me*) para que tenhais a vida (*hína zôên échete*).
41. Não recebo doutrina de homens (*dóxan parà anthrópôn ou lambánô*). Aqui mais uma vez (cfr . vol. 1) não podemos traduzir *dóxa* por "glória", como nas versões correntes, mas seu sentido etimológico, derivado do verbo *dokéô*, "ensinar"; aquilo que se ensina é o ensinamento, é "a doutrina". Caso aqui se tivesse que aceitar o sentido de "glória", que ocorreria? Tendo Cristo declarado que "não recebia glória dos homens", verificaríamos que, durante séculos, a ele teriam desobedecido todos os que o glorificaram e lhe renderam culto e veneração ... Esses sentidos absurdos, é que não compreendemos como foram e são mantidos até hoje. Já o sentido exato: "não recebo DOCTRINA de homens" é perfeitamente lógico: o Cristo divino não vai receber imposições humanas e prescrições de leis criadas pelos homens, como a lei mosaica do sábado.
42. Mas conheci-vos (*allà égnôka humãs*) que não tendes em vós o amor de Deus (*hóti tén agápén tou theoú ouk échete en heautois*).
43. Eu vim por meu Pai (*egô elélutha en tôi onómati tou patròs mou*) e não me recebeis (*kai ou lambánete me*); se vier outro por si mesmo (*eàn állos élthêi en tôi onómati tôi idiôí*) esse recebereis (*ekeínon lêmpesthe*). Já vimos que "em nome de" significa "no lugar de", "por".

44. Como podeis confiar (*pôs dúnasthe humeís pisteúsai*) recebendo uns dos outros uma doutrina (*dó-xan parà allélôn lambánontes*) e não procurais a doutrina que vem da parte do único Deus (*kai tén dóxan tén parà tou mónou theoú ou zêteite*)? Aqui mais uma vez se confirma que *doxa* não pode significar "glória". Qual é a glória que Deus dá aos homens? Mas "doutrina" ou ensinamento, sim, vem de Deus para os homens, por meio dos Emissários divinos, sobretudo por meio de quem falava, o Cristo de Deus. Trouxe-nos ele a doutrina de Deus, que os homens não recebem, preferindo cada um receber a doutrina que os outros homens lhe dão.
45. Não penseis (*mê dokeíte*) que eu vos acusarei (*hóti egô kategorêsô humôn*) ao Pai (*pròs tòn patéra*); há quem vos acuse (*estin ho katégorôn humôn*) Moisés, no qual esperastes (*Môusês, eis tòn humeís elpíkate*).
46. Pois se tivésseis confiado em Moisés (*ei gâr episteúete Môusês*) teríeis confiado em mim (*episteúete an emoi*) pois de mim escreveu ele (*perì gâr emou ekeinós égrapsen*).
47. Se porém não confiais em seus escritos (*ei dè tois ekeinou grámmasin ou pisteúete*) como confiareis em minhas palavras (*pôs tois emois rhêmasin pisteúesete*;) ?

Nesta segunda parte da aula, o Cristo fala-nos da legitimidade dos mestres e das doutrinas que são trazidas aos homens. Muitos foram os que se intitularam "mestres" e ensinaram às criaturas as "suas" doutrinas, elaboradas por seu intelecto personalista, inventando teorias e impondo obrigações a seus sequazes, traindo a verdade que devia chegar límpida diretamente do Pai através do Cristo Interno.

30. Por isso, o primeiro cuidado do Cristo é declarar peremptoriamente que nem Ele mesmo pode fazer qualquer coisa por si. Na realidade, sendo "O Amado" passivo, toda ação provém do "Amante", que é ativo. Distinção que é apenas filosófica e didática, já que, na prática, ambos são Um só. Daí a sequência: "conforme ouço, escolho", isto é, de acordo com a inspiração ou sugestão das vibrações que provém do Pai Criador e Sustentador permanente de todas as coisas. Mas são as vibrações ativas do som, que moldam as ações realizadas pelo Filho: o livre-arbitrio do intelecto (personalidade) pode opor-se a elas, resolvendo por conta própria até em sentido contrário. Mas o Cristo, UM com o Pai, jamais se afasta das diretrizes deste. E sendo o Pai o Verbo, a Palavra, o SOM, o termo empregado OUÇO é tecnicamente o correto: "conforme OUÇO, escolho".

Ora, sendo sua escolha sempre de acordo com as vibrações sonoras emitidas pelo VERBO (Palavra), será logicamente sempre uma escolha justa. E a razão dada do acerto da escolha é exatamente a que nós demos, mas, como é óbvio, é apresentada com termos conformes à compreensão possível na época: "não procuro a minha vontade, mas a vontade de Quem me enviou". As palavras diferem, mas a idéia é a mesma: é a adaptação de suas vibrações às do Pai, é a sintonização, é o ajustamento perfeito, salientado na 4.^a bem-aventurança: "felizes os famintos e sequiosos de perfeição (de ajustamento ou sintonia perfeita) porque serão satisfeitos" Mat. 5:6; cfr. vol. 2).

31. A seguir, talvez respondendo a alguma pergunta formulada ou apenas mental, indaga por que não seria verdadeiro o testemunho que desse a seu próprio respeito, em sinal de garantia de seu ensino. Se Ele, o Cristo Unigênito, o FILHO AMADO, não tivesse consciência plena do que era e do que podia, quem dos homens poderia fazê-lo? Então, sendo Ele consciente eternamente desde o princípio sem princípio, conhecedor ab imo de tudo numa onisciência absoluta, seria incompetente para testificar a seu próprio respeito? não lemos suas palavras (João, 8: 14): "se eu testifico a meu respeito, meu testemunho é verdadeiro, porque sei donde vim e para onde vou"?
32. Concede, entretanto, a objeção, e afirma categoricamente: "não importa, há outro que testifica a meu respeito". Desde que o testemunho venha de alguém digno de crédito, pode e deve ser aceito de olhos fechados. No entanto Ele, o Cristo, dá sua garantia: "sei que seu testemunho é verdadeiro".
33. Alguns devem ter pensado no testemunho dado por João o Batista, a respeito da personalidade Jesus, que encarnara qual o Messias prometido (cfr. João 1:29-42; vol. 1). E o Cristo não desau-

toriza seu testemunho. Ao contrário, confirma-o: "vós enviastes a perguntar a João, e ele testemunhou a verdade". Observe-se que o Cristo não diz "a meu respeito", pois na realidade João falou de JESUS, personalidade humana, e não do Cristo, terceiro aspecto da Divindade, que vive EM TODOS NÓS, aguardando a hora em que o deixemos manifestar-se plenamente, como Jesus o deixou.

34. Mas aquele que falava, o Cristo, era caso diferente. Por isso afirma solenemente: "mas eu não recebo testemunho de homem" ... Em sua posição de manifestação divina, qual o homem que poderia dar testemunho a seu respeito? Nenhum. O finito não pode testificar sobre o Infinito, nem o temporal sobre o Eterno, nem o transitório sobre o Permanente, nem o limitado sobre o Sem-limite, nem o ignorante sobre o Onisciente, nem o homem sobre Deus.

Vem então a declaração da razão da sua lição: tudo o que diz tem um motivo sério, e é que os homens possam conservar-se ilesos (dos perigos). O significado preciso do verso sôzô é "salvar" no sentido de "conservar ileso, manter livre de perigos, conservar sadio, proteger", donde analogicamente "salvar". Pena que o sentido atual desse verbo tenha adquirido uma nuance especial teológica, que suponha o "fazer ir para o céti", ou então "livrar do inferno". Ora, os perigos a evitar são neste planeta, e não depois da desencarnação. Dai a necessidade de encontrar outro sinônimo que exprima a mesma idéia, sem nenhum substrato teológico, já enquistado no verbo "salvar", distorcendo-lhe o sentido através dos séculos.

35. Depois do parêntese, explicando porque dava esses ensinamentos, volta a falar a respeito do Batista, dando belo testemunho dele: "era a lâmpada que ardia e brilhava", inflamado que estava de amor pelo Cristo, seu Mestre, e pelos homens, seus irmãos; de si lançava a luz que iluminava as inteligências e o calor que acalentava os corações. Depois declara que os "judeus" quiseram realmente alegrar-se por um instante na luz dele, mas logo em seguida o esqueceram, voltando-se para os interesses materiais.

36. Aproveitando esse assunto, que voltará à tona, afirma que o testemunho que tem para citar de si mesmo é maior que o do Batista: são as obras que o pai Lhe deu para que as termine. Aqui mais uma vez se prova que interpretamos corretamente o sentido das palavras do Mestre. Nas traduções correntes, o verbo teleiô é traduzido como "executar". Mas seu sentido verdadeiro é "levar ao fim, terminar, concluir" alguma coisa que foi começada por outrem (ou por si mesmo).

Temos, pois, exatamente o que dissemos. O Pai Criador e Sustentador cria e mantém em movimento constante os sistemas atômicos e estelares, mas o Cristo-que-em-todos-habita (Cristo Cósmico - Cristo Interno) é Quem leva todas as coisas, de dentro de cada coisa, ao término de seu aperfeiçoamento, à meta de sua evolução. Perfeita a expressão: o Pai deu ao Filho as obras que criou, para que o Filho AS TERMINE, levando-as de volta ao Sistema, ao pólo positivo.

Então conclui: "essas obras que eu produzo é que testificam a meu respeito, confirmando que o Pai me enviou". Não era, absolutamente, uma referência às curas e chamados "milagres", que tantos outros taumaturgos também já realizaram. Muito pouco para o Cristo.

Refletindo sobre essas palavras, percebemos a realidade do processo: DESCIDA VIBRATÓRIA - SUBIDA EVOLUTIVA. A Luz Incriada baixa sua frequência vibratória, transformando-se em Som; este, descendo sua frequência vibratória, solidifica-se em átomos que, dentro de si, contém a VIDA, a Centelha divina, o CRISTO. Do átomo até o arcanjo (cfr. Allan Kardec, "O Livro dos Espíritos", resposta 540) e além ainda, o Cristo Interno TERMINA a obra do Pai, levando os seres à evolução ilimitada para o reino dos céus, para o Espírito.

Então, realmente, esse trabalho hercúleo testemunha a divindade do Cristo, da Mônada divina que, no íntimo de todos e de tudo, reside essencialmente e integralmente.

37. Então, através dessas obras é que o próprio Pai dá testemunho do Cristo, pelo Amor que manifesta em relação a Ele, pela confiança (pístís, fé) que Nele depositou. Depois, ainda esclarecendo dúvidas, tácitas ou manifestadas, confessa que realmente o Pai não é percebido pelas criaturas humanas. Sendo Ele o Verbo, a Palavra, o Som, é perfeitamente natural que empregue palavras próprias:

"nunca lhe ouvistes a VOZ". Com efeito, a voz é, de fato, produto do Som. Mas, assim também como o Som não tem forma, assim pode acrescentar: "nem vistes sua forma".

Todas as palavras do Cristo confirmam plenamente nossa teoria que, aliás, foi exatamente deduzida destas palavras que comentamos. Não "criamos" uma teoria, para a ela aplicar o sentido do ensinamento do Cristo; ao contrário: meditando longamente sobre esses conceitos, chegamos à conclusão de que a origem e sustentação dos universos era a que o Cristo nos revelara. No fim deste capítulo, exporemos nossa teoria a respeito da origem da matéria e da formação dos universos.

38. *Além de afirmar que nem a voz do Pai foi ouvida, nem sua forma percebida pelos olhos, acrescenta uma acusação séria: não trazeis imanente em vós seu ensino (muito mais lógico do que "não permanece em vós sua palavra" das traduções vulgares; como permaneceria uma palavra pendurada em alguém?); e logo a seguir dá a razão: "porque não confiais naquele que Ele enviou". Aqui já não é simples verificação de um fato, mas uma acusação verdadeira porque o ensino está sendo dado, mas os homens não estão entendendo nem aceitando, porque não confiam no Cristo, não acreditam no que está dizendo. Talvez não tenham compreendido plena e profundamente nessa hora. Mas, mesmo séculos após, ainda não compreendem.*

O essencial, portanto, não será apenas ouvir, nem somente aprender, mas TRAZER FIXO, IMANENTE EM SI esse ensino, vivendo-o dia a dia, hora a hora, quase que respirando-o à vida e permanentemente.

39. *Depois, já que falava a israelitas que aceitavam as Escrituras como de inspiração divina, e nelas colocavam toda a sua fé, certos de que, obedecendo a elas, teriam garantida a vida imanente, ou seja, o encontro final com a Divindade "no seio de Abraão", o Cristo apela para o testemunho das Escrituras, declarando taxativamente que elas testificam a respeito dele.*

40. *Queixa-se então, num lamento amoroso, que é ao mesmo tempo um apelo ao coração dos homens: "e não quereis vir a mim, para que tenhais vida"! ...*

Com todo o trabalho que o Cristo vem realizando desde miríades de milênios por nossa evolução, impulsionando todo o progresso, não encontra senão raros exemplares que a Ele se dirigem para o Encontro Místico no imo do coração. A grande maioria ainda corre atrás de riquezas, de prazeres de fama, de domínio, de glórias efêmeras, de celebridade intelectual e até mesmo de santidade religiosa, em nome de um Cristo externo, em corpo perecível; e não atinam com o Cristo Verdadeiro e Vivo, que habita em nós, silenciosamente, ávido de receber nosso amor, nossa adesão a Ele, nossa unificação com Ele (cfr. João, 17:21-24).

Nesse Encontro, nessa unificação com o Cristo Interno, é que encontraremos a Vida Real, e só assim teremos a Vida em nós.

41. *Depois, numa frase rápida e incisiva declara que "não recebe doutrinas de homens". É a resposta à acusação de não respeitar a lei sabática, promulgada por Moisés. Todas as prescrições criadas pelos homens só atingem as personalidades transitórias, jamais alcançando o Cristo Interno, soberano divino que está acima de todas as leis inventadas pelos que ambicionam dominar as massas com a autoridade de legisladores de almas. O Cristo, e aqueles que com Ele já vivem unificados, não precisam mais sujeitar-se a essas injunções que, em muitos casos, chegam ao absurdo e ao ridículo.*

42. *E logo a seguir afirma tê-los conhecido a todos. Realmente, habitando no coração de cada um, nada Lhe escapa à visão e ao conhecimento. Ninguém melhor e mais que o Cristo pode declarar ter-nos conhecido e conhecer-nos. Ele, que perscruta o coração dos homens (cfr. 1 Crôn. 28:9, Rom.8:27 e I Cor. 2:10).*

Conhecendo-nos assim, podia afirmar com toda a segurança e verdade: "não tendes em vós o Amor de Deus". O que neles (e em tantos outros ...) predominava e predomina, são os amores das coisas terrenas, de si mesmos, de suas vantagens pessoais, incluindo embora a conquista do "céu", totalmente egoística, pois se sentem felizes quando seus antagonistas vão para o inferno ...

Não é o Amor de Deus que os move: é a ambição pessoal em todas as direções; é a vaidade de acreditar-se melhores que os outros, superiores em seu orgulho e conhecimento. E por isso capacitam-se de que podem, do alto de suas falazes cátedras, julgar e condenar a todos os que com eles não concordam, ou se afastam de suas ordenações.

43. Faz então o Cristo uma declaração que mais uma vez confirma sua atuação: eu vim POR meu Pai, em lugar de meu Pai ou, literalmente: "em nome de meu Pai". É a materialização do Verbo Criador, a solidificação, o congelamento, do som e, portanto, representa-o plenamente.

E no entanto, não é recebido, apesar de apresentar credenciais tão valiosas e seguras.

Neste ponto, faz uma oposição, a fim de mostrar como gostam as criaturas de ser enganadas: "se vier outro em seu próprio nome, esse receberéis". Com frequência vemos isso ainda hoje. Não são ouvidos aqueles que trazem a doutrina lídima do Cristo, mas aqueles que inventam novos sistemas pessoais e lideram grupos de auto-elogio; esses vivem rodeados de sequazes aduladores, que os julgam super-homens e missionários privilegiados, semi-deuses a viver no plano humano. A massa dá mais valor aos que se endeusam, do que aos que reproduzem a humildade e a simplicidade do Cristo. Daí todos os que pretendem angariar gloriolas humanas fazerem algo que possa atrair os humildes pequeninos: roupas exóticas, cabelos e barbas compridas, sinais cabalísticos como emblemas, alimentação especial bem anunciada diante de todos, qualquer coisa, enfim, para que sua presença seja de imediato percebida e honrada.

44. Então pergunta-nos o Cristo como os homens confiam, se recebem uma doutrina "de outro homem", igual a eles; como pode uma personalidade transitória falar das realidades eternas, se não tem unificado a si o Cristo Eterno? Como pode o intelecto limitado, encarcerado dentro de uma caixa ossa craniana, dogmatizar sobre o infinito, se seu Espírito ainda não se "infinitizou" imergindo no Cristo Cósmico? Por que então, não procurar, no Esponsalício Místico, no mergulho interno, a doutrina que provém da parte do Deus único, que é o AMOR?

Só quando o Espírito expandir sua consciência pequena na imensidão da Consciência Cósmica; só quando deixar a criatura de viver a SUA vida, personalística e pequenina, permitindo que o Cristo viva nela, é que terá capacidade para transmitir e interpretar os ensinamentos do Cristo Interno, que fala silenciosamente em seu próprio coração, como no coração de todas as criaturas.

Então, ao invés de procurar em livros, em ensinamentos externos, temos que, após compreender a fonte verdadeira que jorra incessantemente água viva em nosso íntimo, buscar a doutrina verdadeira que provém do único Deus que em nosso âmago habita.

45. A seguir, manifestando ainda sua bondade imensa, o Cristo diz que não acusará ninguém perante o Pai. Cada um dará conta de suas próprias obras, de seus atos, de suas palavras, de seus pensamentos. O Cristo convoca e impulsiona a todos, mas a ninguém acusa, a ninguém castiga, porque a ninguém julga.

No entanto, há alguém, cujas palavras serão por si mesmas uma acusação a todos os que Neles não acreditam: é o próprio Moisés, em quem todos colocaram suas esperanças.

46. E isso, porque Moisés escreveu a respeito do Cristo, mas eles não confiam nas palavras que lêem.

47. E se não confiam nas palavras escritas por Moisés, como confiariam nas palavras proferidas por ele?

Com a tristeza de quem se vê incompreendido, encerra mais uma aula magistral em que, resumindo fatos extraordinários, nos dá lições sublimes de profundidade e elevação, dando-nos o roteiro que todos temos que seguir, para alcançar os cimos da evolução, onde o Cristo nos espera a todos de braços abertos.

HIPÓTESE COSMOGÔNICA

De tudo o que até agora vimos nos Evangelhos, chegamos a deduzir como se formaram os universos. E o mais impressionante é sua concordância com as recentes descobertas científicas. O que aqui publicamos é simples esboço, aguardando maior aprofundamento do assunto.

João, o discípulo que reproduz os ensinamentos mais profundos de Jesus, o Cristo, revela-nos o segredo dos três aspectos do DEUS ÚNICO.

Lemos em seu Evangelho (4:24), com palavras do Mestre de Sabedoria, que "DEUS É O ESPÍRITO", ou seja, o ABSOLUTO.

No prólogo desse mesmo Evangelho (1:1 e 14) é-nos ensinado o segundo aspecto desse Espírito, como o VERBO (a Palavra) ou LOGOS CRIADOR, a Quem Jesus chama o PAI; e aí mesmo se diz que esse Verbo baixou Suas vibrações até a matéria ("fez-se carne"), assumindo então o terceiro aspecto do Espírito, o FILHO. (Já nos ocupamos dessas relações no 1.º vol. da "Sabedoria do Evangelho").

Aí temos o tríplice aspecto do DEUS-UNO: Espírito, Pai, Filho.

No entanto, o próprio João revela-nos outro ângulo da questão, quando diz (1.ª João, 4:8 e 16): *ho theòs agápé estin*, DEUS É AMOR. Ainda o Absoluto, o "Espírito Santo", conforme escreve Gregório Magno: *Ipse Spiritus Sanctus est AMOR*, ou seja, "o próprio Espírito Santo é o Amor" (Hom. de Pentecostes, XXX, Patrol. Lat. vol. 76 col. 1220). Então, é o AMOR-CONCRETO e REAL.

Esse Amor, quando age (ativo), apresenta-nos o segundo aspecto, o AMOR-AÇÃO, isto é, o AMANTE.

Mas para que o Amante possa expandir-se, é indispensável haja o objeto de seu Amor, e então surge o terceiro aspecto, o AMOR-PRODUTO, ou o AMADO.

Novamente encontramos o tríplice aspecto do DEUS-UNO: o Amor, o Amante, o Amado.

Tomás de Aquino (Summ. Theol. I, q. 37, art. 1 ad 3um) compreendeu bem a questão, só tendo dificuldade de explicá-la a fundo, porque o ensino de Jesus sofrera má interpretação, e a "trindade" tivera seus aspectos invertidos para "Pai-Filho-Espírito Santo", ao invés do correto "Espírito-Pai-Filho". Eis a palavra do Angélico: "Diz-se que o Espírito-Santo é a união entre o Pai e o Filho, já que é o AMOR; porque como o Pai ama num único amor a si e ao Filho, e vice-versa, é expressada no Espírito-Santo, como AMOR, a relação do Pai ao Filho, e vice-versa, como do AMANTE ao AMADO.

"spiritus Sanctus dicitur esse nexus Patris et Filii inquantum est AMOR: quia cum Pater amet única dilectione Se et Filium, et e converso, importatur in Spiritu Sancto, prout est AMOR, habitudo Patris ad Filium, et e converso, ut AMANTIS AD AMATUM. sed ex hoc ipso quod Pater et Filius se mutuo amant, oportet quod mutuus Amor, qui est Spiritus Sanctus, ab utroque procedat" (Summ. Theol. I, q.37, art. 1, ad 3um).

Até aqui perfeito. Daí por diante, vemos a dificuldade de Tomás, por causa da inversão dos aspectos trinitários; continua ele: "Mas pelo fato mesmo de que o Pai e o Filho se amam reciprocamente, é necessário que o amor mútuo, que é o Espírito-Santo, proceda de um e de outro". Neste final está o equívoco. Nas criaturas, sendo o amor abstrato (um acidente, não a substância), é ele a resultante das relações entre amante e amado. Mas em Deus, sendo o Amor substancial e concreto, é Dele, do Amor, que procedem o Pai e o Filho, gerados pelo próprio Amor-Concreto.

Escreve Agostinho: "Não deve compreender-se confusamente o que diz o Apóstolo: dele, por ele e nele" (*"Non confuse accipiendum est quod ait Apostolus: ex ipso, et per ipsum, et in ipso"* - Ag. De Trinit., 6,10; Patrol. Lat. vol. 42, col. 932); e mais adiante: "Diz Dele por causa do Pai; por Ele, por causa do Filho; e Nele, por causa do Espírito-Santo" (*"Ex ipso dicens propter Patrem, per ipsum, propter Filium, et in ipso, propter spiritum Sanctum"* - Ag. Contra Maxim., Patrol. Lat. vol. 42, col. 800).

E Tomás continua a completar a objeção (*"Sed videtur inconvenienter. Quia per hoc quod dicit IN IP-SO, videtur importari habitudo causae finalis, quae est prima causarum"* - Summ. Theol. I, q. 39,

art.8, obj. 4.º): "Mas parece que incorretamente, porque nele parece implicar a relação de causa final, mas esta é a primeira das causas". Esta objeção contém grande verdade, pois tudo existe NELE, no Amor, no Espírito-Santo, que é realmente a Causa Primeira; tudo provém DELE, do Pai do Amante-Criador; e tudo é feito por ELE, pelo Filho, pelo Amado, o Cristo. Realmente é assim, pois hoje já não mais pode admitir-se a criação INSTANTÂNEA, *ex nihilo*, aparecendo tudo pronto e feito de um golpe: o que a ciência *prova*, é que o PAI imergiu na matéria tomando a aparência de FILHO, penetrando na matéria para que ela EVOLUA POR SI MESMA, isto é, POR ELE, pelo Filho, que lhe constitui a essência última e profunda, sua alma, seu espírito.

Ainda em João temos uma terceira revelação (1.ª João, 1:5): DEUS É LUZ (*ho theòs phòs estin*).

E aqui chegamos à parte científica da Física de vibrações, já comprovada modernamente: tudo o que existe é produto de vibrações, e a vibração que dá origem a tudo é a LUZ. Mas, como se condensou a Luz?

Facilmente se comprova. que a Luz, sendo vibração, produz SOM. E quanto mais alta a frequência vibratória da luz, mais forte, (embora inaudível a nossos ouvidos físicos) o som. Que força não terá o som produzido pela Luz Infinita, eterna e incriada?

Então, temos o primeiro aspecto: o Absoluto, a LUZ, o Espírito. Essa LUZ produz o SOM, que é chamado A PALAVRA (em latim, VERBO, em grego, LOGOS). E esses nomes são bem característicos, de que o Pai-Criador é, realmente, SOM, pois que é PALAVRA.

Esse SOM produz as massas que se movimentam com rotação e translação constantes, enquanto perdura o som que as criou e as re-cria a cada instante (cfr.: "meu Pai trabalha até hoje, e eu também trabalho", João, 5:17); essas massas em movimento constante (se parasse o movimento, tudo cairia no nada) podem ser macroscópicas (sistemas estelares) ou microscópicas (sistemas atômicos): "o que há em cima, é como o que há em baixo" (Hermes). Essas massas, em que se *tornou* o Som Criador, são O FILHO, pois são animadas e constituídas pela essência do SOM-CRIADOR, mas existem EM SI, como FILHO, o terceiro aspecto.

Resta provar que o som produz sistemas estelares ou atômicos.

O Dr. Hans Jenny, médico em Dornak (Basiléia, Suíça), conhecido técnico em acústica experimental, ampliou de muito as experiências de Chladni, operando com diversos materiais. De suas pesquisas, as que vem em apoio de nossa terioria são as realizadas com pó de licopódio, colocado em finas camadas sobre membranas vibrante.

Espalhado o pó, foi produzido o SOM, controlado em suas vibrações em Hz; e as figuras formadas, foram filmadas durante todo o processo por Hans Peter Widmer. De seus filmes foram extraídas as gravuras que reproduzimos.

Uma das observações básicas, comprovadas pelo Dr. Jenny, foi de que as massas redondas de licopódio, aglutinadas do pó, pelo som, mantinham permanentemente um movimento de rotação sobre si mesmas e outro de translação, "parecendo, escreve ele, semelhantes a sistemas cósmicos, e dando a sensação de reproduzir as estruturas que unem entre si as várias partes da criação". Realmente, "as figuras pulsam e oscilam enquanto permanece o som, apresentando correntes e rotações regulares".

Nas quatro figuras, vemos:

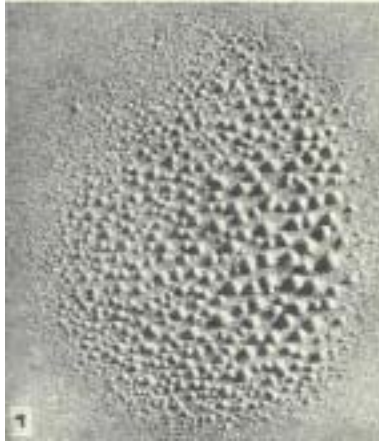


FIG.1 - Na produção do som, o pó de licopódio se reúne em pequenas **massas esféricas**, que jamais se imobilizam; mas além do movimento de rotação sobre si mesmas, tem o movimento traslação, caminhando da periferia para o centro grudadas à membrana, emergindo no centro, e regressando à periferia por cima das outras, numa circulação contínua.

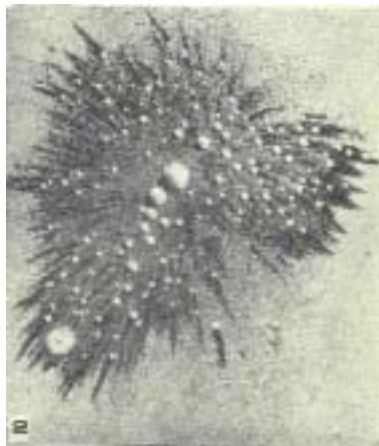


FIG. 2 - Aumentanda-se a amplitude da vibraçãa sonara, as massas esféricas se vão aglomerando umas às outras tendendo para o centro e aumentando de volume por aglutinação .



FIG. 3 - A aglomeração vai crescendo ao ampliar-se a frequência vibratória do som, até formar-se uma grande ESFERA, que prossegue em seu movimento regular de rotação sobre si mesma, o qual causa desenhos de altorelevo (montanhas e vales!) como manifestação desse movimento; mas além dele,

continua sua rota constante de translação. O autor faz aqui uma observação: de que todo o processo aparece como uma tentativa de modelo das relações entre a parte e o todo num sistema unitário: cada parte, em seu próprio campo, se comporta como o todo, pois faz exatamente tudo o que o todo faz; ao passo que o todo-aparente, apesar de sua unidade, se divide em vários elementos.



FIG. 4 - Aumentando ainda mais a amplitude da vibração sonora, vemos que os movimentos se tornam mais violentos (Jenny os chama "dramáticos"), e as massas esféricas são atiradas "como o jato de uma fonte" para a periferia, enquanto os da periferia voltam em grande velocidade para o centro, sem jamais perder o movimento rotativo.

Resta esclarecer um ponto básico: o som atua na matéria (pó de licopódio) fazendo-a movimentar-se; mas a matéria já existe. Como se explicaria, porém, o fato do aparecimento da matéria? Já existiria ela antes de ser movimentada pelo Som Inaudível (talvez aquele a que alguns chamam a "música das esferas")? Ou terá surgido como que criada pelo som? Neste último caso, esse surgimento daria a real impressão de ser verdadeira criação *ex nihilo* (do nada).

Acreditamos nesta segunda hipótese que, no entanto, ainda não podemos comprovar cientificamente, mas apenas expô-la teórica e racionalmente.

Já foi provado pelas experiências atômicas que, na desintegração do átomo, a matéria desaparecia totalmente, transformando-se em energia. Donde a dedução correta de que a matéria é simples congelamento ocasionado pelo baixamento de vibrações na degradação da energia.

Por outro lado, sabemos que a mais baixa frequência vibratória do som audível é de 16 ciclos por segundo. Se descermos mais, entramos na vibração da matéria, que vai diminuindo até frações ínfimas da unidade, embora sem jamais atingir o zero (teoria dos limites), senão cairia no nada absoluto. Raciocinando ao revés, verificamos que se a matéria ativar suas vibrações, crescendo-as acima de 16, produzir-se-á o som ... São, pois, vizinhos na escala vibratória o som e a matéria, bastando uma fração de grau a mais ou a menos, para que de um estado se passe a outro.

Compreendemos então que, ao degradar-se ("*Degradarse*" no sentido de *diminuir o grau, fisicamente, sem nenhuma influência moral*) o Som Infinito, suas vibrações baixaram a tal ponto que se tornaram a "poeira cósmica": o som se transformou em matéria ("o Verbo se fez carne" ...), criando-a (*Interessante observar que foi dito: "YHWH formou o homem do pó da terra" - Gên. 2:7*). Ao continuar o som a agir sobre a poeira cósmica, começa ela a movimentar-se reunindo-se em pequenos agregados - elementos atômicos - que acabam formando os átomos; estes, as moléculas; estas, os agregados moleculares, que se vão complicando até possibilitar, pela reunião de H, O, C e N o surgimento da vida, impulso elétrico da eterna energia sonora, manifestação da Inteligência que atuará daí por diante, impelindo e dirigindo a evolução no processo inverso de regresso ao Espírito. Utilíssimo consultar, a propósito, a "Grande Síntese", de Pietro Ubaldi (sobretudo o cap. 48).

Com essa hipótese, ficaria explicada cientificamente a discutida origem da matéria, que teria sido criada pela degradação da energia sonora, a qual provém da degradação da Luz (Einstein). A Luz Incriada baixou suas vibrações tornando-se SOM, e o Som degradando sua energia, *solidificou-se, tornando-se MATÉRIA*.

Compreendemos, dessa forma, porque uma partícula ultra-microscópica, como o átomo, tem em si tão grande energia concentrada que, ao ser ele desintegrado, detona forças imensuráveis.

E é por isso que os antigos mestres denominavam a matéria Lúcifer (portador da luz) , pois sua substância ultérrima é, realmente, a luz.

Por aí vemos a confirmação de nossa teoria: o SOM produz os sistemas estelares gigantescos e os sistemas atômicos ultra-microscópicos. O SOM é realmente o VERBO-CRIADOR, que se torna FILHO criando a matéria. E de dentro dessa mesma matéria, como elemento impulsor, como ALMA, vai fazendo que a matéria evolua, até atingir novamente a espiritualização completa. Tudo se resume num baixamento de vibrações altíssimas, até o limite máximo que conhecemos no sopé da escala, a matéria. E tudo tende a evoluir subindo novamente de vibração até o ponto máximo na elevação da vibração do Espírito ("até que todos cheguemos à medida da evolução de Cristo", Ef. 4:13). Compreendemos, pois, que a matéria, expressão e manifestação da Divindade, existe desde que a LUZ-INCRIADA produziu o SOM -CRIADOR.

Resumamos os três aspectos daquilo que costumamos chamar DEUS:

A - o Abosluto Imanifestado	B - a Manifestação	C - o Manifestado
<i>1. Na Física de Vibrações:</i>		
LUZ INCRIADA	SOM CRIADOR	SISTEMAS (atômicos e estelares)
ESPÍRITO	ENERGIA	MATÉRIA
<i>2. Na Física dinâmica:</i>		
FORÇA POTENCIAL	FORÇA MOTORA	MOVIMENTO
<i>3. Na Biologia:</i>		
VIDA AMORFA	FORMADOR DE VIDA (Vivificante)	FORMAS VIVAS
<i>4. Na Filosofia:</i>		
MENTE (Inteligência)	PALAVRA CRIADORA	CRISTO CÓSMICO
Pensamento absoluto	Verbo ou Lagos	Alma dos Universos
PENSAMENTO	VONTADE	AÇÃO
<i>5. No Psiquismo:</i>		
ESPÍRITO SANTO	PAI CRIADOR	FILHO UNIGÊNITO
<i>6. Na Mística:</i>		
AMOR CONCRETO	AMANTE (Ativo)	AMADO (Passivo)

Esses três aspectos se refletem no HOMEM, quando a matéria já atingiu, em sua eterna evolução, um estágio superior, de forma a permitir a manifestação inteligente do CRISTO, através dele ("feito segundo a imagem e semelhança de Deus"):

CENTELHA DIVINA	ESPÍRITO	VEÍCULOS FÍSICOS
Mente	Individualidade	Personalidade (intelecto, astral, elétrico, corpo)

Allan Kardec chamou a esses três aspectos principais de :

ESPÍRITO	PERISPÍRITO	CORPO
----------	-------------	-------

ÍNDICE REMISSIVO

- CRISTO E SUA AÇÃO – PARTE I**, 136
CRISTO E SUA AÇÃO – PARTE II, 142
CURA DE HEMORRAGIA, 49
CURA DO SERVO DO CENTURIÃO, 3
CURA NO TEMPLO, 130
DEUS, 152
Família de Jesus, 24
FAMÍLIA DE JESUS, 10
Fatos históricos, 69
FILHO DA VIÚVA, 8
GENESARÉ, EM, 105
HIPÓTESE COSMOGÔNICA, 148
INSTRUÇÕES AOS EMISSÁRIOS – PARTE I, 62
INSTRUÇÕES AOS EMISSÁRIOS – PARTE II, 67
INSTRUÇÕES AOS EMISSÁRIOS – PARTE III, 70
INSTRUÇÕES AOS EMISSÁRIOS – PARTE IV, 75
INSTRUÇÕES AOS EMISSÁRIOS – PARTE V, 79
JESUS ANDA SOBRE A ÁGUA, 101
JESUS É SEGUIDO, 90
JESUS EM NAZARÉ, 56
JESUS PERCORRE A GALILÉIA, 60
Joana, mulher de Cuza, 23
JOÃO - REENCARNAÇÃO DE ELIAS, 13
JULGAMENTO, 64
KRÍNÔ e KRÍISIS, 65
Maria Madalena, 23
Maria, mãe de Tiago o menor e de José, 23
MORTE DO BATISTA, 82
MULHERES, AS, 23
MULTIPLICAÇÃO DOS PÃES, 1.^a, 93
Multiplicação dos Pães, OBSERVAÇÕES, 95
O AMOR SALVA, 19
OBSIDIADO DE GERASA, 42
OPINIÃO DE HERODES, 87
ORAÇÃO, EM, 99
PÃO DA VIDA – PARTE I - O CENÁRIO, 109
PÃO DA VIDA – PARTE II - MOTIVAÇÃO, 112
PÃO DA VIDA – PARTE III - VIA CONTEMPLATIVA, 115
PÃO DA VIDA – PARTE IV - VIA UNITIVA, 121
PÃO DA VIDA – PARTE V - DESFECHO, 126
PÁRABOLA DO SEMEADOR, 26
PARÁBOLAS, A EXPLICAÇÃO DAS, 33
PARÁBOLAS, RAZÃO DAS, 32
PEDIDO DE JAIR, O, 48
PREGAÇÃO, 81
REGRESSO DOS EMISSÁRIOS, 86
REINO DOS CÉUS, O, 29
Suzana, 23
TRIBUTO DO TEMPLO, 107
VENTANIA ACALMADA, 39